

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

GEOVÁ SILVÉRIO DE PAIVA JÚNIOR

OBSERVANDO O SÁBADO:

**Um estudo etnográfico entre jovens Adventistas do Sétimo Dia
(Recife – PE)**

RECIFE

2013

GEOVÁ SILVÉRIO DE PAIVA JÚNIOR

OBSERVANDO O SÁBADO:

**Um estudo etnográfico entre jovens Adventistas do Sétimo Dia
(Recife – PE)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos.

RECIFE

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

- P149o Paiva Júnior, Geová Silvério de.
Observando o sábado: um estudo etnográfico entre jovens Adventistas do Sétimo Dia (Recife - PE) / Geová Silvério de Paiva Júnior. - Recife: O autor, 2013.
197 f. : il. ; 30 cm.
- Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013.
Inclui referências, apêndices e anexos.
1. Antropologia. 2. Jovens – Vida religiosa. 3. Adventistas – Recife (PE). 4. Religião e cultura. I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II. Título.
- 301 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2013-134)

Geová Silvério de Paiva Júnior

“Observando o sábado: um estudo etnográfico entre jovens Adventistas do Sétimo Dia.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 09/07/2013.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profª Drª Mísia Lins Reesink (Examinadora Titular Externa)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profª Drª Maria de Fátima Paz Alvez (Examinadora Titular Externa)
Departamento de Ciências Domésticas – UFRPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha linda semente do bem (*good seed*) Danielle Dutra cujo fruto a florescer de nossa amizade foi esta dissertação. Graças a ela fui apresentado a família Adventista do Sétimo Dia muito receptiva a minha pessoa e a minha pesquisa que dentre seus membros destaco e agradeço imensamente aqueles que foram meus interlocutores mais próximos: Erivan França, Wládivia Magdalla, Erick Garcia e Enéias Pergentino. Meu obrigado também pelo tempo ao pastor José Orlando e ao ancião Paulo Correia, ambos da IASD Central do Recife. Ao pastor Otávio Barreto do distrito da Várzea pelo seu interesse em meu trabalho e por compartilhar um pouco de sua trajetória de vida e também a Clezia Braga pela gostosa conversa e esclarecimentos a respeito da religião. Não posso esquecer-me daquele que se tornou um grande amigo na minha empreitada antropológica: Thiago Cruz. Com certeza nossa amizade é um laço que fica.

Uma pesquisa de mestrado não é feita sem passar por instituições, logo meus agradecimentos ao CNPq pelo meu financiamento como bolsista e ao corpo de funcionários e docente do PPGA da UFPE. Deste último destaco os professores os quais foram meus mestres no primeiro ano do mestrado: Vânia Fialho, Josefa Salete e Luiz Felipe. Somam-se a eles as professoras que muito me ensinaram desde meu tempo de graduação: Mísia Reesink e Lady Selma. Obrigado também aos professores que contribuíram com o meu trabalho durante a qualificação do meu projeto e a pré-banca: Judith Hoffnagel, Parry Scott e Bartolomeu Tito. Mesmo sem conhecer pessoalmente agradeço a professora Maria de Fátima Paz por sua atenção e considerações nos e-mails trocados. Com maior destaque devo mencionar minha mentora Roberta Bivar Carneiro Campos que ao longo destes seis anos de convivência me guiou pela antropologia, mais que isso, me ensinou através de seu exemplo o tipo de profissional, de professor e orientador que almejo ser. Portanto, exponho aqui meus sinceros agradecimentos por tudo e minha profunda admiração.

Sou grato aos velhos e novos amigos da turma de mestrado em antropologia 2011.1. Muitas alegrias, angustias, aperreios e risadas foram compartilhados em meio a conversas nos corredores ou pela universidade, cafezinhos, almoços, cervejas, viagens, entre outros momentos que guardarei com carinho em minha memória. Foi muito bom conhecer Rodrigo, Ana Sávia, Shirley, Marina, José Roberto, Lorenzo. Foi muito bom me aproximar mais e estar com Nilvânia, George Michael, Patrícia Lima, Rafael Acioly. Isto para citar apenas alguns nomes. Agradeço aos bons e divertidos momentos com a amiga de vida acadêmica Iana Vasconcelos. Ao Núcleo de Estudo de Religiões Populares (NERP) e a seus membros por

momentos de crescimento intelectual, relaxamento, descontração e divertimento (o Maranhão que o diga!). Sei que não contemplei todos que passaram pela minha vida acadêmica nesta última fase, mas os agradeço só pela simples passagem, pois disso alguma coisa sempre fica.

A minha amiga irmã Juliana Cíntia meu muito obrigado simplesmente por existir em minha vida. Companheira inseparável dos percalços da vida acadêmica nossas conversas e desabafos são a fonte de nossa persistência e de nosso desejo de sucesso. Ao amigo João Araújo minhas desculpas pela ausência e meu obrigado pela paciência. Mais recentemente devo agradecer ao novo amigo Elias Roberto pelas suas não doces palavras a me motivar a sair de intermináveis “40%” de dissertação, obrigado pela sua chatice.

Mais que obrigado pela compreensão, perdão aos familiares pela minha falta de contato nos últimos meses. Obrigado também pela amizade Carla Moura (semente do mal – *bad seed*), Gabriela Falcão, Natália Tenório, Simone Azevedo, Leonardo Rocha, Núbia Costa, Natália Suzana, entre tantos outros que de perto e de longe sei que estão comigo, torcendo por mim. Por fim um agradecimento especial à mulher que tenho como segunda mãe: Maria José (Nêê) por estar comigo todos estes anos.

Feliz Sábado!
(Saudação adventista)

RESUMO

Os fiéis da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) possuem, na sua identidade religiosa, as duas principais marcas da denominação: a certeza no retorno de Cristo e a guarda do sábado. A primeira sustenta a base teológica a partir da qual o universo simbólico da igreja, desde a época em que era um movimento sectário, se estruturou; já a segunda é a que a torna mais conhecida (a partir de uma relação de estranhamento) tanto no campo religioso como na sociedade em geral. Através de uma abordagem antropológica, o presente trabalho busca compreender etnograficamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia e os seus fiéis, em especial os mais jovens, por meio de trabalho de campo realizado entre setembro de 2011 e outubro de 2012, na cidade de Recife - PE. A observação do sábado foi o aspecto privilegiado, tanto metodologicamente quanto na acepção nativa. Sendo sua prática compreendida entre o pôr do sol das sextas-feiras e o pôr do sol dos sábados, os adeptos da IASD devem se abster neste período de atividades seculares que visem o interesse próprio para vivenciar um tempo de descanso, o qual permite maior comunicação com Deus, consequentemente gerando benefícios emocionais, espirituais e corporais que restauram a integralidade do ser. O sábado, mais que um mandamento divino ou um preceito religioso, é um princípio moral, ético e cristão. A sua guarda por parte dos Adventistas do Sétimo Dia é desafiadora na nossa cultura regida por uma lógica (cristã católica) dominical, ocasionando diversos dilemas para os fiéis na esfera pública, principalmente no mundo do trabalho e dos estudos. Este estudo etnográfico ilustra e reflete sobre a cultura sabática de jovens Adventistas do Sétimo Dia da cidade de Recife – PE e os dilemas oriundos de seu exercício em uma esfera pública laica.

Palavras chave: Juventude; Identidade Religiosa; Adventismo do Sétimo Dia; Cultura Sabática; Esfera Pública.

ABSTRACT

The Seventh Day Adventist Church faithful have, in their religious identity, the two main brands of denomination: the Christ returns sure and the Shabat. The first sustains the theological base which the church symbolic universe has being derived since the age it was a sectary movement; the second brand it is the one that makes such church the most known (through a strangeness relationship), such in the religious field as well as in the society in general. Through an anthropological approach, the current dissertation tries to understand, ethnographically, the Seventh Day Adventism Church and its followers, the youngest in special, by the fieldwork done between September 2011 and October 2012, in the city of Recife, the capital of Pernambuco State. The Saturday observation was the gifted aspect, such as methodologically as in the native conception (Shabat). As their practice happens between the Fridays sunset and the Saturdays sunset, the Seventh Day Adventists must avoid secular activities that seek their own interest in order to live a period of resting, which allows them to have a better communication with God, consequently allowing the Adventists to obtain emotional, spiritual and corporal benefits that restore the human being's integrity. The Shabat, more than one divine commandment or religious precept, is a moral, ethic and Christian principle. Its obeying by the Seventh Day Adventism Church adepts is a challenge in our culture, which is driven by a dominical (Christian Catholic) logic; the Adventists' practice brings about many dilemmas to their followers in the public sphere, mainly in the study and work areas. This ethnographic study shows and reflects about the Shabat Culture Young Seventh Day Adventists from Recife – PE, and their dilemmas arising from its implement in a secular public sphere.

Key words: Young; Religious Identity; Seventh Day Adventism; Shabat Culture; Public Sphere.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	
Romantismos à parte, imponderáveis adentro: A construção etnográfica do objeto.....	15
1.1 Romantismos à parte.....	20
1.2 Interlúdio.....	26
1.3 Imponderáveis adentro.....	32
1.4 A construção etnográfica do objeto (e o objeto da etnografia).....	46
CAPÍTULO 2	
Esperando Cristo (ainda): O Adventismo do Sétimo Dia.....	51
2.1 Identidade iasdiana através de incursões a categoria seita.....	54
2.2 De seita a igreja: o início do tempo do fim.....	65
2.3 Ellen White: a mensageira do Senhor e o universo simbólico da IASD.....	72
2.4 (Re) inventando uma tradição: a expansão mundial de uma nova igreja.....	76
CAPÍTULO 3	
Observando o sábado: A marca que distingue.....	82
3.1 Sexta-feira à noite.....	86
3.2 A Igreja Adventista do Sétimo Dia Central do Recife e a sua comunidade religiosa.....	89
3.3 Sábado pela manhã: a escola sabatina.....	94
3.4 Sábado pela manhã: o culto divino.....	104
3.5 Sábado à tarde: os cultos vespertinos.....	109
3.6 Sábado à noite.....	113
3.7 Itinerário sabático e as redes diferenciais de sociabilidade.....	114

CAPÍTULO 4

Observando os desafios de se guardar o sábado: Dilemas e estratégias de enfrentamento....	117
4.1 Identidade sabática x Cultura secular dominical.....	120
4.2 Dilemas pessoais / subjetivos e estratégias de enfrentamento.....	127
4.3 Dilemas sociais e estratégias de enfrentamento.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
I. Síntese de um tipo ideal de religião.....	164
II. Últimas palavras a guisa de autocrítica.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
APÊNDICE A.....	180
APÊNDICE B.....	182
APÊNDICE C.....	183
APÊNDICE D.....	184
ANEXO A.....	195
ANEXO B.....	197

INTRODUÇÃO

Danielle Dutra é uma jovem que tive a oportunidade de conhecer no primeiro semestre de 2010 em um curso de inglês. Na medida em que o tempo ia se passando e os vínculos de amizade se fortalecendo, dois momentos de conversa me intrigaram: o primeiro foi próximo ao seu aniversário pelo qual afirmei que daria um presente a ela, mas que o único tipo de presente que arriscava dar para mulheres eram joias e bijuterias. Ela me diz que nem inventasse, pois não usava. Ao questionar porque, ela disse se tratar de uma questão religiosa. Até aí tudo bem, pois sabia que isto era típico em algumas religiões evangélicas. O segundo momento foi conversando a respeito das dificuldades da garota em dar continuidade ao curso pelo resto do semestre e a impossibilidade dela faltar mais aulas. Sugiro a troca do horário matinal pelo noturno, pois assim ficaria mais fácil dela conciliar suas atividades. Ela diz ser impossível, pois toda sexta-feira teria que faltar. Eu questionei porque, mais uma vez responde que por conta de sua religião. Não me contive, pensei: que diabos de religião era aquela que impedia dela fazer alguma coisa nas sextas à noite? Aí é que ela me explicou que era Adventista do Sétimo Dia e que os adventistas guardavam o sábado, isto é, tendo em vista que biblicamente um dia termina e outro começa com o pôr do sol, durante o período entre o pôr do sol da sexta-feira e o pôr do sol do sábado, eles devem se abster de qualquer atividade mundana (trabalhar, estudar, fazer feira, faxina, compras e coisas do tipo) para dedicar-se exclusivamente a Deus. Sob tais circunstâncias era impossível para ela frequentar as aulas de inglês nas sextas à noite e também não demonstrava o menor interesse em transgredir o preceito religioso.

Tudo isso para mim soava como uma grande besteira e bastante problemático. Meu pensamento inicial era que “um dia a menos na semana”, ainda mais, no fim de semana, por conta de questões religiosas era uma incredulidade. Mas como um estudante de religião na área de ciências sociais, resolvi saber mais a respeito, pois tudo isso muito me intrigava. Até então nada sabia sobre os Adventistas do Sétimo Dia e nunca tinha conhecido um, mas diante das peculiaridades desta religião relatadas por esta minha amiga, um interesse antropológico pela denominação foi despertado em mim. Pesquisando e descobrindo cada vez mais sobre a religião, acabo por montar um projeto de pesquisa a ser submetido à seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. O interesse pela religião não se tratava apenas de curiosidade pessoal ou desejo de aventura antropológica como também de uma apreciação acadêmica de um sistema religioso que

carecia de estudos na área, pois até então naquela época não tinha achado uma etnografia sequer sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) aqui no Brasil.

Dada a sua peculiaridade sabática gostaria de entender a experiência de como é ser um jovem Adventista do Sétimo Dia. Como tal juventude vivia no mundo, em que medida as restrições em relação ao sábado atrapalhavam os jovens iasdianos nas suas relações de sociabilidade, lazer, nas oportunidades de conseguir trabalho, nos cronogramas de estudo, etc. Na minha cabeça tudo na religião era restritivo e atrapalhava a vivência da experiência juvenil. Sair desse enganoso esquema mental e dá prosseguimento a uma proposta de investigação antropológica sobre o assunto só seria feito com as devidas relativizações e apreensão teórica pré-campo. Após esse processo o qual culminou no projeto de pesquisa que seria meu guia inicial para proceder ao trabalho de campo, com ele em mãos voltei a me encontrar com Danielle no final da tarde de 10 de setembro de 2011, uma sexta-feira.

Naquele dia, visto a proximidade da qualificação do meu projeto de mestrado, tinha marcado o encontro com Danielle para consultar sua opinião a respeito de minha pesquisa, pedir explicação de alguns detalhes da religião e indicações da melhor estratégia para me inserir em campo. Foi uma longa conversa ocorrida na Casa da Cultura no centro da cidade do Recife. Minha preocupação era que em minha cabeça eu poderia estar desvirtuando, pois o sol estava prestes a se pôr e não daria tempo dela chegar em casa. Ela ri da minha percepção caricatural da guarda do sábado e explica um pouco melhor o que aquilo significa para os adventistas. Assim desmistifica algumas percepções caricaturais muito típicas do senso comum do tipo os adventistas não tomam banho e nem comem durante o sábado, alguns nem televisão tem e assim vai. Dessa maneira sua fala já me vai apontando para a real maneira como o sábado é vivido pelos adeptos da IASD e que ela não é tão fundamentalista (no sentido de radicalismo religioso como até então pensava sobre o termo) como pensei.

Danielle simplesmente me dá como exemplo o fato dos adventistas não ficarem trancafiados em casa ou restritos às igrejas circunscritas a seus bairros de residência. Eles pegam ônibus, pagam passagem, se deslocam pela cidade rumo a outras igrejas ou atividades promovidas por ela no sábado. Assim, o sábado implica em um modo de vida diferenciado, fornece uma possibilidade de descanso e diferenciação, pelo menos por um dia, de uma cultura globalizada e capitalista da qual os adeptos da IASD não estão à parte em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, esta mesma cultura ou certos recursos tecnológicos exercem influência sob certas práticas religiosas da denominação.

Está ali conversando comigo em uma sexta-feira já a noite não era transgressão. Danielle me aponta que o assunto de nossa conversa era sobre a religião, a igreja e em alguma medida Deus, portanto, não estávamos transgredindo nenhum princípio religioso, pelo contrário, aquele era um momento, embora revestido de pretensões e questionamentos cientificamente orientados, de se exercer uma religiosidade que presente a todo o tempo na identidade de seus adeptos se manifesta mais fortemente a partir do pôr do sol nas sextas-feiras. Danielle ter me apresentado à religião adventista sob aquelas circunstâncias constituía o início do descanso de sua rotina secular para através do seu conhecimento me introduzir a algo que lhe deixava profundamente feliz, a sua religião e, por conseguinte, a Deus. Hoje percebo que naquele momento eu comecei a observar o sábado adventista.

*

*

*

O corrente trabalho se configura como um estudo etnográfico entre os Adventistas do Sétimo Dia na cidade de Recife – PE a partir de trabalho de campo realizado entre os anos de 2011 e 2012, a maior parte na Igreja Adventista do Sétimo Dia Central do Recife, localizada no centro da cidade, no bairro da Boa Vista. O tema principal é a observação do sábado pelo grupo religioso, no sentido de guarda, tal como explicado no relato acima.

Durante o trabalho de campo a pesquisa se deslocou de uma proposta de investigação antropológica a respeito da categoria juventude religiosa para uma tentativa de compreensão da identidade religiosa de uma denominação através do olhar de seus jovens adeptos. As peculiaridades doutrinárias da IASD culminam em uma relação de estranhamento, quando não de indiferença e invisibilidade, com o campo religioso brasileiro e mesmo com diversas instâncias da esfera pública esbarrando na questão da liberdade religiosa dentro de um Estado laico, mas cuja cultura é regida por uma lógica cristã (católica) dominical. Frente a isto, os grupos sabatistas, no caso aqui explorado os Adventistas do Sétimo Dia, em detrimento de se constituírem como uma minoria, parecem ocupar um lugar marginal e incompreendido na nossa cultura na medida em que enfrentam variados desafios principalmente nos mundos do trabalho, dos estudos ou mesmo na esfera da sociabilidade levando em conta relações de parentesco, vizinhança e amizade.

A observação do sábado (no sentido antropológico), através de uma perspectiva juvenil, das atividades promovidas pela IASD entre outras de caráter mais informal conjuntamente com os mais variados depoimentos de fiéis e interlocutores os quais se tornaram sujeitos privilegiados da pesquisa permitiram a construção desta etnografia com fins a melhor compreender um modo típico de ser Adventista do Sétimo Dia nos espaços dentro e fora da igreja.

O primeiro capítulo intitulado “Romantismos à parte, imponderáveis adentro: a construção etnográfica do objeto” remete as questões epistemológicas da construção do conhecimento antropológico através do trabalho de campo e do fazer etnográfico. Ilustra-se o processo de adesão a uma ilusão romântica baseada em um mito malinowskiano de pesquisa presente naquilo que se projeta fazer até a transformação disto em um “cair na real” decorrente das possibilidades concretas de pesquisa impostas pelo campo, pelas relações travadas nele e pelas próprias limitações do investigador. Soma-se a isto a descrição dos demais conjuntos de técnicas empregados no processo de pesquisa para além da observação participante e a elucidação do objeto a ser analisado pontuando algumas questões a respeito de como ele foi construído etnograficamente.

O segundo capítulo “Aguardando Cristo (ainda): o Adventismo do Sétimo Dia” busca ilustrar o processo histórico de construção identitária da Igreja Adventista do Sétimo Dia apresentando a formação do seu universo simbólico, seus personagens principais e a maneira pela qual uma seita protestante na qualidade de um movimento profético americano do século XIX se transforma em uma igreja marginalmente emergente que se proclama como a verdadeira igreja remanescente do tempo do fim, sendo isto um indicativo de uma diferenciada concepção temporal, profética e escatológica. A respeito deste processo de transformação algumas interpretações dos impactos disso para a identidade da IASD, o exercício da religião e a posição que ocupa no campo religioso são ensaiadas.

O terceiro capítulo “Observando o sábado: a marca que distingue” trata-se da descrição etnográfica da vivência do dia sagrado de descanso pelos adventistas que vai do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sábado. A etnografia permite cunhar os conceitos de itinerário sabático e de redes diferenciais de sociabilidade de modo a ilustrar a maneira pela qual os fiéis fortalecem seus laços não só com o corpo doutrinário da IASD como também uns com os outros adentrando em circuitos sociais que restituem o sentido durkheimiano de igreja na qualidade de comunidade religiosa. Tal processo é fundamental para a constituição da

identidade religiosa da denominação nos membros da IASD a circular e se relacionar em diferentes esferas do mundo secular, em especial no mundo do trabalho e dos estudos.

O quarto capítulo “Observando os desafios de se guardar o sábado: dilemas e estratégias de enfrentamento” apresenta principalmente por meio das variadas conversas travadas com jovens adeptos da IASD conjuntamente com outros dados e indagações do pesquisador os desafios de ser um sabático em nossa cultura que apesar da secularização e de contar com um Estado laico permanece com profundas raízes históricas do catolicismo e sua cultura dominical, consensual inclusive no meio evangélico de um modo geral. Sob tal conjuntura os adventistas acabam por ter que enfrentar alguns dilemas na esfera pública que vão de encontro a sua identidade sabática. Tais dilemas repercutem social e subjetivamente nos fiéis iasdianos, especialmente nos mais jovens, exigindo criativamente o uso de variadas estratégias de enfrentamento para tais dilemas. É a partir de tais dilemas e das estratégias de enfrentamento empregadas que o capítulo propõe uma reflexão mais geral sobre a relação religião e esfera pública através de uma análise mais apurada das experiências de jovens adventistas na cidade de Recife.

Por fim, nas considerações finais, retoma-se toda a discussão até então estabelecida de modo a fornecer um quadro em certa medida ideal típico de que tipo de religião o Adventismo do Sétimo Dia parece ser, de como se posiciona e é posicionado no campo religioso assim como dos dilemas (ou provações em uma linguagem iasdiana) colocados pela esfera pública a serem enfrentados pelos seus adeptos. Se por um lado a leitura destas questões tem um viés institucional, ou seja, parte das observações daquilo que é ensinado através dos discursos produzidos pela própria IASD, por outro também se privilegia a agência dos fiéis iasdianos, em especial os jovens, através de um pouco de suas trajetórias de vida a revelarem estratégias de enfrentamento as quais em diálogo com a instituição em última instância devem ser interpretadas como ações do indivíduo religioso.

Uma autocrítica ao final do trabalho será pertinente de modo a apontar algumas lacunas não necessariamente resultantes da negligência do pesquisador, mas das limitações da pesquisa e mesmo daquelas impostas pelo campo através do conjunto específico de eventos que se tem acesso e também do conjunto de pessoas com quem se estabelece uma relação, além da natureza dessa relação. Assim, alguns temas não trabalhados e que apareceram em campo são apontados como um exercício de reconhecimento do tipo de emolduramento dado ao quadro etnográfico a ser exposto, fruto de uma análise específica, mas sujeita a várias releituras.

Não advogando a favor do Adventismo do Sétimo Dia, mas partindo do princípio de liberdade religiosa, de um estado laico aconfessional, e do ideal típico de nossa democracia moderna, este trabalho busca elucidar os desafios inerentes a uma cultura cristã sabática minoritária (con) vivendo dentro de uma lógica cristã católica dominical. Assim, adianto que se deve ter em mente para a leitura deste trabalho que o sábado não é um problema para os Adventistas do Sétimo Dia, mas as relações que a nossa cultura mais ampla mantém com ele sim. A corrente dissertação busca tratar, seguindo um olhar juvenil, a maneira pela qual a IASD e os seus fiéis dentro de sua própria lógica fornecem os aparatos simbólicos necessários para lidar com a questão.

CAPÍTULO 1

Romantismos à parte, imponderáveis adentro:

A construção etnográfica do objeto

O DIA MUNDIAL DO JOVEM ADVENTISTA

Recife, 17 de setembro de 2011 – Sábado pela manhã – IASD Central

Minha primeira ida a campo acontece em um momento de efervescência para a comunidade adventista recifense. A IASD Central estava organizando o dia mundial do jovem adventista o que ocasionou grande movimentação no bairro da Boa Vista no centro da cidade. Às sete e meia da manhã a igreja e o Colégio Adventista do Recife localizado em frente a ela estavam repletos de pessoas, em sua maioria jovens. Todos possuíam algum tipo de vestimenta que os identificava como que pertencendo a algum grupo específico.

Os desbravadores, por exemplo, são um grupo majoritariamente de adolescentes vestidos de escoteiros com uma filosofia própria e de missão evangelizadora. Os participantes do ministério jovem usavam uma camisa preta confeccionada especificamente para aquele evento com a seguinte mensagem “24H para salvar – uma mensagem de amor e esperança”.

Todos muito animados se organizavam para executar a programação prevista daquele dia: uma manhã evangelizadora por todos os cantos da cidade. Estava acompanhado da minha amiga Danielle Dutra e de outros conhecidos seus. À medida que encontrávamos com pessoas as quais ela conhecia, eu era apresentado a elas. Minha amiga enfatizava o fato de não ser adventista, mas de estar interessado na religião devido à pesquisa de mestrado. A princípio não encontrei resistências e todos com quem conversei me desejaram boas vindas e quanto ao fato de não ser adventista a maior parte dizia “Ainda não!” como que implicitamente estivessem dizendo que no decorrer do processo de pesquisa a conversão seria inevitável.

Como o próprio nome sugere, o dia mundial do jovem adventista é um evento padrão para todo o adventismo. Toda IASD de todas as partes do mundo possui ciência da data e planeja algum evento voltado a ela. Não só a IASD Central tinha uma programação especial, mas também todas as outras, ainda que aquela por contar com um maior apoio da Associação Pernambucana Adventista concentrasse as principais atividades do dia. Tanto que estava lotada de pessoas que com certeza não eram membros regulares daquela igreja.

Pela manhã, bem cedo, desde as seis horas parece ter havido algum culto enquanto um grupo preparava material de evangelização no Colégio Adventista do Recife. Fui junto com o grupo que me encontrava para o colégio no intuito de saber o que faríamos, neste momento já eram umas nove horas da manhã. Observava alheamente toda a movimentação desde as sete e meia enquanto esperava minha amiga me encontrar.

De fato era um dia especial, pois parecia que nele não houve momento para a escola sabatina, obrigatória no sábado sagrado dos adventistas. Se houve não foi possível perceber, pois a escola sabatina me era apenas de conhecimento teórico até então. Todos se preparavam para sair e começar a evangelizar pessoas pelas ruas. O principal instrumento para tal fim não seria pregações bíblicas ou testemunhos para as pessoas que por ventura passassem perto ao local onde tudo acontecia, mas seria a distribuição de livros. O livro “A grande esperança” escrito pela profetisa da IASD Ellen White juntamente com uma revista adventista intitulada “Esperança para um mundo em crise” iriam ser distribuídos a centenas pela cidade.

Os jovens foram orientados a se concentrarem em pequenos grupos no Parque 13 de Maio, localizado próximo do colégio, carregando o máximo de livros e revistas que conseguissem. De lá partiria a missão evangelizadora daquele sábado sagrado destinado ao jovem. Aparentemente o mesmo tipo de coisa acontecia nos bairros onde existia uma IASD e paralelamente a isto soube de grupos de jovens adventistas que se dirigiram ao Hemope para doação de sangue. Todo aquele dia foi posteriormente divulgado no site da Associação Pernambucana Adventista graças ao trabalho da equipe de comunicação da IASD Central que tirou fotos, realizou entrevistas e fez filmagens.

Fui apresentado a algumas pessoas, lideranças, jovens, desbravadores, enfim um conjunto de indivíduos muito receptivos a minha pessoa, ainda que muito provavelmente o imaginário era de um potencial converso está ali na frente deles. Estava um tanto constrangido naquele ambiente religioso do qual não era familiarizado, inclusive acabei saindo em algumas fotos. Meu maior interesse no adventismo fazia com que as pessoas por vezes me contassem um pouco de suas histórias. Ficava confuso, primeira ida a campo é sempre um turbilhão de informações, impressões, imagens, falas que nem sempre são gravadas perfeitamente em nossa memória ou mesmo descritas adequadamente no diário de campo quando este está disponível e ao nosso alcance. Optei por viver aquele momento junto aqueles jovens, aberto as suas palavras e evangelizações enquanto nos organizávamos para transmitir a mensagem do Senhor revelada a Ellen White e escrita naquele livro ao qual

distribuiríamos. Antes de toda aquela imensidão de adventistas no parque 13 de maio se dissipar o presidente da Associação Pernambucana Adventista fez uma oração - todos fechamos os olhos e nos demos as mãos. Após aquele momento, os grupos formados deveriam se espalhar por todo o bairro e distribuir os livros e revistas e findado a missão retornar a IASD Central para o último culto daquela manhã. O grito de guerra daquela missão era “Ide, ide, ide, Jovem Adventista!!!”. E assim partimos rumo à evangelização, não sem antes o grupo no qual estava fazer uma nova oração, desta vez puxada pela minha amiga.

Juntamente com mais uns cinco ou seis jovens saímos caminhando pelos arredores do Parque 13 de Maio na Boa Vista distribuindo livros e revistas. Ficava mais atrás do grupo timidamente observando suas ações e conversas. Vez por outra minha amiga vinha saber como estava e me explicava algum detalhe sobre a religião. Educadamente os livros e revistas eram entregues as pessoas que passavam pela nossa frente. Obviamente adquirir um exemplar para mim também. Todos os jovens estavam muito bem vestidos, formalmente, as mulheres com saia e os meninos com camisa de manga e calça jeans. As mulheres adventistas, descobri posteriormente, não ser permitido o uso de calças na igreja.

Acredito que 30 minutos depois, todos os livros e revistas em posse do grupo em que estava foram distribuídos e resolvemos retornar ao Parque 13 de Maio. Durante o caminho de volta e lá mesmo no parque um jovem começa a conversar comigo interessado em minha pesquisa, iniciamos um diálogo o qual ele me explica bastante coisas da religião. A todo momento da conversa ele faz referência a bíblia sempre lendo algum trecho que fundamente ou complemente a sua fala, parecia querer deixar claro que nada do que falava era invenção da sua cabeça. Eu ouço tudo com bastante atenção ainda que por vezes me encontrasse perdido em meio a suas falas e demasiadas citações bíblicas, afinal o conteúdo de seu discurso não era algo do qual estava familiarizado.

No fim das contas percebo que aquele momento não era apenas de uma simples explicação, eu também estava sendo evangelizado. Aquele jovem estava me mostrando a palavra, seria pelo conhecimento dela que Jesus Cristo e o seu retorno seria revelado a mim como a verdade fundamental. Descubro posteriormente que aquilo meio que funcionou como uma introdução à escatologia. Fui convidado posteriormente para uma sessão de estudo bíblico quando houvesse oportunidade.

Em meio a conversas informais e descontraídas enquanto aguardávamos todos os grupos finalizarem sua atividade evangelizadora no bairro, mais uma vez alguma pessoa do

grupo puxa uma oração. Após isso, sou apresentado a Erivan, um fiel que me dá o seu testemunho adventista.

Depois da longa conversa com Erivan, todos nós retornamos a IASD Central, completamente lotada na espera do último culto da manhã a ser celebrado por um pastor adventista responsável provavelmente pela União Latino-Americana como denunciava o seu sotaque espanhol. Um rapaz relativamente jovem e amplamente carismático sempre enfatizando a noção dos jovens como os guerreiros de Cristo. Para exemplificar esta noção conta a história de um jovem universitário adventista no Chile e dos percalços sofridos por este na conclusão de sua faculdade. O sábado e as restrições que ele impõe aos adventistas é a pedra de toque da maior parte dos testemunhos apresentados na igreja. Com este jovem não é diferente. Um garoto que leva mais tempo que o comum para terminar o seu curso por conta de provas e disciplinas aos sábados além de professores incompreensivos com sua opção religiosa. Tudo o levaria a desistir deste caminho árduo, mas sua fé em Deus e nos seus mandamentos era mais forte, por isso persevera na sua trajetória e na obediência aos mandamentos (destaco aqui a guarda do sábado) sob a crença da providência divina. Estudou bastante, trabalhou duro e a recompensa é ter sido o melhor aluno do seu curso, apesar de todas as limitações. Todo o discurso é construído na superação e no poder divino que motiva esta. Esta história servia como motivação para toda aquela igreja corroborando para a noção de que todos ali, assim como o jovem exemplificado, eram verdadeiros guerreiros e que Cristo estava com eles. Também era um prelúdio para preparar os jovens para a grande missão jovem evangelizadora: a missão Calebe.

A missão Calebe comumente ocorre no mês de janeiro e é majoritariamente coordenada e realizada por jovens adventistas. É destinada a levar a mensagem adventista onde não haja presença da religião ou ela seja extremamente fraca. Neste sentido, os jovens doam suas férias para Cristo levando a mensagem de seu retorno para os lugares que ainda desconhecem a doutrina do segundo advento. Uma série de vídeos com alta qualidade envolvendo uma superprodução faz a propaganda da missão Calebe 6.0 para o ano de 2012¹. Em complemento a estes vídeos o pastor animadamente questionava a toda igreja, a todos os jovens ali presentes, quem gostaria de dar suas férias para o Nosso Senhor. A resposta evidentemente era positiva. Quanto a mim, ligeiramente constrangido sendo a primeira vez que pisara em uma igreja protestante na vida, observava calado toda a excitação daquela comunidade religiosa. Estava sentado nas primeiras cadeiras por convite do grupo o qual

¹ O vídeo oficial referente a missão Calebe 6.0 do ano de 2012 pode ser assistido através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=JeTOO6QsF3s>.

acompanhei mais cedo e olhava atentamente tudo o que se passava ao redor, anotava em meu diário o máximo de coisas que podia captar com os meus sentidos ao mesmo tempo em que me sentia invadido pelas palavras do pregador entusiasmado daquele culto de um modo que pelo medo de qualquer insistência de conversão ou questionamento a minha pessoa em meio aquela comunidade efervescida meu corpo por vezes travava e no questionamento sobre doar as férias para o Nosso Senhor involuntariamente desviava a olhar, abaixava a cabeça e mesmo desejava sair dali. Incômodos de um sem religião em um empreendimento científico em um meio religioso.

A importância da juventude e seu potencial de conversão diante da missão profética e evangelizadora da IASD além de constantemente reafirmada neste culto especial pode ser observada no próprio cartaz que fazia a chamada daquele dia. Nele estava escrito que o dia mundial da juventude adventista era o dia do poder seguido de uma citação bíblica encontrada em Mateus 24:14 “E será pregado este evangelho do reino para todo o mundo para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”.

Também durante o culto um pequeno ritual em relação às lideranças adventistas sobre os jovens daquela igreja foi feito. Duas responsáveis por eles foram como que reconhecidas pelo seu trabalho e a elas foram dadas novas roupas que as identificariam como líderes jovens que conduzem os novos guerreiros de Cristo a missão evangelizadora por Deus designada. A este reconhecimento toda a igreja realizava o cumprimento específico para aquele momento tendo em vista ser a missão Calebe o ponto máximo de motivação. Todos levantavam a palma da mão direita e executavam o grito de guerra – Ide, ide, ide, Jovem Adventista!!! - Saudando Wládvia e Sheila a quem os casacos azuis de liderança foram confiados por aquele pastor que representava presença internacional da instituição. Após isso ainda se sucedera um outro momento ritual, no caso o batizado de uma jovem.

O pastor segue finalizando a pregação do dia anunciando a expectativa da IASD para a juventude, pois “um jovem de Deus é aquele que deve possuir uma linguagem correta, um vestuário correto, um exemplo ao mundo assim como Cristo o foi. É preciso ter cuidado, pois o mal está no mundo e o mundo está do seu lado”². Os novos guerreiros de Cristo devem travar esta guerra buscando salvar almas, dessa maneira o pastor sempre entoava o grito de guerra aos jovens. Dito isto, encerra-se as atividades matinais daquele sábado.

² Palavras proferidas pelo pastor no final do culto.

1.1 Romantismos à parte

A extensa narrativa acima apreciada pelo leitor corresponde a minha experiência do primeiro dia de trabalho de campo com base nas minhas notas em diário. Ainda que não seja meu primeiro contato com a pesquisa antropológica que envolva trabalho de campo³, esta foi a primeira vez que ousei pesquisar e pisar em uma igreja protestante na vida.

Conforme manda o figurino, seguindo o processo de investigação científica construí um projeto o qual se configurava como uma proposta de pesquisa antropológica sobre juventude religiosa, mais especificamente, sobre os jovens adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Interessava-me na época entender o que faz um jovem religioso abdicar de certas práticas mundanas (as quais o senso comum por vezes atribui-lhe como típicas de sua fase etária) escolhendo um modo de vida completamente distinto da sociedade mais ampla ao qual está inserido tendo em vista a peculiaridade da religiosidade que pratica ou da denominação religiosa a qual pertence. Desse modo, meu objetivo principal era a compreensão da experiência juvenil e a negociação da religiosidade nas relações cotidianas com o mundo moderno entre jovens Adventistas do Sétimo Dia dada a peculiaridade da religião por meio da sua doutrina da guarda do sábado.

Acreditava que observar (no sentido de guardar) o sábado se constituía como um problema para a experiência da juventude entre os adeptos da denominação interferindo nas suas redes de sociabilidade e canais de comunicação com o “mundo secular” no que diz respeito principalmente às esferas do trabalho, dos estudos e do lazer. Via nesta crença específica da Igreja Adventista do Sétimo Dia um elemento distintivo não só apenas da denominação como também para a identidade dos seus membros mais jovens. Sendo a juventude uma categoria plural, a pesquisa poderia contribuir fornecendo material etnográfico o qual agregasse ainda mais diversidade ao conceito e estimulasse um pouco mais o debate acerca dele levando em consideração que muito da produção sobre juventude religiosa se concentra em torno principalmente dos carismáticos e neopentecostais sem mencionar as reflexões sobre os sem religião. Assim, ambicionava me diferenciar do *corpus etnográfico* tradicional sobre o assunto a partir do estudo de uma denominação protestante histórica emergente ao mesmo tempo que pouco conhecida no senso comum e estranha, quando não invisibilizada, no mundo acadêmico e no campo religioso brasileiro. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi, portanto, esta denominação.

³ Aqui me refiro a trabalho de campo de maneira coextensiva a metodologia da observação participante.

Com o enfraquecimento da hegemonia católica e em detrimento do *boom* (neo) pentecostal e sua forte influência nos mais diversos setores da sociedade brasileira, dentro do conjunto das religiões cristãs, as igrejas protestantes históricas parecem não contar com tanta visibilidade nos estudos socioantropológicos, ainda que delas derivem todo um legado da tradição protestante. Entre estas igrejas, mas não sem uma relação de estranhamento no interior do campo religioso brasileiro, está a Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua peculiar doutrina da guarda do sábado. Até a fase de elaboração do projeto de pesquisa desconhecia completamente o adventismo e não tinha a menor ideia onde poderia encontrar seus adeptos. Pensava ser uma religião bem minoritária, mas hoje percebo que seus adeptos estão por toda parte e em números crescem cada vez mais, logo seria um erro ignorá-los juntamente com as implicações que sua presença traz para o campo religioso e sua relação com a esfera pública.

Para pesquisar então a IASD e sua juventude nas pretensões esboçadas anteriormente o protejo construído apresentava a metodologia clássica da observação participante. É neste momento que passaria a viver uma ilusão romântica baseada em um mito malinowskaniano. Ainda que tivesse tido um treino específico do fazer antropológico, teórico e prático, desde a minha graduação a respeito das nuances e possíveis armadilhas do trabalho de campo assim como o conhecimento das ressalvas a serem feitas sobre as recomendações de Malinowski, eu as levava bastante a sério da maneira como estavam expressas na introdução da célebre obra “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1978). Nela o autor apresenta os três fundamentos da pesquisa de campo, a saber, (1) a pesquisa deveria ter objetivos genuinamente científicos e o etnógrafo deveria ter conhecimento dos valores e critérios da etnografia moderna; (2) viver com os nativos é a melhor maneira de garantir boas condições de trabalho e o conhecimento da língua deles é um fator fundamental para isto; (3) é preciso aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidência. Acompanhado de tudo isto, o pesquisador deveria ter uma atitude de sinceridade metodológica frente aos resultados de seu trabalho apresentando o modo como a investigação foi realizada e diferenciando as concepções nativas das interpretações do pesquisador oriundas da observação direta destas concepções e de como elas se revelam na *práxis* social.

A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI, 1978, p.18).

Sem querer retomar por completo toda a história da antropologia, vale apenas o lembrete de que ela, junto a sua irmã sociologia, em seus primórdios repousava sob a égide do positivismo em uma tentativa de garantir estatuto científico as suas descobertas buscando equipararem-se as ciências da natureza. Dessa maneira, a busca por um método o qual fosse capaz de conduzir a verdade sobre a sociedade e o homem através de explicações e leis gerais era a principal preocupação da época já esboçada por Durkheim (2007). Emergia então, acobertado pela racionalidade da filosofia iluminista do século XVIII, o mito do pesquisador imparcial que a distância tudo pode ver e explicar.

A antropologia evolucionista na sua pretensão de ser uma ciência universal era executada no gabinete e sua marca era o seu objeto: “os povos primitivos” – exóticos e distantes. Intelectualista, obtinha suas abstrações através da análise dos relatos de missionários, viajantes, funcionários do governo, enfim uma infinidade de indivíduos repletos de etnocentrismos (romanceados na forma ora pela imagem do bom selvagem, ora pela imagem do bom civilizado) e sem, muitas vezes, aquela intuição psicológica falada por Malinowski capaz de orientar o olhar e a qual parece nem todos os antropólogos ter. Patrocinada pelo colonialismo esta antropologia de gabinete evolucionista foi severamente criticada conjuntamente com o difusionismo. Foi então com as hostes Malinowskianas e sob o arcabouço teórico funcionalista que a antropologia parece ter encontrado “O método” que atestaria a sua objetividade, a sua cientificidade e que até hoje é a sua, se não exclusiva, pelo menos principal marca identitária em seu labor⁴.

O funcionalismo Malinowskiano apresenta mais continuidades do que rupturas com a tradição francesa durkheimiana, é um de seus desdobramentos, pois, ainda sob a égide do positivismo conserva a exigência por um método que vise à descoberta de leis gerais. Malinowski tenta sistematizar este método para antropologia no estudo da vida trobriandesa assim como fez Durkheim em “As regras do método sociológico” (2007) e o aplicando para o estudo do suicídio (2000). Devemos lembrar que são métodos distintos, mas amparados por um mesmo modelo epistemológico de busca do conhecimento e com o mesmo desejo de estabelecer cientificidade para a recém nascida ciência social que vinha se desenvolvendo⁵.

⁴ Na verdade Rivers já tinha explicitado muito dos pressupostos de Malinowski antes de sua pesquisa entre os trobriandeses. Desse ponto de vista, Malinowski teria reeditado na prática a proposta metodológica de Rivers. Diante disso, se este foi o precursor, aquele foi quem deu legitimidade ao método, instaurando a antropologia como uma disciplina genuinamente científica. (PEIRANO, 1992).

⁵ Durkheim mais para a sociologia e Malinowski mais para a antropologia. Ainda assim, as duas disciplinas em seus primórdios tem suas fronteiras um tanto indiferenciadas. Radcliff-Brown (1973), por exemplo, concebe a antropologia como um exercício de sociologia comparada. A teoria antropológica funcionalista sistematizada por ele está amplamente conectada com o pensamento durkheimiano quando faz uso da biologia como um modelo

Portanto, em Malinowski o pesquisador ainda permaneceria imparcial, mas de certa forma envolvido com seu mesmo objeto exótico e distante, pois a regra agora era a imersão completa na vida nativa. A observação deveria ser verdadeiramente imparcial e objetiva mediante um contato aberto e sincero. As antigas fontes (missionários, viajantes, etc) não poderiam se adequar a tais exigências devido à natureza de sua relação com os nativos, em geral, de influência, transformação e uso.

O modelo de pesquisa antropológico proposto por Malinowski fundava o mito do pesquisador próximo, imerso, envolvido no campo e ao mesmo tempo distante, imparcial, objetivo e científico pela garantia do método e de sua aplicação sistemática tal como recomendava. Instaurava-se a antropologia como disciplina genuinamente científica com as amarras positivistas ainda se fazendo visíveis e bem presas. Paralelamente a isso inaugurava um tipo de autoridade etnográfica a qual pode ser expresso “Você está lá... porque eu estava lá” (CLIFFORD, 2008, p. 19). Assim, ele dá a imagem do novo antropólogo “acocorando-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa” (CLIFFORD, 2008, p. 25).

Sua pesquisa entre os Trobriandeses seguindo as orientações expostas resultava nas suas próprias palavras não de um programa vazio, mas do acúmulo de experiências vividas em campo e devidamente esquematizadas e interpretadas sob o crivo de uma orientação teórica bem fundamentada e aprendida antes mesmo da coleta de dados, mas cuja qual pode e deve ser flexibilizada diante de evidências etnográficas que as conteste. De qualquer modo é o acervo teórico que o pesquisador tem em mente que o capacita para o campo e treina seu olhar. James Clifford (2008, p. 26) assim fala da obra dele: “Os argonautas é uma complexa narrativa, simultaneamente sobre a vida trobriandesa e sobre o trabalho de campo etnográfico. Ela é arquetípica do conjunto de etnografias que com sucesso estabeleceu a validade científica da observação participante”.

Comprei o pacote completo do modelo malinowskiano de pesquisa de campo na sua forma mais romântica levando todos os seus problemas junto. Na ilusão de querer embarcar em *uma aventura heróica pela alteridade* (DENZIN, N. & LINCOLN, Y, 2006) planejei uma pesquisa sincrônica cuja base estava na minha imersão completa no universo jovem adventista. Frisava a todo o tempo que minha pesquisa não era sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas sobre os seus jovens sendo ela apenas um meio inicial de se chegar ao objeto.

científico profícuo para o estudo da vida social, por exemplo. Malinowski, em certa medida, segue esta mesma linha.

O que deve se deixar claro com tal colocação é que a tentativa de pesquisa será um tanto mais desafiante na medida em que o diálogo com os jovens tentará ser construído para além do espaço institucional da igreja ou dos espaços mediados por ela. Buscar-se-á, portanto, uma interação com os jovens a partir de uma rede de sociabilidade mais ampla que se faz dentro e fora da igreja. Neste sentido, aposta-se (não sem riscos!) no fato do pesquisador também ser jovem havendo a possibilidade de construção de relações de maior empatia entre pesquisador e pesquisado nas quais seja possível um maior aprofundamento da participação do pesquisador no universo da juventude Adventista do Sétimo Dia nos mais diversificados circuitos do mundo cotidiano. Logo, tentar-se-á a observação nos momentos de lazer, nos ambientes de estudos, intervalos de trabalho, encontros durante a semana, redes sociais na Internet, além claro, dos cultos, escolas sabatinas, entre outros eventos circunscritos a IASD e demais instituições ligadas a ela.

Sessão metodologia
Projeto de mestrado (2011)

A proposta era ser um jovem pesquisando outros jovens como parte integrante de um grupo religioso analisando suas relações com a estrutura social mais ampla, seguindo assim a perspectiva funcionalista. Não se tratava de fidelidade teórica aos clássicos britânicos, mas de uma imagem fixada em minha mente do modelo metodológico ideal de pesquisa e que transformou de forma significativa a antropologia. Apostava nisso para minha imersão completa na vida nativa e como um trunfo metodológico inovador para conseguir dados diferenciados os quais outros pesquisadores sobre juventude não conseguiriam comumente por causa de sua distância geracional e da distância metodológica que adotam com os seus pesquisados. Adentrando na IASD e estabelecendo os contatos por meio de um informante privilegiado (a minha amiga) acreditava que conseguiria me inserir profundamente nas redes de sociabilidade estabelecendo vínculos, relações de lealdade e amizade as quais extrapolariam os muros da igreja e me permitiriam para os fins de pesquisa propostos chegar naquilo que seria o objetivo final da investigação etnográfica de acordo com Malinowski: a compreensão do ponto de vista nativo. Seria conduzido para este fim por um ambíguo misto de proximidade etária / geracional (a qual achava que garantiria a empatia na relação pesquisador-pesquisado) e distância metodológica (ao mesmo tempo proximidade, mas orientada pelas recomendações já mencionadas), protegido pela teoria antropológica pré-existente a qual garantiria a objetividade e cientificidade do meu empreendimento. Doce ilusão! Cai no romantismo heroico de uma antropologia que há muito se transformou.

James Clifford (2008) ilustra bem as transformações sofridas pela antropologia ao longo do século XX através dos diversos modos de autoridade e alegoria etnográfica construídos no desenvolvimento do fazer antropológico. No que diz respeito, por exemplo, a

questão da autoridade etnográfica ele cita a experiencial, a interpretativa, a dialógica e a polifônica. São modos de autoridade que correm paralelo ao desenvolvimento teórico da antropologia e as relações que podem ser feitas entre si se assemelham as relações existentes entre os paradigmas científicos da matriz disciplinar (OLIVEIRA, 1988, 2000), isto é, ao contrário do que ocorre com os das ciências exatas, tais paradigmas na antropologia não se sucedem um após aos outros com o último substituindo o anterior, mas convivem simultaneamente e se tencionam complementando-se ou repelindo-se de forma a gerar uma crise saudável na disciplina, pois dela se originam novas formas de conhecimento e de se obtê-lo. Os diferentes modos de autoridade e alegoria são reflexo dessa crise oriunda da tensão inerente da matriz disciplinar antropológica. Sendo assim, cabe ao antropólogo no momento concreto de pesquisa, na sua relação com o campo, estabelecer, não de modo fixo e sim flexível, levando em consideração a natureza das situações de campo experienciadas, o tipo de autoridade e alegoria adequado para se relacionar com e textualizar a experiência do outro. Sob esta direção, não seria surpresa a emergência de novas formas de autoridade e alegoria.

O trabalho antropológico por meio da pesquisa de campo envolve eminentemente uma relação de poder cuja forma que será conduzida remeterá na construção do conhecimento trazendo implicações políticas e éticas seja para o campo científico ao qual está imerso o pesquisador seja para o grupo estudado por ele. Diante disso, a noção de uma ciência pura e objetiva parece não se sustentar. O desenvolvimento do conhecimento antropológico ao rever suas posturas epistemológicas passa a realizar o exercício da compreensão da alteridade pelo princípio da intersubjetividade, pois a suposta objetividade com a qual se observa os comportamentos da vida nativa passa pela subjetividade do pesquisador. É no diálogo entre os vários atores (pesquisador, interlocutores, informantes, meio acadêmico, etc) e suas subjetividades com os fatos observados, acompanhado de um aparato teórico, que a intersubjetividade se inscreve no processo de textualização da experiência do outro e abre caminho para uma nova forma de cientificidade do conhecimento revelado neste processo.

Tendo em vista tal princípio, mais recentemente a antropologia interpretativa e a pós-moderna, cada uma a seu modo, vem reavaliando e lançando críticas a maneira de se fazer antropologia desde os clássicos, desde o mito malinowskiano do “O método” da pesquisa antropológica que conduziria a verdade. Não querendo fazer uso destas críticas como objeto de análise e argumentação, reconhecendo seus méritos e limites, a ressalva a ser feita é que sem Malinowski e sua pesquisa entre os trobriandeses não teríamos a institucionalização do

“O método” tão caro à antropologia. Poucando o leitor de conjecturas do que seria essa ciência sem eles (Malinowski e seu método), Malinowski nos deixou um legado cujo qual se sua importância não fosse reconhecida a observação participante não seria empregada até hoje. Acho que uma pesquisa antropológica por mais válida que seja, se não bem justificada, seria vista com muitas ressalvas entre os pesquisadores caso não fizesse uso desta metodologia⁶. De fato, a proposta de Malinowski pode soar para o aspirante entusiasmado e preocupado em fazer ciência legítima como aquela aventura romântica e heroica pela alteridade cuja qual ao desbravarmos o outro queremos desbravar a nós mesmo. Vivi esse mito romântico malinowskiano na construção do meu projeto de mestrado sobre a pesquisa da juventude Adventista do Sétimo Dia.

Acredito e espero, para não ser o único, que isso seja comum entre os pesquisadores. Por sorte os imperativos do campo e a nova tendência etnográfica da presença do pesquisador e textualização de sua experiência dialógica com o outro são elementos fundamentais para exorcizar o romantismo em relação ao campo no processo de pré-pesquisa. Diante disso, levando em conta o legado e a tradição antropológica, ainda permanece a recomendação básica do trabalho do pesquisador de campo: olhar, ouvir e escrever. Os dois primeiros atos como perceptivos e próprios do pesquisador, porém orientados pela teoria; e o ato de escrever como um ato de pensamento posterior aos dois primeiros e que sintetiza um processo de tradução e interpretação “aqui” do que foi visto e ouvido “lá”. Em última instância, escrever é um processo de gabinete e que se faz no gabinete (OLIVEIRA, 2000).

1.2 Interlúdio

Caí de paraquedas no dia mundial do jovem adventista. Desconhecia sua existência e ter iniciado meu primeiro dia de trabalho de campo nele foi uma feliz coincidência. Na sexta-feira tinha ligado para a minha amiga com quem tinha combinado previamente para me apresentar ao campo e perguntei quando ela poderia me levar para a Igreja Adventista do Sétimo Dia Central do Recife, a congregação inicialmente escolhida para a pesquisa. Tendo me dito que aquele sábado seria o dia mundial do jovem adventista e que a IASD Central tinha preparado uma programação especial argumentando que seria ótimo para minha

⁶ Neste momento a seguinte questão parece ser bastante pertinente: é possível fazer antropologia sem pesquisa de campo (entendendo-se pesquisa de campo como coextensiva ao método da observação participante)? A provocação é feita e trabalhada por Giumbelli (2002).

pesquisa que eu fosse, não hesitei. Combinamos o encontro e no dia seguinte pela manhã bem cedo me dirigi para o centro da cidade, no bairro da Boa Vista, onde se localizava a igreja. Com um cardeninho em mãos a ser meu diário de campo e, ainda que não muito formal, mas vestido para um evento em uma igreja protestante, iniciaria oficialmente minha pesquisa de campo.

Sentia-me um verdadeiro antropólogo a desvendar uma cultura “exótica e distante”. Na verdade não tão exótica e distante, afinal o meu universo de pesquisa estava apenas a uma linha de ônibus de distância da minha casa, meus futuros interlocutores residiam se não na mesma cidade que eu, pelo menos próximos geograficamente a ela. Pode-se dizer que em geral, até pelo perfil da comunidade religiosa daquela igreja, partilhávamos do mesmo pano de fundo cultural das camadas médias urbanas e, além disso, tínhamos em comum o fato de sermos todos jovens, pertencermos a uma mesma geração. Falar em exótico e distante nesse caso parece não fazer sentido, pois de uma maneira mais ampla “eu” e “eles” éramos “nós”. No entanto, como bem dito por Gilberto Velho:

O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados, por preferências, gostos, idiossincrasias. Até que ponto pode-se nesses casos, distinguir o sociocultural do psicológico? (VELHO, 1999, p.124-125).

A questão final é justamente estimulada pelos exercícios de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico (DAMATTA, 1976). Os dois exercícios implicam em operações distintas de descoberta e análise envolvendo dificuldades diferenciadas. O que é familiar não é necessariamente conhecido e o que podemos conceber como exótico pode nos ser até certo ponto conhecido. De todo modo o conhecimento do pesquisador a respeito do que lhe é familiar ou mesmo conhecido pode estar comprometido pela rotina, hábitos e estereótipos, por isso é tão importante desenvolver as noções de distância social e psicológica, em especial no processo de transformar o familiar em exótico, caso de pesquisadores que estudam grupos da e na sua própria cidade (VELHO, 1999).

No meu caso os Adventistas do Sétimo Dia não me eram familiares nem conhecidos, portanto tirando a proximidade geracional dos tipos de interlocutores que escolhi como sujeitos privilegiados de pesquisa e aquelas outras proximidades já citadas, a distância psicológica e social de certo modo já estava dada e garantida pela alteridade religiosa. Era ela o que gostaria de desvendar para poder agregar maior diversidade a categoria juventude, mais

especificamente a categoria juventude religiosa. O apontamento de Cernadas (2000) elucida bem este ponto quando diz que na atualidade o estudo antropológico da religião já não compete ou agrega apenas os estudos das culturas não ocidentais como ocorria na antropologia clássica. A alteridade religiosa não emerge como algo inerente a toda uma outra existência sociocultural, mas se configura com relativa autonomia, podendo se constituir na forma de uma comunidade religiosa com crenças, práticas e visões de mundo próprias, mas que assim mesmo se insere em condições objetivas de existência e marcos socioculturais de referências que, em maior ou menor grau, entram em correspondência com as do pesquisador.

Minha pesquisa ainda que seja *at home*, não é nativa. Fui um jovem pesquisando outros jovens ao mesmo tempo em que fui um sem religião estudando religiosos. Sendo um de fora, não tinha pretensões de me tornar um nativo, nesse caso de me converter à religião. Também não achava que seria algo ético de se fazer apenas para garantir a pesquisa. Portanto, fui sincero em campo, sempre me apresentei ou fui apresentado como um estudante de mestrado em antropologia que estava fazendo uma pesquisa sobre eles, que não era adventista e nem tinha desejo em ser. Contudo, pela própria peculiaridade da religião, os adventistas diziam “*ainda não!*” me restando apenas dar aquele sorriso e dizer educadamente “*vamos ver!*”. Não nego que morria de medo da conversão ou de ser plenamente convencido pelo ponto de vista deles - não queria me deixar afetar. Logo existia uma ambivalência na minha postura metodológica: de um lado apostava na minha juventude para garantir maior proximidade e inserção integral ao meio jovem adventista, de outro, gostaria de fazer isso, de adentrar profundamente em suas redes de sociabilidade e canais de comunicação com o “mundo secular”, sem me deixar afetar de forma alguma. Ainda não sabia que contornos e limites dá a minha observação participante, portanto, de um modo avesso tinha uma situação semelhante à de Jeanne Favret-Saada (2005) na sua pesquisa sobre feitiçaria no Bocage:

No começo não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 157).

No caso de sua pesquisa, o assunto feitiçaria ao qual estava interessada em entender, por uma série de questões e do contexto sociocultural de seu campo, não surgiria entre seus interlocutores de uma maneira espontânea se ela não se deixasse afetar. Observar o que não

poderia ser observado sem se deixar afetar arruinaria seu projeto de conhecimento. O jeito parecia embarcar em uma aventura pessoal em meio à enfeitiçadores e desenfeitiçadores no Bocage. Aí entra o diário de campo como um instrumento o qual permite em momentos posteriores objetificar a experiência subjetiva do pesquisador. Desse modo, para Favre-Saada seu diário tinha um objetivo a curto prazo pelo qual tentaria compreender questões urgentes de acontecimentos que ocorriam em campo e um outro objetivo a longo prazo em que posteriormente ela poderia compreender melhor a sua experiência como uma operação de conhecimento – “minhas notas eram de uma precisão maníaca para que eu pudesse, mais tarde, realucinar os eventos, e então – como eu não estaria mais ‘enfeitiçada’, apenas ‘reenfeitiçada’ – compreendê-los eventualmente”. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 158).

No meu caso com os jovens adventistas eu supostamente teria o que observar sem me deixar afetar, arruinado meu projeto de conhecimento não estaria. No entanto, eu gostaria de concretizar tal projeto a partir de uma observação participante intensa (sem afetação) aos modos malinowskianos me aproveitando da proximidade etária / geracional com meus interlocutores. Acreditava que essa proximidade seria o diferencial de minha pesquisa garantindo novos dados em relação às outras pesquisas já existentes sobre o tema justamente por conta da maioria dos pesquisadores não contarem com tal recurso⁷. No fim das contas, toda a expectativa falhou, pois frente à alteridade religiosa dos meus pesquisados, a distância metodológica que adotava em detrimento do medo da afetação e da conversão para não contaminar a pesquisa e comprometer a sua cientificidade, as questões éticas e pessoais mais os próprios desdobramentos do trabalho de campo, toda a expectativa dessa proximidade se tornou uma ilusão romântica. O campo é que quebrou qualquer tipo de romantismo.

São os imponderáveis da vida que devem ser registrados pelo pesquisador e submetidos a um esforço de análise científica. Segundo Malinowski eles expressam a atitude mental dos nativos. A título de exemplo, eles são:

... a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social ao redor da fogueira; a existência da hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e ambição pessoal se refletem no comportamento de

⁷ De um modo geral sempre há uma distância geracional entre os pesquisadores sobre juventude. No entanto, a mudança de tal quadro não parece distante na medida em que cada vez mais os indivíduos ingressam na prática da pesquisa científica muito jovens.

um indivíduo nas reações emocionais daqueles que o cercam. (MALINOWSKI, 1978, p. 29).

O registro disto só se faz por meio da observação participante mergulhando profundamente na vida nativa, registrando não só acontecimentos, mas todos os detalhes deles e das relações que neles aparecem. Na sistematização dos dados sob os parâmetros pressupostos pelo autor, o pesquisador aparecia na etnografia como um narrador onisciente, imparcial, que se valia daquela produção textual construída com base em sua experiência (aquele tipo de autoridade etnográfica experiencial) para constatar a verdade geral por trás das relações humanas.

Para captar os imponderáveis da vida dos jovens Adventistas do Sétimo Dia eu esperava que na medida em que fosse me familiarizando com eles fosse meio que “adotado” por suas famílias adentrando e circulando pelas redes de parentesco adventista podendo conviver de forma intensa com todos e sem maiores constrangimentos. Com o tempo percebo que isto não seria feito a não ser que me deixasse afetar, algo que não estava disposto.

É preciso deixar claro que para Favret-Saada, se deixar afetar nada tem a ver com uma operação de conhecimento por empatia. Não se trata de se imaginar no lugar do outro, nem conhecê-lo por um ato comunicativo regido por um sentimento de identificação. Deixar-se afetar é ocupar o lugar que ocupa o nativo, não necessariamente tornando-se um, mas adentrando no circuito simbólico por onde correm sentimentos, sensações, percepções, que nada informam sobre os afetos do outro, mas mobilizam ou modificam o próprio estoque de imagens do pesquisador sobre o repertório simbólico da cultura estudada.

Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações, percepções e pelos pensamentos” de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, e pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas tem então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159).

Tal experiência podendo ser encarada como uma aventura pessoal acaba por ser um risco ao trabalho científico, pois além de quebrar a distância metodológica exigida, deixa em suspenso o treinamento teórico para poder se deixar levar. Para não se perder em tal aventura

foi que a autora na tentativa de objetivá-la fez uso sistemático de seu diário de campo como já explicado. A etnografia resultante desse tipo de experiência é diferenciada e apresentaria quatro traços distintivos: estatuto epistemológico das situações de comunicação involuntária e não intencional oriundas da experiência do se deixar afetar; tolerância do pesquisador em viver um tipo de *schize*; tempo de análise bem posterior, pois a experiência da afetação não permite sua narração e se for narrada não será compreendida; densidade particular dos materiais recolhidos conduzindo inevitavelmente para a quebra das certezas científicas mais bem estabelecidas (FAVRE-SAADA, 2005, p. 160).

Tinha muitas barreiras éticas para me deixar afetar, pois ocupar o lugar do nativo no meu caso seria aceitar o processo de conversão, uma aventura pessoal da qual não me atreveria a realizar. Isso estava claro para mim desde aquele primeiro dia em que caminhava pelas redondezas do Parque 13 de Maio junto ao grupo de jovens adventistas com quem tinha primeiramente me socializado. Aquele primeiro contato tinha um misto de excitação e constrangimento, demorou um pouco até eu me acostumar a frequentar e estar em um meio religioso protestante. Se não estava disposto a me afetar pelo campo na qualidade de isso se tornar uma experiência por demasiada pessoal, então que o projeto de conhecimento fosse realizado por empatia. Com o tempo, na medida em que avançava a pesquisa e o campo se delineava melhor para mim, assumia uma postura metodológica clássica, mas não romantizada. Tentando deixar meus preconceitos de lado, fazendo os devidos exercícios de relativização, amparado por um arcabouço teórico que me informava sobre aquele universo de pesquisa, construía uma relação dialógica com meus interlocutores Adventistas do Sétimo Dia, jovens ou não, estando aberto as suas evangelizações (sem me deixar convencer por elas!) dando crédito as suas palavras e ações na tentativa de compreender o sistema religioso e a maneira pela qual ele se incorporava neles. Dessa maneira, a estratégia adotada foi estar aberto ao diálogo ainda que isso fosse feito inicialmente com intenções evangelizadoras da forma tipicamente adventista. Isto fica evidente quando mencionei na narrativa inicial que:

“optei por viver aquele momento junto aqueles jovens, aberto as suas palavras e evangelizações enquanto nos organizávamos para transmitir a mensagem do Senhor revelada a Ellen White e escrita naquele livro ao qual distribuíamos”.

Quando não mais conseguia anotar em diário no Parque 13 de maio.

Havia limites para a minha participação. Eu via, ouvia, falava, questionava, anotava, acompanhava, mas não fazia, pelo menos não fazia tudo que eles faziam. Mostrava-me aberto

para escutar e aprender sobre a palavra, pois isso para eles significa aprender sobre eles e, mais importante (do ponto de vista deles), aprender sobre Deus. Os questionava, não de modo inquisitivo e deslegitimador, mas com curiosidade antropológica. Outro momento ilustrativo desta estratégia de estar aberto ao diálogo inicialmente evangelizador é após o término da distribuição dos livros e revistas pelas ruas nas redondezas do Parque 13 de Maio no retorno ao local quando um jovem me fala das concepções escatológicas da IASD fundamentando-as biblicamente, me mostrando a palavra.

“No fim das contas percebo que aquele momento não era apenas de uma simples explicação, eu também estava sendo evangelizado. Aquele jovem estava me mostrando a palavra, seria pelo conhecimento dela que Jesus Cristo e o seu retorno seria revelado a mim como a verdade fundamental. Descubro posteriormente que aquilo meio que funcionou como uma introdução à escatologia. Fui convidado depois para uma sessão de estudo bíblico quando houvesse oportunidade”.

Naquele momento a minha falta de familiaridade com a religião sem contar o meu desconhecimento bíblico não me permitiram compreender plenamente o conteúdo de suas palavras reificadas pela escritura sagrada, contudo tinha sido uma situação muito ilustrativa do que estaria por vir na minha pesquisa. Descubro depois que o estudo bíblico ao qual me tinha sido oferecido é etapa obrigatória no rito de passagem para se tornar um Adventista do Sétimo Dia. Nunca aceitei tomar esse estudo.

Dessa forma a pesquisa prosseguiu. Orava e me ajoelhava com eles, mas não evangelizava e não pregava para ninguém; escutava suas palavras e demonstrações bíblicas, mas não cantava suas músicas; por vezes saía em fotos e ia para eventos informais, mas não entoava seus gritos de guerra, não era um guerreiro de Cristo. No começo me sentia constrangido, era minoria e a imagem que tinha daquela igreja, por mais treinamento antropológico que tivesse era de um enganoso senso comum imaginando um grupo neopentecostal que tenta empurrar Deus goela abaixo aos indivíduos. Os Adventistas do Sétimo Dia estão longe disso.

1.3 Imponderáveis adentro

Os imponderáveis da vida no intercurso cotidiano dos indivíduos são aquilo que deve ser observado e registrado sistematicamente pelo observador, pois não se mensuram de alguma outra forma mais adequada que não esta. Por outro lado, alguns desses atos devido a

sua intensidade e significação nem sempre podem ser observados e narrados se o pesquisador não se permitir afetar. Experiência que põe em jogo questões éticas e epistemológicas da pesquisa científica. Estava claro para mim que o caminho a ser adotado seria o da empatia, para os Adventistas, por outro lado, a experiência da afetação era inevitável. “*Geová está aqui para fazer a pesquisa de mestrado, ele não é adventista*” – dizia minha amiga. “*Ainda não!*” – era a resposta ouvida. Com um nome poderoso como o meu, passar despercebido pelo campo tendo em vista ser ele um meio religioso era meio difícil. Tinha dificuldade para lembrar dos nomes e rostos das pessoas, mas o contrário não se dava.

Alves (2011, p. 37-38) diz que “dar voz aos jovens, na pesquisa, não significa considerar toda e qualquer percepção como verdadeira, mas ao mesmo tempo, não quer dizer prescindir dessas percepções como se elas não estivessem presentes”. Foi dessa forma que conduzi meus diálogos e minhas observações com os jovens iasdianos. Assim, ainda que deixasse de lado o recorrente “*ainda não!*” desses jovens em relação ao fato de não ser adventista, não podia ignorar a naturalidade com que eles enxergavam um inevitável processo de ser afetado da minha parte. Isto porque eles compreendiam que estava realizando uma pesquisa científica em uma religião a qual mantém íntimas relações com o modelo científico de busca do conhecimento. Embora não seja empirista, o modo de leitura, estudo e interpretação bíblica do Adventismo do Sétimo Dia é fortemente racionalista com forte base na dúvida metódica cartesiana. Assim, o processo de ser afetado era naturalizado por meus interlocutores em detrimento da noção vigente de que a verdadeira ciência é aquela que revela Deus, portanto conhecer a IASD e seus jovens por meio da antropologia era um caminho perfeitamente viável para isso. A sinceridade metodológica me guiaria para a verdade, isto é, Deus, logo, seria convertido. Não é preciso dizer que como a maior parte dos grupos religiosos cristãos, a IASD se pensa como a portadora da verdade e particularmente incumbida da missão de espalhar a mensagem profética do breve retorno do filho de Deus.

Era a fé dos meus pesquisados que durante a pesquisa eu me convertesse que me abriu caminho para dar prosseguimento ao estudo. Em detrimento disso, apesar das sutis tentativas de evangelização, muito frutíferas em termos de aprendizado, nunca senti maiores pressões para a conversão. As coisas estavam no ritmo, os imponderáveis adentro.

Criar relações em um ambiente religioso do qual não estava familiarizado foi desafiante. Estabelecer as fronteiras e limites da minha observação participante de modo a garantir tanto a viabilidade quanto a cientificidade da minha pesquisa era algo difícil e que me fazia manter a todo tempo vigilante. O diário de campo foi um instrumento importantíssimo

para o processo, inclusive porque ele foi uma manifestação concreta e visível para mim e para os outros do meu papel de pesquisador. Se os adventistas carregam suas bíblias (geralmente marcadas, repletas de anotações e apontamentos em papéis anexos) para lá e para cá como uma de suas marcas identitária visível e concreta, o mesmo fazia com meu caderninho sob o qual vivia escrevendo toda a vez que me era possível. Este ato era polissêmico, pois uma vez perguntaram enquanto anotava durante um culto: “*você é sociólogo ou antropólogo?*” e noutra “*Com licença, você anotou o trecho falado? Qual o versículo?*”. No primeiro caso, meu papel de pesquisador foi reconhecido, pois alguns dos fiéis da congregação estudada possuía grau de instrução elevado a ponto de conhecer as ciências sociais e suas peculiares técnicas de pesquisa; já no segundo, o ato de anotar poderia me fazer um fiel ou interessado que estudava as escrituras com afinco, nenhuma surpresa para o tipo de religião que é o adventismo.

O diário era um símbolo de objetividade – podia ser para mim como um fazedor de ciência, podia ser para os meus pesquisados (os que desconheciam os meus propósitos) na sua percepção sobre mim como um estudante da bíblia interessado. Contudo, ele por vezes chegou a estabelecer certa distância, barreira, entre mim e o campo. Objetividade demais também não levaria a Deus, se você não se deixasse tocar por ele (nos momentos musicais ou de orações, em especial). Já pelo final do trabalho de campo, na semana de oração jovem, um rapaz que já me conhecia de vista de tanto ir a IASD Central e que tinha começado a ter mais contato a umas semanas antes, disse-me durante o final de culto: “*Amanhã venha sem o seu caderno, deixa a pesquisa um pouco de lado*”. Ora, ele estava me propondo à experiência da afetação. Nos dias seguintes da semana de oração em que estive presente junto a ele, ele ficou me incentivando a cantar, a ir na frente do altar fazer minhas orações e pedidos a Deus. Educadamente dispensei tudo isso. Mas seguindo o conselho do rapaz, não tinha levado meu diário em alguns dias. Não que tivesse aceitado a proposta de afetação, simplesmente, assim como fiz em muitas das minhas outras visitas anteriores e posteriores, tinha resolvido sair de toda a formalidade de pesquisa que o caderno me induzia. Afinal, os momentos não metódicos (OLIVEIRA, 2000) também se constituem como momentos de pesquisa pelos quais o princípio de intersubjetividade pode melhor fluir por meio do confronto com os momentos metódicos.

O diário foi muito conveniente para mim na medida em que não só me fazia pensar que a objetividade da pesquisa estava garantida, como também complementava uma certa invisibilidade da minha pessoa em detrimento das particularidades de se pesquisar em um

templo central, representativo da denominação na cidade, com mais de mil membros, totalmente diferente de um templo menor de 50 à 60 filiados em um bairro periférico onde realizar uma pesquisa e ficar invisível é uma opção inexistente. Portanto, as minhas visitas a IASD Ibura de Baixo por um mês, para tentar realizar um breve comparativo, não eram passadas despercebidas ao contrário do que muitas vezes ocorreu no meu trabalho de campo na IASD Central⁸. Noto o quanto ter ficado “invisível” neste templo não só me era confortável de certo modo como também me garantiu prosseguimento no trabalho de campo sem maiores vigílias ou interferências das hierarquias da igreja. O estudo de uma religião em um determinado templo pode implicar na necessidade de autorização da pesquisa por parte do responsável do templo ou outras hierarquias ligadas à religião, o que acarreta em muito dos casos em relações de vigilância e concessões entre hierarquia, comunidade religiosa e pesquisador, trazendo inclusive consequências para o desenvolvimento da pesquisa e o tipo de conhecimento que produz. Por a IASD Central do Recife ser muito grande, meu canal direto de comunicação foi com os seus fiéis e algumas lideranças informais por meio de uma amiga. Era nestes tipos de indivíduos que estava interessado. Apenas próximo ao final do trabalho de campo é que cheguei a me apresentar mais diretamente para alguns pastores e anciões pedindo permissão para entrevistas e conversas, explicando os meus propósitos. Neste quesito não tive problemas em me inserir em campo. A grande membresia em detrimento do tamanho e importância daquela igreja ocupava demais as maiores lideranças não tendo tempo elas de se preocupar comigo me deixando a vontade e livre para pesquisar. Ao mesmo tempo os adventistas sempre se mostraram solícitos e receptivos a minha pessoa e aos meus propósitos, alguns obviamente com algumas hesitações ou mesmo pedindo retorno de meu trabalho posteriormente. Exemplo disto foi no sábado dia 21 de abril de 2012 em uma despedida do pôr do sol na Universidade Federal de Pernambuco, em um lugar intitulado laguinho.

A despedida foi organizada pelo grupo jovem da IASD de cavaleiro, bairro pertencente a cidade de Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife. O evento congregava jovens e alguns fiéis mais velhos das mais variadas IASDs. Encontrei alguns conhecidos de vista da IASD Central os quais cumprimentei e puxei algum papo no que desencadeou apresentações e conversas com outros indivíduos. Já pelo final do evento, depois de muitas orações, gincanas, cantorias, abraços e demasiados momentos de sociabilidade cristã,

⁸ Entre os meses de julho e agosto de 2012 realizei algumas visitas a IASD localizada no bairro do Ibura de Baixo. A intenção era obter um panorama diferenciado da religião e seus seguidores a partir de um perfil mais popular e das camadas mais baixas, mais típicos da periferia. O pequeno templo da IASD Ibura de Baixo, pertencente ao distrito do aeroporto, deu um bom subsídio para isto. No entanto, é preciso dizer que o presente estudo não é comparativo, no máximo dá pequenos indícios das implicações na pesquisa da relação pesquisador e seu campo a partir do estudo de templos religiosos geográfica e socioeconomicamente diferenciados.

conversando com algumas pessoas sobre a minha pesquisa eis o que uma jovem moradora do bairro do Ibura, UR-10, me questiona: “Mas vê só, essa tua pesquisa ela louva ao Senhor, ou tu vai lá, anota e depois mete o pau?” Ela me olhava como se a resposta tivesse que ser uma coisa ou outra e eu tinha o dever de explicar que não era nenhuma das duas acarretando em alguns minutos de introdução a pesquisa antropológica e compromisso ético e epistemológico que guiava a minha pesquisa.

Sábado – 21.04.2012: Culto Jovem Adventista - Despedida do pôr-do-sol
UFPE – Lagunho / Trecho do diário de campo

Na IASD Ibura de Baixo por ser bem menor em tamanho e membresia, notícias sobre minha presença e pesquisa corriam rápido e o ancião responsável pelo templo sempre vinha falar comigo. Se realizasse uma pesquisa mais sistemática ali certamente em algum momento esbarraria em alguma situação na qual as dimensões de “vigília epistemológica do outro”⁹ e do jogo de concessões se tornariam explícitas. Ainda assim, os iasdianos se mostraram abertos, algo um tanto difícil, por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras (neo) pentecostais, pois por serem muito estudadas e “depreciadas” (muitas vezes injustamente) no círculo acadêmico, suas hierarquias demonstram muita resistência quando não controle aos projetos de pesquisa referentes às igrejas – mecanismo de defesa. Por os Adventistas do Sétimo Dia, dotados de certa invisibilidade e estranhamento, seja no campo religioso, seja no mundo acadêmico, serem muito pouco estudados e quando são geralmente é por eles mesmos (voltarei a este ponto mais adiante), este tipo de coisa está menos sujeita a acontecer. Ainda que seja uma religião emergente e de relações com a esfera pública tão impactante quanto as dos tipos de igrejas antes citadas, suas peculiaridades como um sistema religioso dinâmico, atual e complexo ainda não ganharam a devida apreciação.

Enfim, a (in) visibilidade do pesquisador no campo religioso em templos de perfis socioeconômicos diferenciados implica em percursos de pesquisa e produção de conhecimento distintos. Vai ser de acordo com as peculiaridades do campo, a natureza das relações travadas com os pesquisados, a posição ocupada por eles no interior do campo e no contexto da pesquisa, assim como a personalidade do pesquisador, os elementos a emoldurar as posturas metodológicas adequadas para a viabilidade do trabalho antropológico proposto.

⁹ A vigília epistemológica do outro se dá quando o grupo de estudo toma para si os critérios de avaliação e desenvolvimento da pesquisa de forma direta ou não dizendo, por exemplo, o que, como e quem deve ser pesquisado. Neste sentido, os nativos seriam os “coordenadores da pesquisa” o que implica mudança na natureza da relação pesquisador-pesquisado no campo.

Sobre isso é ilustrativo o caso de César Ceriani Cernadas (2000), pesquisador do adventismo na Argentina. Ao relatar sua experiência no culto da Santa Ceia¹⁰, busca refletir sobre os limites da participação etnográfica. Em resumo o culto da Santa Ceia configura-se como um rito dividido em duas partes: o rito de humildade (o lava pés) e o rito de comunhão. O culto como um todo compreende uma alusão à última ceia de Cristo com os apóstolos. O lava pés sendo aquele conhecido momento em que Cristo lavou os pés de seus apóstolos representando isto um símbolo de humildade, é aludido no culto pelo mesmo ato entre os fiéis onde em salas separadas e em duplas, homens, mulheres, crianças e casais lavam e secam os pés uns dos outros. O rito de comunhão por sua vez é semelhante ao rito da transubstanciação dos católicos, mas sem o sentido que lhe é atribuído nesta religião. Tendo suas peculiaridades, em suma, é oferecido pão sem fermento (símbolo de pecado para os adventistas) e suco de uva.

La cuestión es que antes de comenzar el rito tanto unos fieles como el pastor me invitan a participar activamente en él, es decir aceptar que un fiel adventista me lavara y secara los pies y yo hiciera lo mismo con él. Casi sin vacilar respondí: "no gracias, prefiero observar, si no les molesta"; me contestaron que no había ningún problema y allí me quede solo observando. Sin embargo minutos después, cuando me ofrecieron participar en la comunión, no dude en aceptar y comer mi pedazo de pan sin levadura y mi copa de jugo de uva. (CERNADAS, 2000, p. 9-10).

O autor se pergunta a respeito de suas ações neste caso, porque não aceita participar do primeiro rito e sim do segundo? Que sentido tem estas ações em um contexto de relação e conhecimento com o “outro” religioso?

Cuando aquel día elegí no participar en el rito de humildad adventista sentí que hacerlo sería un acto de hipocresía: ¿cómo voy a lavarle los pies a otra persona, y dejármelos lavar por ella, si no solo no la conozco sino que no comparto sus creencias religiosas ni creo en la eficacia simbólica de sus ritos? Esto se mezclaba a su vez con un temor a que pensarán que aceptar el ofrecimiento podría interpretarse como un signo de estar experimentando un cambio espiritual. Pero esta última cuestión encierra uno de los temores recurrentes en el trabajo de campo en grupos religiosos donde uno casi siempre viene a ser algo así como un "converso potencial" (Prat, 1998), tanto para la mirada de los creyentes como para las propias autopercepciones. No me estaban ofreciendo el acceso a un saber oculto e inefable u

¹⁰ Para fins práticos resumirei a descrição do culto seguindo Cernadas (2000).

otorgarme un poder especial, solo me ofrecieron participar con ellos, disponer mi cuerpo del mismo modo en que disponía mi atención o mi curiosidad intelectual. Pero este disponer de mi cuerpo, implicaba justamente una disposición del Ser y una representación particular que como antropólogo me había forjado en el campo. (CERNADAS, 2000, p.10).

São estes tipos de acontecimentos em campo que faz o pesquisador refletir a respeito dos limites de sua participação pondo em prova a si mesmo e sua própria arquitetura metodológica. São momentos que pedem (quando não exigem) o se deixar afetar e dos quais não há manual metodológico de Ciências Sociais que nos ajude em situações semelhantes mais do que nosso bom senso. O campo apresenta (às vezes força) caminhos, mas é o pesquisador que faz a escolha de percorrê-los ou não e de como fazer isso. Em meu caso, nos dois cultos de Santa Ceia que assisti durante meu trabalho de campo, não participei em nenhum momento, nem no lava pés, nem na comunhão. Apenas acompanhava e observa aquilo que me era permitido e ao qual me permitia. Os motivos? Os mesmos elencados por Cernadas:

En este caso en particular considero que ese "sentimiento de hipocresía" o el "temor a la confusión de roles" que surgieron en mi como justificaciones para no participar en realidad esconden una mirada objetivista de la práctica etnográfica, de posicionar una 'distancia necesaria' entre el investigador y los sujetos de estudio, articulados tal vez con ciertos ecos naturalistas de observar sin distorsionar, buscando escapar así a la contingencia del encuentro etnográfico y las consecuencias de la misma. (CERNADAS, 2000, p. 11).

No caso do rito da comunhão, desconheço a religiosidade do referido pesquisador e nada posso dizer sobre sua participação nele, ele não dá detalhes sobre isto, mas no meu caso além do próprio rito de comunhão ser adventista, estar no contexto da religião da qual nada partilho, ele também guarda semelhanças com o rito da religião católica da qual também já não me considero como adepto, logo me sentiria duplamente incomodado na participação do momento de comunhão no culto adventista da Santa Ceia. Outro fator é que me foi informado por um dos fiéis que me acompanhava neste culto específico que só poderia partilhar do pão e suco de uva com os demais se tivesse também participado do lava pés (rito de humildade).

Todo este caso do culto adventista da Santa Ceia, experienciados por mim e Cernadas, este fazendo referência a disposição de seu corpo a viver uma experiência etnográfica aberto a

uma nova experiência de Ser, ainda que limitada, remete a uma outra noção, a de deslocamento, um deslocamento de “corpo inteiro” pelo qual o corpo e todo o aparato cultural que carrega se desloca rumo ao “outro” (ACIOLY, 2011). É este movimento que constitui o trabalho de campo atual na antropologia, na qual no período clássico o deslocamento era uma experiência de viagem (literal) ao distante, exótico e primitivo. Um deslocamento físico símbolo da retenção da identidade do pesquisador de modo a garantir sua imparcialidade conjuntamente com a objetividade e cientificidade de sua pesquisa. Contudo, agora tal tipo de deslocamento não é mais garantia metodológica, uma nova interpretação é criada.

Entendo, portanto, que o antropólogo ao se deslocar das suas referências culturais, entra em um jogo de resignificação, cujo corpo e subjetividade serão os referenciais simbólicos a todo o momento presentes na relação etnográfica, pois exercem influências na ação dos outros. (ACIOLY, 2011, p.13).

A experiência etnográfica de Cernadas entre os Adventistas do Sétimo Dia é contrastada pelo mesmo autor na experiência posterior entre os Mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) onde o deslocamento de “corpo inteiro” se faz sentir dessa vez por uma postura que o pesquisador vai chamar de “maturidade etnográfica” ao adotar um estilo (manifesto no corpo) mais condizente de participação no grupo religioso através das vestimentas adotadas (vestimentas ao estilo Mórmon). Esta preocupação era inexistente na sua pesquisa com os adventistas, configurando-se, levando em consideração seu ponto de vista, como uma imaturidade etnográfica. Afirma não ter se preocupado em pensar como se apresentava frente a seus pesquisados descartando a possibilidade disso influenciar o sentido da relação intersubjetiva inerente ao trabalho de campo onde o pesquisador observa e é observado, escuta e é escutado, investiga e é investigado. Ele diz: "No voy a andar cambiando mi ropa habitual para ir a las reuniones del culto, eso nada tiene que ver con lo que debo hacer allí - pensaba - 'objetivamente'" (CERNADAS, 2000, p.13).

Não cheguei a ser ingênuo neste ponto, sabia que a minha presença em campo, o modo como me portava, me apresentava e era apresentado (corporalmente e discursivamente) repercutia para ambas as partes da relação etnográfica pesquisador, pesquisado. Não ia de qualquer modo para a igreja obviamente, mas digamos que também não ia necessariamente como um “crente”, ainda que minhas vestimentas, por exemplo, esbarrassem em algum tipo de identidade a qual os fiéis provavelmente tentassem enquadrar, pois a roupa pode dizer

muito a respeito do nível adventista (e de maturidade espiritual) que se está ou não, além de expressar configurações específicas de gênero e geração no interior do grupo religioso.

Do pouco material de Cernadas a que tive acesso a respeito de sua pesquisa sobre os Adventistas do Sétimo Dia na Argentina (1999, 2000) ficou perceptível que apesar de uma perspectiva diferenciada (abordagem mais histórica, diacrônica), compartilhamos metodologia e preocupações de pesquisa semelhantes sob o contexto de estarmos pesquisando um grupo religioso dentro dos nossos próprios países de origem. Diferente é o caso de Eva Keller (2005), também antropóloga cuja sua observação participante entre os Adventistas do Sétimo Dia ocorreu longe de casa e no modelo ao qual eu a princípio tinha em mente.

A referida pesquisadora realizou seu trabalho de campo na África, em Madagascar. Mais precisamente em uma pequena cidade chamada Maroantsetra e em uma vila próxima, Sahameloka, entre os períodos de maio de 1998 a setembro de 2000. Retornou a campo para uma pequena visita em 2004. Durante sua pesquisa conviveu com duas famílias adventistas estudando as congregações as quais cada uma fazia parte nos respectivos locais já mencionados. A principal meta da autora é entender quais as motivações que levam alguém a empreender uma boa parte do tempo de sua vida com a prática religiosa do Adventismo do Sétimo Dia. O que as pessoas veem nesta religião? O que de tão atrativo ela oferece em suas atividades? Qual o valor subjetivo da religião adventista para os seus adeptos? É sob estas perguntas que Keller se debruça em seu trabalho e muitas das quais também me fiz durante o meu (dentro de um recorte juvenil).

Seu interesse principal é na natureza do comprometimento religioso dos membros ordinários da IASD de Maroantsetra e Sahameloka no contexto cotidiano de suas vidas. Enfatiza que para entender a experiência da prática religiosa e do comprometimento dos membros ordinários é preciso viver com eles. Diz que os estudos do cristianismo não podem se limitar ao que acontece durante os serviços e eventos religiosos promovidos pelas igrejas, nem sobre os testemunhos, por mais importante que tais fatores sejam. Tais estudos devem envolver a observação de por qual (is) caminho (s) a prática e o pensamento religioso são parte e formam (ou não formam) a vida cotidiana dos indivíduos que vivem em bairros, vilas e estão imbricados em redes sociais de parentesco e amizade. Devem incluir como tais elementos afetam as crianças e adolescentes, a escola, etc. Enfim, a análise deve se aproximar dos membros comuns.

Tendo em vista tudo o que foi exposto até então, a leitura do trabalho de Keller foi angustiante. Nossos estilos de trabalho de campo, até pelo próprio contexto de pesquisa, eram

um tanto diferentes e dadas às considerações acima, a validade do que estava fazendo me soava ainda mais questionável. Contudo, as circunstâncias são bastante distintas: muito difícil comparar uma pesquisa de pós-doutorado em uma instituição londrina realizada por uma antropóloga alemã que resolve estudar um grupo religioso na África com a pesquisa de um estudante de mestrado que resolve estudar este mesmo grupo religioso no seu próprio país, na sua própria cidade. Além da distância em termos de maturidade intelectual, apesar de nossos objetos de estudo serem os mesmos, nossos universos de pesquisa, o modo de se ter acesso a eles e a natureza das relações pesquisador e campo eram completamente diferentes. De qualquer forma, nem tudo estava perdido. Na qualidade de uma ciência cumulativa, a antropologia se faz pelo diálogo interetnográfico. É apoiado na teoria e no *corpus etnográfico* pré-existente conjuntamente com o trabalho de campo do pesquisador (envolva ele a observação participante ou não) que o conhecimento antropológico é produzido.

Sendo o Brasil carente de estudos socioantropológicos do grupo em questão, me apoiei muitas das vezes no trabalho etnográfico de Eva Keller (2005) “The Road to Clarity: Seventh-Day Adventism in Madagascar” para construir minha própria etnografia da IASD travando em alguns momentos um diálogo por contraste, dado que não consegui viver com os fiéis como ela o fez. Assim, seu trabalho foi inspirador para escrever uma etnografia de um grupo religioso do qual não se pertence e do qual não se viveu nele a não ser pela observação do sábado. Desse modo, minha pesquisa e o presente trabalho como resultante dela, limitam-se em parte justamente ao que acontece durante os serviços e eventos religiosos promovidos pelas igrejas e aos testemunhos nelas vistos e escutados. Outras técnicas complementam a observação participante, explicarei melhor depois. Em síntese, não ter conseguido concretizar a inicial proposta “romântica” de pesquisa a qual Keller parece em certo sentido reificar não arruína o meu trabalho, mas o toma por caminhos e estratégias diferentes cujos novos obstáculos produzidos podem ser certamente resolvidos com o auxílio dos textos e pesquisados de Keller, Cernadas, entre outros intelectuais que se debruçaram sobre o mesmo objeto. O meu texto e os meus pesquisados são mais um a somar esse grupo e contribuir para o desenvolvimento de certa área do conhecimento antropológico.

Esta certa área específica do conhecimento antropológico, de forma ampla, seria a antropologia da religião. Expandindo um pouco este ponto, de maneira generalizada a antropologia da religião aqui no Brasil estaria no quadro das Ciências Sociais da Religião, marginalizado no campo científico por ser uma área academicamente impura de acordo com Pierucci (1999). Sua alegação parte de um “sentimento de insatisfação com a insuficiência do

commitment científico na área”, pois “as ciências sociais da religião no Brasil nunca foram, nem jamais chegaram a ser, uma área *puramente acadêmica*” (PIERUCCI, 1999, p. 244-245, grifo do autor). Isto porque muito dos pesquisadores da área, segundo ele, movem-se muita mais por interesses ideais, religiosos, que por interesses genuinamente científicos. Chama atenção para três perfis de quem pratica as Ciências Sociais da Religião no Brasil: (1) religiosos, dos quais muitos são profissionais da religião, mas que apesar disso conseguem praticar competentemente e em alto nível o labor científico; (2) religiosos *full time* que ao não saber separar as esferas praticam em detrimento disso, de modo acrítico, algo híbrido e indefinido alegando ser Ciências Sociais da Religião; (3) Pesquisadores, “puramente acadêmicos” (*menos male!*), isto é cientistas *full time*.

A crítica de Pierucci vai ao segundo grupo, uma espécie de mancha negra do imaculado campo científico (não tão imaculado assim quando o assunto é religião!). Neste sentido, o autor reintera uma antiga antítese, a saber, religião x ciência. Seu texto, o qual constitui um balanço bibliográfico da produção em sociologia da religião dos anos de 1970 a 1995 encomendado pela ANPOCS, permite inferir uma provocativa questão: afinal, quem pode fazer Ciências Sociais da Religião (no Brasil)? Certamente, para Pierucci, com exceção de uns poucos acadêmicos religiosamente confessos, apenas os puramente acadêmicos poderiam fazer isso com competência, na medida em que há uma tensão insolúvel entre estes últimos e uma intelectualidade clerical. Leia-se uma nota de rodapé entusiasta da parte dele:

É bem verdade que hoje, no final dos anos 1990, depois da oficialização dos cursos de pós-graduação em Ciências da Religião em muitas universidades brasileiras, poderíamos multiplicar indefinidamente a lista de agentes religiosos que se autoproclamam cientistas simplesmente porque fazem “ciência da religião”. *Durma-se com um barulho desses!* (PIERUCCI, 1999, p. 248, grifo meu).

Seguindo suas ideias, o campo científico ao qual o presente trabalho se situa sofre no Brasil de uma má formação congênita oriunda de uma (pseudo) sociologia religiosa (cristã católica) das décadas de 50 e 60 preocupada em entender o processo de declínio de uma religião hegemônica. Este foi o ponto de partida das Ciências Sociais da Religião no país que sob a conjuntura sociocultural da época dava claros sinais de vivido desenvolvimento visto a transformação por qual passava o campo religioso: secularização e modernização da sociedade, declínio da hegemonia católica, crescimento do protestantismo. Estava em vias de formação um quadro plural do campo religioso brasileiro representativo de uma noção de

“volta do sagrado”, objeto do olhar de pesquisadores na década de 70, marcada pelo surgimento de uma institucionalidade acadêmica a respaldar e impulsionar os estudos de religião no país. Se “a volta do sagrado” pode ser lida como uma constatação para o momento por qual passava o campo religioso brasileiro da época, Pierucci interpretava negativamente a expressão como “um elogio a religião”, elogio otimista feito por aqueles academicamente impuros, temerosos de uma realização prática e plena de uma teoria da secularização (no sentido do fim do religioso).

Voltando a questão de quem poderia praticar as Ciências Sociais da Religião, interessante notar a crítica de Camurça (2000) a este trabalho. Para além do caráter assumidamente partidário do balanço bibliográfico de Pierucci, o antropólogo chama a atenção para o fato de que a reflexão pode ser estendida, para se manter uma coerência acadêmica, para pesquisadores de outras pertenças: “uma militante feminista que faça antropologia de gênero, um ativista negro ou gay que realizem pesquisa sobre comportamento étnico e sexualidade, todos passíveis de suspeição metodológica e suas áreas sob o risco de se tornarem ‘impuras’ academicamente” (p. 73). O que não dizer da antropologia em seus primórdios cujas muitas pesquisas foram financiadas ou patrocinadas pelo empreendimento colonial com fins de dominação, isto para não falar de Marx e sua sociologia engajada ou dos intelectuais orgânicos de Gramsci. Diante destes exemplos de ciência impregnada de política (e vice-versa), onde estaria a pureza científica das ciências sociais de um modo geral? Até que ponto, por exemplo, a sociologia engajada ou a antropologia militante seriam menos científicas (ou puras)?

A ideia de pureza é lida com força e por de menos problematizada por Pierucci. Encontra a solução da contaminação das Ciências Sociais da Religião no Brasil em Bourdieu (1990) através de um exercício de sociologia reflexiva na premissa de uma necessária sociologia da sociologia da religião pela qual se fique claro quem está falando do que ou de quem, da onde e sob qual intenção. É o mínimo que se pode fazer diante do estado de “borramento” do campo religioso (PIERUCCI, 1999).

Convém lembrar que nesta dinâmica social das “fronteiras borradas” ocorre um fluxo migratório de conceitos, idéias e formulações de uma área à outra, num constante vai-e-vem; dentre estas, as que migram do nicho da ciência em direção ao mundo da religião. Basta lembrar a explícita influência do marxismo na “teologia da libertação” católica, ou, de uma maneira mais geral, a capacidade que tem “para o bem ou para o mal” o pensamento científico de produzir seus efeitos no meio religioso a pretexto de estudá-lo. (CAMURÇA, 2000, p. 76).

Isto é muito claro no Adventismo do Sétimo Dia no qual a oposição ciência e religião não se sustenta. Este fluxo migratório de conceitos de uma esfera à outra em detrimento das fronteiras borradas é muito evidente na religião, que a título de exemplo, conta com universidades, escolas e respalda muito de suas revelações bíblicas nas pesquisas científicas. Porém isto é outro debate. Como já dito anteriormente, não muito são os estudos no nível de pós-graduação aqui no Brasil estritamente sobre os Adventistas do Sétimo Dia, principalmente na área das Ciências Sociais. Os mais significativos são a dissertação de mestrado em antropologia social de Wagner Neves Rocha “O sábado e o tempo: análise de alguns aspectos simbólicos relativos à guarda do sábado na Igreja Adventista do Sétimo Dia” do Museu Nacional/RJ (1972); a tese de doutorado em sociologia pela USP de José Jeremias Oliveira Filho “A obra e a mensagem: representações simbólicas e organização burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia” (1972); e a tese de doutorado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista do Estado de São Paulo (UMESP) de Haller E. S. Schunemann “O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil” (2001)¹¹. Uma diversidade de outros trabalhos compõe o acervo científico a respeito da IASD. Sendo apenas os citados acima exclusivamente das Ciências Sociais, os outros veem das mais diferentes áreas: história, pedagogia, psicologia, nutrição, ciências da saúde e principalmente das ciências da religião e teologia. Poucos tratam da IASD em si, aderindo a temas transversais – missões, alimentação, educação, conceitos teológicos próprios da igreja. O método da maior parte destes trabalhos em geral é historiográfico fazendo amplo uso de documentos e registros da própria denominação. Desse modo o corpo etnográfico sobre a igreja, oriundo de trabalho de campo (no sentido de observação participante) é bem escasso.

Diante das circunstâncias, para a construção da presente etnografia foi necessário então um *bricolage* de impurezas na medida em que ela é informada pelas mais diversas ciências além das sociais. Ciências também academicamente impuras se levarmos em conta que os fatos, as análises e as reflexões que trazem são a maior parte oriundos de instituições e programas de pós-graduação de algum modo com filiação religiosa quando não de pesquisadores de religiosidade explicitamente confessa em seus trabalhos.

¹¹ Elenquei apenas os trabalhos explicitamente situados no campo das ciências sociais (sociologia e antropologia em especial). A disponibilidade e acesso a eles não me foi possível diretamente a não ser por outras fontes bibliográficas. Note-se que o último é oriundo de uma instituição universitária confessional de um programa de pós-graduação misto – ciências sociais e da religião, portanto, exemplo de “ciência impura”. O seu autor é o único com produção atual e contínua sobre a denominação em questão no Brasil, não por acaso está vinculado hoje em dia ao quadro docente da UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo, o maior da IASD no país.

Em decorrência disto advogo por um status epistemológico e reconhecimento ontológico de uma “ciência nativa” adventista que apesar de seus problemas é um ponto de partida, assim como o foi a sociologia católica do catolicismo dos anos 50 e 60, para um vivido desenvolvimento do conhecimento. Nenhuma pesquisa é puramente objetiva e imparcial, Weber (2006) já ensinava isso. Sempre há interesses ideológicos, religiosos, políticos, etc, e que nem por isso tornam menor o *commitment* científico. Não ser um adventista e ter deixado claro em campo não querer me converter com certeza me fechou algumas portas limitando de certo modo a profundidade do meu trabalho, o que talvez não aconteça com outros pesquisadores em decorrência da sua pertença. Acredito que a questão não se trate de um fazer pseudocientífico em decorrência de “impurezas” trazidas por pesquisadores nativos, mas de reconhecer que o envolvimento, ou não envolvimento, do pesquisador de religião com religião, seja a que estuda ou não, traz direta ou indiretamente implicações para a pesquisa e para as relações travadas em campo.

A tensão de ser um de fora sempre se mostrou evidente a mim quando ficou claro que se não o único, o meu trabalho é um dos poucos (na antropologia especificamente) a ser realizado por alguém que não é do próprio grupo. Não sendo uma batalha digamos de “puro x impuro”, a ideia é estabelecer um diálogo com a produção existente, ainda mais sabendo que é uma produção majoritariamente nativa. Este processo envolve tensão e expectativas, inclusive de um ponto de vista ético, para todas as partes envolvidas. Isto fica claro diante de muitos comentários e expectativas de meus interlocutores conjuntamente com o interesse de algumas lideranças da igreja que chegavam a meu conhecimento a respeito da minha pesquisa e o fato de ser eu, um não adventista, a fazê-la. Os encontros acadêmicos que participei durante meu mestrado apresentando trabalhos sobre os adventistas, também são um bom exemplo, no qual quando revelada a minha não pertença ao campo a curiosidade se mostrava ainda maior, principalmente entre os espectadores (e até em um outro pesquisador antropólogo) membros da denominação. Acredito que todo este processo é saudável, pois levando em conta as fronteiras “borradas” entre os campos científico e religioso (e entre tantos outros), o desenvolvimento do conhecimento não se faz sem debates, disputas e tensões oriundas justamente do citado fluxo migratório de conceitos, ideias, etc.

1.4 A construção etnográfica do objeto (e o objeto da etnografia)

A discussão epistemológica que se seguiu foi uma tentativa de desmistificar certos romantismos da pesquisa de campo antropológica assim como circunstanciar o modo como os imponderáveis puderam adentrar na análise etnográfica deixando claro a maneira como o pesquisador se relacionou com o seu campo e os seus interlocutores. A narrativa que abre o presente capítulo é o elemento a carregar o interlúdio entre o processo de desromantização do modelo de pesquisa malinowskiana e o reconhecimento dos imponderáveis possíveis de serem captados no campo levando em conta as limitações impostas por ele e também as limitações do próprio investigador.

A construção etnográfica do objeto não caminha sem passar por tal discussão. Por muito tempo, na verdade durante todo o trabalho de campo, insisti na juventude Adventista do Sétimo Dia, contudo percebi ao longo da pesquisa que era impossível compreender tal juventude sem compreender antes o sistema religioso ao qual estava inserida. Além disso, por uma série de dificuldades e a minha indisponibilidade por me deixar afetar, não consegui me inserir profundamente nos circuitos de sociabilidade juvenil como antes desejava. Sendo assim, diante das circunstâncias já citadas e da escassez de uma compreensão antropológica da Igreja Adventista do Sétimo que me informasse sobre o universo de pesquisa ao qual me encontrava, percebo que mesmo através dos jovens meu interesse se deslocava para a religião, sua doutrina, identidade e de como isso tudo se apresenta no campo religioso brasileiro, quais as implicações de sua presença (marginal) neste campo e as relações que carrega com a esfera pública visto que não se trata de um grupo religioso isolado e afastado, mas com amplos canais de comunicação com o mundo. Desse modo, minha pesquisa já não se tratava mais de compreender uma juventude religiosa, mas de através dela, entender uma religião a partir da sua igreja e das relações que mantém com o campo religioso e a esfera pública. De qualquer modo, os jovens iasdianos foram a porta de entrada e a janela pelas quais adentrei e vislumbrei respectivamente o Adventismo do Sétimo Dia. Meu primeiro dia de campo deixa isto bastante claro.

A compreensão do Adventismo do Sétimo Dia, portanto, é oriunda da observação do sábado, o objeto da presente etnografia. Para este fim o templo da IASD Central, no centro da cidade do Recife – PE, localizado no bairro da Boa Vista, foi o escolhido como universo de pesquisa. Como já relatado, cheguei neste templo através de uma amiga adepta da religião que me apresentou ao campo e lá fui fazendo a rede de contatos. Apostava nesta minha amiga

como uma informante privilegiada capaz de me fazer adentrar profundamente nos círculos de amizades dos jovens iasdianos, algo que não aconteceu, dentre muitos motivos, alguns já citados, o fato dela não poder mais me acompanhar em campo já que não era membro oficial daquele templo tendo outras atividades a se comprometer na IASD da qual fazia parte efetivamente. Além disso, motivos pessoais dela fizeram com que não frequentasse mais de forma assídua aquela igreja. Isto acabou por transformar minhas expectativas e mudar minhas estratégias de pesquisa visto que não queria abandonar ou trocar de IASD já que tinha iniciado meu campo de maneira bem sucedida ali, mesmo que não do jeito que esperava. O resultado desse processo culminou na reflexão proposta neste capítulo.

Minhas visitas a IASD Central se concentraram entre os meses de setembro de 2011 a outubro de 2012. Acompanhava e observava as atividades religiosas promovidas naquele templo quase que exclusivamente aos sábados, ainda que não fosse sistematicamente para todos no referido período. Ora estava na igreja pela manhã, ora pela tarde e algumas vezes o dia todo. Guardarei as características da congregação e sua comunidade religiosa para depois, mas em decorrência destas características é que minha inserção em campo e compreensão da religião foram um tanto mais demoradas me fazendo dedicar um tempo maior do que planejado aquele templo, o qual se tornou quase que exclusivamente meu universo de pesquisa¹².

Além do sábado, há cultos nas quartas-feiras e domingos. Isto é comum para todas as IASDs. Cheguei a acompanhar alguns poucos cultos nestes dias. Também foram feitas, como já mencionado, algumas poucas visitas a IASD Ibura de Baixo entre julho e agosto de 2012. Além disso, outros eventos mais informais ou de outra ordem que não religiosa podem ser inclusos como elementos de análise etnográfica na medida em que se constituem como momentos não metódicos da pesquisa de campo, tão frutíferos quanto os momentos metódicos. Assim, refeições com interlocutores, o ensaio do coral jovem, conversas informais dentro e fora da igreja, despedida de pôr do sol e até encontros acadêmicos foram situações de fundamental importância para minha pesquisa assim como para meu crescimento como pessoa e profissional pelas quais pude estabelecer novos contatos e alguns amigos.

Todo este conjunto de considerações na verdade compreendem a observação participante na sua apreensão total. Além dela realizei algumas entrevistas na forma de

¹² A ideia inicial era estudar sistematica e comparativamente a juventude de duas IASDs – a central e alguma outra localizada em um bairro mais periférico de modo a avaliar perfis de fiéis socioeconomicamente diferenciados. Contudo, as limitações de uma pesquisa a nível de mestrado e as dificuldades de campo com a IASD Central me fizeram concentrar minha atenção apenas nela.

trajetória de vida com alguns jovens que conheci durante o trabalho de campo. Ao total foram seis jovens: um ex-adventista, um pastor responsável por outro distrito que não o da IASD Central, dois rapazes e uma moça da IASD Central e uma outra moça (minha amiga) membro de uma outra IASD da Região Metropolitana do Recife. Tem-se ainda três entrevistas semiestruturadas: uma com o pastor responsável pela IASD Central, uma com o ancião que cuida do departamento jovem desta igreja e uma com a ex-diretora de jovens (com ela foram dois tipos de entrevistas: a semiestruturada e a trajetória de vida)¹³. Por fim, ainda há os materiais produzidos pela própria igreja que tive acesso: livros, panfletos, informativos, DVDs, CDs musicais, etc, além das notícias e reportagens sobre a denominação veiculadas em algum meio de comunicação que não pertencente à instituição (jornais e sites da internet).

Este acervo constitui os dados coletados referentes a este pouco mais de um ano de pesquisa de campo cujo qual apresento neste trabalho a análise apenas de uma parte dele. Desse modo, o tema central desta dissertação é um estudo etnográfico entre Adventistas do Sétimo Dia na cidade de Recife – PE tendo em vista a observação do sábado, marca principal da denominação se levarmos em conta sua identidade pública tanto no campo religioso como no senso comum.

Tendo a discussão sobre juventude sido relegada para outra oportunidade, cabe então fazer o adendo de que a juventude neste trabalho não é interpretada como uma fase da vida limitada a um intervalo etário, mas como uma categoria plural referente a um determinado período constituído de experiências singulares que só pode ser compreendida em diálogo com os vários atores envolvidos no processo de pesquisa, logo, há a concepção de juventude do pesquisador, dos interlocutores, da igreja e da própria teoria social. O primeiro dia do meu trabalho de campo no dia mundial do jovem adventista é ilustrativo destas diversas concepções de juventude em circulação, pois há um pesquisador que se considera jovem munido de um aparato teórico mínimo sobre juventude para pensar os jovens Adventistas do Sétimo Dia com quem dialoga neste dia tendo eles uma imagem e percepção própria da fase de vida em que se encontram além de estarem inseridos no jogo de expectativas da própria IASD a qual os concebe como os “Guerreiros de Cristo”.

No que diz respeito a teoria social vale fazer menção a noção de Flitner (1968) de situação juvenil como um modelo para se pensar a categoria juventude. A ideia de situação juvenil implica em reconhecer a categoria juventude como histórica, social e cultural, de singularidade própria não se distinguindo apenas de outras categorias etárias, mas também de

¹³ O apêndice B traz um quadro mais sistemático a respeito das entrevistas e dos entrevistados.

si própria na medida em que cada tipo de juventude carrega um valor em si. Não há uma situação juvenil, mas várias e, ser um jovem Adventista do Sétimo Dia compreende uma dessas situações possíveis. O autor, com base na psicologia da juventude de Eduard Spranger, ainda concebe a juventude ou estar em uma situação juvenil em um quadro de afastamento da tutela familiar para a circulação na estrutura social mais ampla.

Uma das características mais evidentes dessa idade [a idade juvenil] é a de que o jovem se torna consciente de que não pode permanecer na dependência espiritual e no aconchego familiar, mas que necessita ingressar na ordem social e continuidade cultural, que é necessário compreendê-las e absorvê-las, mantendo uma atitude mental e espiritual independente a seu respeito. O jovem se vê extraído de sua existência fechada e indiferenciada, para ser colocado no mundo incongruente de múltiplos relacionamentos mentais e de valores; vê-se envolvido em questões profissionais, sociais e políticas, racionais, de gosto e religiosas, sendo intimado a tomar posição; chamado, mas ao mesmo tempo, ainda não bem admitido às ambições e divergências do mundo adulto. (SPRANGER apud. FLITNER, 1968, p. 52-53).

Ao encontro desta concepção está Mannheim (1968), pois para ele a juventude representaria uma cisão de mundos para o indivíduo, a entrada nela significaria a saída do mundo privado e a entrada para o mundo público. Ela é o momento de rompimento com a estrutura familiar para adentrar numa estrutura mais complexa e entrelaçada por inúmeros subsistemas, a estrutura social. Nesta passagem, conflitos e tensões são inevitáveis, pois dizem respeito às divergências existentes entre família e a sociedade. Isso poderia ser explicado devido à distinção de que nesta há inúmeros novos agentes e mecanismos de socialização enquanto aquela é única e assume uma atitude de proteção e monopolização do jovem¹⁴. Nesse processo de transição e circulação nas mais diferentes esferas sociais está a situação da juventude Adventista do Sétimo Dia, grupo pelo qual busquei compreender a IASD e cuja marca religiosa o faz carregar a tensão e os desafios próprios da experiência de situação juvenil construtora de uma identidade particular.

¹⁴ A família no mundo contemporâneo vem passando por diversos rearranjos, o que amplia a gama de configurações parentais possíveis, consequentemente, incluindo um leque maior e mais diversificado de agentes e mecanismos socializadores dos jovens no âmbito familiar. Desse modo, a família não mais concebida como entidade homogênea e única nos processos de socialização juvenil, por meio dos processos de divórcio, uniões homossexuais, facilidades de adoção, entre outros se torna um agente socializador tão multifacetado quanto as mais variadas instâncias da estrutura social em tempos recentes. No entanto, tal fato parece ainda não anular as divergências, principalmente no campo dos valores morais, entre família e estrutura social tal como foi apontado pelos autores em evidência.

Os jovens de igreja, em si, são um segmento que se destaca de outros jovens. Lançam mão dos sinais diacríticos que marcam a juventude, como lazer, sociabilidade, namoros, músicas, aprendizado e educação, e colorem esses sinais com a particularidade das suas denominações religiosas. (SCOTT & CANTARELLI, 2004, p. 387).

Dito tudo isto, cabe apenas uma última consideração: o duplo sentido atribuído a observação do sábado, pois se escolhi construir a relação com meus interlocutores pelo princípio da empatia e não da afetação, ainda assim isto implicou uma certa vivência da experiência do outro. Observar o sábado no sentido antropológico tal como orienta os preceitos do trabalho de campo neste capítulo sintetizados envolveu observar o sábado no sentido adventista na medida em que, assim como eles, me “privei” (este não é o sentimento por parte deles) das minhas sextas à noite e de maiores atividades seculares aos sábados (mesmo que trabalho de campo possa ser considerado trabalho secular). Por muitos momentos minha percepção de tempo e agenda semanal tiveram de ser reprogramadas em decorrência da nova rotina sabática a qual tive que aderir no trabalho de campo até mesmo pelo fato de por alguns períodos eu mesmo ter acompanhado as lições diárias a serem revisadas na escola sabatina. Portanto, esta etnografia, contemplando a IASD e os seus adeptos, foi feita entre eles com fins a compreender o sábado e suas implicações para a construção de uma identidade religiosa e das relações desta identidade com a esfera pública. Observar este sábado antropológicamente não se faz sem o fazer, em grande medida, ao modo nativo.

CAPÍTULO 2

Esperando Cristo (ainda): O Adventismo do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia carrega em seu próprio nome o que considero as duas principais marcas que a distingue e a torna conhecida tanto no interior do campo religioso como no senso comum de uma forma mais ampla, a saber, a crença no segundo advento, isto é, no retorno de Jesus Cristo, e a santificação do sétimo dia, o sábado, o qual deve ser guardado por ser considerado o dia do Senhor, um memorial da criação.

A presente dissertação dedica-se mais enfaticamente a segunda marca a qual só adentrou tempos depois no corpo doutrinário da IASD após a sua institucionalização. No entanto, tendo em vista a base teológica e doutrinária do adventismo começar e sustentar-se na crença do segundo advento que mais que uma crença se manifesta como uma certeza, pretendo neste capítulo ilustrar de forma mais atenta o percurso histórico do Adventismo do Sétimo Dia de modo a revelar a construção de uma identidade institucional da religião a qual dada as suas peculiaridades coloca a IASD em posições diferenciadas na sociedade a depender do olhar que é feito relativo à esfera social de onde se está localizado (educação, assistência social, campo religioso, etc), o que acarreta em modos distintos de compreensão da religião e que vem se agregar a sua identidade institucional historicamente construída. A fala do primeiro ancião¹⁵ da IASD Central é demonstrativa disso:

Geová: *Eu queria saber como o senhor vê a princípio a visibilidade do Adventismo do Sétimo Dia.*

Paulo: *Bom isso assim, se você me pergunta a visibilidade da igreja, é... existe uma visibilidade em vários segmentos, se você está me fazendo uma pergunta da visibilidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia no meio evangélico ela ainda é uma visão vamos dizer assim de segregação, uma visão vamos dizer assim pejorativa. Muitas igrejas evangélicas consideram a Igreja Adventista do Sétimo dia como uma seita devido às crenças que são distintivas do senso comum da maioria das igrejas evangélicas. Então quando as igrejas evangélicas olham para os Adventistas do Sétimo Dia por esse prisma elas taxam*

¹⁵ O ancião é um fiel mais engajado membro da IASD a responder administrativamente pela igreja na ausência do pastor que é um administrador distrital, ou seja, responsável por um grupo de IASDs circunscritas em uma determinada área (distrito). Assim, cada igreja local está sob a responsabilidade administrativa de um ancião ou conjunto de anciões.

pejorativamente a igreja como seita porque nós temos muitas crenças, todas baseadas na bíblia, mas que se distinguem das demais denominações evangélicas e então essa visão negativa da igreja. No campo social, quando a gente olha para a igreja no campo social, há uma mudança já muito importante por ações da igreja em ajuda humanitária, em ações sociais, através da ADRA e através da própria igreja. A ADRA é a assistência social adventista e é uma entidade reconhecida no mundo inteiro que presta assistência social em diversos países, em catástrofes, enfim, em uma série de situações a ADRA se mostra presente ajudando socialmente as pessoas. Cada igreja tem o seu departamento de assistência social e que também localmente faz essa ajuda ou promove essa ajuda a pessoas dentro de cada igreja local, então a cultura da assistência social faz parte da Igreja Adventista, então quando se olha para a Igreja Adventista como ação social, então essa visão pejorativa que o mundo evangélico de uma maneira geral, eu digo assim, eu não quero ser talvez muito, dizer de todos, mas uma boa parte, mas muda por conta disso. Na visão educacional novamente a Igreja Adventista se destaca porque é, a maior rede particular confessional tirando a Igreja Católica, a maior rede educacional particular é da Igreja Adventista do Sétimo Dia que mantém a educação adventista. Então os colégios, as faculdades, internatos são a maior rede confessional tirando, excetuando a Igreja Católica, é a rede adventista de educação. Então a Igreja Adventista promove educação de qualidade. Inclusive alguns anos atrás saiu até na revista Veja uma pesquisa aqui no Brasil sobre as vinte maiores instituições educacionais e a rede adventista estava entre as vinte melhores redes educacionais do país. Então assim, então a visão que as pessoas tem da rede adventista, eu diria assim, depende do contexto de que essas pessoas estão olhando para a igreja. Mas hoje eu diria assim que mesmo no campo religioso começa-se a ter uma mudança de visão da Igreja Adventista e eu vejo muitas pessoas hoje de outras denominações que estão descobrindo e agindo de maneira assim que nunca frequentaram a Igreja Adventista, estão descobrindo aquilo que a Igreja Adventista prega e estão vindo para a Igreja Adventista. Nós aqui na Central, muitos exemplos de pessoas de outras denominações que simplesmente descobriram na bíblia e vieram conhecer a Igreja Adventista e hoje são membros da Igreja Adventista porque um dia viram e olharam as verdades que a Igreja Adventista prega, então eu creio que neste cenário a Igreja Adventista tenha mudado, venha mudando a visão no mundo evangélico sobre a Igreja Adventista.

O referido entrevistado aponta para múltiplas visões a respeito da IASD, a primeira delas referente ao campo religioso, mais especificamente ao meio evangélico em que ela é tida como seita. Contudo, no final de sua fala ele sinaliza para um início de mudança neste tipo de compreensão da igreja dado um perceptível crescimento de sua membresia. Este tipo de mudança e a preocupação em torno dela foi claramente observado por mim no culto divino do sábado dia 21 de abril de 2012 na IASD Central pela manhã¹⁶. A pregação deste culto foi notável pelo fato de que durante a cerimônia, apresentava-se a comunidade religiosa daquela congregação o crescimento da IASD e de sua obra missionária no mundo inteiro por meio de dados estatísticos obtidos na UNEB (União Nordeste Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia) da qual o pregador do dia fazia parte como descobri posteriormente. Apesar do grande crescimento que a Igreja Adventista vem obtendo nos últimos anos, quando os dados são contrastados estatisticamente em escala mundial observa-se o adventismo ainda ser uma religião incipiente não chegando a ter 1% da população global convertida. Chega-se então ao ponto central da pregação voltada para a motivação ao trabalho evangelizador de forma a dissipar ainda mais o adventismo e para a contribuição com a obra missionária da igreja através dos dízimos e ofertas.

É dessa forma que se cumpre a missão da IASD e a fortifica como a instituição mundial que é, praticamente presente em todo o planeta, mais exatamente em 203 dos 232 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) contando com mais de 17 milhões de fiéis espalhados pelo globo. Sobre a presença da IASD a nível mundial o comentário comum é da dificuldade de adentrar os países muçulmanos e do Oriente Médio. Já a respeito da presença da IASD no Brasil remete-se constantemente ao fato de que somos o país com maior número de adventistas no mundo, mais do que nos Estados Unidos de onde se originou a religião. Com relação ao seu avanço na região Nordeste através do projeto evangelizador denominado “Terra de Esperança” conta-se com 360 municípios ainda sem a presença da religião até meados de 2012 quando no início do projeto alguns anos atrás o número de cidades desprovidas de IASDs era de 650 na região¹⁷. Sendo assim, a IASD através de vários projetos missionários monitora o seu crescimento e o integra a uma expectativa universalista da denominação em se espalhar por todo o mundo levando a mensagem do breve retorno de Cristo sendo isto o objeto de pregação em muitos dos cultos aos quais presenciei. Sob este contexto e sendo evidente a sua internacionalização a IASD

¹⁶ Conforme notas em diário de campo.

¹⁷ Informações obtidas através das pregações dos cultos matinais (cultos divino) da IASD Central dos sábados dias 14 de abril e 16 de junho do ano de 2012 conforme notas em diário de campo.

torna-se promotora de uma religião emergente que adquire maior visibilidade positiva no meio protestante em decorrência da transferência de fiéis de outras denominações para a igreja para além das conversões dos não filiados a qualquer outra religião.

Paralelamente a este crescimento e maior reconhecimento da IASD no campo religioso, tem-se ainda como ponto positivo para a visibilidade da igreja segundo a fala do ancião Paulo o trabalho de assistência social da igreja, também mundialmente reconhecido, assim como a sua atuação na esfera da educação por meio de pedagogia própria. Não citado por ele, mas que não pode ser ignorado é o campo da saúde no qual os adventistas são bastante fortes e presentes através de uma cosmovisão singular a reger hospitais, sanatórios entre outras instituições de saúde pertencentes à denominação. Ainda assim, com especial atenção no campo religioso, principalmente no que tange ao meio protestante, impera sob a IASD a percepção de ela ser uma seita, acusação que estigmatiza a igreja por um lado, mas por outro se soma a sua identidade religiosa de um modo muito particular, fato que merece algumas considerações.

2.1 Identidade iasdiana através de incursões a categoria seita

A convencionalmente chamada pré-história do Adventismo do Sétimo Dia inicia-se nos Estados Unidos da América em meados do século XIX no contexto dos movimentos messiânicos emergentes naquele país no referido período. Tendo em vista que entre os séculos XVIII e XIX o protestantismo norte americano inicia um processo de expansão externa através de missões internacionais, paralelamente crescia no país diversas associações de caráter voluntário, sendo aquelas possuidoras de alguma “qualificação religiosa” chamadas de seita no sentido weberiano do termo, o que se contrapunha a sua noção de igreja a qual se apresenta como instituição organizada administrativa e burocraticamente com vistas à atribuição de salvação.

*Igreja e seita permanecem como dois “princípios estruturais”, o compulsório e o voluntário que, no Adventismo, permanecem em todos os níveis de associação; o voluntário, entretanto, especificando-se às etapas de adesão e, com adoção do *modo de vida do grupo*, pelos adeptos, assume o caráter compulsório, grau cada vez maior de condição de fidelidade organizacional e ideológica. Daí a emergência da igreja na seita, sem que esta perca muita de suas características da etapa anterior, a continuidade da forma de associação sendo mantida pela legitimação simbólica. (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 158-159 – grifo do autor).*

Desse modo, parece ser possível compreender o movimento Adventista como seita e igreja na medida em que partilha do caráter voluntário e compulsório destas categorias. Poder-se-ia considerar, então, o aspecto seita e igreja como dois momentos do processo de formação do movimento adventista que parte da complexificação do universo simbólico das crenças e práticas rituais legitimadas no interior da associação voluntária.

No entanto, parece que este tipo ideal de modelo weberiano que é a seita, utilizado por Oliveira Filho para compreender o processo histórico de surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, adquire valores ora positivos, ora negativos, no interior do campo religioso de forma mais ampla, e do campo protestante de forma mais específica, a depender dos agentes e consequentemente da posição que ocupam neste campo - isto é, se tais agentes são Adventistas do Sétimo Dia ou pertencem a outros grupos ou denominações religiosas. Fazendo referência a Mauss (1968), o autor reintera seu argumento de continuidade entre as noções weberianas de seita e igreja colocando a primeira como um subgrupo com duas propriedades redimensionadas, a saber, seita como um *“fenômeno de uma extrema generalidade”* sendo em algumas regiões o próprio modo de existência do fenômeno religioso e seita como um *“fenômeno inicial”*, desde que *“é sob a forma de seita que nascem as religiões”*. Conclui esta parte da argumentação citando que as seitas pertencem a própria dinâmica da vida religiosa sendo o *“produto natural do funcionamento dos fenômenos religiosos”*¹⁸.

Tantas explanações a respeito da categoria seita justificam-se pelo potencial hermenêutico desta na compreensão da fase inicial do movimento adventista na qualidade de movimento profético precursor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É justamente pelo caráter profético e por uma ênfase escatológica¹⁹ na compreensão do mundo que o adventismo em seus primórdios, na qualidade de grupo (ou associação voluntária) crente na segunda volta de Jesus Cristo pode ser compreendido sociologicamente como uma seita. Contudo, por estas mesmas características e a incorporação de novas crenças e práticas no seu processo rumo a se tornar uma igreja é que o Adventismo do Sétimo Dia sofre de um estranhamento no campo religioso, mais enfaticamente no interior do protestantismo, sendo seita uma categoria acusatória, deslegitimadora da verdade que carrega.

¹⁸ A referência a Mauss (1968) utilizada por Oliveira Filho (2004, p. 160) é oriunda da obra “As funções sociais do sagrado”. As partes em itálicos são citações diretas.

¹⁹ A grosso modo a escatologia pode ser definida como a forma de se compreender os eventos finais do mundo, o destino último da humanidade em uma linha histórica progressiva e ascendente. Para os Adventistas do Sétimo Dia a ênfase escatológica de sua doutrina se apresenta justamente no aguardo do segundo retorno de Cristo a terra representando o último evento da história da humanidade.

Geová: *Mas existe alguma resposta, alguma defesa, alguma reação por parte da IASD em relação, porque quando surge a ideia de seita dentro de outros grupos, as outras igrejas, digamos assim, que acusam o adventismo de ser uma seita, soa como uma acusação, como algo meio que ofensivo, diferente...*

José Orlando: *É, é pejorativo. Na verdade esse título ele é pejorativo. Se você parar para pensar o próprio cristianismo é taxado de seita né, a bíblia registra como a seita do caminho. Aliás, o próprio pseudônimo dos cristãos é pejorativo, porque cristão significa pequenos cristos e aí o que acontece, essa acusação, essa qualificação ou esse adjetivo que é colocado sobre nós que se chama seita é pejorativo, sem dúvidas. Agora eu acabei de te apresentar aqui que essa qualificação pejorativa ela não se baseia no devido conhecimento, ela vem pelo mero preconceito.*

Muitos grupos protestantes, assim como os católicos, tratam os Adventistas do Sétimo Dia como uma seita conjuntamente com as Testemunhas de Jeová e os Mórmons, grupos religiosos contemporâneos ao movimento adventista. Durante meu mestrado, seja no mundo acadêmico, seja no cotidiano, sempre minha pesquisa foi confundida em torno destes grupos. Em campo, meus interlocutores sempre me falaram o quanto era comum outras pessoas acharem serem os Adventistas do Sétimo Dia as Testemunhas de Jeová ou os Mórmons, muito provavelmente devido a todas estas religiões terem crenças muito peculiares e destoantes das demais. No meu caso, acho que a confusão a respeito das Testemunhas Jeová era pelo fato de me chamar Geová e as pessoas pensarem eu ter alguma vinculação religiosa com as mesmas. Às vezes a confusão se dava pela peculiaridade das crenças confundindo-se os interditos em relação ao sangue com os referentes à guarda do sábado²⁰. Vale notar que as Testemunhas de Jeová é um grupo religioso fundado por um ex-adventista. Sobre os Mórmons a confusão talvez seja mais comum por causa do nome da igreja – Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Fontes históricas apontam para um possível contato entre o profeta dos Mórmons e dos Adventistas do Sétimo Dia - Joseph Smith e Ellen White respectivamente.

Sendo o campo religioso plural e competitivo, disputas no seu interior através de um jogo de verdades são comuns. Acusar um grupo religioso de seita é colocar em xeque sua verdade não institucionalizada, logo não legitimada. Assim ocorre com os Adventistas do

²⁰ Ao contrário das testemunhas de Jeová os Adventistas do Sétimo Dia não possuem os mesmos interditos em relação ao sangue assim promovendo diversas campanhas de doação de sangue dentro de seu trabalho de assistência social.

Sétimo Dia cuja categoria acusatória de seita, aqui em um sentido negativo, os dota de uma identidade singular no campo religioso.

Como categoria acusatória oriunda de percepções nativas dentro do próprio campo religioso seita é um termo altamente ideológico instrumentalizado nas lutas religiosas e políticas das últimas décadas. No caso do campo protestante a situação é complexa na medida em que há desqualificações mútuas entre igrejas e denominações (PARKER, 2000). Justamente por sua carga ideológica é que a categoria seita veio caindo em desuso nas Ciências Sociais recuperada às vezes como um recurso analítico a ajudar na compreensão de determinados processos históricos em torno de algumas religiões tal como fez Oliveira Filho (2004) para o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobre a questão feita por Parker a respeito de igreja e seita serem conceitos operativos para aprender a diversidade religiosa na América Latina ele mesmo responde advogando um uso prudente da categoria, compreendida em acepção troeltschiana (TROELTSCH, 1976 apud. PARKER 2000) e relacionada como uma resposta a um modelo eclesial herdado da tradição cristã ocidental (principalmente europeia) frente ao crescente processo de secularização ocidental e de diversificação do campo religioso. Tal reflexão não necessariamente precisa se limitar a América Latina uma vez que a emergência do pluralismo religioso é um fenômeno generalizado e que dele surge uma infinidade de outros grupos religiosos os quais podem ter caráter dissidente, inédito ou mesmo se configurarem como releituras e ressignificações de religiões tradicionais (no catolicismo as CEBs e a RCC seriam um bom exemplo). Tendo em vista todas estas transformações o conceito de Novos Movimentos Religiosos é cunhado na medida em que parece ele ser uma versão mais atualizada para uma compreensão mais sociológica (e menos ideológica) das “novas seitas”.

A discussão em cima dos Novos Movimentos Religiosos é extensa e não vale aqui reproduzi-la, portanto, ainda se atendo a seita como categoria ética (acusação oriunda dos “outros”) chama atenção o caso francês onde de fato a questão das seitas juntamente com a religião islâmica constituem-se como um problema de dimensões públicas que exige, inclusive, a intervenção do governo, marcando dessa maneira o cenário social francês do século XX.

As “seitas”, por sua vez, remetem a uma designação aplicada a uma miríade de grupos de natureza bastante heterogênea e que carregam uma conotação claramente acusatória. Desde a década de 1970, o termo deixou de frequentar a polêmica estritamente religiosa para se referir a grupos cujas ações colocariam em risco indivíduos e

sociedade — uns ameaçados pela “desestabilização mental” que mina o livre arbítrio, a outra assaltada em suas instituições-chave por manobras de “infiltração” que abalam a democracia. As “seitas”, assim definidas, tornaram-se uma questão pública, pela qual se interessam não apenas igrejas tradicionais, mas também a mídia e o Estado. Reportagens, documentários, livros, em enorme quantidade, consagraram os jornalistas como protagonistas importantes na caracterização das “seitas”. (GIUMBELLI, 2001, p. 831).

Se os jornalistas franceses foram os consagrados para a definição a circular pela esfera pública do que é uma seita, sobre quais grupos podem ser considerados como tal, segundo Rodolpho (2007) contra elas estariam como os principais atores sociais as associações antisseitas e os organismos governamentais, ambos detentores de uma voz tida como legítima, produtora de um discurso oficial a informar sobre o assunto por meio de seus *experts* estes jornalistas e a mídia de uma forma mais ampla. Além deles ainda a de se considerar a produção científica vigente sobre a questão. Todos estes elementos somados construíram no entender da autora com base em Bourdieu (1980 apud. RODOLPHO, 2007) uma mitológica científica em que:

Tudo funciona *como se* uma teoria simples muito divulgada e uma lógica de argumentação erudita se unissem para produzir um postulado, cujo efeito de persuasão é tão inquietante que ele nem mesmo é colocado em questão por ninguém (e, talvez, ele nem mesmo seja percebido como tal). Todos os participantes estão de acordo sobre as premissas axiomáticas – presentes em todos os discursos, independentemente da posição do enunciador – e a discussão acaba por se localizar na periferia da questão. O perigo das seitas coloca-se, portanto, sob o signo da evidência e do natural, e aqui poderíamos mesmo repetir a afirmação inúmeras vezes entendida durante o trabalho de campo: *todo mundo sabe*. (RODOLPHO, 2007, p. 69-70 - grifo da autora).

Birman (2005) fornece uma excelente etnografia ilustrativa da articulação entre esses variados atores sociais na esfera pública francesa no enfrentamento das seitas tomando como base o drama familiar da “perda” de um dos entes queridos para algum grupo anômalo. A discussão sobre seitas na França corresponde a um uso específico (e prudente) do termo na qualidade de categoria acusatória para designar o estatuto do religioso na esfera pública e a maneira como a modernidade o forja de modo a trazer para a cena o Estado laico e seus mecanismos de regulação semelhantemente ao que ocorreu no Brasil em relação ao espiritismo e as religiões afro quando instituída a separação Estado e Igreja (católica) no

período republicano. Terei oportunidade de retomar brevemente este ponto depois. Voltando ao caso dos Adventistas do Sétimo Dia, a acusação deles se configurarem como uma seita no interior do campo religioso tem dimensões menos controversas e mais subjetivas no que concerne a identidade religiosa da IASD.

A acusação de seita implica uma deslegitimação da IASD que não só se manifesta a partir de discordâncias teológicas, mas que também a coloca em uma posição marginal no campo religioso. Apesar do crescimento contínuo da denominação, parece pairar uma certa concordância que isto não se constituiria como uma ameaça aos demais protestantes na medida em que as divergências entre as religiões situam-se mais no plano discursivo acusatório do que em atos deliberadamente de intolerância religiosa. Desse modo, partindo do pressuposto da competitividade do campo religioso e de certa falta de interesse da própria IASD em competições mais acirradas com outras denominações, a resposta que é dada do meio evangélico a IASD é a indiferença e a invisibilização, sendo a categoria seita acionada quando se corre o risco de perder o fiel para a referida denominação. Foi o que me pareceu ao escutar a apresentação de Lúcia, pregadora do culto J.A (Juventude Adventista) da tarde do sábado dia 4 de agosto de 2012, na IASD Ibura de Baixo, sobre a história de Dona Maria²¹.

Lúcia havia aberto o culto J.A com uma canção e oração antes de nos apresentar Dona Maria e prosseguir com o restante da programação daquela tarde auxiliada por demais membros. Dona Maria, a muito moradora do bairro do Ibura, periferia recifense, ainda não era Adventista do Sétimo Dia segundo é relatado por Lúcia. Interessante notar que na mesma rua onde está localizada a IASD Ibura de Baixo encontra-se também uma Igreja Batista e uma Igreja Assembleia de Deus. Dona Maria frequentava a Igreja Batista e passou muito tempo escutando de seus familiares e dos outros “irmãos” que não entrasse na adventista, pois ela “*era uma seita, era uma seita!*”. No entanto, estava lá ela sentada junto a nós naquela congregação para conhecer a religião. Sem saber foi convidada por Lúcia para comparecer a frente e dar seu testemunho pessoal, para contar mais detalhadamente como veio parar ali - incentivada por uma de suas netas a qual já fazia parte da religião, mas desmotivada pelos restantes dos familiares e membros da outra congregação da qual frequentava. Não pude captar seu discurso na integralidade, mas chama atenção que ela tinha a liberdade de escolher a religião e a igreja que desejasse frequentar desde que “*qualquer uma menos adventista e testemunha de Jeová!*”, era o que diziam as pessoas com quem convivia mais de perto, o motivo? Muito simples e que nem precisa de questionamento, pois é consensualmente aceito,

²¹ Conforme notas do diário de campo.

tratam-se de seitas. Sendo seitas, são perigosas, e, semelhante ao caso francês, “*todo mundo sabe*”. Dona Maria se predispõe a conhecer mais a religião proclamada pela IASD, ganha as boas vindas de Lúcia e de todos da congregação ali presentes que realizam um aceno J.A para ela (levantam a palma da mão). É presenteada com o livro “A grande esperança” de Ellen White, o mesmo distribuído no dia mundial do jovem adventista com fins de evangelização. Após isso, retorna ao seu lugar e o culto prossegue.

De fato, nas outras poucas vezes que acompanhei as atividades sabáticas da IASD Ibura de Baixo, notei a presença de Dona Maria. Atualmente não sei se ainda permanece visitando a igreja, se converteu-se, enfim, que destino tomou. Mas sua história nos serve para compreender que a atitude de indiferença e invisibilização do campo religioso, em especial no meio evangélico, sob os Adventistas do Sétimo Dia se desfaz frente a qualquer ameaça de perda de fiéis para denominação por meio da acusação de seita. Contudo, os adventistas, de um modo geral parecem pouco se preocupar com isso, primeiramente por não se verem numa relação de competição com outras religiões e em segundo lugar pela categoria seita ser muito mal compreendida no senso comum do que realmente significa (através de uma compreensão cristã adventista do termo). Isto fica claro nas falas de Wládvia, uma das minhas interlocutoras, e do pastor José Orlando, da IASD Central, respectivamente.

Geová: *Você falou que a igreja não tem o interesse de competir...*

Wládvia: *É, atrair pela particularidade que ela tem não se parecendo com o mundo, mas sendo diferente do mundo. Você vai poder escolher, porque se não fica aquela igreja tanto faz, tanto faz eu tá aqui ou ali, é tudo parecido mesmo. Então lá não, é bem, tenta ser bem diferenciado. Claro que a cultura é inevitável trazer, muitas coisas são modificadas pela cultura, certo estilo de vida, estilo de roupa é modificado pela cultura. Quer queira, quer não, você traz um pouco lá de fora para dentro da igreja. A moda, a tendência lá fora é a tendência na igreja de alguma forma... São coisas assim, que são meio que influenciáveis pelo mundo, mas que assim, é uma influência que não perde a essência.*

[...]

Geová: *Como é que tua pensa essa questão da sobrevivência, já que ela não tem um interesse em competir digamos assim, de se mostrar, a questão da sobrevivência...*

Wládvia: *É, não tem o interesse de competir, mas tem o interesse de atrair, mas atrair pela essência dela e não pela semelhança com outra coisa.*

José Orlando: Certo. Então na verdade seita você pode pegar a definição etimológica e a definição eu diria estabelecida popularmente. Você percebe etimologicamente seita vem do latim *sectário* que quer dizer um grupo menor que sai do maior. Só que quando você parte para a semântica, para a essência do verdadeiro significado da palavra fugindo da etimologia, aí a gente percebe que seita é um grupo que não está de acordo com a ortodoxia. O que é a ortodoxia? Em grego quer dizer opinião correta e alguns dicionários teológicos definem ortodoxia como aquilo que é respaldado, ensinado, recebido, tendo como base o livro ortodoxo que é a bíblia. Então isso significa que seita é um grupo que não está de acordo com a ortodoxia, ou seja, com a bíblia. Semanticamente falando, não estou falando etimologicamente. O conceito popular vai sempre pela etimologia, ou seja, se é um grupo que saiu de outro ele já é seita só porque saiu. A grande questão não é sair, mas porque você sai. Historicamente você percebe que na idade média, a grande igreja católica, a reforma, um grupo menor que saí do maior e assim sucessivamente, a questão não é sair, mas porque sair. Então neste sentido há um desafio aqui. Se somos seita, podemos ser seita no conceito etimológico, mas no conceito semântico eu creio que não, porque todas as nossas doutrinas estão aí escancaradas com respaldo bíblico para serem até então questionadas. E até então a gente tem plena certeza de que há um embasamento bíblico na nossa opinião.

A polissemia em torno da categoria seita é instrumentalizada pelo pastor da IASD Central para colocá-la em termos no que diz respeito da onde vem o seu caráter acusatório, aparentemente infundado se apreendido em uma perspectiva semântica ou mesmo pelo caráter ideologicamente pejorativo com que é operacionalizado no meio evangélico. Sendo assim, seita é uma categoria aceitável apenas de um ponto de vista estritamente etimológico quando se revela como um momento histórico do processo de construção de uma religião tal como aconteceu com o cristianismo conforme nos ensina biblicamente o ancião Paulo Correia.

Geová: Sobre essa coisa de seita, eu queria que você falasse um pouco mais disso. Por que, o que o senhor acha da onde surgiu, porque essa coisa de seita?

Paulo: É, a seita na realidade ela tem um, na realidade ela tem um, no contexto, no âmago da palavra ela quer dizer que é algo separado. *Sectário* quer dizer que é algo separado. Só que existe uma colocação pejorativa, então Paulo na época em que ele pregava o evangelho ele também, ele foi acusado, foi dito que ele também fazia parte de uma seita. Então em atos 28 eu vou só ler esse texto para mostrar que dessa forma os cristãos primitivos da época de

Jesus, como o cristianismo derivou do judaísmo, Jesus era judeu, os discípulos eram judeus, o próprio Paulo que pregou no início do cristianismo também era judeu, então assim, ao olhar por esse prisma, então os cristão da época de Jesus Cristo do primeiro século eles também foram ditos que faziam parte de uma seita. Quando Paulo ele estava em Roma então alguns foram se reunir com ele e ele já estava preso e ele então, ele começa a explicar a alguns varões que foram até ele e diz assim no versículo 19, capítulo 28 de Atos: “diante da oposição dos judeus senti-me compelido a apelar para Cesar, não tendo eu, porém, nada do que acusar a minha nação. Foi por isso que vos chamei para que vos virei falar porque é pela esperança de Israel que eu estou preso com esta cadeia, então eles me disseram nós não recebemos da Judéia nenhuma carta que te dissesse respeito, também não veio aqui qualquer dos irmão que vos associastes ou dissesse de ti mal algum, contudo gostaríamos de ouvir o que pensas, porque na verdade é corrente a respeito desta seita que por toda a parte ela é impugnada”. Os judeus da época consideravam Paulo participante de uma seita por ele pregar que Jesus Cristo era, que Jesus era o messias, era o Cristo e que ele havia morrido e ressuscitado. Então assim, a seita depende novamente de como você atribui o sentido primário da palavra. Então a conotação que é dada no meio evangélico para seita é uma conotação pejorativa de pessoas que são separadas por crerem em coisas que são heresias quando na verdade seita são pessoas que creem, eles são separados no caso por crerem de maneira distintiva em alguns aspectos. Então o cristianismo do primeiro século foi chamado de seita e mesmo assim foi a doutrina mais pura recém-saída ali e tava sendo taxado de seita. Então quanto a isso a gente não se, a gente entende essa visão que os outros tem pelo desconhecimento das doutrinas que pregamos. Então, mas se as pessoas estudam a fundo isso e passam a conhecer as doutrinas então a maioria das pessoas que tem essa oportunidade percebe que há muita coerência naquilo que os Adventistas do Sétimo Dia pregam.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia faz uma compreensão muito mais sociológica que ideológica da categoria seita, restrita a percepção dos “outros” ao seu respeito. Isto não se constitui como uma grande surpresa ou incômodo para o grupo na medida em que já estava profetizado que a IASD seria a igreja perseguida no tempo do fim por todas as outras que não seguem verdadeiramente os dez mandamentos, isto é, não guardando o sábado, escolheram o domingo como dia santo e perseguiriam os outros grupos de práticas destoantes (mas verdadeiras na concepção iasdiana) a exemplo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A acusação de seita é apenas o pontapé inicial. Desse modo, tal acusação é integrada à

identidade institucional do Adventismo do Sétimo Dia dentro de uma compreensão escatológica de tempo, de caráter profético. A acusação de seita é um operador potencial da noção de perseguição que por sua vez é apropriada pelo grupo não só para confirmar as profecias bíblicas como para solidificar a sua identidade internamente positivando a própria visibilidade da IASD se não para o campo religioso, pelo menos para o seu corpo de fiéis, é assim que funciona a dialética da perseguição (MAFRA, 1998).

Um dos produtos desta interação social truncada foi a criação de um ramo denominacional que utiliza efetivamente as teorias persecutórias potencializando a sua função esquemática, tanto na comunicação interna com os seus fiéis como na comunicação externa, com outros setores da sociedade, constituindo dessa forma sua auto-reprodução. A igreja que realizou o deslocamento do discurso persecutório da lógica de vitimização para a de competição com maior eficácia foi a Igreja Universal do Reino de Deus (MAFRA, 1998, p. 62).

O que Clara Mafra está querendo dizer com a expressão titular de seu artigo “Dialética da perseguição” é o uso de teorias persecutórias por grande parte das denominações evangélicas, em especial os pentecostais, como respostas a certas ações de modo a fortalecer as suas identidades de grupos minoritários na esfera pública perante si e os outros deslocando a lógica de vitimização para de competição, competição com o mundo a qual metaforicamente se manifesta em uma batalha do bem contra o mal, de Deus contra Satanás. Assim, para a antropóloga tais teorias funcionariam como esquemas comunicacionais os quais dão prosseguimento a uma dinâmica antagônica auto reprodutora. A etnografia descrita por ela diz respeito ao ganho de visibilidade e reconhecimento de alguns grupos religiosos pentecostais na esfera pública via instrumentalização de teorias persecutórias como esquemas comunicacionais. Estratégia utilizada para não só ganhar mais respeito (e mais fiéis) como para fortalecer a coesão social do grupo frente à batalha que apesar de metafórica, claramente acreditam que se manifesta frente a ele.

No caso dos Adventistas do Sétimo Dia a teoria persecutória apresenta-se internamente ao próprio grupo com respaldo bíblico e de caráter profético, e como já dito, visto a sua falta de interesse na competição, a sua instrumentalização como esquema comunicacional não visa maior visibilidade do grupo na esfera pública, e sim, mais modestamente, adere a uma lógica defensiva a qual instrui biblicamente os adeptos da IASD sobre os fundamentos da perseguição e as justificativas da acusação (de seita) fortalecendo a coesão social e o sentimento de pertença de modo a continuarem a prevalecer na batalha

metafórica do bem contra o mal, de Deus contra o inimigo que também acreditam se manifestar na sua frente. Aparentemente sendo menos ambiciosos que outras denominações o uso que fazem da noção de perseguição não desloca a lógica da vitimização, permanecem nela e, portanto, devem buscar se autoconscientizarem disso e de se defenderem como puderem, em especial com o uso de argumentos bíblicos, até que Cristo retorne para dar a sentença final do juízo investigativo que neste momento se realiza. De qualquer modo permanece intacto o grande ganho da teoria persecutória.

É que há um certo reencantamento do mundo, pois os eventos aparecem como o resultado de uma vontade, uma força, ou intenção. O acaso e a indeterminação são abolidos em função da sobredeterminação do desejo do inimigo. Cada evento aparece como resposta a propósitos determinados (MAFRA, 1998, p. 80).

Isto é claro para o caso dos Adventistas do Sétimo dia dado o caráter profético de sua concepção escatológica de tempo e da teoria persecutória que nela se apoia. Ainda assentada nesta concepção a metáfora da batalha espiritual é bem menos transposta para a relação religião x mundo do que para a relação da IASD com a igreja católica e suas demais seguidoras no que diz respeito a sua cultura dominical. Na primeira vez que visitei a IASD Ibura de Baixo²² durante a pregação de um ancião convidado de outra IASD sobre um determinado capítulo do livro bíblico do Apocalipse, despossuído de uma bíblia, a fiel ao meu lado que me emprestava a sua e lia junto comigo os trechos requisitados, ao me questionar sobre se eu sabia quem era a besta a qual aquele trecho relatava, eu respondo indagando que deveria ser Satanás. Ela me diz que não, que a besta era a Igreja Católica e todas as outras que guardavam o domingo. Aquela manhã de sábado sendo a primeira vez que visitei aquela igreja foi bastante emblemática, nunca me esqueci dela, há muitos detalhes que poderiam ajudar a explicar a conjuntura em que se deu a fala desta fiel, mas acredito que sob aquele contexto, compartilhando da bíblia em nossas mãos e tendo em vista o texto em estudo, a sua fala foi sintetizadora de todo o caráter profético e escatológico da IASD sumariamente referenciado aqui. Mas isso é apenas um pequeno ponto a complementar a reflexão, sendo muito mais denso do que o que é descrito aqui, sua análise seria mais completa e digna de um ponto de vista teológico que antropológico. Cabe apenas dizer que esta oposição IASD x Igreja Católica ou mesmo IASD x Cultura Dominical é uma expressão de uma interpretação adventista da bíblia e que apesar de fazer parte da compreensão escatológica de tempo da

²² Conforme notas em diário de campo – Sábado: 28 de Julho de 2012.

denominação não se revela no campo religioso como um conflito explicitamente aberto, pelo menos não houve nada na minha pesquisa de campo ou mesmo na revisão bibliográfica que constataste isso. O argumento da falta de interesse da IASD por uma pretensa lógica competitiva do campo religioso também reforçaria isso.

2.2 De seita a igreja: o início do tempo do fim

Nos Estados Unidos do século XIX, em resposta a um crescente processo de secularização da sociedade em decorrência da revolução americana e da formação de um governo liberal, ocorria o segundo grande despertar (1790-1830) que representou justamente uma nova ascensão do protestantismo no país trazendo à tona inúmeros pregadores os quais afirmavam que todo cristão tinha o direito de interpretar a bíblia. Este clima possibilitou a popularização de interpretações bíblicas as quais propunham novos modelos proféticos. Circulavam as mais variadas concepções milenaristas as quais conjecturavam a respeito do retorno do messias, assunto principal das pregações daquele momento. As três interpretações milenaristas mais usais são o *pré-milenialismo* pelo qual o aguardo do segundo retorno de Cristo representa a espera por uma intervenção divina na terra, inauguradora de um período de mil anos; o *pós-milenialismo* no qual o retorno do filho de Deus se dará após mil anos em que durante este tempo seu espírito reinará sobre a terra através da atividade da igreja até a sua chegada literal; e o *a-milenialismo* no qual os mil anos representam um símbolo geral para a era cristã.

Dentro deste contexto histórico mais amplo é que nasceu William (ou Guilherme) Miller (1782 - 1849), o mais velho dos 16 filhos de uma família batista, em Pittsfield, Massachusetts. Apesar da influência religiosa familiar, na sua vida adulta abandona sua fé tornando-se um deísta²³. Apenas após sua carreira militar na guerra anglo americana de 1812 é que Miller retomaria sua fé diante das fervorosas afirmações de seus colegas de que a vitória do conflito se deu pela providência divina. Sob este contexto suas crenças deístas são abaladas e então resolve fazer um estudo profundo da bíblia, livro do qual nunca se afastou completamente, mas cujas contradições o incomodavam de maneira profunda. Passados dois anos de estudos, chega à conclusão de que o retorno de Cristo ocorreria aproximadamente em 25 anos. A partir daí inicia-se o movimento que leva o seu nome, o movimento milerita ou também conhecido como movimento adventista.

²³ O deísmo é uma crença ligada ao iluminismo a qual pensava em Deus como um grande relojoeiro criador do universo e suas leis, no entanto ele não interferiria na vida das pessoas.

O pressuposto básico de Miller era retornar a Bíblia, ao que ele considerava o verdadeiro cristianismo, extirpando da reta doutrina todos “os carrapatos” que durante séculos a ela se apegaram, alterando seus significados e ações. Nesse sentido, Miller era uma espécie de reformador radical até a medula. Expunha sem medo aquilo que considerava doutrinariamente errado e admoestava as pessoas para uma verdadeira conversão e santificação. (DARIUS, 2010, p. 69).

Este movimento liderado por William Miller é considerado como a maior expressão historicista do pré-milenialismo interpretando as profecias contidas nos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse como símbolos do desenvolvimento da história cristã. A história do mundo e o que estava por vir já estaria revelado nas escrituras sagradas. O mito fundador do adventismo surge neste processo hermenêutico de compreensão da bíblia, em especial do livro de Daniel 8: 14 o qual diz “até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado”. Com isto, profeticamente uma cronologia de eventos que periodiza o sagrado e o profano passa a fazer parte do repertório de crenças dos adeptos adventistas seguidores de Miller. É importante assinalar que o milerismo não foi um movimento oriundo de uma igreja ou desenvolvido por grandes filósofos e teólogos, Miller não possuía formação acadêmica, muito menos teológica, era apenas um interessado. Ele também nunca desejou criar nada, fundar nem um grupo. Daí o caráter sectário do adventismo em seus primórdios na medida em que as crenças que balizaram o movimento provinham de estudos solitários de um indivíduo sobre a bíblia. Miller ainda relutou bastante antes de divulgar suas conclusões, suas conjecturas permaneceriam ocultas por 13 anos até alcançar multidões de protestantes ávidos por novidade e efervescência religiosa. O movimento que encabeçava enfatizava uma única doutrina a princípio: a volta visível, literal e pré-milenial de Jesus Cristo nas nuvens do céu após as duas mil e trezentas tardes e manhã onde a terra (o santuário) seria purificada pela sua presença. Todos deveriam ser capazes de ver.

Marcar datas a partir de textos bíblicos não era novidade nos Estados Unidos. O diferencial de Miller naquele contexto foi a popularidade que suas ideias alcançaram. O movimento milerita produziu a ideia de que as profecias poderiam ser interpretadas com precisão matemática. A verdade precisava de demonstração lógica e sistemática. (PRESTES FILHO, 2006, p. 38).

Assim, Miller através de seus cálculos com base na leitura e interpretação da profecia de Daniel concluiu que a chegada de Cristo deveria ocorrer entre março de 1843 e março de

1844 gerando grande alvoroço e expectativa, trazendo para junto de si inúmeros seguidores das mais diversas denominações consideradas protestantes históricas. Sendo estes fiéis rejeitados por suas comunidades religiosas de origem, consolida-se assim o movimento adventista crente na segunda volta de Cristo. Vale lembrar que não era a figura de Miller que atraía as pessoas, mas a demonstração de suas crenças através de um modelo interpretativo altamente lógico e racional oriundo de uma leitura altamente metódica das escrituras cujo poder de convencimento parecia ser pouco questionável. Soma-se a isto a “coincidência” de alguns eventos condizentes com os anúncios proféticos da bíblia proferidos por Miller e seus seguidores.

A despeito de todos os acontecimentos sociais localizados a partir das pregações de Miller e dos pastores que se juntaram à sua voz, alguns sinais externos indicavam explicitamente que haviam começado as “angústias dos últimos dias”, conforme indicara Jesus nos Evangelhos e atestava João no Apocalipse. Todas essas evidências enchiam de esperança e satisfação aqueles que pela fé esperavam o grande Dia do Senhor. Neste tempo final, prelúdio da breve volta de Cristo, terríveis e marcantes eventos deveriam acontecer para cumprir as profecias. Esses eventos deveriam ser aqueles descritos no livro de Apocalipse 6: 12-13 e aconteceriam de três diferentes maneiras: sob a forma de um grande terremoto; com o escurecimento do Sol e a Lua como sangue e, finalmente, com as estrelas caindo do céu. (DARIUS, 2010, p. 24).

No dia 1º de novembro de 1755 ocorre um grande terremoto em Lisboa o qual destruiu quase que inteiramente a cidade. Em 19 de maio de 1780 o mundo caiu em profunda escuridão no que ficou conhecido como o dia escuro na Nova Inglaterra. Por fim, na manhã de 13 de novembro de 1833 aconteceu “a queda de estrelas”, na realidade uma admirável queda de estrelas cadentes²⁴. Tudo parecia apontar para as previsões anunciadas por Miller e reveladas na bíblia. Era difícil sob aquelas circunstâncias não acreditar na eminência do segundo advento. Entretanto, findado o ano de 1843 e Cristo ainda não retornara, o movimento sofre de um grande abalo tendo o abandono de muitos de seus seguidores. Mas nem por isso o adventismo se desintegrou completamente. Ainda existiria um “tempo de

²⁴ Uma rápida pesquisa pela internet sobre os dois últimos eventos citados nos revela que tanto o que ficou conhecido como Dia Escuro da Nova Inglaterra (EUA) como a queda de estrelas cadentes ocorrente no ano de 1833 foram fenômenos de origem meteorológica e astronômica respectivamente. O escurecimento do dia em 19 de maio de 1780 não foi um eclipse, mas provavelmente causado como consequência de uma densa nuvem de fumaça oriunda de incêndios florestais comuns por causa do clima na época em que ocorreu o fenômeno. Já a queda de estrelas cadentes em 1833 se tratou de uma chuva de meteoros. Não só para o movimento adventista como também para diversos outros grupos religiosos estes eventos foram interpretados como sinais dos fins do tempo indicando a proximidade do retorno de Cristo e do fim do mundo. Maiores detalhes sobre os dois fenômenos em menção podem ser encontrados, por exemplo, em: <<http://www.zenite.nu>>.

tardança” de acordo com novas leituras a partir de Hebreus 10: 37 “Porque ainda há um pouco de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará”. O pastor Samuel Snow, seguidor das ideias mileritas, oferece a nova solução corrigindo os cálculos proféticos de Miller e levando em consideração este tempo de tardança conjuntamente com uma série de transposições entre os calendários judaico e gregoriano chega à nova e correta data do eminente retorno do filho de Deus, seria o dia da expiação do calendário judaico, o que no calendário gregoriano corresponderia à data de 22 de outubro de 1844. O adventismo ganhava novo fôlego, pregações e batizados aconteciam aos montes, muito dinheiro é acumulado através de doação gerando a circulação de livretos e publicações sobre a chegada de Cristo com mensagens de ânimo.

22 de outubro de 1844 chega, mas Jesus não. Eis a data marcante para os adventistas, uma divisora de águas na história do movimento. O evento (ou mais precisamente, o não evento) ficou conhecido como o grande desapontamento. Estabelecia-se uma crise de identidade coletiva.

Grande foi o desapontamento e a opressão. Alto foi o choro. A incredulidade tomou conta. O pastor Snow parecia convicto demais para que novamente o movimento incorresse em erro. Muitas famílias haviam vendido suas propriedades e campos. Precisariam agora, de algum jeito, recomeçar a vida, humilhados e sem dinheiro. Finalmente o milerismo parecia agora morto e já sepultado. Não haveria um segundo “tempo de tardança” marcado para os próximos meses ou breves anos. Embora alguns ainda teimassem em marcar datas – no movimento agora fragmentado – não mais houve muito interesse por elas. Na verdade, a cada uma delas, a tristeza era maior e incontida. O grande interesse pelas complexas profecias acabou eclipsando as simples palavras de Jesus, proferidas no contexto do sermão profético, de acordo com São Marcos (13: 32): “Mas, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai”. (PRESTES FILHO, 2006, p. 31-32).

Entre 1844 e 1848 o movimento adventista se fragmentou em diversos grupos enquanto William Miller se retirava para uma fazenda até sua morte em 1849 acreditando no segundo advento até o fim. Dentre estes grupos estava aquele que posteriormente se tornaria a atual Igreja Adventista do Sétimo Dia. Buscou-se uma nova explicação, uma reinterpretação para o grande desapontamento de 1844, assim surge a doutrina do santuário²⁵ pronunciada por

²⁵ A doutrina do santuário celestial parece ser um ponto teológico diferencial dos Adventistas do Sétimo Dia no campo protestante. Darius (2010, p. 84) afirma “a própria concepção doutrinária do Santuário é bíblica, porém por demais escatológica para ser levada a sério por um protestante histórico.”

Hiram Edson, um dos membros de um dos grupos que não desiste da crença milerita. Desse modo, os cálculos de Miller e a data marcada pareciam estar corretos ocorrendo um equívoco quanto ao evento marcado. O santuário a ser purificado pela volta de Cristo depois das duas mil trezentas tardes e manhãs não era o planeta terra como acreditava Miller, na verdade ele figura-se como idêntico ao tabernáculo construído por Moisés quando o povo de Israel vagava pelo deserto: um pátio externo, os ofícios sendo realizados nos dois compartimentos, o “santo” e o “santíssimo”. Este último sendo um local especial, pois depois de trabalhar no santo, o sumo sacerdote (Jesus Cristo) passaria para o santíssimo onde realizaria uma obra especial de expiação. Esta passagem do santo para o santíssimo no plano divino do santuário celestial justamente se deu em 22 de outubro de 1844, findadas as duas mil e trezentas tardes e manhãs, e a obra de expiação a ser realizada pelo sumo sacerdote seria o juízo investigativo, primeiramente dos mortos e depois dos vivos, para assim então poder retornar a terra. A doutrina do santuário celestial equivale ao novo concerto, um desdobramento do grande desapontamento e tentativa de reestruturar e reavivar o movimento adventista. A partir de então se dá início ao “tempo do fim”, tempo este que antecede a volta de Cristo, que nos julga neste exato momento. Esta é base da mensagem profética anunciada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e que começa com o movimento milerita pré-milenialista. É o início do tempo do fim em 22 de outubro de 1844 que marca a transformação de um grupo religioso de seita em igreja.

Interessante perceber que a elaboração destas reinterpretações ocorre em um contexto de conferências nos Estados Unidos pelo qual é possível inferir os indícios de institucionalização do movimento adventista rumo a se tornar uma igreja. Três personagens foram importantes neste processo – Joseph Bates, Thiago White e Ellen White. O primeiro foi quem incorporou ao grupo a guarda do sábado, doutrina importada dos batistas do sétimo dia e que viria ser a marca mais distintiva do grupo no senso comum atualmente. James White foi membro ativo do movimento milerita e de fundamental importância na institucionalização do grupo junto a sua esposa Ellen White considerada a “mensageira do Senhor” e intitulada a última profetisa moderna da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Isto devido a suas revelações inspiradas pelo Espírito Santo as quais conferiam o caráter profético de seu carisma em torno do qual o universo simbólico da IASD foi construído. Suas declaradas visões além de direcionar a institucionalização do movimento adventista solidificaram o corpo doutrinário do movimento e instituíram o que considero a terceira marca identitária mais forte da religião além da crença no segundo advento e da guarda do sábado, a saber, a questão da saúde.

Este foi um grupo oriundo do processo de desmembramento por causa do grande desapontamento de 1844. Este grupo foi o responsável pela criação da Igreja Adventista do Sétimo na qualidade de instituição religiosa, mas é preciso dizer que deste desmembramento outros grupos também surgiram. Entre eles há aqueles que junto a Miller continuaram a acreditar no breve retorno de Cristo insistindo em marcar novas datas para o evento, deles se originou a Igreja Adventista Cristã. Também tiveram uma parcela de adeptos que se tornaram totalmente descrentes ou tentaram retornar a suas denominações de origem de onde foram expulsos procurando o perdão e, um outro grupo o qual acreditava que em 22 de outubro de 1844 Jesus retornou a terra, porém sua volta teria sido espiritual.

Aos poucos a partir de um exame exaustivo da bíblia e sob a confirmação do dom profético de Ellen White as doutrinas adventistas foram se configurando. São estes dois elementos, o estudo minucioso da bíblia e o dom profético encarnado na pessoa de Ellen White, que construíram historicamente a identidade adventista e marcam singularmente de forma direta ou indireta o modo de ser dos Adventistas do Sétimo Dia atualmente. A não mais seita cresce desde então passando por uma série de transformações tanto a nível doutrinário e ideológico quanto a nível burocrático no processo de institucionalização.

Segundo a descrição de Fabio Dárius (2010) os pioneiros adventistas norte americanos foram autênticos filhos do século XIX, sendo muito duvidoso que possuíssem a responsabilidade de espalhar a mensagem profética do tempo do fim. Naquela época ainda comiam carne suína, bebiam vinho, fumavam cigarros de tabaco e não costumavam tomar banho. Apesar de um grande conhecimento bíblico, os pregadores em grande medida eram despreocupados com a missão evangélica que carregavam. Ainda que “vencessem” os grandes debates públicos sobre a bíblia, poucos conversos conseguiam devido à falta de humildade e a grande soberba. Foi preciso tempo e muito trabalho para mudanças radicais de costumes.

Fica evidente que com o avanço da obra adventista o senso de seita, de pequena comunidade religiosa, tinha ficado para trás. Além do processo de centralização da administração pelo qual passava a igreja, uma série de outras organizações adventistas independentes eram criadas – editoras, sanatórios, associação internacional de liberdade religiosa, junta administrativa das missões estrangeiras, associação internacional médico missionária, etc. A partir de maio de 1861 é que o nome Adventista do Sétimo Dia seria de fato adotado pelo grupo herdeiro do milerismo, dois anos depois tornando-se oficialmente uma igreja a partir da formação da Assembleia Geral.

Dado o início do tempo do fim e institucionalizada a Igreja Adventista do Sétimo Dia, esta se considera como a igreja remanescente dos últimos tempos a levar a mensagem profética da volta de Cristo, a portadora da verdade que obedece a lei divina dos dez mandamentos, com ênfase para a guarda do sábado e, por conta disso, próximo ao advento ela seria a igreja perseguida por todas as outras possuidoras de crenças destoantes, em especial aquelas que guardam o domingo. Formada a IASD, ela deveria levar sua mensagem para todo o mundo, para toda nação, tribo, povo e língua que ainda não conhece a mensagem do segundo advento. Essa deveria ser sua obra missionária através de um modelo que para além da construção de igrejas envolvia a presença de editoras, hospitais e escolas - a infantaria evangelizadora do Adventismo, por assim dizer. Assim:

Na representação de sua história os adventistas vêem a realização das profecias indicadoras do “tempo do fim” como associadas à função da última igreja, um “povo” marcado pelo “selo” da “guarda” dos mandamentos e pelo Espírito de Profecia, não para substituir a Bíblia, mas para que “a humanidade melhor a pudesse compreender, e para orientar a vida cristã”. (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 175).

Segundo Oliveira Filho a partir de 1901 o adventismo passa por um processo de centralização burocrática eficiente assinalando um momento no qual é impossível um enquadramento sociológico da religião na categoria de seita, ainda que os adventistas fossem um grupo minoritário, inclusive por autoconcepção. O grupo é bastante cético no que diz respeito à possibilidade de se tornarem um movimento visivelmente majoritário em algum país. Mesmo não sendo seita, os Adventistas do Sétimo Dia podem ser considerados como um grupo religioso as margens do campo protestante, embora possuam certa visibilidade, muito mais negativa que positiva. Contudo, fazendo referência à tese de doutoramento de Paxton, Darius (2010) aponta a IASD como uma instituição genuinamente cristã e protestante.

A impressão de que o Adventismo do Sétimo Dia é um pouco melhor do que uma seita não cristã não resiste a um exame sério. Os adventistas creem na Santíssima Trindade, na divindade de Cristo, no nascimento virginal, vida sem pecado e sacrifício expiatório de Cristo sobre a cruz, na sua ressurreição corpórea e ascensão à destra do Pai. Este não é um credo de uma seita não cristã. Além disso, os Adventistas do Sétimo Dia creem na salvação pela graça, mediante a fé somente, tão ardorosamente quanto o crê a maioria dos evangélicos. Creem na santificação pela posse do Espírito Santo e no breve retorno de Cristo, em grande poder e glória. Não, seja o que for que pensemos sobre essa ou aquela doutrina particular adventista, temos de

reconhecer o movimento como sendo cristão. Alega-se, às vezes, que os Adventistas do Sétimo Dia pregam a salvação pela guarda do sábado. Mas, em meus contatos com eles, jamais ouvi tal coisa. Os adventistas não creem que são aceitos por Deus porque observam o sábado mais do que por praticarem a monogamia! (PAXTON, 1983, p. 13-14 apud. DARIUS, 2010, p. 88).

Portanto, sendo religião e igreja cristã, tão protestante quanto qualquer outra igreja histórica, o Adventismo do Sétimo Dia tem seu lugar no campo religioso, ainda que colocado a margem pelos outros através de uma atitude de indiferença ou da acusação de serem uma seita. Dentre suas principais doutrinas constituídas como verdades fundamentais²⁶ destacam-se a crença na segunda vinda de Cristo de forma pessoal, visível e pré-milenária; o juízo investigativo primeiramente dos mortos e depois dos vivos marcando o início do tempo do fim a partir de 22 de outubro de 1844, a imortalidade condicional da alma e a destruição final dos ímpios, a perpetuidade dos dez mandamentos, incluindo a guarda do sábado, e a manifestação moderna do dom de profecia na pessoa e nos escritos de Ellen White. Passemos a analisar mais detalhadamente seu universo simbólico levando em conta a importância da mesma.

2.3 Ellen White: a mensageira do Senhor e o universo simbólico da IASD

Para os Adventistas do Sétimo Dia a bíblia é vista como a palavra de Deus, a única regra básica de fé, a portadora da verdade. O antigo e o novo testamento são enfatizados igualmente e de maneira integrada. O conhecimento bíblico adventista provém do exame total das escrituras, não é apenas uma simples leitura, ler é apenas uma etapa do processo, pois ser adventista é estar apto a estudar a bíblia, a questionar, a procurar nas entrelinhas os enigmas deixados por Deus para se viver neste mundo enquanto o retorno de seu filho é aguardado. A expectativa desta volta desde a pré-história da igreja como pudemos ver anteriormente sempre foi muito grande, é objeto de contínua reafirmação nos cultos, pregações e demais eventos da denominação.

A volta de Cristo será marcada pela ressurreição dos justos (salvos) mortos que somados aos justos vivos ascenderão aos céus junto a Cristo dando início ao milênio, período em que a terra desolada, habitada apenas por Satanás e os ímpios, aguardarão sua sentença

²⁶ A representação do grupo de suas crenças como verdades fundamentais reflete sobre o caráter flexível de seu universo simbólico, sujeito a transformações mediante novos estudos bíblicos. Dessa maneira, as crenças adventistas se contrapõem aos dogmas católicos, leis imutáveis apoiadas na tradição.

final na terceira volta do filho de Deus, a qual marcará a destruição eterna dos não salvos, estejam eles mortos ou vivos, junto ao inimigo²⁷. Purificada a terra, o novo Reino de Deus estará pronto, a “Nova Jerusalém” será estabelecida. O caráter profético e a ênfase escatológica da IASD se expressam na expectativa do retorno pré-milenial do messias para a construção do Reino de Deus aqui na terra depois de purificada de todo mal e pecado. O tempo do fim indica a proximidade do começo deste processo e a IASD, sob este contexto, se apresenta como a igreja remanescente que guarda os mandamentos de Deus, restaurando verdades negligenciadas ao longo da história do cristianismo a exemplo da guarda do sábado. O dever da igreja remanescente é anunciar a hora do juízo, proclamar a salvação por meio da fé em Cristo e predizer a proximidade do tempo do fim. E é justamente devido a todas estas peculiaridades que muitos a perseguiriam. Eis a base do universo simbólico sob o qual a IASD se sustenta.

Personagem importante para a consolidação deste universo simbólico foi Ellen White (1827 – 1915), figura carismática central na história do adventismo. Portadora do dom da profecia, nunca ocupou cargo oficial na igreja, mas participou ativamente na construção de seu corpo doutrinário através de suas visões que as deixaram conhecida como “a mensageira do Senhor”. Ela deixou um legado de aproximadamente cem mil páginas, na maior parte manuscritas, na forma de diários, cartas, artigos em publicações da denominação e livros. Entre os temas de seus escritos estavam saúde, educação, religião, relações sociais, profecias, comentários bíblicos, aconselhamentos pastorais, nutrição, etc.

A produção literária de Ellen White conjuntamente com a bíblia são a base do conhecimento do IASD ainda que os escritos da mensageira do Senhor não substituam as palavras presentes nas sagradas escrituras como é sugerido por alguns indivíduos de outras religiões de acordo com os meus informantes. Tal compreensão é falaciosa. De fato, historicamente é inegável a importância de Ellen White sob a religião, no entanto ela não é umas das pessoas mais referenciadas na IASD a não ser nos cultos mais informais cujas temáticas tem uma pauta mais psicossocial como saúde, educação, relacionamento conjugal, entre outros. Uma vez, questionando a um amigo adventista (um informante) sobre a presença tímida ou mesmo apagamento de Ellen White na igreja durante os cultos, ele me responde que

²⁷ Como já falado, a imortalidade condicional da alma é uma das verdades fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. A morte seria um estado inconsciente para todas as pessoas, por isso que tanto os justos quanto os ímpios mortos ressuscitarão na segunda e terceira volta de Cristo respectivamente. O estado inconsciente que é a morte nada mais seria que o tempo de espera para a execução da sentença do juízo final. Sobre o inimigo, termo muito comum entre os meus interlocutores na pesquisa de campo para se referirem ao demônio / Satanás, ele habita a terra e age sob a vontade humana desviando as pessoas do caminho de Cristo. Para os adventistas, portanto, não existe inferno e o demônio está entre nós.

isso já foi um grande ponto de discussão na igreja²⁸. Depois de muita deliberação foi concluído que as revelações divinamente inspiradas da profetisa não revelavam nada a mais do que já estava revelado na bíblia.

Parece-me, tendo em vista o relato deste meu amigo, que tal empreendimento constituiu-se como uma revisão de certas atitudes da igreja que repercutiam no campo religioso de modo a deslegitimá-la. Com o aumento da centralidade da profetisa na imagem pública da religião, colocá-la no seu devido lugar advém do medo institucional de uma interpretação de sua pessoa como o centro da religião, quando na verdade Deus através do que está escrito na bíblia é e deve ser a verdadeira regra de fé dos adventistas. Um profeta moderno, ainda mais sendo este uma mulher do século XIX com tamanho poder e prestígio, contribuiria ainda mais para a ratificação da igreja como seita no campo religioso protestante, além de demonstrar certa ruptura com as práticas mileritas de ênfase no estudo racional e metódico da bíblia, marca essencial da *práxis* adventista. Se os adventistas quisessem se legitimar como uma “autêntica religião”, herdeira de uma tradição protestante histórica, por mais importância que dessem as suas características distintivas como o dom da profecia encarnado na pessoa de Ellen White, ainda precisariam se ajustar a certos parâmetros para adentrarem ao grupo maior de protestantes. Mas isso é uma possibilidade interpretativa.

Ellen White com certeza é um elemento ambíguo e controverso no entendimento da religião. Entender o seu papel e os impactos deste no processo de construção identitária da denominação demandariam um estudo a parte. Contudo, podemos sinalizar para o seu destaque na solidificação doutrinária e no direcionamento burocrático da IASD após o grande desapontamento de 1844. Nos estudos históricos, ela é sempre muito referenciada e extremamente citada, ora como protagonista sendo a mensageira do Senhor ou a última profetisa moderna da IASD, ora atrelada ao termo a Sr^a. White ou a esposa de Thiago White, nos fazendo refletir a respeito das relações de gênero. Ainda que tenha tido um papel relevante na história da IASD para uma mulher do século XIX e que estudou apenas até a terceira série do ensino fundamental, isso parece ter tido nenhum ou muito pouco desdobramento no papel das mulheres na igreja de uma forma mais ativa. Mesmo que a IASD constantemente revise seus preceitos e atuações, ainda hoje é possível perceber uma sutil

²⁸ Parece que este ponto de discussão é o centro diferenciador entre a IASD tradicional / histórica e a da reforma / reformada. A segunda, de acordo com a interpretação dos meus interlocutores em campo, é muito mais preocupada com os ensinamentos de Ellen White, tendo ela lugar central nesta igreja. Em detrimento disto, muitos confundiriam a real doutrina da IASD tradicional por pensarem que ela advém das profecias de uma mulher. A IASD da reforma ou reformada é tida como uma seita, na percepção dos meus interlocutores, e segue um modelo de saúde muito mais rígido, baseado nos ensinamentos de Ellen White. A dieta vegetariana, por exemplo, não é um conselho, mas sim, um pré-requisito de adesão religiosa ao grupo.

reprodução das relações tradicionais de gênero. De qualquer forma, não se pode negar a possibilidade de mudança e de determinados rearranjos no que diz respeito às relações e posições ocupadas entre homens e mulheres na organização da IASD

Falando mais detalhadamente sobre a vida de Ellen White, ela nasceu em uma família metodista wesleyana em 26 de novembro de 1827, em Gorham, Estado do Maine. Aos nove anos foi seriamente ferida por uma pedra no rosto lançada por uma menina mais velha, tal acidente causando um grande dano percebido só muito depois. Em decorrência disto teve de interromper os estudos e sua capacidade de escrever estava abalada. Tendo estudado até a terceira série do ensino fundamental, justifica-se sua ampla produção literária como uma dádiva do Espírito Santo capacitando-a para a missão evangelizadora. Aos 18 anos casa-se com Thiago White abandonando seu nome de solteira, Ellen Harmon. Junto com familiares e amigos costumava assistir as pregações de William Miller, uma grande novidade na época. Deste então, foi fortemente influenciada aderindo ao grupo e após o grande desapontamento passa a ser considerada a cofundadora da IASD junto com Thiago White e Joseph Bates. Por permanecer fiel a crença e a doutrina milerita é que ela e sua família acabam sendo expulsos de sua denominação de origem.

Não sendo uma grande erudita, assim como também não o foi Miller (o seu precursor), os adeptos da IASD acreditam Ellen White ter sido divinamente inspirada. Os historiadores e biógrafos registram cerca de 2000 visões até o fim de sua vida. Seus escritos são justamente baseados nessas visões, dádivas divinas as quais mostraram o caminho a ser seguido pela igreja do tempo do fim. No entanto, todo este processo é olhado com muita desconfiança em seus primórdios dado o que já tinha acontecido com o movimento milerita, afundado em desprestígio naquele momento. Ellen White precisou provar que de fato recebia mensagens inspiradas na medida em que os Estados Unidos e a Europa estavam repletos de “falsos profetas”. O dom de profecia é uma verdade fundamental exclusivamente referente à Ellen White, se não impossível, muito difícil de ser reconhecida em algum outro indivíduo nos dias atuais. Os fundamentos para o reconhecimento deste dom são exclusivamente bíblicos. A comunidade adventista reconhece o profeta a partir de quatro requisitos descritos nas escrituras e cumpridos pelos antigos profetas. Sem passar por esses testes nenhum indivíduo poderá ter o dom da profecia reconhecido e aceito pelos adventistas²⁹. Vale resaltar que a própria White, ela mesma não se considerava uma profetisa, preferindo o termo mensageira, aquela a quem Deus escolheu para divulgar sua mensagem, assim nos fala - “Ainda em minha

²⁹ A respeito dos requisitos necessários biblicamente fundamentados para o reconhecimento do dom de profecia ver Darius (2010, p. 57 – 61).

mocidade, várias vezes fui inquirida com esta pergunta: Você é uma profetisa? Sempre respondi: Sou a mensageira do Senhor. Sei que muitos me chamam profetisa, porém jamais reclamei este título. Meu Salvador declarou que sou Sua mensageira” (White apud. Darius, 2010, p. 56).

Ellen White foi mulher de prática e ação vigorosa, suas visões, divinamente inspiradas, durante décadas serviram para tirar dúvidas institucionais e mostrar o caminho a ser seguido pela IASD de forma bastante específica. Cerca de 50% de seus escritos são categorizados como conselhos sobre temperança e estilo de vida, instituindo dessa maneira, um modo de ser cristão tipicamente Adventista do Sétimo Dia. Além da bíblia, os fiéis se apoiam nos seus inúmeros conselhos de forma a adquirir um capital intelectual que orienta a construção do *self* e do modo de vida adventista na esfera pública enquanto aguardam o retorno de Cristo.

2.4 (Re) inventando uma tradição: a expansão mundial de uma nova igreja

Desde 1874 os adventistas enviam missionários ao estrangeiro, marcando presença modesta em nações da Europa, bem como na Austrália e na África do Sul. A princípio os alvos de conversão foram protestantes de outras denominações que já conheciam o evangelho. Só depois a instituição ampliaria sua ação proselitista para católicos e “pagãos”. Não se pode esquecer a importância da criação de editoras adventistas e a circulação de publicações da denominação na sua ação missionária. Diversas revistas e informativos eram elaborados desde a época de Miller sendo uma prática que até hoje é elemento importante do proselitismo adventista. Na época de expansão mundial mediante a crescente solidificação da IASD como instituição religiosa, diversas revistas foram elaboradas nas mais diversas línguas a fim de levar a mensagem incumbida. Em 1889, por meio de assembleia, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia cria uma Comissão da Missão Estrangeira com o objetivo de administrar o trabalho missionário fora dos Estados Unidos.

Inicialmente não havia na formação missionária um preparo específico para os pregadores que se dirigiam para regiões culturalmente diferentes fora da América do Norte. A preparação para a obra enfatizava mais o conhecimento das doutrinas da igreja. Logo, o trabalho era realizado na maior parte das vezes entre colônias de imigrantes. Na medida em que a religião se expandia, uma mentalidade empreendedora se refletia na organização da igreja. Mostrava-se necessário a criação de uma hierarquia administrativa, existindo assim

uma clara departamentalização. No início do século XX a IASD se estruturava da seguinte maneira: a igreja local congregando os crentes individuais. Antes dela ter-se-ia o grupo local ou pequeno grupo com pequeno quantitativo de adeptos e que não possui autossuficiência econômica, nem liderança. O grupo de igrejas e pequenos grupos em um Estado, província ou território local formaria uma missão ou uma associação, esta última com independência financeira ao contrário da primeira, ainda submetida à associação, portanto de caráter mais dependente. Por sua vez, o conjunto de missões e associações em um território mais abrangente constituiria uma união cuja pluralidade forma as divisões, seções da Associação Geral as quais agregam grandes territórios mundiais, sendo a Associação Geral o nível de administração hierarquicamente mais alto e de alcance mundial³⁰.

É durante o processo de formação dessa estrutura administrativa que a IASD se espalha pelo mundo, difunde sua doutrina, cria uma tradição ou mesmo se reinventa em decorrência das particularidades culturais dos locais por onde se estabelece. César Ceriani Cernadas (1999) ilustra bem isto a respeito do modo como a IASD se estabeleceu na Argentina inventando uma tradição própria buscando estabelecer uma continuidade com um conveniente passado histórico. A tradição seria, segundo o autor, o complexo processo histórico pelo qual os indivíduos tentam dar ordem, sentido e identidade a diversos acontecimentos, coisas, personagens e relações do passado com o objetivo de significar e legitimar as ações ou crenças do presente e poder projetá-las até o futuro. No caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia “como su nombre lo indica, el inminente retorno de Cristo y la afirmación del día sábado como único y auténtico día de descanso son los dos principios irreductibles que esta iglesia sostiene, y la ‘materia prima simbólica’ con la que inventarán una tradición” (CERNADAS, 1999, p. 62).

Embora o palco histórico principal do desenvolvimento da IASD tenha sido os Estados Unidos, na Argentina sua história ganha contornos próprios através de certas apropriações e personagens locais, mas que corroboram para a ideia do Adventismo como um movimento religioso profético escatológico universal. Isto porque as ideias milenialistas pregadas por Miller nos EUA, paralelamente ao seu desenvolvimento, também se apresentavam e eram divulgadas em outras partes do mundo por outros indivíduos. O jesuíta chileno Manuel Lacunza e o considerado primeiro herege argentino e profeta milenialista Francisco Hermógenes Ramos Mexía, na qualidade de divulgadores das doutrinas precursoras da IASD, foram incluídos como parte da tradição adventista na Argentina de forma a legitimar uma

³⁰ Esta estrutura administrativa permanece até hoje.

identidade nacional da religião sem se desligar, no entanto, da ideia dela ser um movimento profético de escala mundial.

Ambos os personagens, por meio de sua história de vida, de suas crenças e práticas religiosas são tidos como precursores nacionais do adventismo construindo (ou inventando) uma tradição “nacional” que corre paralela à tradição “oficial” iniciada nos Estados Unidos. Por meio da apropriação dessas figuras, o adventismo argentino constrói uma continuidade histórica entre grupos distantes os quais estão inseridos no mesmo movimento religioso.

Na África, por exemplo, o Adventismo do Sétimo Dia é uma religião emergente e também conta com contornos próprios por ter que conviver com práticas culturais as quais fazem parte da tradição nativa, mas se contrapõem as doutrinas oficiais da denominação. A IASD é pensada, nos termos de Eva Keller (2005), como uma nova igreja (*New Church*). Nova não no sentido de ser inédita, mas no sentido de ser extremamente popular em diversos setores sociais. No contexto africano, mas especificamente em Madagascar, tal popularidade é desafiante e ameaçadora para as principais igrejas históricas. De fato, a classificação usada pela antropóloga é demasiado genérica, pois além da IASD também seriam novas igrejas as denominações pentecostais e os vários tipos de grupos rotulados como evangélicos ou fundamentalistas. Neste sentido parece haver uma correspondência entre o conceito de Novas Igrejas com o de Novos Movimentos Religiosos, contudo a classificação da IASD como uma nova igreja ainda só parece fazer sentido apenas para contextos específicos em que ela penetra na sociedade de forma bem sucedida e com grande sucesso popular como é o caso de Madagascar na África. Mesmo assim, diante do crescimento da IASD no Brasil, país de maior número de adventistas no mundo, onde a denominação é a segunda maior na categoria protestantismo de missão (histórico), atrás apenas dos batistas segundo o censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), creio ser plausível o uso da categoria nova igreja para a denominação no país.

Mas voltando ao caso africano, as novas igrejas se diferenciariam também pela forte oposição a um processo de africanização do cristianismo como ocorre nas igrejas independentes africanas. Ainda assim, a relação destas novas igrejas com a religiosidade tradicional africana é ambígua. De acordo com alguns autores, apesar da enfática oposição delas ao processo de africanização do cristianismo como ocorre com as igrejas independentes e algumas missionárias históricas, elas tomam para si preocupações tipicamente africanas como a bruxaria, por exemplo. Sob este contexto é que é possível afirmar que a tradição

adventista, mesmo com sólida base doutrinária, é plástica na medida em que deve lidar com os problemas postos pela cultura local dos lugares por onde passa.

Sublinhando a expansão da IASD ao longo de seu percurso histórico construindo uma identidade religiosa própria e ao mesmo tempo plástica por onde se instaura, em seu projeto expansionista não podemos negar a importância do neocolonialismo, o qual favoreceu um intenso fluxo migratório, pelo qual não só pessoas transitam, mas a cultura também. Esta seria uma primeira fase de expansão da religião, na época ainda pequena, pouco organizada e de recursos limitados. Por meio dos imigrantes europeus presentes nos Estados Unidos, os primeiros conversos desse grupo resolvem voltar para casa levando a nova mensagem aprendida. A partir de então o adventismo se difunde pela Europa e, por ela também marcar presença em várias partes do mundo, houve certa facilidade na dispersão da denominação no globo.

Já na América do sul três diferentes linhas de atividade marcaram o começo do Adventismo do Sétimo Dia. A primeira delas estava ligada às publicações adventistas, a segunda foi à participação de leigos os quais contribuíam para a disseminação da mensagem e a terceira foi à participação de missionários de sustento próprio, em sua maioria colportores³¹. Como a literatura disponível para venda na colportagem era em inglês e alemão, o público alvo era principalmente as colônias de alemães, suíços e americanos.

No caso brasileiro, o Adventismo do Sétimo Dia se instaura primeiramente nas colônias alemãs na década de 1890. Pode-se dizer que boa parte da imigração no país foi com o objetivo de ocupar o interior, explicando assim, a formação de verdadeiras colônias e regiões de ocupação de imigrantes na região sul. Entre os principais grupos de imigrantes se destacam os alemães, os italianos, os espanhóis, os portugueses e os japoneses, sendo os alemães os primeiros e, por muito tempo, os únicos imigrantes presentes no país. As colônias alemãs se mantinham relativamente isoladas e formavam verdadeiras ilhas culturais. Seyerferfh (2000 apud. SCHUNEMMAN, 2009c, p. 156-157) falando sobre as várias razões das dificuldades dos alemães se ajustarem a sociedade brasileira cita em primeiro lugar o isolamento das colônias em relação às regiões mais dinâmicas do país, em segundo lugar o descumprimento do governo brasileiro das promessas feitas aos colonos alemães e em terceiro

³¹ Colportagem é uma espécie de atividade missionária com fins de arrecadação monetária. Os colportores são agentes missionários os quais vendem literatura adventista para as pessoas. O dinheiro da venda é arrecado para a igreja e também garante o sustento dos próprios colportores. Paralelamente a isso realizam sua missão divulgando a mensagem adventista, principalmente pelos princípios de saúde, contidos no material de venda. Também é possível encontrar nestes materiais outros conteúdos de dimensão mais social, mas orientados sob os conselhos de Ellen White.

lugar o fato de alguns brasileiros não verem com bons olhos a presença de protestantes no Brasil, pois mesmo nem todos os alemães sendo protestantes, eles eram percebidos como se fossem.

Eles formavam diversas colônias agrícolas no país havendo um claro processo de isolamento em relação à sociedade mais ampla. Na necessidade de manter a população alfabetizada organizaram as próprias escolas onde se era ensinado alemão fortalecendo ainda mais o isolamento. Por meio da colportagem é que os primeiros missionários residentes no país, convenientemente dispondo apenas de literatura na língua nativa das colônias, começaram a espalhar a mensagem adventista entre elas.

O auto grau de dispersão e o grande isolamento destas comunidades se constituíram como obstáculos de expansão do adventismo à longo prazo, assim como contribuíram para sua intensificação no interior do país e nas camadas mais rurais, onde era maior a presença alemã. Como consequência é perceptível uma afinidade étnica alemã com a mentalidade adventista no Brasil, tendo o movimento crescimento tímido entre os nativos. Apenas com o fim da primeira guerra mundial que é possível dizer também do fim da primeira fase alemã da IASD no Brasil, pois com isso a relação entre Alemanha e Brasil é estremecida durante o evento, não sendo do interesse da IASD se envolver neste tipo de atrito por causa de sua íntima relação com as comunidades imigrantes de alemães no país. O adventismo começa a alcançar de fato os Brasileiros em 1904 durante a organização de sua primeira igreja na cidade de Rolante – RS marcando um novo momento na história da denominação no país.

Com o fim da primeira guerra mundial se tem a segunda fase de expansão adventista, desta vez mais sistemática e dispondo de mais recursos. No Brasil, São Paulo era o novo centro difusor do adventismo, até porque lá se encontrava o CAB – Colégio Adventista Brasileiro (hoje em dia a UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo), responsável pela formação dos novos missionários marcando o “brasilianização” do adventismo. Também não se pode passar despercebido o fato da cidade naquele período agregar um intenso fluxo migratório contribuindo para a difusão da mensagem nas mais diversos grupos residentes no país, sejam eles estrangeiros ou mesmo de outras regiões.

As migrações dentro do projeto expansionista e missionário da IASD de fato foram elementos centrais pelos quais a mensagem profética da denominação se difundiu mundo a fora. Desde seu surgimento como movimento milerita, o adventismo sempre contou com a pluralidade na sua constituição. Basta lembrar que o movimento adventista impulsionado por Miller era composto por indivíduos das mais diversas denominações protestantes existente na

época. A IASD durante sua expansão a partir do fim do século XX por meio dos mais diversos grupos de imigrantes também agregava uma pluralidade de indivíduos e culturas. Schunemann (2009c, p. 168) nos fala que a migração rural urbana intensa nas regiões do terceiro mundo está intimamente associada ao crescimento da IASD nessas regiões tendo em vista que em quase todos os casos o crescimento se dá nas grandes cidades. Nos países ricos, a sobrevivência da mensagem apocalíptica da denominação se sustenta justamente pelos imigrantes do terceiro mundo cuja maior parte busca manter vínculos com a igreja como forma de facilitar a sobrevivência.

O fato da IASD ser uma igreja internacional atualmente presente na maior parte do mundo acaba servindo de apoio para a imigração e também permite uma reconfiguração da própria igreja na composição de sua membresia, além claro, de gerar uma estrutura capaz de concretizar a noção de um movimento profético escatológico de alcance mundial. Em meio a tantos fluxos e a grande diversidade de indivíduos e culturas pelos quais passa realizando sua obra, a partir da bíblia e dos ensinamentos divinamente inspirados de Ellen White, a Igreja Adventista do Sétimo Dia vem construindo em um lento processo uma particular identidade histórica que se incorpora e corporifica nos seus adeptos através do modo de vestir, do que comer, de como cuidar do corpo, da educação, etc. Tal identidade é cada vez mais sólida, mas não imutável. Está sujeita a reconstruções e a novas apropriações na medida em que se difunde pelo mundo. Segue-se dessa maneira até o dia, de acordo com a compreensão nativa, em que Cristo retornar.

Procurei até agora mostrar alguns dos elementos e processos os quais considerei importantes para a construção identitária da IASD a um nível macrossocial. Não são os únicos, mas os privilegiei como centrais para entender a igreja nos tempos atuais. A noção de “tempo do fim”, oriunda no processo histórico de construção e institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia sintetiza a compreensão escatológica de tempo da denominação e sua ênfase profética em interpretar a história da humanidade assim como os caminhos passados, presentes e futuros da igreja. A expressão máxima de concretização deste tempo é o retorno de Cristo, certeza que se configura como a pedra fundamental da religião e que os adeptos ainda seguem aguardando a sua realização até hoje. Enquanto isso não acontece permanecem crenças nas verdades fundamentais da IASD buscando as praticar cotidianamente. Passemos agora a observar mais de perto a segunda marca distintiva da IASD, a mais peculiar e conhecida de suas verdades fundamentais, a guarda do sábado.

CAPÍTULO 3

Observando o sábado:

A marca que distingue

O sétimo dia, o sábado, conjuntamente com a crença no retorno de Cristo, são as marcas distintivas da IASD anunciadas no próprio nome da denominação. Guardar o sábado é o quarto mandamento de Deus conforme pode ser conferido no livro de Êxodos (Êx 20: 8 - 11)³² e é por isso que os adventistas seguem a risca tal prática, pois ela representa a lei divina. Ela fornece o modo de organização temporal dos adventistas quando diz que “Trabalharás seis dias, e farás toda a tua obra” sendo o sétimo dia o dia do descanso, o dia do Senhor. Assim, o sábado sendo o dia de descanso, porque até Deus neste dia descansou, do domingo até o pôr do sol da sexta-feira os adventistas devem trabalhar, estarem imersos no mundo e realizarem as suas obras pessoais. Porém, do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado os adventistas devem se abster de suas obras pessoais, descansar delas para realizar a obra do Senhor pregando o amor a ele e ao próximo assim como sendo um exemplo prático deste próprio ideal. Em decorrência disto qualquer tipo de atividade secular é proibida durante o período de guarda: estudar, trabalhar, realizar transações comerciais, atividades domésticas, entre outras.

O senso comum de forma caricatural se refere aos Adventistas do Sétimo Dia como o povo que não faz nada no sábado, nem sequer toma banho. Bom, isto não passa de uma percepção errônea e caricatural a respeito deles, pois existe uma relatividade nas atividades executadas pelos adventistas no dia sagrado. Eles não deixam de comer, dormir, fazer sua higiene pessoal, conversar e ser educado com as outras pessoas ou se locomover pelos lugares por conta do sábado, contudo reconhecem e tem em mente que a vivência deste dia deve ser concebida de uma maneira especial.

O sábado representa para os Adventistas do Sétimo Dia a oportunidade de vivenciar a presença de Deus. A observância do sábado para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, revela que desistimos de confiar em nossas próprias obras, compreendendo que somente Cristo, o Criador, pode nos salvar. A observância do sábado revela o supremo amor por Jesus Cristo, o Criador e Salvador do homem. Ao

³² Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que contém e repousou no sétimo dia; e por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.

observar o Sábado, o adventista mostra a sua confiança em aceitar a vontade de Deus para a sua vida. (SILVA, 2007, p. 37-38).

É legítimo dizer que os adventistas trabalham no dia de sábado, no entanto, trabalham no sentido de realizar a obra do Senhor executando ou participando de uma série de atividades rituais cujas quais muitas delas se configuram como ritos terapêuticos para si e para os outros os quais visam restaurar o organismo dentro de uma perspectiva holística com base na cosmovisão da saúde adventista (RIBEIRO, 2006). É sob esta perspectiva que é possível falar em descanso sabático pelo qual o trabalho executado no dia consiste em atividades rituais restauradoras que conectam o ser humano a Deus através de fazer o bem a si e ao próximo de um jeito tipicamente adventista.

A lição da escola sabatina referente ao período de 11 a 18 de fevereiro de 2012, intitulada “Senhor do Sábado”³³ exemplifica bem isto quando no estudo referente a quarta-feira ensina:

Toda a questão era a respeito de pessoas, de misericórdia, bondade e amor pelos outros. Adequadamente observado, o sábado nos oferece mais oportunidades de mostrar bondade e misericórdia aos que necessitam do que teríamos nos outros dias da semana, quando somos forçados a ganhar o sustento. O problema era que o sábado havia se tornado sobrecarregado com muitas leis e regulamentos criados pelo homem, que logo se tornaram um fim em si mesmos, e não um meio para alcançar um fim: amar a Deus e as outras pessoas. A bíblia declara que o amor é o cumprimento da lei, e qualquer coisa que transforma a lei em algo que nega o amor, ou que atua contra o amor deve ser descartada. O sábado havia se tornado uma lei sem amor, o que é legalismo cruel. Era contra isso que Jesus estava lutando ao curar no sábado.

Lição sabatina – 1º trimestre/2012

Lição 7: Senhor do Sábado – 4ª Feira

O ensinamento toma como base o trecho bíblico disposto em Mateus (Mt) 12: 1 - 13 sobre o fato de Jesus realizar atos de cura no dia de sábado³⁴. Sendo assim, seguindo a argumentação adventista da lição, o que para muitos neste trecho bíblico é interpretado como um ato de Cristo o qual abole a lei sabática na medida em que ele trabalha no dia de descanso realizando curas, para os adventistas o texto exprime a real natureza do sábado. Isto justifica o fato de que nenhum adventista pode se eximir de sua obrigação como cristão (e também como

³³ Lição disponível em: < <http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/licoes/adultos/2012/li712012.html> >.

³⁴ Mais especificamente (Mt) 12: 9 -13: Partindo dali Jesus entrou na sinagoga. Encontrava-se lá um homem que tinha a mão seca. Alguém perguntou a Jesus: “é permitido curar no dia de sábado?” Isto para poder acusá-lo. Jesus respondeu-lhe: “Há alguém entre vós que, tendo uma única ovelha e se esta cair num poço dia de sábado, não irá procurar e retirar? Não vale o homem muito mais que uma ovelha? É permitido, pois, fazer o bem no dia de sábado”. Disse, então, àquele homem: “Estende a mão”. Ele a estendeu e ela tornou-se são como a outra.

de cidadão) de salvar uma vida, por exemplo, ou ajudar um indivíduo no dia de sábado tendo condição de fazê-lo se as circunstâncias assim exigirem e não houver outra escolha.

Sendo, por exemplo, a área de saúde uma área frutífera no Adventismo do Sétimo Dia não só por conta de sua cosmovisão de saúde, a maior parte expressa nos conselhos e visões de Ellen White fundamentados biblicamente, mas também em decorrência das inúmeras instituições de saúde pertencentes a denominação, os profissionais da área (médicos, enfermeiros, etc) adeptos da IASD quando não houver jeito de trocar o dia de plantão podem realizar suas atividades no sábado desde que voluntariamente, sem receber nada em troca, pois isto representa um ato de amor assim como o de Cristo ao curar voluntariamente no sábado, exprimindo assim a verdadeira essência do sábado na concepção adventista. A saúde e algumas poucas outras áreas gozam dessa flexibilidade de trabalho sabático na medida em que suas atividades compreendem ações humanitárias de ajuda ao próximo, bem vistas aos olhos do cristianismo, como bem demonstrado no ensinamento transposto acima e complementado nos demais encontrados ao longo de toda a lição referentes aos dias restantes da semana.

Não há dúvidas de que o sábado é um dia especial para os Adventistas do Sétimo Dia. Sendo uma das marcas que distingue a religião, provavelmente a principal se levarmos em conta a publicidade que tem tanto no campo religioso como no senso comum de um modo geral, ainda que tal publicidade seja um meio de compreensão negativa na maioria dos casos através da categoria acusatória de seita, entender a sua excepcionalidade é um exercício que parece fazer mais sentido e ser mais profícuo quando feito etnograficamente. Desse modo, apresento neste capítulo análises etnográficas oriundas da observação do sábado durante o meu trabalho de campo na IASD Central do Recife e das conversas informais e gravadas que tive com jovens adeptos da denominação. Tais análises culminam na descrição do itinerário sabático a ser feita nas próximas páginas³⁵. O conceito é mais bem elucidado no final do capítulo para fornecer o modo pelo qual redes diferenciais de sociabilidade são construídas através dos fiéis se dando por meio delas a emergência de uma identidade religiosa singular. A título de exemplo, esta identidade mediante a *práxis* sabatina da qual deriva é semelhantemente expressa na citação a seguir.

O sábado, que é contado desde o pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do dia seguinte é exclusivamente dedicado ao descanso e a oração. Na sexta-feira já precisam ter tudo preparado: a roupa limpa e

³⁵ Um quadro-resumo a respeito das atividades do itinerário sabático encontra-se nos apêndices deste trabalho.

passada para o culto, a comida pronta para o dia seguinte. Quando o sol ia se pondo, juntavam-se no terreiro na casa de Onofre para “receber o sábado” e realizavam uma reunião. Até o anoitecer do dia seguinte não faziam trabalho nenhum: não varriam a casa nem faziam comida, não conversavam sobre trabalho ou assuntos que não dissessem respeito a religião – ficavam sempre juntos conversando sobre Deus e a bíblia, cantando hinos e rezando. Rosa, uma mocinha de dezesseis anos, disse-nos que o sábado era “o que mais gostava nos crentes”: já levantavam contentes, vestiam roupa nova e reuniam-se nas casas para cantar hinos; era muito bonito o sábado, mais bonito que o domingo dos católicos, porque não tinham nenhum serviço para fazer. (DURHAM, 2004, p. 59).

A descrição acima ilustra como é o sábado para um grupo de Adventistas da Promessa residentes em uma fazenda localizada na área do Catulé na cidade mineira de Malacacheta em 1955. Os Adventistas da Promessa existem até hoje e são uma cisão da IASD tradicional (ou histórica) constituindo-se como uma versão pentecostalizada da religião. Pelo trecho etnográfico descrito acima é perceptível o quanto o grupo conservou a prática da guarda do sábado a vivenciando de modo igual à denominação que lhe deu origem. O mesmo vale para outros tipos de comportamento expressivos do modo de ser da religião, pois “Além de respeitar os mandamentos, deviam abster-se de comer carne ou gordura de porco, beber e fumar, obedecendo a normas de conduta extremamente severas: não podiam dançar nem ir as festas e era proibido cantar ou tocar qualquer música profana” (DURHAM, 2004, p.59).

A base doutrinária a qual fundamenta o estilo de vida dos Adventistas da Promessa do Catulé da década de 50 é a mesma da IASD tradicional atual exceto pelo fato da linha pentecostal da qual são seguidores. A distância temporal também é um elemento a ser levado em conta, contudo de qualquer maneira aqueles sofreram do choque cultural entre o seu modo de ser sabático e a cultura mais ampla ao qual estavam inseridos de forma semelhante ao que acontece com muitos Adventistas do Sétimo Dia hoje em dia. Ocorre que o grupo do Catulé estava inserido em cultura caipira muito influenciada pelo catolicismo e sua prática dominical, gerando assim uma série de incompatibilidades a respeito da distribuição temporal do trabalho. Como estratégia de adaptação diante das incompatibilidades geradas através das crenças e práticas sabáticas do grupo e sob o contexto da cultura caipira os Adventistas da Promessa se viram forçados a mudanças nos padrões de sociabilidade com os outros transformando também as redes de solidariedade do próprio grupo. Neste processo muito importantes foram às relações de parentesco, compadrio e vizinha pelas quais o Adventismo da Promessa se dissipou e se manteve firme na região naquela época (DURHAM, 2004).

O próximo capítulo tratará melhor das questões referentes à incongruência cultural entre religião e esfera pública tomando como ponto de análise o grupo em estudo. Uma vez dito o que é em linhas gerais o sábado para os Adventistas do Sétimo Dia, passemos a trabalhar a questão mostrando como é o sábado para eles.

3.1 Sexta-feira à noite

Como já explicado, o sábado sagrado inicia-se com o pôr do sol da sexta-feira. Os Adventistas do Sétimo Dia fazem, então, seus cultos e orações de boas vindas ao Sábado. Isto pode ser feito de dois modos, através do culto familiar, ou, do pequeno grupo.

Geová: *Como é que é tua sexta-feira?*

Erick: *Pronto, antes de eu estudar, assim, antes da faculdade, eu conseguia estar em casa no pôr do sol. Aí eu fazia em casa o culto com minha mãe, com meu irmão, quando meu pai tava em casa ou quando meu pai tava chegando. Agora trabalhando é mais difícil, aí o que acontece? Quando dá o pôr do sol eu faço uma oração...* **Geová:** *Em casa?*

Erick: *No ônibus, no caminho. Quando chego em casa já é de noite, aí se faz em família. Porque também a igreja fala nisso, a questão do culto familiar. Mas teve uma época que eu tava fazendo a escola técnica do AIESEC também, aí nem mais tava querendo fazer o culto de pôr do sol com os meus pais. Eu olhava e achava péssimo, minha mãe cantava desafinado, meu pai lê parece, meu pai lê, lê, lê e passava a vida toda, aí eu chegava em casa, fazia sozinho, me trancava no meu quarto, não queria fazer, eu já tava meio... na questão da fé, a fé da época era meu jeito, eu só queria do meu jeito...*

Erick é um jovem adventista da IASD Central e sinaliza para as possíveis maneiras de se vivenciar o início do sábado sagrado, dentre elas, em família ou mesmo sozinho. Outro ponto interessante de sua fala é a oração de recepção do sábado no próprio ônibus consigo mesmo a caminho de casa após o trabalho. Tradicionalmente no mundo do trabalho o horário comercial compreende uma carga horária de quarenta e quatro horas semanais distribuídas de segunda à sexta das 8:00 às 18:00 com direito a duas horas de almoço e no sábado de 8:00 às 12:00. No entanto, devido o universo trabalhista se encontrar cada vez mais flexível e rotativo tal distribuição temporal do trabalho é bastante variável, tudo vai de acordo com o campo profissional, o tipo de atividade exercida e a própria organização das empresas e dos

empregadores. Sem me deter exclusivamente nos dilemas que a guarda do sábado implica no mundo secular do trabalho importa aqui notar que nas sextas-feiras os Adventistas do Sétimo Dia devem tentar findar suas atividades mundanas antes do pôr do sol para poderem dar início ao seu descanso religioso. No caso de Erick, na época da entrevista trabalhando em uma escola a qual todos já conheciam a sua confissão religiosa, ele não tinha problemas em largar mais cedo nas sextas-feiras. Sendo assim saía do trabalho por volta das cinco da tarde e sendo impossível estar em casa antes do sábado adventista começar de fato por questões de trânsito e deslocamento, inicia o itinerário sabático durante o próprio percurso e o continua em casa junto aos familiares ou, como aconteceu em determinada época de sua vida, sozinho. Este tipo de coisa é bastante comum entre os adventistas.

Na época do início da pesquisa de campo Erick era o líder investido do grupo de desbravadores. Por ocupar cargo na IASD Central sua rotina no fim de semana sempre foi bem agitada e cansativa. No sábado ele passava o dia na igreja e ainda ia para as atividades dominicais. Desse modo opta pelo culto familiar na sexta à noite por ser menos cansativo. Prefere-o ao pequeno grupo por achar mais prático, menos cansativo na medida em que não envolve deslocamento para outro lugar.

Geová: *Hoje em dia como é tua sexta à noite?*

Wládvia: *Sexta à noite, depois do pôr do sol até sete e meia eu fico em casa organizando e tal. Sete e meia eu vou para o pequeno grupo, tem um pequeno grupo jovem aqui na Rua da União, perto de casa também, dá para ir andando. Ai acaba nove horas, nove e meia.*

Geová: *Esse pequeno grupo é de pessoas que frequentam a igreja daqui?*

Wládvia: *Não, é da Central também, mas é mais de pessoas do interior também que moram aqui na Boa Vista. Tem pessoas de Arcoverde, pessoas de Olinda. Tem uns aqui é de Sanharó e uns que é do interior, aí a gente se reúne, é um grupo jovem, bem jovem, só jovem que participa dele. Aí esse mês tá de férias, porque as meninas estão de férias aí foram para o interior, foram para Arcoverde.*

O pequeno grupo é uma outra opção para a celebração do início do sábado sagrado. Se o culto familiar tem um caráter mais restrito e privado ele ao mesmo tempo pode se tornar mais público e aberto. Muitas famílias convidam outros adventistas para se tornarem um pequeno grupo de oração onde é possível estudar ou revisar juntos a lição daquele dia, ler a bíblia, cantar músicas, fazer orações e louvores, enfim, uma infinidade de atividades

religiosas de caráter mais informal e de fundamental importância para solidificar laços de amizade, vizinhança ou parentesco no âmbito da religião. A separação momentânea do mundo, o descanso dele e a integração a uma comunidade diferenciada de pessoas começa justamente na sexta à noite com o culto familiar ou o pequeno grupo.

Não necessariamente apenas famílias adventistas tomam a iniciativa de realizar o pequeno grupo, mais outros conjuntos de adventistas o podem fazer como é indicativo na fala acima. Wládvia por morar na Boa Vista, fazer parte da IASD Central e tendo em vista ser ela natural da cidade de Sanharó e sua família está toda lá, frequenta pequenos grupos de indivíduos que partilhem de sua mesma situação de vida uma vez que pela distância não é possível fazer o culto familiar. Além do mais, pelo próprio fortalecimento da sociabilidade, é mais agradável saudar e celebrar o início do sábado em pequeno grupo ou em culto familiar do que sozinho salvo algumas exceções. Pequenos grupos iniciados por indivíduos adventistas que não relacionados pelo parentesco parece ser algo típico para parte da população membro da IASD Central residente nas redondezas da igreja pelo fato destes indivíduos se encontrarem em situação semelhante a de Wládvia. Quando ela vivia em Sanharó na sua adolescência eis como era sua sexta-feira.

Geová: Certo, entendi. E na sexta-feira à noite, como é uma sexta-feira à noite para um jovem adventista, mas ainda se baseando nessa época da sua vida [adolescência], o que você faz, o sol se põe e aí? Já não se pode fazer mais nada...

Wládvia: É, assim, não se pode fazer nada assim, comum. Você costuma sair de sua rotina normal. Na sexta à noite, depois do pôr do sol, fazia o culto do pôr do sol, cada sexta-feira era na casa de alguém o culto do pôr do sol. Aí orava, lia a bíblia, tinha a meditação, tinha algum lanchinho e às sete e meia começava o pequeno grupo que ainda hoje em todos os lugares existe o pequeno grupo que era de acordo com o bairro que cada um morava, o mais próximo era na casa de alguém e tinha uma lista do pequeno grupo também que todo mundo estudava, debatia aquele assunto.

Soube que algumas vezes, em situações especiais, algumas IASDs promovem alguma atividade ou celebração na sexta à noite. Mas de uma maneira geral, o itinerário sabático é de caráter mais aberto neste dia e conduzido pelos próprios fiéis. Aparentemente apesar de ser um conjunto de atividades fixas, não há uma rigidez na sua estrutura estando os adventistas livres para conduzir o momento. Como nunca cheguei a participar ou frequentar de algumas

dessas atividades da sexta à noite este é o limite do conjunto de informações que aqui posso apresentar sobre o assunto.

3.2 A Igreja Adventista Central do Recife e a sua comunidade religiosa

Antes de adentrar na etnografia do itinerário sabático da Igreja Adventista do Sétimo Dia Central do Recife propriamente dito cabe uma descrição da igreja e de sua comunidade religiosa.

A IASD Central do Recife pertence ao distrito central o qual até o presente momento congrega apenas esta igreja. Ela se localiza no centro da cidade, no bairro da Boa Vista e na mesma rua, em frente a ela, está o Colégio Adventista do Recife. Pouco mais adiante, algumas casas depois, observa-se também uma Casa Publicadora, isto é, uma editora adventista. É evidente o quanto o Adventismo do Sétimo Dia está marcado naquele bairro, mais especificamente na Rua Gervázio Pires, contemplada com três instituições cuja presença nos termos descritos remete ao institucional modelo evangelizador da religião: escola, igreja, hospital, editora. Se não fosse pela ausência de um hospital ou instituição de saúde adventista no mesmo endereço, tal modelo estaria completo. Ainda assim ele é evidente e forte o suficiente.

Na Casa Publicadora é possível encontrar à venda diversos livros religiosos ou sobre religião, todos da denominação. Além deles há bíblias, hinários, salmos, lições sabatinas dos adultos e dos jovens, os mais variados tipos de revistas, material infantil, livros de Ellen White, etc. Tudo material editado e publicado pela Casa Publicadora Brasileira e quando não, caso haja, se trata de material referente à própria IASD originário de outras fontes. Há uma sessão para CDs e DVDs cujo conteúdo também é iasdiano: filmes, documentários, palestras, produções musicais, entre outros. Em outra parte do local, as prateleiras estão repletas dos mais variados produtos naturais, comidas e bebidas condizentes com os preceitos naturalista de saúde da IASD (RIBEIRO, 2006), muitas delas bastante peculiares e próprias, indicativas de um tipo específico de gastronomia/culinária adventista (FUCKNER, 2004). O funcionamento do estabelecimento segue a organização temporal sabática ideal por assim dizer, isto é, de segunda a sexta-feira, na sexta-feira funcionando apenas pela manhã. Sábados, domingos e feriados fechado.

Já o Colégio Adventista do Recife trata-se de uma escola particular cujo ensino vai do pré-escolar ao ensino médio com uma boa estrutura. Estimo que o corpo de funcionários se

não todo adventista, pelo menos a maior parte pertença à religião. Como a escola não foi o universo de pesquisa estudado apresento apenas uma descrição bastante sumária. Possui uma entrada localizada em frente a IASD Central e uma outra pelos fundos o qual dá para o Parque 13 de Maio. Todos os alunos são fardados com as cores azul e branco carregando o emblema do colégio na camisa. Sobre o vestuário das meninas em vez de calça, concordando com os ditames da IASD, elas usam saias. O ensino, considerado um dos melhores no país, segue a linha de uma pedagogia tipicamente adventista (SANTOS, 2010; STENCEL, 2006), confessional e fundamentalista (SCHUNEMAN, 2009a). Nada sei como ocorre a distribuição do calendário letivo e da carga horária letiva da escola, apenas que ela deve ser igual a exigida pelo MEC, contudo ainda permanece a organização temporal sabática: segunda a sexta-feira sendo que na sexta-feira os alunos que estudam no turno da tarde largam mais cedo, antes do pôr do sol.

No que diz respeito à IASD Central, adentrando o seu andar térreo após um pequeno pátio frontal, é possível visualizar do lado esquerdo a sala do pastor, a frente a sala onde é realizada a classe sabatina jovem, o ensaio do coral jovem e os cultos de oração das quartas-feiras sendo esta a maior sala daquele andar. Do Lado direito, parece ser a sala da classe sabatina dos juvenis (adolescentes) seguida através de um estreito corredor de outras salas onde ocorrem as demais classes sabatinas ou destinadas a outras finalidades. Dentre elas vale fazer menção ao minicentro Ellen G. White, inaugurado pelo final do ano de 2012. Este minicentro funciona como um pequeno museu onde é possível ver através de diversos quadros fotográficos figuras históricas importantes no desenvolvimento da IASD no Brasil e no Mundo, mais especificamente nos Estados Unidos, onde começa a história oficial da IASD. Em outro canto da parede da mesma sala mais quadros fotográficos destacando dessa vez as pessoas as quais fizeram parte da história daquela congregação. Ao lado uma grande estante se não com toda, pelo menos com grande parte da literatura adventista escrita por Ellen White. Ainda há outro cômodo o qual parece guardar uma série de documentos daquela igreja. Assim, o minicentro Ellen G. White preserva e constrói a memória do Adventismo do Sétimo Dia assim como da IASD Central do Recife.

O primeiro andar da igreja é bastante amplo, nele são realizados a classe sabatina dos adultos e os principais cultos da IASD (divino, J.A e dominical). Existe uma área denominada galeria, situada na parte de cima. Há um pequeno espaço de recepção no primeiro andar, antes de adentrar o salão principal digamos assim. Do lado esquerdo deste espaço uma pequena sala onde alguém sempre fica responsável pelo controle de som e vídeo da igreja assim como da

transmissão pela internet e gravação digital dos cultos e eventos importantes da congregação. Geralmente quem faz isso é alguém pertencente ao departamento de comunicação pessoal. Chama atenção justamente o uso da tecnologia durante os cultos nos quais potentes sons e projetores digitais são utilizados como recursos didáticos a transmitir a doutrina adventista para os fiéis assim como também podem conferir o ar de espetáculo a certos eventos. O uso de projetores os quais servem para passar vídeos e letras das canções adventistas parece ser algo comum à maioria das IASDs hoje em dia. Na frente há um púlpito de vidro com o símbolo dos Adventistas do Sétimo Dia: uma bíblia aberta com uma chama a sair dela. Acima, como se fosse uma janela é onde se assiste o batismo por imersão.

Sobre a comunidade religiosa da IASD Central ela é bastante diversa, pois por se localizar no centro da cidade não só os residentes do bairro, majoritariamente comercial, são membros daquela congregação como também outras pessoas moradoras das mais diversas áreas da Região Metropolitana do Recife. Assim, geograficamente a membresia da IASD Central é bastante diversificada assim como também o é em termos de classe social. É difícil aferir a origem social de forma genérica da comunidade religiosa daquela congregação uma vez que a estética adventista durante o itinerário sabático e mesmo nos cultos dominicais é impecável, pois o sábado é o dia da melhor roupa, do melhor visual. Desse modo, existe um certo ar de classe média na igreja induzido pelo modo como se vestem e os acessórios que trazem consigo. Uma senhora adventista comentou comigo uma vez que se eu notasse direitinho observaria que a maioria dos fiéis não só daquela igreja, mas adventistas em geral, era composta de funcionários públicos ou profissionais liberais já que estes tipos de trabalhadores dispõem de maior flexibilidade ou amparo jurídico em suas profissões para a guarda do sábado. De qualquer forma, acredito ser possível dizer que atualmente o adventismo possui um *ethos* classe média principalmente quando se observa a sua alta ênfase no estudo bíblico e dedicação ao trabalho que transplantados para a vida cotidiana dos fiéis constituem-se como impulso a mudança de vida incentivando as pessoas a chegarem aos setores médios e altos da sociedade.

Mesmo com o ar de classe média prevalecente na IASD Central muitos fiéis ali também tem uma origem e status social mais humilde oriundos do interior tentando a vida no Recife ou mesmo das camadas médias baixas cuja renda nem sempre é suficiente para o sustento adequado da família. Este tipo de quadro social torna a vida dos adventistas mais desafiadora, pois apesar da vocação para o trabalho e o incentivo ao estudo, a sua

compreensão de tempo e o modo como o organizam decorrente da guarda do sábado são conflitantes com o sistema capitalista (SILVA, 2007).

As configurações de geração e gênero são bem mistas. Homens, mulheres, idosos, jovens e crianças todos sentam onde bem desejar, não há lugares previamente designados para cada um desses grupos, ainda que isso não signifique dizer que durante pelo menos o principal culto sabático da IASD - o culto divino - não exista espaços sociais pelos quais cada um desses grupos de forma inconsciente através de variados tipos de configurações possa se constituir como unidade básica³⁶.

Por a família ser um pilar para a formação religiosa cristã adventista elas estão geralmente sempre juntas durante as atividades da IASD Central separando-se apenas nas classes sabatinas por conta de sua divisão etária. As crianças assim como os jovens solteiros estão na maior parte do tempo juntos em grupinhos de amigos quando não estão com suas famílias durante os cultos. Dificilmente se vê uma mulher desacompanhada, a depender de sua faixa etária se não com amigos e amigas, ficam ao lado de seus conjugues e pretendentes ou de seus familiares. No caso dos homens é mais comum ver algum sozinho na igreja, mesmo muitos sendo adventistas. Nestes casos há de se considerar também um número razoável de visitantes e curiosos.

Por falar em visitantes e curiosos descobri posteriormente que a estes os adventistas dão o nome de interessados quando não pertencentes à religião. Contudo, há visitantes adventistas de outras congregações conferindo bastante rotatividade de indivíduos na IASD Central o que possibilita beneficentemente troca de experiências e ampliação das redes diferenciais de sociabilidade ocasionando aumento de coesão social e sentimento de pertencimento entre os fiéis. Essa rotatividade através dos visitantes membros de outras IASDs é promovida pelo fato da IASD buscar principalmente nos seus cultos sabáticos vespertinos e em certa medida nos cultos sabáticos matinais (culto divino) trazer agentes religiosos diferenciados e de grande visibilidade no universo adventista: cantores, pregadores, missionários, enfim, uma gama de pessoas com trajetória religiosas de vida singulares dispostas a passar uma mensagem de forma interessante e convincente cuja proposta é oferecer ou solidificar um compromisso com Deus. Todos estes tipos de convidados diferenciados com a ajuda do trabalho de propaganda do departamento de comunicação da IASD Central e de sua própria comunidade religiosa garantem uma programação atraente para

³⁶ Uma reflexão etnográfica sobre os espaços sociais na IASD Central do Recife durante o seu principal culto pode ser encontrada no apêndice do corrente trabalho.

visitantes oriundos de outras IASDs ampliando assim os tipos de indivíduos que fazem parte da comunidade da congregação em questão.

Um último detalhe sobre a comunidade religiosa da IASD Central é que ela poderia ser dividida seguindo uma categoria nativa vinda das entrevistas entre os que são “esquenta banco” e os que não são. Ser um “esquenta banco” é simplesmente ocupar um lugar na igreja onde se pode assistir a sua programação e participar de seu itinerário sabático de um certo modo. Por se tratar de uma igreja bastante grande apenas uma pequena parte de sua membresia não é “esquenta banco”, isto é, ocupa função ou cargo na igreja. Para aqueles que tem algum papel a desempenhar na IASD Central nos seus quadros administrativos ou no planejamento e execução de suas atividades, o nível de participação e integração é muito maior quando não exclusivo a exemplo do cargo de pastor.

Pouco sei sobre a composição dos quadros administrativos e demais funções a serem executadas na IASD de modo geral e na IASD Central especificamente. Por ter detido meu trabalho de campo ao corpo de fiéis da congregação, em especial os jovens, não entendo o funcionamento da hierarquia da igreja e logo não ei de apresentar descrições sistemáticas sobre isto aqui. Em síntese, a comunidade religiosa da IASD Central, tal como descrita aqui e para os propósitos desta dissertação, pode ser enquadrada resumidamente como portadora de um *ethos* classe média com uma gama diversa de indivíduos oriundos dos mais diferentes lugares ao redor do Recife e nas mais variadas situações sociais. Ela também é bastante mista em termo de gênero e geração não havendo preponderância de algum grupo etário ou de gênero ainda que haja sutis relações tradicionais entre homens e mulheres quando se verifica os tipos de atividades, funções e cargos que cada um desses é passível de exercer. De todo modo, tais tipos de relações de gênero e distribuição sexual do trabalho no interior da congregação e mesmo na religião como um todo podem ser flexibilizados como me conta um membro da IASD Central em entrevista³⁷ e também se levarmos em conta a própria história do adventismo, pois não sendo ele uma religião dogmática, sempre revê e reinterpreta o seu repertório de crenças e doutrinas. Em IASDs menores, pela própria estrutura de menor porte, as relações de gênero são mais flexibilizadas. Ainda assim a denominação tem suas próprias noções do que é ser um homem e mulher adventista reproduzindo em maior ou menor grau algumas concepções tradicionais de gênero. Por fim, não se pode ignorar a alta rotatividade de indivíduos dessa comunidade em detrimento do grande número de interessados (curiosos) e

³⁷ Entrevista com o primeiro ancião da IASD Central Paulo Correia ocorrida em 20.08.2012.

visitantes de outros templos, estes atraídos por uma programação mais dinâmica a qual dá mais vigor ao itinerário sabático promovido pela IASD Central.

3.3 Sábado pela manhã: a escola sabatina³⁸

Sábado – 07.01.2012: classe sabatina em inglês

Primeiro sábado de 2012, a convite de Thiago, um jovem ex-adventista a quem conheci alguns meses antes e se tornou um dos meus informantes-chaves durante a pesquisa, vou para a IASD Central pela manhã no horário da escola sabatina. A escola sabatina é atividade oficial da IASD que abre as manhãs de sábado. Às vezes a igreja realiza algumas atividades antes da escola como o culto do poder, por volta das cinco horas da manhã. Mas não é algo rotineiro, ocorre apenas vez por outra.

A IASD Central já se encontrava aberta a espera dos fiéis. Era por volta das nove e meia da manhã e as classes estavam para começar. Era minha primeira vez naquele horário dentro da rotina normal da igreja. As classes para adultos aconteciam no primeiro andar. Havia vários professores em detrimento da grande quantidade de fiéis que se dividiam em grupos de cinco ou seis pessoas e sob a condução de um desses professores retomavam a lição da semana. Estes professores são fiéis designados para coordenar o grupo durante aquele momento. A configuração dos grupos e os critérios de escolha dos professores certamente não são aleatórios, mas nada sei a respeito disto.

O intuito da escola sabatina é retomar a lição bíblica aprendida durante a semana. A IASD monta uma espécie de livreto trimestral contendo as tais lições. Quando falo a IASD, aqui quero dizer que um comitê mundial de adventistas representativo da IASD na qualidade de uma instituição religiosa mundial é o responsável pela direção e preparação do material de estudo. Desse modo, a classe sabatina é padronizada no que diz respeito a seu conteúdo. O que um adventista na China ou nos Estados Unidos é instruído a aprender naquela semana é a mesma coisa e segue a mesma metodologia da lição a ser aprendida por um adventista recifense vinculado a IASD Central.

³⁸ Parte da reflexão desta sessão etnográfica é subsidiada pela etnografia de Rebeca Luisa Passos Ferreira “A Escola Sabatina da Igreja Adventista do Sétimo dia: uma etnografia do papel doutrinador da leitura na religião” apresentada no I REciso (Reunião de Etnografias do Colegiado de Ciências Sociais) na UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco) em outubro de 2011. Agradeço a autora pelo envio do trabalho e o breve momento de conversa que muito me ajudou a refletir sobre o campo.

Os livretos preparados e distribuídos durante o ano ao total são quatro. Um por trimestre, cada um com um tema específico e as lições tendo que se enquadrar dentro desses temas. Para cada semana uma lição deve ser estudada todo dia. O próprio livro dá instruções de como isso deve ser feito e junto a ele o adventista sempre tem as sagradas escrituras ao seu lado. Assim, por exemplo, uma lição é dividida em sete partes, uma para cada dia da semana. Os fiéis são livres para escolherem os horários de estudo e procuram de fato fazer isso diariamente mesmo que pelas interpelações da vida cotidiana nem sempre seja possível.

A lição é a mesma ainda que sua linguagem mude de acordo com o grupo para o qual é voltada. Portanto, os livretos de jovens e adultos são diferentes em suas linguagens embora abordem o mesmo conteúdo. De uma maneira geral as lições estimulam o questionamento e a busca de respostas através da leitura bíblica. Assim, há perguntas para o fiel pensar. Junto às perguntas versículos bíblicos os quais devem ser consultados para melhor ajudar o fiel na busca pela resposta. Deste modo, o crente é estimulado à dúvida metódica que o leva a busca do conhecimento através de uma leitura minuciosa e hermenêutica do livro sagrado.

A classe sabatina dentro da igreja, antes do culto divino, é um momento de revisão da lição como um todo no qual os professores são mais um guia de leitura e ajudantes disponíveis para possíveis dúvidas que restaram durante o estudo. A metodologia de revisão utilizada é a mesma do livro, perguntas as quais instiguem os fiéis a responder. O professor nunca dá a resposta de imediato, ele estimula o pensamento dos participantes os quais dão suas contribuições até se chegar a um consenso. Desse modo, a classe sabatina em cada grupo se configura como um debate bíblico cuja síntese é oriunda de todo o esforço metódico dos fiéis durante a semana para entender a proposta de reflexão dada na lição.

O padrão geral da escola sabatina é mais ou menos esse tendo pouquíssimas variações de igreja para igreja, seja aqui no Brasil, seja no restante do mundo. Um problema gerado por essa alta padronização da lição é que muitas vezes tais lições ao ensinarem a doutrina da IASD para os seus fiéis estudantes ignoram as particularidades culturais (KELLER, 2005). Logo, sempre ocorre de determinada crença, doutrina, preceito aprendido, esbarrar em alguma questão cultural em algum país onde é ensinada, ocasionando por vezes verdadeiros dilemas e mesmo problemas para a IASD em sua missão doutrinária e evangelizadora.

O que se observa é um modelo democrático de aprendizado bíblico durante a escola sabatina, pelo menos na IASD Central na classe dos adultos. O que se tem de fato é pequenos grupos bíblicos que buscam naquele dia integrar as escrituras sagradas aos seus ideais de vida. Logo, a discussão não se limita ao conteúdo bíblico e aos questionamentos e reflexões

presentes no livreto, mas contemplam também os exemplos práticos da vida cotidiana dos fiéis os quais levam as questões para a *práxis* de suas rotinas, assim como as soluções buscadas na bíblia para responder as questões são importadas por eles para responderem aos seus próprios problemas. Tal processo pode ser estendido para o nível macrossocial, pois as reflexões também são aplicadas para acontecimentos sociais e comportamentos culturais de uma forma mais ampla e que se encontram no campo do conhecimento do senso comum dos fiéis. A IASD, portanto, é uma igreja que busca promover a completa integração das escrituras sagradas à vida do fiel a nível individual e social por meio de estudo metódico e sistemático da bíblia. Neste processo o fiel passa a realmente crer que aquele livro é o verdadeiro guia de vida do qual precisa, porque ele ensina a verdade, ele ensina como chegar a Deus e o modo correto de se estar no mundo seguindo o exemplo de vida de Jesus Cristo na terra. Além disso, instruí pacientemente os crentes a aguardarem o seu retorno de um modo que pensam ser o correto na busca pela salvação.

Este dia foi a primeira e única vez que observei a classe sabatina dos adultos no primeiro andar da IASD Central. Junto a Thiago, naquela manhã acompanhei a lição em uma classe especial, muito exclusiva daquela igreja. Adentrei com ele à classe a ser coordenada por Aída, uma fiel adventista professora de inglês do Colégio Adventista do Recife. Aquela classe seria em inglês. Além de mim, Thiago e Aída, uma outra senhora também participava do nosso estudo.

Fui apresentado por Thiago a Aída assim como os meus objetivos de pesquisa naquela igreja. Tudo em inglês, pouquíssimas vezes falávamos em português. Thiago já tinha certo domínio da língua, apenas eu e a outra senhora por vezes nos encontrávamos em apuros para nos comunicar mais. De qualquer forma eu me limitava em escutar e tentar entender, mas nem sempre isso foi possível, pois às vezes Aída me indagava coisas, seja da lição ou curiosidades a respeito de minha pesquisa me forçando a me comunicar em inglês.

Enfim, foi uma classe bem dinâmica a qual a professora além de ter ensinado a lição da semana me ensinou sobre o que é e como funciona uma classe sabatina, além claro de ter dado um *improve* no meu inglês. O livreto o qual utilizava era a versão americana e a lição estudada foi sobre a Santíssima Trindade³⁹.

Aída me conta um pouco sobre sua história como adventista e a origem dessas classes sabatinas em inglês. Ainda que fosse professora há um tempo e soubesse a língua, tinha uma certa vergonha de se comunicar, principalmente se fosse com nativos fluentes na língua. Mas

³⁹ Esta lição em português para a classe dos adultos está disponível no site: <<http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/licoes/adultos/2012/li112012.html>>.

por a igreja ter muitos membros e visitantes, além de convidados estrangeiros, Aída quando questionada se queria dar essas classes sabatinas em inglês se sentiu a princípio com medo e insegura, mas na medida em que as coisas iam acontecendo, nas suas palavras, o verdadeiro “milagre” também ocorria. Ela estava se comunicando perfeitamente em inglês e via que era plenamente possível. Não só saber a língua, mas também ter fé no Espírito Santo fazia o pequeno e verdadeiro “milagre” de se falar outra língua se concretizar.

A fala de Aída me remete para a questão de que para os “pequenos milagres cotidianos” acontecerem é a fé no conhecimento que se tem conjuntamente com a fé na providência divina que torna isso possível. Os adventistas vivem dos pequenos milagres e da providência divina, mas ela não se faz como algo súbito, e sim mediante o conhecimento da palavra de Deus. Se o seu filho, segundo as escrituras, já fez tantas coisas para tantas pessoas, conhecer as circunstâncias em que isso se deu é um recurso o qual amplia a fé do crente de que o mesmo pode acontecer na sua vida. Os ensinamentos deixados nas parábolas também não podem ser ignorados. Fé e razão não são elementos excludentes na religião adventista, andam juntos como demonstra o modelo proposto na escola sabatina.

Sábado – 03.03.2012: classe sabatina dos jovens

Se no primeiro andar da IASD Central a classe sabatina é a dos adultos, no andar térreo as classes são voltadas especificamente para os jovens, adolescentes, crianças e mesmo bebês. Cada um desses grupos tem uma sala específica para a discussão da lição e obviamente a condução do debate acontece de modo diferenciado para cada um deles levando em consideração a própria linguagem e o modo como os livretos de cada grupo apresentam o conteúdo em ênfase da semana. No caso das crianças e bebês as atividades da escola sabatina são de outra ordem, em geral mais lúdicas.

Por a IASD Central ser muito grande e a sua membresia numerosa e diversificada é que a estrutura das classes sabatinas apresenta uma organização um tanto mais elaborada. A própria igreja oferece esta estrutura, afinal por ser bastante grande existem muitos espaços onde é possível acontecer as diferentes classes da escola sabatina. Mas de modo geral, em IASDs menores, predomina a estrutura organizacional da classe dos adultos com grupos de cinco ou seis fiéis reunidos e as discussões bíblicas mediadas por um professor sendo a classe jovem mais um grupo misturado em meio aos outros na medida em que o quantitativo de indivíduos nesta fase não é tão numeroso, assim não havendo necessidade de uma classe em

um espaço a parte como ocorre na IASD Central, até porque muitas destas igrejas menores não contam com tantos outros espaços como esta última. Nestas congregações menores apenas as crianças ficam em um local a parte onde tem a sua classe sabatina⁴⁰.

A classe sabatina dos jovens na IASD Central ocupa a maior sala do andar térreo e agrega um grande número de indivíduos se comparado com o quantitativo das classes jovens de igrejas menores - cerca de quarenta participantes. Não há um intervalo etário rigidamente delimitado para poder se estar presente, muitos ali poderiam sem problemas está na classe dos adultos e alguns na dos adolescentes, pois os jovens da sala tem idade variável entre quinze a trinta e cinco anos, inclusive há algumas pessoas até mais velhas também. Na verdade, o que alguns fiéis recomendam é que você frequente a classe onde você se sinta melhor, se sinta confortável. Por isso que alguns adolescentes em vez de frequentarem a classe sabatina da sala ao lado, voltada para eles, pois os membros se situam entre os doze e dezesseis anos, preferem ficar na classe jovem, pois ali se sentem mais maduros ou estão em busca de maior maturidade.

Este amplo intervalo etário dos participantes da classe sabatina jovem, aparentemente não exclusivo da IASD Central, demonstra que a concepção de juventude da IASD não é limitada por valores numéricos indicativos da quantidade de anos de um indivíduo, mas agrega outros critérios mais condizentes com uma noção de situação (FLITNER, 1968) e espírito juvenil. Espírito juvenil se levarmos em conta a ideia já referenciada de que você frequenta a classe onde se sente melhor, se sente confortável, logo, alguns alegam estar ali justamente porque gostam da energia daquela classe e da linguagem nela falada, ainda que no caso dos *teens*, muitos procurem ali um ambiente mais maduro do que aquele da classe dos adolescentes. Já a noção de situação juvenil (FLITNER, 1968) remete a fase específica que muitos se encontram, tentando se tornar mais independentes da família, estudando ou tentando ingressar no ensino técnico ou superior, trabalhando ou a procura do primeiro emprego, tendo relacionamentos, etc, mas que diferente da maior parte dos integrantes da classe dos adultos, ainda não formaram concretamente sua família ou tenha passado por experiências significativas de vida que agreguem maior maturidade não só ao nível das experiências vividas como também ao nível espiritual. Então se muitos dos adultos ali são marcados por experiências como casamento, filhos, divórcio, carreira profissional consolidada

⁴⁰ Esta parte da descrição, assim como algumas outras também em tom comparativo, toma como referência as classes sabatinas as quais pude acompanhar na IASD Ibura de Baixo entre julho e agosto de 2012 e alguns relatos ouvidos de fiéis oriundos ou que já fizeram parte de IASDs menores.

(ou não), família, etc, a situação juvenil da maior parte daqueles que frequentam a maior sala do andar térreo da IASD Central ainda se encontra a meio caminho dessas experiências. Por isso que, como fase de transição, a juventude, articulando as percepções da IASD com as considerações da teoria social (FLITNER, 1968; MANNHEIM, 1968), não é uma categoria exclusivamente etária, mas é um valor (expresso através de um conjunto de autopercepções do tipo “ter um espírito juvenil”, por exemplo) ao mesmo tempo em que congrega experiências que colocam os indivíduos em uma situação distinta. Isto é perceptível, por exemplo, quando em uma conversa informal com Erivan, jovem adventista que conheço desde meu primeiro dia de trabalho de campo e me guiou em muitos dos cultos em que estive presente, falando a respeito de questões como emprego e independência me diz que o tempo estava passando, que já não era mais tão jovem assim – na época estava com 32 anos – logo tinha que terminar a faculdade e conseguir se consolidar em um emprego. Enfim, sua fala era indicativa que estava na hora de sair daquela situação juvenil, morar com os pais era algo também que naquela situação gerava um pequeno desconforto. Nesta conversa o seu discurso apontava justamente para a ambivalência da categoria juventude na qualidade de uma experiência: se por um lado Erivan é um rapaz que tem uma linguagem jovem, um espírito juvenil idealizador do que a juventude deveria representar, por outro, a situação juvenil de vida a qual se encontra, com o passar dos seus 32 anos, já é algo que começa a incomodar. De qualquer modo, para além dessa ambivalência, a juventude para a IASD é uma categoria representativa de uma fase de transição a qual carrega grandes expectativas dado o seu potencial de transformação, seja para si, seja para os outros. É levando estas expectativas em consideração que a IASD aposta na juventude como um grupo dinâmico de evangelização a espalhar a mensagem profética da denominação para as novas gerações.

Sendo a escola sabatina a primeira atividade matinal do sábado para os fiéis, às nove da manhã, antes do início oficial da classe jovem, algumas breves músicas de louvor são entoadas e seguidas de um momento de oração. Os fiéis ali presentes são convidados pelas pessoas que puxaram as músicas e a oração a se abraçarem uns aos outros e desejarem feliz sábado para todos. Esses pequenos ritos fazem parte da sociabilidade cristã adventista, estão presentes não só antes das atividades oficiais da IASD, mas permeiam todo o itinerário sabático do dia, isto é, além de se fazerem presentes em meio à escola sabatina e aos cultos, por vezes estão sempre acontecendo nos intervalos entre as conversas informais dos grupos de fiéis ou demais reuniões para os mais diversos assuntos que acontecem no interior da igreja.

Após isso, um vídeo missionário é exibido. Ele contava a história de uma garota chinesa cuja família estava falida em seus negócios, encontrando-se então em dificuldades financeiras. Depois de conhecer o adventismo por meio de algum informativo da igreja, ela com o tempo se converte e enfrenta as dificuldades decorrentes da guarda do sábado as superando mediante intensas orações ao Senhor. Neste processo sua fé é fortalecida e de alguma forma as coisas passam a dar certo na sua vida e na da sua família. Esse tipo de vídeo com os testemunhos de vida de adventistas das mais diversas partes do mundo é bastante recorrente na IASD apresentando a comunidade religiosa daquele templo que ela pertence a algo muito maior que está em escala mundial. Que as dificuldades de ser um Adventista do Sétimo Dia estão presentes em todo lugar para os mais diversos tipos de pessoas nas mais variadas circunstâncias de vida, contudo, Deus é maior e dá o suporte necessário para superar as dificuldades. É por meio de seu poder e da fé nele que aquela comunidade religiosa se sustenta por todo mundo e espalha a mensagem do retorno do seu filho se proclamando como a igreja verdadeira que guarda os mandamentos e dissipa a mensagem profética do tempo do fim. Tal ato é simbólico de uma identidade religiosa da qual os adventistas se orgulham bastante.

Com o término do vídeo mais uma oração é feita e então se inicia a classe daquele dia com a lição 9 do primeiro trimestre de 2012⁴¹. A lição intitula-se a bíblia e a história e foi mediada por um fiel adventista professor de história. Diferente da classe dos adultos, a classe sabatina jovem na IASD Central não divide os participantes em pequenos grupos. A discussão se dá entre todo o grupo sendo a organização da classe mais parecida com uma palestra a qual na frente situa-se o palestrante (neste caso o “professor”) do dia diante de uma plateia sob a qual ele deve discorrer a respeito de um determinado assunto. Neste dia em questão seria a presença de Deus na história. Contudo, seguindo o modelo democrático adventista de aprendizado, ainda que a organização do debate não seja feita através de pequenos grupos, mas como uma audição para uma plateia de médio a grande porte, o mediador da discussão coloca suas reflexões e questões para o público incitando-o a participação e a construção de um consenso. A verdade bíblica no adventismo não é estabelecida pela autoridade ou legitimidade do conhecimento de um único indivíduo a pregar para um conjunto de pessoas, mas através do debate e circulação de interpretações destas pessoas sobre suas leituras das escrituras sagradas orientadas pelo guia institucional produzido pela IASD (o livreto da escola sabatina). O professor, também orientado por este guia, atua como um facilitador para o

⁴¹ Esta lição em português para a classe dos jovens está disponível em: <<http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/licoes/jovens/2012/lj912012.html>>.

caminho da verdade. Deve-se dizer que antes da escola sabatina, há uma reunião entre os professores para uma discussão prévia da lição antes de repassá-la com o restante dos fiéis assegurando ainda mais a didática do processo.

Nas classes jovens, para cada sábado há um professor diferente para mediar a discussão. Na lição aqui em questão, o professor começa a classe com seu testemunho questionando se o fato dele ter sido designado para trabalhar aquele tema naquela dia tinha sido mera coincidência. Até a pouco tempo atrás não tinha notado que a lição a ser estudada no dia em que iria estar à frente da classe sabatina era aquela, mas o fato de ser um professor de história a falar sobre a bíblia e a história para a comunidade religiosa em questão não poderia ser mera coincidência, mas obra do Espírito Santo. Por isso estava muito feliz, estava recebendo um presente de Deus.

Começa seu argumento expondo três tipos de concepção de história: a concepção grega através da noção de tempo cíclico; a concepção iluminista e a noção de progresso; a concepção marxista e a noção de socialismo. Ao explicar resumidamente como cada uma dessas concepções pensa a história da humanidade questiona para os jovens fiéis a sua frente onde estaria a presença de Deus na história? Porque parecia que ele não cabia nas noções de tempo cíclico, de progresso ou de socialismo? O ponto de partida estava lançado e muitos jovens davam suas opiniões fundamentando-as com os mais diversos versículos bíblicos. A presença de Deus na história da humanidade era real, ele criou o mundo e atua nele por meio de nós, os seus servos, ainda que nos tenha dado o livre arbítrio, logo, o papel de servos do Senhor é uma escolha. A história da humanidade não é mera coincidência, ou fruto do acaso, pode ser feita pelos próprios homens, mas não culminaria no socialismo ou retornaria a um mesmo ponto de partida por um movimento de rotação. A história da humanidade caminha para o retorno de Jesus Cristo e é nisto que o verdadeiro cristão deve crê. O processo já foi iniciado e as evidências estão dadas, pois as profecias bíblicas são claras. Desse modo, faz alusão ao livro de Daniel no Antigo Testamento e também aponta para alguns trechos presentes no livro do Apocalipse do Novo Testamento conectando as escrituras com a crise econômica europeia. Assim, fornece os indícios já revelados na bíblia do fim dos tempos e da breve volta de Cristo, eis como Deus atua na história dos seres humanos e se faz fortemente presente. Paralelamente a este debate mais central, não se pode esquecer que o verdadeiro cristão crê no criacionismo. Era isso que o professor ensinava para os seus alunos, ainda que também apresentasse a teoria da evolução. Assim, Deus está na história da humanidade desde

os primórdios, desde o momento da criação do qual ele é o ator principal e tudo fez, descansando apenas no sétimo dia tal como indica o livro do gênese.

Um pequeno resumo da lição o qual sintetiza as principais linhas de pensamento a serem aprendidas no estudo é fornecido aos participantes da escola sabatina dos jovens. Ele expressa brevemente as reflexões levantadas e funciona como um pequeno guia para a discussão do dia. Reproduzo a seguir o pequeno resumo na íntegra da lição em análise.

ESCOLA SABATINA JOVEM – ICR

1º TRIMESTRE DE 2012

LIÇÃO 9: A bíblia e a história

“Eu sou alfa e ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era, e que há de vir, o Todo-poderoso” (Ap 1:8).

A lição desta semana focaliza como Deus tem atuado na história e por meio da história. A história humana é uma série de eventos sem sentido? Ou há um rumo central em direção a um objetivo específico, tudo de acordo com um plano? A bíblia deixa claro que a segunda opção é a verdadeira. Os escritos da bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, insistem em afirmar que Deus dirige a história e Se revela nela. No entanto, nem tudo na história revela a vontade de Deus: os seres humanos são livres para fazer más escolhas, que acabam influenciando a história. A questão é: o fato de que Deus atua na história não significa que Ele causa tudo o que acontece. Em vez disso, significa que, apesar das maquinações e maldade do ser humano, Deus está presente, executando Sua vontade soberana e trará a história da humanidade a um fim grandioso e glorioso. Os cristãos acreditam que os escritores bíblicos atuavam dentro de um sistema que Deus revelou e que Ele os inspirou a registrar os eventos mais significativos da história humana. Deus muitas vezes provia até mesmo a interpretação desses eventos para que entendêssemos seu significado.

Nossos pecados foram colocados sobre os ombros de um Senhor que voluntariamente morreu sob um fardo de culpa humana e que, em seu lugar, nos deu salvação. Seu prometido clímax nos dará uma história eterna com o próprio autor da história. O destino de todas as pessoas está envolvido. A segunda vinda de Cristo será decisiva. Tanto o antigo quanto o Novo Testamento prometem um “novo céu e uma nova terra”. Se você aceitou Cristo, e sabe que sua história não será usada para condená-lo, não importando quanto você mereça ser condenado, que diferença essa certeza pode fazer na sua vida?

Com todas as considerações feitas a respeito da lição da semana a classe jovem da escola sabatina encerra-se por volta das dez e vinte da manhã. Pequenos avisos são dados: as 16:30 haverá culto J.A (Jovem Adventista) e as 19:00 todos são convidados para assistir a um filme a ser exibido naquela mesma sala, o nome do filme é “Para salvar uma vida”. Dado os recados, os jovens começam aos poucos a saírem da sala e se dirigir para o primeiro andar da igreja onde ocorrerá o principal culto do sábado, o culto divino.

Vale dizer que o intervalo entre a escola sabatina, independente do tipo de classe - se jovem, adulto, etc - e o culto divino constitui um momento de sociabilidade, pois enquanto aguardam a continuidade do itinerário sabático os fiéis se abraçam, desejam feliz sábado a quem ainda não o fizeram, conversam, combinam encontros, almoços, resolvem assuntos da própria igreja, etc. A IASD Central por mais ou menos 10 minutos fica bem agitada tanto na área externa da frente quanto no seu interior nas salas do térreo e em todo o primeiro andar. Tal intervalo e a sociabilidade a qual ele promove é de extrema importância dentro do itinerário sabático na medida em que dá maior integração a comunidade religiosa daquela congregação.

Se fora e dentro da igreja durante este intervalo é bem agitado por conta da intensa sociabilidade entre os fiéis, paralelamente a isso no interior da IASD Central existe não só a movimentação daqueles que estarão mais envolvidos com o culto que se seguirá, mas também parte da comunidade religiosa já presente ou adentrando no primeiro andar para o culto divino é convidada a acompanhar os hinos e a oração de encerramento da classe sabatina dos adultos, às vezes levemente mais longa que as demais classes as quais acontecem no térreo da igreja. Após isso, rapidamente vários avisos do interesse da comunidade religiosa daquela congregação são dados e em meio a um certo alvoroço ainda decorrente do processo de preparação para o culto divino também há momentos de tomada de decisão, isto é, todos os presentes, membros oficiais vinculados a IASD Central, são incitados por meio de votação a decidir sobre a concordância de batizado de novos fiéis, aceitação de transferência ou de pedido de transferência de algum membro, entre outras pequenas decisões mais corriqueiras referente ao funcionamento administrativo da congregação. Tudo é feito de maneira muito rápida, de modo geral em dez, no máximo vinte minutos. Na verdade, tais momentos de decisão, que em geral é referente a procedimentos mais simples, não contam com divergências, logo a maior parte dos votantes concorda com as propostas levantadas pela secretária, pastor ou qualquer outro membro que necessite do apoio da igreja e deseje iniciar o processo de votação para decidir assuntos pendentes.

Tais momentos de decisão em geral ocorrem no período entre a escola sabatina e o culto divino, mas também podem acontecer após o culto. Na IASD Central é tudo bastante rápido e não há muito espaço para argumentação devido ao grande número de fiéis votantes envolvidos no processo, assim apenas se tem uma simples votação para se decidir a respeito de algum assunto. Contudo, em IASDs menores, tal processo pode ser um pouco mais demorado e remeter a maiores argumentações por parte do corpo de fiéis votantes. Quando estes momentos acontecem após o culto divino, independente da IASD, eles tendencialmente são um pouco mais demorados e podem envolver questões mais delicadas. Em alguns casos, como a decisão de remoção de algum fiel membro da congregação, por exemplo, apenas os membros vinculados oficialmente à igreja permanecem no recinto e são incitados a decidir sobre o assunto ou a presenciarem as formalidades que esse tipo de ocorrência envolve. No entanto, tal tipo de evento, apesar de nunca presenciado por mim, geralmente acontece à parte em momentos mais reservados após os principais cultos da IASD.

3.4 Sábado pela manhã: o culto divino

Sábado – 13.10.2012: culto divino

O culto divino ocorre geralmente dez minutos após a escola sabatina e é considerado o principal rito da IASD dentro do itinerário sabático promovido pela mesma. Como principal culto, todas as IASDs são lotadas e semanalmente há um pregador diferente podendo ser o pastor do distrito do qual a igreja pertence, o ancião responsável pela congregação, algum membro ordinário da mesma ou algum convidado, seja ele outro pastor, ancião ou membro de um distrito ou templo distinto, não necessariamente nas imediações de onde se localiza o templo, mas também podendo ser originário de outro Estado ou residente em outro país no caso de algum missionário. O que é importante dizer é que a congregação não é monopólio de um único agente religioso, mas assim como seu corpo de fiéis, está inserida em uma comunidade religiosa muito mais ampla, de escala mundial, pela qual seus diversos agentes circulam dissipando mensagens e experiências diferenciadas, mas que caminham sob a fé e a certeza do segundo advento. Assim, o Adventismo do Sétimo Dia como igreja prepara seus fiéis para o grande evento os orientado conforme um modelo pré-dito na bíblia e nos escritos de sua profetisa, Ellen White, de como ser um verdadeiro cristão no mundo.

Se a escola sabatina apresenta um modelo democrático, também chamado de socrático (KELLER, 2005)⁴², de aprendizado da doutrina adventista, o culto divino transmite a doutrina de um modo tradicionalmente mais normatizado e consolidado na medida em que ela se configura como objeto de pregação pelo qual o pregador mediante preparação prévia transmite à comunidade religiosa da congregação a mensagem da semana. Por neste momento a mensagem está nas mãos de um indivíduo, ela se liga a sua subjetividade. Desse modo, o pregador a passa sempre levando em conta não apenas o conhecimento bíblico ou de Ellen White, mas também sua própria trajetória religiosa de vida ou da de outros conjuntamente com outros tipos de conhecimento que venham a somar para a sua pregação e alcance intelectual e, por conseguinte, emocional e espiritualmente, os fiéis. Dentre estes outros tipos de conhecimento a somar para a pregação de modo a tornar a doutrina adventista convincente destaca-se o científico.

O boletim informativo semanal da IASD Central apresenta a composição estrutural do culto de adoração (divino) na seguinte ordem: introito, invocação, comunicação, adoração infantil, livro de oração da família, ofertório, louvor, hino inicial, oração intercessória, mensagem musical, mensagem bíblica, hino final, bênção final, hino de despedida. Esta é a ordem litúrgica do culto divino. Sem me deter em cada uma dessas partes, destaco inicialmente a composição da plataforma (invocação), ou seja, são convidados para estar a frente da igreja e do culto sete adventistas dentre os quais está o pregador do dia a sentar no meio da plataforma.

Ao longo do culto, muitas orações e canções são realizadas. A musicalidade adventista neste culto expressa o controle corporal da religião, por sinal, bastante sóbria neste quesito, pois não se vê os fiéis baterem palmas ou executarem movimentos com as mãos nos momentos de cânticos e louvores, salvo raras exceções. O máximo que se escuta são sonoros “Améns” e animados “Feliz Sábado”. Esta sobriedade está expressa na música pelo fato de que no culto divino ela na verdade se encontra na forma de hino. Ainda que os adventistas se orgulhem de sua música, conhecida no mundo todo, nos momentos formais da religião, como o culto divino, o repertório musical é oriundo de um hinário adventista bastante formal.

⁴² Para Keller (2005) o estudo bíblico adventista tem uma natureza socrática. O termo advém do fato de que o estudo da bíblia tal como praticado pelos adventistas busca a compreensão da verdade através da reflexão e do diálogo, não encorajando o consumo de doutrinas já prontas. Ainda assim, ela nos diz: “The term *Socratic* is usually employed to refer to a method of learning, which not only emphasizes students’ active input in the process of finding answers to particular questions, but which also leaves the conclusions thus reached totally open. This is true for Adventist practice only to a limited extent, because despite the intellectual nature of Bible study, many of the answers people come to are largely predetermined by Adventist doctrine”. (KELLER, 2005, p. 116).

Quando entoado os hinos é possível acompanhar as suas letras através das projeções em data show exibidas em destaque na frente da igreja. Deste modo, até o próprio visitante e curioso ainda não familiarizados com a religião são capazes de acompanhar e começar a aprender o hinário musical adventista. O formato de hino permite com que a letra da música a qual se constitui como uma mensagem bíblica não se perca em meio a elaboradas melodias e batidas musicais sendo absorvida desse modo como uma mensagem quase que falada. Mas isto é apenas um aspecto da musicalidade adventista a qual também tem um forte apelo emocional sendo isto reservado para os momentos certos. Fábio Darius argumenta a questão da musicalidade adventista atualmente correr o risco de perda de identidade.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia desde os tempos de Tiago White foi conhecida como uma igreja que canta e, desde sempre, seus compositores e músicos figuraram entre os mais inspirados do mundo protestante. A música sempre foi tão conservadora quanto a própria denominação, com o predomínio de quartetos e música instrumental. Instrumentos como guitarra e bateria eram expurgados das fileiras como música mundana. A própria música *gospel* em si, não caracteriza exatamente a música adventista, mas nos últimos tempos, por causa de muitos membros novos oriundos de outras denominações, cada vez mais o som da bateria pode ser ouvido e sentido nos templos. (DARIUS, 2010, p. 90).

A adoração infantil é algo bem peculiar, pois este é o momento dos pequenos. Através de um cântico as crianças adventistas são chamadas para ir à frente da igreja para um momento de adoração e aprendizado sobre Deus. Assim, a frente da igreja fica repleta de pequenos – de bebês acompanhados pelos pais até crianças por volta dos nove, dez anos de idade. Depois de juntas e sentadinhas no chão uma mensagem bíblica infantil é passada a elas por meio de uma fiel (na IASD Central, durante meu trabalho de campo, só vi mulheres fazendo isso) que às vezes com auxílio de demais membros daquela congregação tenta fazer isso de uma forma lúdica. Desenhos, fantoches, quadros coloridos, encenações, objetos e brinquedos, roupas, entre outros, se tornam os acessórios pelos quais Deus adentrará o imaginário infantil e socializará as crianças com a mensagem adventista de uma forma lúdica. Isto é manifesto também pelo próprio jeito que a mensageira fala com as crianças. Perguntas, jogos de adivinhação e historinhas infantis (muitas delas parábolas em forma de contos) fazem parte do arsenal evangelizador para crianças adventistas.

Após o momento de adoração infantil há a transferência do livro de oração da família. Todo o sábado uma família adventista repassa a outra perante a igreja um livro de adoração. O

momento é marcado por uma mensagem religiosa que a família em posse do livro diz a outra durante a passagem dele e a nova família em agradecimento junto com aquela que lhe passou o livro fazem uma oração. Após isso, geralmente um vídeo do departamento de mordomia cristã da IASD⁴³ é transmitido aludindo a alguma obra missionária da IASD ou ao testemunho de vida de algum adventista. Tanto a obra quanto o testemunho a ser exibido podem corresponder a um universo adventista próximo como uma outra cidade brasileira, ou então muito distante como uma comunidade pobre na África. A intenção, como já foi explicitada anteriormente, é mostrar para a comunidade religiosa que ela faz parte de algo muito maior e de grande responsabilidade a qual reflete o compromisso da IASD com Deus e com o mundo. Neste sentido, para realizar esta obra é necessário recursos, pois as graças exibidas nos vídeos se fizeram mediante a fé no poder de Deus e na verdadeira igreja que guarda os seus mandamentos e aqui na terra o representa, contudo, a sustentação desta igreja e de sua obra só se faz por meio dos dízimos e ofertas, logo, após o vídeo os diáconos da igreja sob uma canção adventista de fundo circulam pela IASD Central recolhendo os dízimos e ofertas dos fiéis. O dinheiro pode ser dado de forma livre ou em envelopes destinados a um departamento específico da igreja.

A composição da plataforma, a adoração infantil, a transferência do livro de oração da família e a oferta são os principais momentos que em meio a hinos e orações adventistas antecedem a pregação regente do culto divino. Outro detalhe interessante é que este culto é filmado e também transmitido online para aqueles que por ventura não puderam se deslocar de suas casas no sábado seja para a IASD Central, seja para qualquer outra.

O culto divino do sábado aqui em análise é particularmente interessante, pois a pregação nele presenciada é ilustrativa do modo adventista de compreensão do mundo dentro de uma lógica bastante racional eu diria. A pregação na verdade foi uma breve análise de um livro chamado “Nos bastidores da mídia: como os meios de comunicação afetam a mente” de Michelson Borges, autor adventista, jornalista e editor da Casa Publicadora Brasileira, a editora adventista aqui no Brasil. O pregador fazendo uso dos recursos tecnológicos da igreja apresenta a comunidade religiosa por meio de Power Point uma síntese do conteúdo deste livro o qual se constitui como uma crítica a nossa cultura secular mundana evidenciando a forte influência da mídia do século XXI cujas características principais são a grande presença

⁴³ A mordomia cristã não sendo uma doutrina da IASD se relaciona na literatura oficial da denominação como normas de conduta. Dessa maneira, as atividades desse departamento estão ligadas a doutrinação dos fiéis a diversos aspectos cotidianos: na escolha do vestuário, no estilo de música, na “devolução” dos dízimos e ofertas, na escolha do conjugue, no “descanso” sabático e no cuidado com a alimentação. (FUCKNER, 2004).

de meios de comunicação poderosos os quais tornam uma vasta gama de informações acessíveis em tempo real a ponto de não sabermos o que fazer com todas elas e afetando a nossa capacidade de reflexão⁴⁴. O livro elenca quatro áreas a serem afetadas pelo turbilhão de informações veiculadas por esta moderna e profana mídia: a crença, a ideologia, o estilo de vida e o entretenimento.

Sobre a primeira área a ser afetada, a crença, pelo novo conjunto de informações que circulam mundo afora, o que é questionado pelo livro é o que ele chama de religião pós-moderna cuja ideia é a de que não existe uma verdade absoluta. A argumentação é seguida de uma citação de Ellen White encontrada no livro “O grande conflito”: “Mediante os dois grandes erros – a imortalidade da alma e a santidade do domingo – Satanás a de enredar o povo em suas malhas... Enquanto o primeiro [imortalidade] lança o fundamento do espiritismo, o último [domingo] cria um laço de simpatia com Roma”. Os dois grandes erros mencionados por Ellen White são complementados na apresentação com inúmeras capas de revistas conhecidas como *Época*, *Isto é*, *Veja*, *Galileu*, etc, cujas reportagens principais conferem legitimidade a práticas alternativas de espiritualidade e cura como ioga, meditação, hipnose, budismo, espiritismo, entre outras. Assim, todas estas práticas as quais por não existir uma verdade absoluta seriam perfeitamente legítimas no mundo (pós) moderno são erros pelos quais o inimigo se faz presente. A apresentação não só mostra estas capas de revistas de teor jornalístico como também histórias em quadrinhos, capas de filmes e seriados os quais transmitem crenças falaciosas não condizentes com a verdade cristã pregada pelo Adventismo do Sétimo Dia. Ao nível de ideologia boa parte destes mesmos meios de comunicação faz uma apologia anticriacionista além de pregarem um estilo de vida de moral decadente, a exemplo dos comerciais de cerveja, e consumista, principalmente quando se olha pelo prisma da ditadura da moda que diz o que vestir e como se vestir. Por fim, no campo do entretenimento a crítica é lançada sob os jogos de videogames, os filmes de violência, e as novelas e os seus apelos sexuais.

Ao discorrer sobre as várias imagens e textos apresentados para a igreja o pregador as relaciona com aspectos da integridade física, moral, emocional e espiritual dos fiéis concatenando estes fatores com a maneira de como todas estas informações podem contribuir de forma maléfica para eles. Este tipo de relação já estava evidenciada nos escritos de Ellen White, constantemente referenciados na apresentação como justamente um alerta para a igreja sobre os perigos do mundo. Contribuindo com as revelações de Ellen em seus antigos

⁴⁴ Nos anexos desta dissertação estão disponíveis algumas imagens dos slides apresentados na pregação deste culto referente ao livro supracitado.

escritos, pesquisas e estudos modernos também tornam claro para aquela igreja a relação negativa do tipo de informação veiculada com a prática incentivada pela mesma. A partir de tudo isso os últimos slides da apresentação são destinados a fazer o fiel refletir que tipo de cristão ele é e que tipo ele quer (deveria) ser. Como incentivo à reflexão são oferecidos muitos “conselhos inspirados” oriundos da bíblia e dos escritos de Ellen White destinados a motivar o fiel a continuar percorrendo o seu verdadeiro caminho cristão. Com isso, toda a comunidade daquele templo é incitada a se levantar, dar as mãos, fechar os olhos e seguir a oração encadeada pelo pregador. A mensagem do dia estava passada.

Com o término da pregação e da oração o culto divino chega próximo de seu fim. O hino final é entoado seguido de mais alguma breve mensagem (benção) do pregador. Após isso, os diáconos sob uma última música de fundo organizam a saída dos fiéis. A primeira parte do itinerário sabático estava finalizada.

O momento de saída também é um momento de sociabilidade cristã, pois muitos fiéis junto a suas famílias param para conversar um pouco uns com os outros. Muitos ali ainda irão permanecer no templo, pois ocupam algum cargo que exija sua presença para dar prosseguimento à organização das atividades religiosas restantes do fim de semana assim como para resolver qualquer pendência das próximas programações sabáticas da IASD. Desse modo, muitos fiéis trazem seus almoços, na maior parte de cunho vegetariano, para degustá-los ali mesmo enquanto “trabalham” para o Senhor através de sua igreja. Aos poucos a rua onde se localiza a IASD Central vai se acalmando e os seus membros retornam aos seus lares para seu almoço especial, pois o sábado é o dia da melhor comida. As atividades da igreja continuam à tarde.

3.5 Sábado à tarde: os cultos vespertinos⁴⁵

Como já dito muitos fiéis após o culto divino permanecem na IASD Central por ocuparem algum cargo ou exercerem alguma função na igreja pelos quais devem permanecer no local para reuniões sobre o planejamento e andamento das próximas atividades dos departamentos aos quais estão vinculados. Até o próximo culto da tarde às 16h30min a IASD Central agrega diversos grupos de fiéis que realizam reuniões ou mesmo outras atividades durante esse período. Participar de modo tão intenso dessas outras atividades da IASD ou de sua organização não só garante a realização do itinerário sabático, pois sem este

⁴⁵ Exemplos etnográficos mais detalhados dos cultos vespertinos são fornecidos no apêndice do corrente trabalho.

procedimento, ele não existiria, como também fortalece o vínculo do membro da congregação com a mesma e com a sua comunidade inculcando o sentimento de pertencimento a um grupo religioso que realmente faz a obra e, por conseguinte, solidifica a própria coesão social em maior ou menor grau.

No que diz respeito àqueles que retornaram para os seus lares, lembremos apenas que lá, antes de darem prosseguimento ao itinerário sabático promovido pela igreja, junto a suas famílias quando todos adventistas, apreciam a melhor refeição da semana, tendencialmente vegetariana/naturalista. Faz-se o adendo de que esta refeição deve ser preparada na sexta-feira uma vez que por o sábado ser sagrado os adventistas devem se abster de qualquer atividade que os distraia do caminho do Senhor, assim a refeição especial degustada no sábado é feita na sexta-feira antes do pôr do sol. Além disso, o preparo antecipado justifica-se também pelo fato de no próprio sábado os adventistas se manterem toda a manhã ocupados na igreja, não havendo tempo para o cozimento de uma refeição tão especial quanto é esta. Para os que irão passar o dia na igreja, estes trazem a refeição de casa e lá comem com os outros irmãos. Já os que não fazem parte de uma família adventista, tal costume de uma refeição especial e diferenciada ao estilo adventista é mais difícil, logo quando não retornam para casa e tem uma refeição normal, mas ainda tentando se abster do consumo de carne e vetando os alimentos reconhecidamente proibidos de acordo com o levíticos, optam por almoçar junto a amigos e suas famílias ou com os que permanecem na igreja.

Tradicionalmente os cultos do sábado a tarde são os chamados cultos J.A – Juventude Adventista. Um culto preparado pelo ministério jovem da igreja e que apesar de supostamente destinado aos jovens a participação nele é majoritariamente de fiéis adultos e mais velhos, sendo a maior parte dos jovens presentes aqueles envolvidos na organização da programação, exceto quando ela conta com algum convidado muito especial e de grande visibilidade na cena musical adventista.

O culto J.A é padrão no turno da tarde em todas as IASDs e na IASD Central ocorre por volta das 16h30min no primeiro andar da igreja. De modo geral não é necessariamente uma programação obrigatória de todos os sábados à tarde sendo algumas vezes substituído por outras programações. No início da minha pesquisa quando ainda me interessava exclusivamente pelo universo jovem adventista apostava todas as minhas fichas neste culto, entretanto no final de 2011 quando todas as minhas visitas a IASD Central foram à tarde visando este culto, eu nunca consegui o presenciar durante este período. Só algum tempo depois é que pude assisti-lo cujo primeiro foi bem decepcionante. Isto porque seguindo a

explicação de um dos meus informantes, na sua percepção, o culto J.A é uma programação negligenciada pela IASD de um modo geral. Quando me relatou isso ficou claro que ele falava da IASD tanto como igreja (no sentido weberiano) quanto como comunidade religiosa (igreja no sentido durkheimiano). Isto estava evidente não só pelo fato de que o culto às vezes não acontecia como também quando acontecia, nele a igreja geralmente era bastante esvaziada e com um público que mesmo muito bem vindo não é o alvo principal da programação. O fato não é apenas constatável na IASD Central, mas parece ser comum em outros templos como o da IASD Ibura de Baixo onde por ter uma membresia muito menor se comparada com a da IASD Central o número de participantes desse culto não passa de dez a doze indivíduos, nenhum jovem por sinal. A categoria parece ser deficitária nesta igreja e mesmo com muitas crianças e adolescentes eu seu culto divino nenhuma delas está presente na programação vespertina.

O mesmo procede com as crianças e adolescentes da IASD Central. Ainda que o culto jovem destine sua programação mais especificamente para jovens adultos, com exceção talvez das crianças, nada impede que os adolescentes e jovens estejam presentes no culto. Logo, sempre me perguntei onde estava e o que fazia este grupo de adeptos da IASD no sábado à tarde. Esta é uma lacuna do trabalho, pois não obtive dados que me ajudassem a responder concretamente tal questão. O mais próximo objeto de reflexão sobre o assunto é o uso das redes sociais no dia de sábado – twitter, facebook, entre outras – assunto ainda não muito bem resolvido pela denominação. Nos sábados em que não ia para a igreja, ou passava apenas um turno em campo ou quando dois, durante o intervalo da hora do almoço, nas vezes em que eu fazia uso do facebook, por exemplo, não raro encontrava em meus contatos algum jovem fiel online. Se o sábado é um dia sagrado pelo qual os adventistas devem deixar de lado os seus próprios interesses e se separarem do mundo para viver um dia de descanso e comprometimento com Deus tentando fazer a sua obra, seria transgressão do quarto mandamento divino participar virtualmente do mundo através da internet? Estariam eles desrespeitando a guarda do sábado? As perguntas são unilaterais e tendenciosas, pois por outro lado esta mesma internet e os dispositivos que oferece podem se constituir como recursos a incrementar de um jeito moderno o espírito sabático e fazer a obra de Deus através de evangelização neste meio cibernético. Como é subjacente na fala de muitos adventistas, a questão não é usar a internet dia de sábado, mas como se faz uso dela. Dedicarei mais algumas linhas sobre o assunto no capítulo seguinte, por hora a única coisa a qual pode ser dita é que provavelmente muitos jovens e adolescentes estão nas redes sociais no sábado à

tarde sugerindo assim uma interpretação possível para a grande ausência desse grupo no culto J.A.

O culto J.A quando comparado ao culto divino é mais dinâmico no sentido de possuir um clima de maior interação e circulação de carisma entre os fiéis, logo é um culto mais informal. Isto é perceptível pela musicalidade contida nele, pois ainda que haja alguns hinos, o momento é de descontração e de maior emoção. Muitos jovens e membros da igreja são incentivados a cantar músicas adventistas de grande apelo emocional e espiritual, geralmente bastante conhecidas no universo protestante como um todo. Algumas delas também tem um caráter lúdico.

Não só a musicalidade é o forte do culto, pois ele inclui também em sua programação jogos de perguntas e respostas envolvendo conhecimento bíblico e doutrinário da IASD e sorteio de brindes, geralmente CDs ou DVDs com conteúdo da denominação ou então livros, revistas, convites para algum evento, etc. Mesmo não tendo uma composição estrutural tão rígida e evidente quanto o culto divino na medida em que sua programação é bem variável, o culto J.A sempre tem um ou mais anfitriões que coordenam as atividades planejadas para o dia com o auxílio da equipe jovem responsável pelo evento. Orações e mensagens bíblicas também fazem parte do repertório do culto, assim como testemunhos de fiéis e recém conversos convidados a relatarem suas experiências religiosas para o público presente.

O uso da tecnologia é visível no culto J.A. Vídeos com testemunhos e clipes musicais são exibidos assim como as letras das músicas cantadas são projetadas de modo que todos possam acompanhar e cantar juntos. Por na maioria das vezes o público presente ser pequeno não há acesso à galeria nem transmissão online ou gravação do culto salvo alguns casos em que ele seja muito especial. Diante de uma programação diferenciada entre os sábados, não havendo uma estrutura rígida, o culto J.A é especial quando recebe algum convidado, principalmente quando se trata de alguma pessoa ou grupo bastante visível e reconhecido no universo adventista. Estas pessoas ou grupos de pessoas podem ser missionários, palestrantes de outras esferas, mas pertencentes à denominação, pastores ou figuras carismáticas de outras IASDs - seja do Recife ou de outro lugar, até mesmo fora de Pernambuco - e também gente ligada à música, este último tipo com maior destaque. Se muito conhecidos a sua presença e participação na programação da igreja é anunciada semanas antes e sempre lembrada de modo a gerar grandes expectativas e angariar uma grande plateia adventista para o culto. O convidado como legítimo adventista participa da programação matinal e por vezes é convidado no culto divino a dar uma prévia do que estará por vir na programação da tarde -

canta uma canção, passa uma mensagem, faz uma oração ou alguma coisa do tipo. Pode inclusive ser também o pregador do dia naquele culto.

No término do culto J.A geralmente por volta das dezoito horas, durante a saída dos fiéis, as redes diferenciais de sociabilidade se fazem mais evidentes, pois nesse momento os presentes se encontram em grupos dentre os quais irão planejar algo para se fazer em caso de não retornarem para as suas casas e ficarem junto a seus familiares e demais amigos. Enquanto muitos grupos de fiéis tentam se decidir sobre o que fazer no sábado a noite, desejam feliz semana aos que irão se despedir definitivamente. Com os que ainda permanecem por perto conversam animadamente no pátio frontal da IASD Central comendo pipoca costumeiramente vendida naquele horário na calçada daquela igreja, pois sabe bem o vendedor que naquele horário os adventistas já podem realizar transações comerciais. Todo este momento pós-culto J.A é de extrema importância para a sociabilidade cristã adventista na medida em que é mais um elemento a inculcar e solidificar o sentimento de pertencimento assim como fortalecer os laços da comunidade religiosa consigo mesma e com a igreja da qual faz parte.

3.6 Sábado à noite

Ainda que biblicamente na concepção adventista o sábado a noite significa o domingo, após o fim do itinerário sabático institucional, ou seja, aquele promovido pela IASD, ele prossegue informalmente de modo que o sábado à noite é o sábado à noite. Um momento propício ao lazer e a descontração pelo qual principalmente os jovens adventistas se socializam através de atividades as quais ilustram um modo protestante de se divertir o que pode incluir desde conversas em roda na casa de alguém até saídas para comer ou passear. Enfim, coisas saudáveis e “santas”, *“coisas que crente faz”* como me disse uma vez uma jovem fiel.

A título de exemplo lembro de uma vez após uma programação musical de um culto J.A ao reencontrar um amigo adventista residente em Araçoiaba, interior de Pernambuco, membro da IASD de lá e que conheci aqui em Recife no meu primeiro dia de campo, que para por o papo em dia acabei por lanchar junto com ele e seu grupo de amigos no shopping Boa Vista, localizado próximo a IASD Central. É deste tipo de momento que me refiro quando falo de sociabilidade cristã pelo qual os adventistas fortalecem os seus laços junto aos que partilham de suas crenças e desafios de se guardar o sábado. Este pequeno fato é um tanto

cômico quando que no momento de escolher o sabor da pizza, devido às restrições alimentares da religião e os sabores disponíveis, apenas a pizza de queijo era possível da qual não sou muito fã, mas por ser minoria no grupo não tive muita opção a não ser aceitar. Caricatural era o fato de ser o único a mesa a tomar refrigerante enquanto os demais, com exceção de um outro rapaz, optaram por beber suco. Conversamos bastante neste dia, coisas amenas que nada tinha a ver com minha pesquisa, mas que nem por isso estiveram excluídas da reflexão sobre o campo.

Os jovens adventistas chamam de social os encontros de sábado à noite quando se reúnem em um determinado lugar e brincam de diversas coisas. É um momento de confraternização entre eles dos quais podem cantar e dançar músicas antigas (mas sob um determinado controle corporal) assim como outros tipos de brincadeiras consideradas por eles saudáveis, sem a malícia do mundo e que mesmo assim escapam ao âmbito estritamente religioso. A social parece se configurar, portanto, como um momento em que o sujeito para além de ser um jovem adventista, se é apenas jovem, um jovem diferenciado no mundo, mas ainda assim jovem. Por nunca ter me inserido plenamente no universo jovem adventista na IASD Central nunca consegui acompanhar uma social de fato. Sei apenas do que me foi relato em conversas informais e entrevistas a exemplo da fala abaixo.

Geová: *Como é que era as sociais?*

Danielle: *Perfeitas, eu adorava. Até hoje... É que são músicas antigas, não sei se tú sabe, tú sabe como é social né... "A carrocinha pegou, três cachorros de uma vez" [cantarolando]. Nunca ouviu não? É música antiga, aí pula tá ligado, não dança. A gente pula, brinca, tem uns passinhos, essas coisas, mas eu gostava. Geová: Mas era músicas religiosas?*

Danielle: *Não, não são. São músicas antigas que não tem maldade, mas não são músicas religiosas. Geová: E além das músicas tem mais o que? Vocês dançam, pulam, batem palma?*

Dani: *Então, a gente pula, canta... Nunca fosse para uma social não? Devia ter ido para ver como é que era. Mas então a gente dança, pula. A gente não chama dançar a social, a gente chama brincar a social...*

3.7 Itinerário sabático e redes diferenciais de sociabilidade

Chamo de itinerário sabático o conjunto de atividades exercidas pelo cristão Adventista do Sétimo Dia que se inicia ao pôr do sol das sextas-feiras e termina nas noites de

sábado. Destacam-se dentro deste itinerário duas óticas: a institucional e a social pelas quais uma implementa a outra. Sob a ótica institucional os adventistas vivem mais precisamente o dia de sábado participando das programações desenvolvidas pela IASD começando pela escola sabatina, passando pelo culto divino e terminando com o culto J.A ou algum outro a ocorrer pelo final da tarde do dia sagrado. Durante estas atividades rituais e entre seus intervalos a ótica social se faz manifesta na medida em que, menos formal, por meio de suas interações sociais os fiéis adventistas continuam praticando a guarda do sábado sendo tais momentos de sociabilidade cristã de fundamental importância para o descanso sabático e para o fortalecimento da coesão social através dos laços que os fiéis estabelecem não só uns com os outros, mas também com a própria IASD na qualidade de instituição religiosa. Este processo se estende e é incentivado pela mesma nos outros períodos em que ela não se faz de todo presente por meio de suas programações, a saber, as sextas-feiras e os sábados à noite, momentos em que os pequenos grupos e cultos familiares são incentivados conjuntamente com outras atividades dessa vez promovidas pelos próprios fiéis como as sociais, por exemplo. A ótica social é promovida e incentivada pela institucional se fazendo presente também dentro dela, contudo é de um caráter mais autônomo uma vez que nela o itinerário sabático remete a uma variedade de atividades criativas sob a direção dos próprios adventistas dentro dos seus círculos sociais mais íntimos.

Estes círculos sociais mais íntimos, por sua vez, são peculiares, diferenciais. Constituem um tipo de sociabilidade distinta daquela ordinária que se faz nas relações de trabalho, lazer, estudos, vizinhança, etc, ao longo da semana. O itinerário sabático em sua plenitude separa os indivíduos do mundo momentaneamente inserindo-os em redes diferenciais de sociabilidade cujo objetivo é integrá-los a um conjunto de valores, crenças e práticas os quais ensinam um estilo de vida próprio construindo um *ethos* e *habitus* - e aqui também pesa toda a noção de corporeidade (CSORDAS, 2008) – portadores de um modo de se estar no mundo quando a ele retornam findado o tempo de guarda. Ao mesmo tempo, através destas redes e sob a mediação institucional da IASD tendo a bíblia como regra de fé e os conselhos de Ellen White em mente, os adventistas criam interpretações sobre o próprio mundo que os cerca além dos muros das instituições da denominação através de uma linha de estudos metódicos e sistemáticos reveladores de verdades proféticas que conectam fatos e experiências deste mundo e dos indivíduos que nele vivem a sua concepção escatológica de tempo cujo ponto máximo é a certeza do breve retorno de Cristo.

O itinerário sabático, portanto, socializa os indivíduos à IASD os colando em redes diferenciais de sociabilidade, isto é, inculcando um sentimento e os fazendo pertencer a uma comunidade religiosa onde serão marcados com uma identidade peculiar a qual se mostrará evidente não só dentro destas redes e no itinerário sabático para aqueles que na religião permanecem, mas também circulará fora deste âmbito, muitas vezes entrando em choque com as percepções da cultura secular mais ampla. Isto acaba por gerar desafios, dilemas, tensões e conflitos em detrimento das diferenças de organização temporal entre adventistas (e os sabáticos de um modo geral) e o restante do mundo tendo em vista a maneira como o sistema capitalista concebe e organiza o tempo assim como, no nosso caso brasileiro, a influência da nossa cultura cristã católica dominical sob a organização temporal da nossa sociedade.

No próximo capítulo procurarei ilustrar, especialmente com base em algumas experiências oriundas das trajetórias de vida de alguns dos meus principais interlocutores, os dilemas e desafios assim como as possíveis tensões e conflitos que os guardadores do sábado, aqui os Adventistas do Sétimo Dia, podem passar. Neste processo gostaria de destacar para o leitor as estratégias das quais os meus interlocutores fazem uso para permanecerem e tornarem legítima perante si e os outros a sua identidade sabática dentro de nossa cultura.

Apenas gostaria de acrescentar que para além do itinerário ilustrado neste capítulo a IASD realiza algumas outras atividades durante a semana com destaque para o culto de oração nas quartas-feiras à noite - na IASD Central realizado geralmente na sala da classe sabatina dos jovens - e para os cultos dominicais - também realizados a noite e no primeiro andar da IASD Central. Estes atraem um público quantitativamente razoável, ou bem grande quando se trata de uma programação especial como, por exemplo, apresentação musical do coral da igreja, ou, uma série evangelística ocorrida no ano de 2012 na qual em cada culto dominical a pregação era destinada a estudar minuciosamente um capítulo do livro do Apocalipse o que soube, posteriormente, ter atraído além dos membros oficiais daquele templo um grande número de visitantes não só de outras IASDs como também de igrejas de outras denominações. Informalmente, durante os meses em que essa programação aconteceu o culto dominical ficou conhecido como o culto do apocalipse. Já o culto de oração por ser no meio da semana é bem esvaziado e provavelmente conta, no caso da IASD Central, apenas com a participação daqueles que residem nas redondezas da igreja, pois em decorrência das atribulações da vida cotidiana durante a semana, fica difícil a participação de um maior número de fiéis membros da congregação. Tudo indica que os presentes nesse culto sejam os mais velhos.

CAPÍTULO 4

Observando os desafios de se guardar o sábado:

Dilemas e estratégias de enfrentamento

Geová: *Como é que foi o processo de guarda do sábado depois de seu batizado?*

Wládvia: *E então, para mim sempre foi muito fácil, porque como eu estudava todo dia de manhã eu acordava sábado na maior, aí dia de sábado passava todinho na igreja, de manhã e a tarde, na sexta-feira à noite no pequeno grupo. O meu sábado era bem preenchido, sempre tava envolvida com alguma coisa cristã. E em relação à faculdade também, quando eu entrei na faculdade eu tinha muita mobilidade de mudar o meu horário. Eu estudei, eu antecipei o curso, era em cinco anos, eu fiz em quatro anos e eu mudava meu horário bem facilmente, aqui na católica você tem a flexibilidade de mudar o seu próprio horário. Aí eu estudava de manhã e algumas cadeiras à noite, mas nunca coincidiram com o sábado. Só que no último ano, a monografia que eu queria falar sobre direito penal, só tinha no sábado e essa minha orientadora já tinha sido minha professora em outra disciplina e por eu ter sido sempre uma das melhores alunas da sala na disciplina porque eu já tinha pagado com ela, então ela fez tipo um acordo "extra oficial" comigo - mesmo eu estando matriculada dia de sábado, eu nunca vinha no dia de sábado. A gente se encontrava nos corredores, nos e-mails, para fazer a orientação da monografia e no dia da minha apresentação ela mudou o horário. Foi em uma sexta-feira à tarde também e aí deu tudo muito certo. É até interessante porque o meu tema foi bem polêmico da monografia e a banca era bem assim, bem rebelde assim, a questão foi bem sinistra e quando fizeram a apresentação, fizeram a sabatinada, perguntaram bastante, aí um professor fez, parabenizou a... Eu tirei dez na monografia e interessante, foi o único 10 no semestre com aquela banca, aí o professor lá parabenizou a orientadora: "parabéns doutora Marília porque você fez a excelente orientação dessa aluna" - aí ela fez - "Não, parabenize a ela e ao Deus dela porque praticamente eu não a orientei porque ela não frequentava as aulas aos sábados por conta de crenças religiosas, mas ela se empenhava durante os outros horários, para fazer o melhor dela para compensar a ausência em sala de aula". Foi bem interessante, por isso eu gostei muito.*

Wládvia já foi a diretora do departamento jovem e do departamento de liberdade religiosa da IASD Central. Ela é Adventista do Sétimo Dia desde os seus doze anos de idade.

Batizou-se de fato na IASD aos treze na cidade de Sanharó, interior de Pernambuco, de onde é natural. Está no Recife há uns sete anos e reside no bairro da Boa Vista na casa do estudante de Sanharó. cursou direito na Universidade Católica de Pernambuco e até a época da entrevista trabalhava como advogada para o corpo docente do IFPE (Instituto Federal de Pernambuco) além de lecionar em uma faculdade particular. Hoje em dia deve ter seus vinte e cinco anos e é oficialmente vinculada a IASD Central. O relato acima resume a sua trajetória de vida no que diz respeito à guarda do sábado desde a sua conversão até tempos mais recentes.

Observando em detalhes o seu relato está claro uma participação intensa no itinerário sabático dos adventistas, principalmente na sua adolescência. Como já vimos tal itinerário é responsável por socializar o indivíduo na doutrina adventista assim como inseri-lo em uma rede de sociabilidade diferenciada a qual vai lhe imprimindo uma identidade religiosa particular. Dessa forma, a marca da guarda do sábado é algo a ser carregado na identidade adventista e objeto de constante negociação nas mais diversas esferas da vida secular. Isto fica evidente na fala sobre o período de realização da monografia no qual a guarda do sábado a princípio se constituiria como um problema para a realização do trabalho de conclusão de curso de Wládvia. A solução para o impasse veio pelo acordo “extra oficial” proposto pela sua orientadora, no entanto tal acordo não advém apenas da boa vontade da professora, mas do reconhecimento por parte dela do esforço de Wládvia em momentos anteriores os quais a garota se provou responsável e capaz, apesar das limitações temporais impostas por sua confissão religiosa. Este reconhecimento fica expresso na fala de sua orientadora no fim da banca da monografia.

Orgulhosamente Wládvia nos conta ter sido a sua nota o único 10 tirado naquele semestre com aquela banca específica, já em outro trecho afirma ela ter sido uma das melhores alunas da sala na disciplina oferecida pela sua orientadora, fato que no seu entender foi fundamental para a aceitação da orientação nas circunstâncias descritas. Outro fator a ser notado é a conclusão de sua graduação em um tempo menor do que o previsto através do uso otimizado da flexibilidade de horários da universidade e da disponibilidade e força de vontade de Wládvia. Deve-se ter em mente que os adventistas levam se não o tempo normal de conclusão do curso de graduação, geralmente passam mais tempo que o comum para o terminarem em detrimento da questão do sábado, neste sentido o caso de Wládvia parece ser uma das poucas exceções.

Essas demonstrações de muito esforço e excelente desempenho são muito comuns nos discursos dos adventistas, sejam eles expressos pelos próprios em conversas informais, sejam através dos testemunhos e outras histórias apresentados em meio aos eventos do itinerário sabático da IASD. Os adventistas se esforçam ao máximo para compensar a sua ausência do mundo durante o período sabático e se mostram tão capazes e competentes quanto qualquer outro que por não compartilhar da mesma doutrina não tenha o transtorno de ter um dia a menos na semana para execução e planejamento das atividades seculares. Se na sua identidade religiosa os adeptos da IASD carregam a marca da obediência ao quarto mandamento da lei de Deus, eles também carregam o dever de superar os estigmas que esta marca pode trazer, daí desenvolverem um *ethos* protestante focado na vocação para o trabalho árduo.

Os fiéis por meio de suas redes e ao compartilharem os seus testemunhos incentivam-se uns aos outros para perseverarem no seu caminho aludindo o quanto é importante o grande esforço, pois é isso que trará uma visibilidade positiva não só aos olhos de Deus, mas também nas esferas mundanas. Em um almoço com uma senhora adventista, ela me conta que eles não podem se negarem a trabalhar no domingo ou feriado se o empregador assim o pedir e tendo ele liberado o trabalhador no sábado, se isso acontece é visto como um ato de preguiça e deve ser repudiado. Aceitar trabalhar em dias e horários que comumente outras pessoas não o faria, na interpretação dessa senhora, é uma maneira para retirar qualquer imagem que se possa ter dos adventistas em relação ao sábado como uma desculpa para não se fazer nada. A ausência do mundo no sábado por ser um dia santo conforme mandado por Deus é algo que deve ser justificado mundo a fora como um preceito genuinamente religioso e não uma desculpa, logo deve ser respeitado e tolerado, para tanto os adventistas devem fazer por merecer. Assim, indo ao encontro da percepção desta senhora adventista, escutei muito comumente nos discursos de alguns fiéis durante minha pesquisa de campo de não se incomodarem de trabalhar dia de domingo, feriado ou fazer horas extras durante a semana, entre outras alternativas que visem compensar a obrigatoriedade sagrada do seu descanso religioso. Contudo, nem sempre “os outros” entendem isso, dessa forma a guarda do sábado por parte dos Adventistas do Sétimo Dia pode ser algo muito desafiador na nossa sociedade. Dedicarei este capítulo a dissertar sobre o assunto evidenciando os dilemas subjacentes a tal questão e as estratégias de enfrentamento que os adeptos da IASD utilizam para superar os desafios de ser sabático na nossa cultura, em particular na esfera pública brasileira.

4.1 Identidade sabática x Cultura secular dominical

O Brasil é um estado laico desde a constituição da República de 1891 na qual foi proclamada a separação entre Igreja (católica) e Estado. Emergiu deste processo o problema da definição do que é e do que não é religião, tornando assim a liberdade religiosa instituída no país apenas aparente. De qualquer forma, a referida constituição assegurou os primeiros passos para a visibilização do pluralismo religioso brasileiro uma vez que a Igreja Católica já não mais representava a religião oficial do país. Inicialmente, este pluralismo foi historicamente regulamentado pelo aparato estatal através de seu esforço em categorizar a esfera legítima do religioso e a ilegalidade de outras práticas tidas como mágicas e que se reivindicavam como religião. De fundamental importância para a institucionalização legal do religioso foram os campos médico e jurídico os quais enquadravam o que era religião e o que era mágico, logo, ilícito e ameaçador a saúde e a moral pública sob o estigma de “curandeirismo” e “charlatanismo” (MONTERO, 2006).

É importante notar que paralelamente aos conflitos que se configuravam à época entre catolicismo e religiões não cristãs com ênfase para o espiritismo e as religiões afrobrasileiras, uma diversidade de religiões protestantes já estava presente no país em busca também de seu espaço na esfera pública. Entre elas, no final do século XIX, praticamente todas as denominações do protestantismo histórico (luteranos, anglicanos, metodistas, presbiterianos, congregacionistas e batistas) e nas primeiras décadas do século XX as primeiras igrejas pentecostais as quais tiveram grande crescimento e se desdobraram no atual movimento neopentecostal (HELLERN, 2000 apud. SILVA, 2007). Assim, tendo em vista o processo histórico aqui exposto, podemos dizer sinteticamente que:

a existência da religião na esfera pública em sua diversidade resulta historicamente desta autonomização que separou Estado de religião (ou equivalentemente Estado de Igreja Católica). No caso do campo religioso brasileiro, por exemplo, ele não é tido mais como exclusivamente católico, mas como um campo múltiplo e competitivo, muitas vezes teorizado e representado dentro de uma lógica cristã, mas que na verdade também conta com um repertório diversificado de religiões não cristãs em sua constituição. (PAIVA JR, 2011, p. 5).

A separação entre Estado e religião acabou por tornar o campo religioso brasileiro plural produzindo historicamente diversos impasses e conflitos entre os mais diversos grupos e associações religiosas. O direito a liberdade religiosa surge deste contexto e em decorrência

dos variados avanços constitucionais da república até então ele é assegurado na constituição federal de 1988 através do artigo 5º⁴⁶, em especial incisos VI⁴⁷ e VIII⁴⁸. Para a garantia e proteção deste direito o Estado por vezes é intimado a intervir e mediar através de seus dispositivos legais estes diversos impasses e conflitos que se configuram tanto nas relações internas do campo religioso e que repercutem na esfera pública quanto nas relações externas deste campo com esta esfera.

Desse modo, dizer que o Estado brasileiro é laico não é dizer que ele é um Estado isento de religião, mas sim que o mesmo deve garantir de forma aconfessional os direitos dos indivíduos a terem e exercerem a sua (não) religiosidade na esfera pública, contudo seguindo o princípio da tolerância religiosa, isto é, o princípio de respeito às crenças e práticas religiosas dos outros.

O Estado não poderá adotar ou promover uma doutrina religiosa, deverá manter-se afastado de interferir na vida religiosa de seus cidadãos, conservando deste modo o pleno exercício da liberdade religiosa destes, agindo parcialmente em relação às religiões. O Estado, contudo, deverá se preciso for dispensar um tratamento diferenciado para determinados grupos religiosos quando não estiver ocorrendo igualdade ou isonomia entre estes e os demais, conforme dito quando estudado o princípio de igualdade. Em resumo, o Estado deverá manter um regime de aconfessionalidade. (DIAS, 2011, p. 33-34).

A questão do multiculturalismo se põe cada vez mais fortemente para nossa democracia moderna obrigando-a a lidar com políticas de reconhecimento e (re) distribuição dele aos diversos grupos sociais minoritários dos quais os grupos religiosos não estão excluídos. A citação acima remete ao princípio da igualdade na qualidade de protetor da diversidade, assim ele se baseia no tratamento igual dos diferentes, se necessário através do uso de ações equitativas que busquem a redução das desigualdades produzidas historicamente entre os diversos grupos. O exercício desse tratamento igual no qual a liberdade religiosa deve se assentar só é possível por meio do também princípio da tolerância pelo qual o respeito à diferença deve ser exercido tornando viável o pleno exercício público da diversidade. Logo, o

⁴⁶ Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade nos termos seguintes.

⁴⁷ É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

⁴⁸ Ninguém será privado de seus direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se a invocar para eximir-se de obrigação legal a todos a todas imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

direito à liberdade religiosa deve-se fazer sob estes dois princípios, a igualdade e a tolerância, compreendidos como formas de garantia, proteção e respeito à diversidade.

Entretanto, o processo de secularização da sociedade brasileira do qual a diversidade religiosa emerge a partir da separação entre Estado e religião e consequentemente da laicização do Estado possui marcas profundas da religião do império cuja cultura dominical está arraigada até os dias de hoje. Disso resultam as incongruências existentes na esfera pública entre a identidade sabática dos Adventistas do Sétimo Dia e a nossa cultura secular dominical.

Aprendemos com os Adventistas do Sétimo Dia que o sábado é o dia sagrado de descanso porque assim Deus quis e mandou através do quarto mandamento escrito pelo próprio e dado a Moisés, isto está bem claro na bíblia. Contudo, a igreja católica muda um pouco a relação que os cristãos devem ter com o sábado e a transfere para o domingo instituindo assim uma cultura cristã dominical praticamente a nível global, estendida e aceita pela maior parte do protestantismo. Neste quesito, sobre a relação entre adventistas e católicos eis o que o primeiro ancião da IASD Central me fala:

Geová: *Em relação aos católicos, há mais uma aproximação ou distanciamento entre católicos e adventistas?*

Paulo: *Veja, em termos doutrinários há uma grande distância, em termos doutrinários. Deus não faz distinção de pessoas, nós também não devemos fazer distinção de pessoas. Todas as pessoas são, é, são, devem ser amadas por nós porque Jesus Cristo amou todas e morreu por todas e ele espera que o meu amor seja demonstrado por elas. [...]. No entanto, em questões doutrinárias na Igreja Adventista do Sétimo Dia existe uma série de distinções doutrinárias com a Igreja Católica e nós entendemos que muitas das crenças católicas não tem respaldo bíblico porque elas são frutos de tradições e a grande questão é a seguinte, nós temos a bíblia como regra de fé e a Igreja Católica ela sustenta a bíblia e a tradição como regra de fé. Diante disso para um católico que aceita a tradição como regra de fé e aquilo que o papa instituiu no passado oficialmente como regra de fé eu não tenho como dá uma contra argumentação. Vamos dizer assim, se a pessoa entende isso como regra de fé, mesmo que eu apresente biblicamente ele vai dizer: “bom, mas o papa tem autoridade para mudar isso”. A própria Igreja Católica reconhece, por exemplo, a questão do sábado, que biblicamente não há autoridade escriturística para a mudança do sábado para o domingo, isso foi feito pela autoridade conferida pela Igreja Católica que evidente pelo papa como sendo o vigário de*

Cristo, o substituto de Cristo na terra, tem autoridade inclusive para mudar as escrituras. Assim a igreja se sentiu na autoridade de mudar as escrituras, então o catecismo católico que é a linha doutrinária ensinada para a primeira comunhão, crisma, ele apresenta os 10 mandamentos, por exemplo, de maneira diferente da bíblia, até mesmo da bíblia católica. A bíblia católica é igual a minha bíblia, inclusive uma bíblia muito conceituada, na sua tradução ela é uma bíblia muito conceituada e apresenta os dez mandamentos como qualquer outra bíblia, no entanto o catecismo católico ele inverte o segundo mandamento que fala - não farás escultura - ele suprime do segundo mandamento, católico. Então ele pega o décimo que diz não cobiçarás nada, nem a mulher do próximo, nem a casa do próximo, boi ou o que seja, não cobiçar, ele diz uns oito, para voltar para o dez, não cobiçarás a mulher do próximo e não cobiçarás o resto, eu tô dividindo em dois para completar os dez e pega o quarto mandamento que fala do sábado, usa o sábado para o santificar e então a igreja apresenta agora santificar domingos e festas. Então este é o catecismo doutrinário para as pessoas que vão iniciar a comunhão católica, baseado em que? Baseado na autoridade de Cristo, não é baseado na escritura. Então a própria igreja reconhece que existe declarações históricas registradas de cardeais, de pessoas do sacerdócio católico que diz que não há autoridade escriturística para, por exemplo, a mudança do sábado para o domingo, mas foi pela autoridade que Cristo concedeu a igreja que eles mudaram e as pessoas aceitam isso por fé, não porque está na bíblia, mas porque um dia a igreja mudou e, então como eu posso agora dizer para a igreja: “olhe a bíblia diz isso?”. Porque a bíblia diz isso, mas o papa mudou porque tem autoridade. Então qual o tipo de argumentação que eu vou ter diante disso? Então os católicos, então tem essa crença na autoridade bíblica mais a autoridade da igreja, então existe uma divergência total entre adventistas em número de crenças...

A fala do primeiro ancião da IASD Central deixa clara a sua percepção a respeito do poder da Igreja Católica ao instituir por meio da tradição o domingo e não mais o sábado como o dia sagrado alterando inclusive a leitura do que está escrito na bíblia. Exemplo da reificação do domingo como dia santo a ser guardado e celebrado é a Carta Apostólica *Dies Domini* escrita pelo antigo papa João Paulo II (1998) para o clero, episcopado e fiéis da Igreja Católica. A ideia principal da carta em relação ao domingo é bem sintetizada na citação abaixo.

Efetivamente, na tradição judaico-cristã o preceito de reservar um dia por semana para descansar e adorar o Senhor fundamenta-se no

próprio Decálogo. Transferido para o dia da ressurreição de Cristo, o “Shabbat” (descanso) torna-se no Domingo, no “dies dominica” (Dia do Senhor): embora mantendo a obrigatoriedade do descanso, a Igreja, a exemplo do que fizera o próprio Jesus, retira a carga de proibições, insistindo mais na celebração Eucarística, na aprendizagem da mensagem divina e na prática da caridade. Trata-se, em última instância, de uma forma de concretizar o primeiro dos mandamentos através do reconhecimento da primazia do poder de Deus sobre o Tempo e sobre todo o trabalho saído das mãos do homem, e de utilizar esse dia para um melhor conhecimento de Deus e mais cuidada atenção aos irmãos. (VENTURA, 1999, p. 435).

Se o sábado representa o memorial da criação, o domingo seria o novo dia santo por representar o memorial da ressurreição após a crucificação de Cristo. Keneth Strand (2004, 2005) em dois artigos ilustra como o domingo se tornou o popular dia de culto. Afirma o autor ser o sábado e o domingo dias gêmeos comumente santificados pelo menos até o quinto século da era cristã em quase todos os lugares com exceção de Roma e Alexandria. Pensa que o culto semanal do domingo cristão provavelmente surge como extensão da celebração pascoal anual em detrimento da ressurreição de Cristo, contudo isto ainda não justificaria a transplantação de um dia de guarda para o outro, fazendo com que tanto sábado como domingo fossem celebrados como dias santos inicialmente.

A substituição vai ocorrendo gradualmente a começar por Roma e Alexandria tendo como ponto de partida um sentimento antijudaico, uma necessidade do cristianismo de se diferenciar do judaísmo.

Além disso, em relação a Roma (e algumas outras partes do Ocidente), a prática de jejuar no sábado cada semana também tendia a realçar o desenvolvimento da observância do domingo por tornar o sábado um dia triste. Isto obviamente tinha efeitos negativos sobre o sábado e poderia ter servido como incentivo em Roma e em algumas regiões vizinhas para substituir um sábado tão triste e faminto por uma jubilosa festividade semanal da Ressurreição no domingo. (STRAND, 2005, p. 66.)

Leis dominicais implantadas por imperadores cristãos a partir do quarto século deram status e reconhecimento à observância do domingo ainda que isso não tivesse a princípio orientação especificamente religiosa. Após algumas divergências entre Igreja Católica e estes preceitos dominicais inicia-se um processo de sabatização do domingo, isto é, a orientação religiosa deixada por Deus sobre o sábado deveria ser realizada no domingo, em outras palavras, as leis dominicais se afinam com as novas orientações religiosas da Igreja Católica

tendo o sábado gradual redução de sua importância. Soma-se a isso, como já falado, o sentimento de separação e distinção do judaísmo. Sob estas circunstâncias aos poucos o sábado é substituído pelo domingo como dia santo a ser guardado, porém ele não foi inteiramente esquecido tendo existido muitos outros grupos para além dos judeus que ainda obedeciam ao mandamento divino tal como escrito na bíblia, dentre eles persiste até hoje a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A questão é que esta cultura dominical ocidental e a afinidade religiosa (construída historicamente) que possui com o cristianismo primitivo permanecem bastante influentes até hoje não havendo maiores dissensos sobre isto no campo religioso como um todo. Por conta disso é que os Adventistas do Sétimo Dia ao se distanciarem dessa cultura cristã dominical são comumente acusados de ser uma seita tendo assim a sua legitimidade questionada, mesmo que partilhem de boa parte das principais crenças dessa cultura também se autodenominando como cristãos. Desse modo, ocupam uma posição à margem no campo religioso. Pensando em termos de Brasil, o país teria uma identidade nacional católica. Para Sanchis (2001, 2003, apud. Campos, 2008) seria possível pensar, pelo menos teorizar, um *habitus* católico no modo de ser brasileiro, mesmo com toda a complexidade e diversidade do campo religioso. Ronaldo Almeida (2007) fala que tamanha é a profundidade histórica do catolicismo que ele seria coextensivo a ordem cultural, daí deriva o seu suposto efeito de invisibilidade⁴⁹. Sendo assim, não é difícil inferir que a nossa cultura ainda que secularizada seja permeada de catolicismo, logo, fortemente influenciada pela cultura dominical que dele historicamente advém - aceita e reproduzida também no meio evangélico. Tudo isto se agrega a este suposto efeito de invisibilidade que dentre as muitas situações possíveis de ser clarificado, tem-se os desafios e dilemas a serem enfrentados pelos sabatistas, no nosso caso em especial, pelos adeptos da IASD.

Geová: *Como é que a igreja percebe essa coisa religião - mundo diante da questão da guarda do sábado?*

Paulo: *É, essa é uma questão muito difícil justamente por você ser diferente da maioria. Só que hoje cada vez mais os Estados, a esfera pública está permitindo que as minorias tenham garantias e nesse caso a Igreja Adventista tem conseguido no âmbito público, nos concursos*

⁴⁹ A invisibilidade do catolicismo apontada por Almeida (2007) advém da naturalização da religião pela sociedade. Isto é, o catolicismo não é invisível porque ninguém o vê ou o reconhece, ao contrário, ele é invisível porque todos o veem e o reconhecem como a religião “natural” da sociedade. Ele dificilmente é posto em questão por ser algo normal e comum da ordem social, daí a sua invisibilidade tamanha a sua profundidade na nossa cultura.

públicos, enfim tem conseguido respaldo para ter o direito a fazer algumas provas, alguns concursos em horário diferenciado. Isso foi uma vitória, tem sido uma vitória, não só para a Igreja Adventista, mas para os outros que também guardam o sábado, os judeus, ou outros, para que também possam fazer isso, eles tem o direito assegurado. Nós sabemos que no âmbito particular, privado, isso se torna cada vez mais difícil. Hoje o mundo, ele praticamente, são duas vias, o mundo como estamos falando ele se pudesse abriria os sete dias por semana, vinte quatro horas por dia. Eu estou falando do comercio, do mundo do trabalho. Como a legislação garante um dia de descanso e este dia de descanso por consenso foi dado como o domingo na maioria dos países e existe um esforço da Igreja Católica em tornar esse dia um dia realmente a nível mundial como se fosse um dia totalmente voltado para a paralisação das atividades seculares como a bíblia fala a respeito do sábado, então a Igreja Católica, isso é notícia em vários blogs, em vários sites, até mesmo no site da Igreja Católica mesmo a gente pode ver o esforço da Igreja Católica em tornar o domingo o dia da família, o dia do planeta, o movimento ecológico tem enfatizado isso, tudo está voltado para o domingo. Então nós sabemos que em breve, leis dominicais, já existe projetos nos Estados Unidos, em outros países para que o dia de domingo seja efetivado como o dia, na própria Europa o parlamento recentemente foi levado uma série de assinaturas para cortar o dia de domingo como dia de trabalho, então há todo um encaminhamento mundial para que isso seja realizado e isso irá acontecer porque assim estava profetizado, a bíblia profeticamente falando diz sobre esse tipo de colocação que o domingo será impreterivelmente colocado como o dia de descanso oficial mundial, ninguém trabalhará no domingo. No entanto, eu diria assim, de uma certa dificuldade de uma relação com o mundo hoje, hoje ainda tendo a liberdade, veja eu estou falando em termos de Brasil, existe países que não tem liberdade nenhuma, mas no Brasil hoje os adventistas tem conseguido direitos garantidos a respeito do sábado. Nas empresas privadas é um pouco mais difícil porque quando você vai trabalhar em uma empresa privada você se submete por contrato de trabalho aquilo que a empresa apresenta, se você não quer se submeter aquilo vá procurar outra empresa. Então assim, não há como você pleitear, há como você pleitear internamente, mas é muito difícil você conseguir se a empresa determinar, é muito difícil você conseguir, vamos dizer assim, ter esse direito garantido. Então é uma questão de fé. A gente tem afirmado que o princípio bíblico é correto e que obedecer a Deus está acima de obedecer aos homens e se, se encontram em uma situação em que você é provado a dar o seu testemunho entre a fornalha de fogo ou a adoração a estátua de ouro que não é adoração a Deus e você vai contar a qual

dos dois você vai seguir, assim também eu vejo qualquer fonte de fé quando você é tentado a transgredir os mandamentos de Deus e você tem que tomar uma decisão, qual lado você acha que Deus quer e qual lado vai torná-lo mais próximo de Deus. Então ainda nós temos alguns direitos garantidos, mas eu acredito que isso em breve ou daqui a algum tempo não será tão fácil assim. A coisa vai piorar, e os adventistas, não só os adventistas aqueles que guardam o sábado terão problemas.

A fala do primeiro ancião da IASD Central é elucidativa dos desafios de ser um sabatista em nossa cultura, do avanço na conquista de alguns direitos no que toca a liberdade religiosa por parte daqueles que guardam o sábado e dos dilemas que estes passam no decorrer de suas vidas a exemplo da tentativa de se integrar ao mundo do trabalho. Paralelamente a isto nota-se no seu discurso a forte presença do modo de pensamento adventista quando alinha a sua fala a compreensão escatológica de tempo da IASD quando alude ao fato da guarda mundial do domingo ser algo já profetizado nas sagradas escrituras e que daqui a algum tempo a “*coisa vai piorar*” para os guardadores de sábado. Em termos adventistas isto seria o prenúncio profético do tempo do fim, da perseguição àqueles que verdadeiramente guardam os mandamentos de Deus. Isto posto, passemos a tratar dos dilemas por quais passam os Adventistas do Sétimo Dia na esfera pública a respeito da guarda do sábado e as estratégias de enfrentamento empregadas por eles e pela IASD para superar tais dilemas.

4.2 Dilemas pessoais / subjetivos e estratégias de enfrentamento

Os dilemas de ser Adventista do Sétimo Dia e de se guardar o sábado podem se dar a dois níveis, interligados de certa maneira. O primeiro nível chamo de pessoal ou subjetivo.

Geová: *Na tua infância, antes da escola adventista, o processo do sábado como é que era? Tú ia sábado para a igreja, todo sábado? Como é que funcionava essa coisa, de guardar o sábado na tua infância, antes do batizado, antes de ir para a escola adventista?*

Erick: *Não, era normal, era até... Quando você é criança né, que quem cuida de você é os pais é mais fácil você ser cristão, até porque quando toda a família é cristã né, aquilo tudo ali colabora para a questão cristã.*

Geová: *Como é que era a tua sexta-feira [na adolescência]?*

Wládvia: *Certo, é que depois do pôr do sol eu já deixava tudo pronto, é porque naquela época eu observava mais do que agora sinceramente. Naquela época como você é meio que criança, tem tudo prontinho, eu morava com meus pais, então sempre tinha a roupa pronta de vestir no sábado, já me preparava antes para o sábado. O sábado era realmente para fazer coisas cristãs...*

[...]

Geová: *Tú disse que costumava guardar mais o sábado antigamente do que hoje.*

Wládvia: *É, mas é porque é o seguinte, como em Sanharó é a mãe que traz tudo prontinho, almoço pronto, etc, você não precisa fazer nada né, então tudo é muito fácil. Tipo a roupa de usar já escolhi na sexta-feira, amanhã vou vestir essa roupa, aí já deixava passadinha, separava a roupa para passar ferro e tal, então eu só fazia vestir a roupa. Aqui, minha semana, durante a semana é bem corrida, é muito turbulenta a minha vida. Então eu chego em casa faltando uma hora para as cinco horas da tarde ou chego em casa as cinco horas da tarde e aí não parei para pensar que roupa eu vou vestir para amanhã. Então já é sexta-feira à noite, o pequeno grupo: Eita! O que eu vou vestir para amanhã? Então arruma a roupa, passa o ferro na roupa, aí eu faço tudo dia de sábado. Aí antes eu era, arrumava, todo trabalho fazia antes ou alguém fazia por mim e no sábado não. Agora não, eu passo roupa dia de sábado.*

Geová: *Mas há algum sentimento de culpa ou de repente a igreja encararia como uma transgressão?*

Wládvia: *Não, eu acho que não. Assim, da minha parte eu não tenho sentimento de culpa, mas tipo sentimento de desorganização, eu poderia ter me organizado melhor para isso, para não tá aquela coisa atrasada, apressada, entendeu. Mas assim não tenho essa, o sábado não é aquele martírio - não, não, não, não vou poder fazer isso! - não é o dia do não. Ao contrário, é o dia do sim para as coisas boas. O não para as coisas ruins entendeu? Não vou ficar: ah, eu tenho um processo para entregar segunda-feira - eu tento esquecer essa parte entendeu? Eu tento aproveitar o máximo ao sábado, tipo com os meus amigos, ligar para a família, ler, fazer coisas legais entendeu?*

Observar o sábado na infância e na adolescência parece ser sempre mais fácil na medida em que a criança ou o adolescente tem menos obrigações com a estrutura social do que quando se torna um jovem adulto. Até então ele está sob o aconchego familiar o que

facilita a sua relação com a religião, pois os pais mesmo que não adventistas como é o caso da família de Wládvia na época de sua conversão já deixavam “*tudo prontinho*” para a garota vivenciar o itinerário sabático. É importante assinalar que a dissipação da mensagem adventista com fins de conversão acontece dentre muitas possibilidades pelas relações de parentesco, amizade e vizinhança. Os adventistas ainda que disponham de meios de comunicação para evangelização em massa, o seu forte no que diz respeito aos mecanismos de conversão são essas redes de sociabilidade mais próximas a eles, portanto, a família de Wládvia contava com indivíduos que integraram a garota a religião sem, contudo, acontecer o mesmo com os seus pais na época⁵⁰. Ainda assim eles respeitaram e apoiaram a decisão da filha, como demonstra o ato de deixar tudo pronto de modo que ela consiga guardar e vivenciar plenamente o sábado.

No caso de Erick, adventista de berço, o rapaz expressa não só a facilidade de se guardar o sábado quando criança, mas também a importância da influência familiar neste processo, principalmente quando se cresce em um lar cristão (adventista). Um episódio de sua vida é bem elucidativo disto.

Erick: *Teve até uma vez que, teve um dia, que a gente ficava, ia para a praia né, para a praia não, para a igreja. Mas como tinha dia, por exemplo, feriado, a gente ia para uma casa de praia, carnaval mesmo né e a gente não tem o costume de ir na praia dia de sábado. A gente fica com ela [a mãe dele] pela casa, faz um culto em casa mesmo. E teve uma vez que meu avô e minha avó eles estavam com a gente, aí eles “bora para a praia, bora para a praia”, isso no dia que não podia ir para a praia, aí aproveitei que minha mãe tava dentro da casa ajudando alguma coisa, aí eu peguei e fugi com meu avô, meu avô me chamou, eu entrei no carro e fui mimbora. Quando eu cheguei em casa, aí na volta, ela [a mãe dele] se acabando de chorar né. Eu percebi, porque ela pegou e disse assim: “você foi para a praia e eu ensinei, eu lhe mostrei, você sabe que isso não é certo, mas eu sei que um dia Deus vai me cobrar da sua educação. Eu não tô falando isso por você ter ido para a praia não, é porque um dia eu quero ver você no céu, então futuramente eu quero ver se você vai continuar a ir para a praia dia de sábado, se você vai continuar, é, a trabalhar dia de sábado, ou se vai ficar na igreja”. Aí esse dia ficou marcado na minha mente. Não é questão realmente dela ser ríspida, é a*

⁵⁰ Wládvia conheceu o Adventismo do Sétimo Dia na adolescência por meio de uma tia vinda de São Paulo adepta da religião que lhe ofereceu estudo bíblico. Ela se converteu logo após isso, já em relação a sua família seu pai aderiu à nova religião da garota tempos depois (seis anos). A sua mãe e o seu irmão não são adventistas, embora sua mãe frequente os cultos sabáticos matinais da IASD e se não fosse o fato de trabalhar no sábado, tomaria a decisão por se converter à religião, segundo me conta Wládvia em entrevista realizada em 24/07/2012.

questão do amor, do cuidado, que ela quer me encontrar no céu. Então ela quer me ver lá, então o que ela pode fazer e ela faz...

A sua mãe foi a grande responsável por sua educação religiosa e junto a IASD e ao Colégio Adventista do Recife, onde estudou a sétima e a oitava série, ele foi socializado a doutrina da denominação de modo a incorporar e mesmo corporificar (através de seus hábitos alimentares e posicionamentos sobre a prática da dança) o *habitus* adventista conjuntamente com a prática da guarda do sábado.

Os dilemas possíveis resultantes da identidade sabática a nível pessoal / subjetivo advém deste processo e dizem respeito as pequenas interpelações e questionamentos oriundos da vida cotidiana que põem em provação a fé e a prática doutrinária do indivíduo. Ir ou não ir para a praia no sábado é um exemplo disto do mesmo modo que é a questão de passar ou não passar roupa no período de guarda. Importa nestas questões a maneira como os adeptos da IASD as vivem buscando soluções positivas ou negativas para os atos que são exigidos e interpretando a *posteriori* o significado das respostas que dão para tais interpelações. Assim, Wládvia não tem sentimento de culpa, nem acha que é uma transgressão os pequenos gestos mundanos de preparação para o sábado. Ela sente-se desorganizada, mas não a ponto de isso ferir gravemente o preceito divino. Ela faz o que é possível para continuar a segui-lo ainda que isto signifique por vezes executar ações inadequadas para o sábado. Já no episódio narrado por Erick é a sua mãe que apresenta os sentimentos de culpa diante da falta com a guarda do sábado executada pelo rapaz. O choro da mãe e o próprio discurso feito ao filho são exemplos deste sentimento, mas não só isso, também podem ser interpretados como um ato educativo que visa ensinar o rapaz a maneira correta de se defrontar com situações semelhantes que possam vir a se apresentar no futuro. Neste caso a estratégia de enfrentamento diante destes pequenos dilemas mais cotidianos e pessoais se configura como um tipo de educação cristã familiar de fundamental importância na infância e adolescência no caso dos adventistas de berço.

A suposta facilidade em transpor os pequenos dilemas de ser Adventista do Sétimo Dia na infância e na adolescência não é algo uniforme para todos os jovens e nem sempre é só apenas sobre o sábado como ilustra a fala abaixo de Danielle Dutra referente à sua infância.

Danielle Dutra: *No início é meio difícil que como criança né, eu via minhas amigas brincando no sábado, eu queria brincar também. Só que eu não entendia ainda a questão, tá*

entendendo. Aí depois eu fui entendendo, aí quando eu fui compreendendo aí eu vi. Eu queria dançar, eu adorava dançar, meu Deus eu adorava dançar! A minha família toda gostava de dançar. Minha mãe, meu pai, iam para balada igual a gente sabe, eu cresci assim. E quando eu me tornei, depois que eu me batizei, eu ainda dancei algumas vezes com minhas amigas e tal. Depois, porque você era criança, sabia que não era certo, mas eu não entendia muito bem ainda e depois eu fui vendo, eu fui entendendo. Aí com o passar do tempo eu fui entendo, aí eu poxa é para ser assim, eu não tô guardando certo e tal. Mas aí eu fui guardando, guardando, guardando...

Se nascer ou viver em um lar cristão (adventista) facilita no processo educativo de se tornar adventista em decorrência do apoio e incentivo vindos das relações de parentesco ajudando a superar os já falados dilemas que se manifestam a nível pessoal, para aqueles que são os únicos adventistas nas suas famílias as relações que se estabelecem nesta esfera podem ser tensas ou mesmo conflituosas. Este é o caso de Erivan, Adventista do Sétimo Dia vinculado a IASD Central, o único adepto da religião no seu núcleo familiar. Ele tentou converter sua família, mas sem sucesso, assim como ofereceu estudo bíblico para a sua mãe que o havia rejeitado. Já passou por algumas tensões, pois na medida em que teve que recusar alguns empregos por exigirem que trabalhasse no sábado, os pais e irmãos não aceitavam muito bem a sua escolha religiosa.

Erivan: *Hoje em dia minha mãe não fala mais, meus irmãos não fala mais, porque assim, cada um tá seguindo o rumo da sua vida, eu tô seguindo o rumo da minha vida, tô tendo outros objetivos já - a questão da faculdade, tô para me formar, tô entrando no oitavo período de enfermagem e assim... obviamente passei por alguns problemas... problemas quando comecei a trabalhar porque meus irmãos, muita gente dizia que, como é que se diz, não concordava, dizia que era uma religião totalmente diferente, porque eu já tinha conhecido mais novo, então assim, o que eu vivo na religião, podemos dizer, mesmo hoje, é que é uma religião boa, que eu aprendi muito e que também na questão de relacionamento, como lidar com as pessoas, essas coisas.*

Ser o único Adventista do Sétimo Dia em uma família cujas tentativas de conversão falharam se mostra um desafio, ainda mais no caso de Erivan que tinha conhecido a religião mais novo (aos 18 anos). Essa religião totalmente diferente, que o impedia de trabalhar aos

sábados restringido ótimas oportunidades na vida profissional e a sua aderência a ela, soava no âmbito familiar como fanatismo religioso. Segundo seu relato foi preciso muito tempo até a sua família se acostumar com a sua escolha religiosa e respeitar as suas decisões de vida com base nesta escolha. Como ele mesmo diz, o Adventismo do Sétimo Dia é uma religião boa que o ensinou bastante, inclusive na questão dos relacionamentos interpessoais, o ensinou a lidar com as pessoas, até aquelas que não entendem a sua religião, como foi o caso de sua família no começo. Desse modo, o desenvolvimento desse aspecto relacional, fortemente oriundo do itinerário sabático e das redes de sociabilidade que nele se fazem, se configura como uma estratégia (institucionalmente motivada) de enfrentamento aos dilemas pessoais dos que não estão inseridos em uma família inteiramente adventista. Tal estratégia não serve apenas para tensões e conflitos familiares, mas para todo o tipo de relação social marcada pela diferença religiosa.

No caso de Erivan, sem ter crescido em um lar adventista e, portanto, sem apoio e incentivo das relações de parentesco para permanecer em sua fé, na verdade pelo contrário, tendo que enfrentar as tentativas familiares de deslegitimação da religião que adotou aos 18 anos, então a sua socialização religiosa e apoio para o enfrentamento de seus dilemas pessoais enquanto adventista vieram das redes diferenciais de sociabilidade que adentrou quando começou a fazer parte da IASD. Assim, gradualmente foi de fato adentrando na comunidade religiosa iasdiana cuja motivação inicial estava na busca por verdades, segundo suas palavras quando me conta o que o incitou a se interessar pelo adventismo.

Erivan: A procura na época teve verdades, a procura de conhecimento, principalmente sobre a palavra de Deus e também o que Deus queria para mim. Então a partir do momento quando ele falou sobre o sábado eu quis respeitar e até hoje eu respeito e guardo. A questão é respeitar e guardar também. Então de uma hora para outra eu não ia conseguir uma coisa rápida, mas assim a minha força foi muito grande né e principalmente com o ancião que tava me ensinando e com outras pessoas que tavam frequentando a igreja também. Então eu fazia o possível para eu me envolver com eles para que eles pudessem me contemplar com o sábado. Então na sexta feira à noite eu estava nos pequenos grupos, ali eu tava aprendendo a questão da guarda do sábado. Sábado de manhã tava na igreja também, no sábado a tarde também, enfim. E a noite eu tava me envolvendo com os jovens...

Erivan conheceu a religião por meio de um vizinho seu com quem jogava dominó. Este vizinho era um ancião da igreja e em uma conversa sobre a origem do mundo ele passou a se interessar mais sobre o assunto constantemente indo conversar com o vizinho sobre. A partir disso, aos poucos era introduzido à doutrina adventista posteriormente se convertendo. É a busca pelo conhecimento que o guiou para e pelo adventismo. Mas não é qualquer tipo de conhecimento, é o “conhecimento verdadeiro”, o único capaz de responder as questões mais transcendentais que afligem a humanidade a exemplo da origem do mundo. Ele encontra-se na bíblia, mas só acessível por meio de uma leitura cuidadosa, metódica, assim como fazia Miller quando a religião ainda era uma seita (no sentido sociológico). O conhecimento e a forma de tê-lo os foram apresentados pelo seu vizinho, um ancião da IASD. Devemos notar o caráter processual da conversão de Erivan, considerando aqui conversão não apenas como um ato do indivíduo dizer-se autopertencer a uma determinada religião, mas como um processo pelo qual ele incorpora e corporifica o modo de ser predito. Tal processo não é espiritualmente súbito, leva tempo e preparação no caso do Adventismo do Sétimo Dia.

Campos e Reesink (2011) sinalizam para este caráter processual da conversão religiosa, interpretado pelo nativo oriundo de grupos (neo) pentecostais como ontologia (ou transformação radical). Para as autoras a compreensão antropológica do fenômeno só pode acontecer ao se radicalizar a articulação entre as categorias do nativo e do antropólogo, pois o que este interpreta como processo aquele enxerga como mito e ponto de transformação. O que ocorre é que entre uma interpretação e outra, tem-se que ter em mente que o processo pode ter intensidades e ritmos diferenciados não só entre os indivíduos sujeitos a transformação como isso também depende do modo como cada religião a induz / incita na vida destes indivíduos por meio da conversão.

Para o caso dos Adventistas do Sétimo Dia, isto parece ocorrer de forma mais lenta e exigir uma compreensão intelectual do sujeito na medida em que não só guardar o sábado, mas também conhecer e estudar a bíblia funcionam como pré-requisitos para a conversão. Não conheci e não tive relatos de nenhum indivíduo em meu trabalho de campo que tenha se convertido subitamente ao adventismo. Ainda que haja encantamentos pela denominação e alguns momentos de maior teor emocional e espiritual, frequentar a escola sabatina e ter os estudos bíblicos antes de se decidir pelo batismo são passos, não necessariamente obrigatórios, mas em certo sentido rituais, a serem feitos pelos potenciais futuros adeptos e isto leva tempo. A ajuda da comunidade religiosa é fundamental para o processo. São as redes diferenciais de sociabilidade que o itinerário sabático cria que motivam o indivíduo a seguir e

a conhecer os preceitos bíblicos ensinados pela religião assim como a enfrentar os dilemas e desafios que a vida coloca frente à sua identidade religiosa, a isto os adventistas chamam de provações. O caráter processual de se tornar de uma religião, vivê-la e superar os obstáculos que a isso se colocam é evidente na fala de Erivan - como se deve respeitar e guardar o sábado, ele não conseguiria fazer isto de uma hora para outra. Aliada a sua força de vontade, a ajuda do ancião e dos membros dos pequenos grupos e cultos que frequentava foi fator importantíssimo na sua trajetória religiosa de vida.

Thiago: *Quando eu era muito, muito novo, uns três, quatro anos, minha avó ainda não era, ela era a dona da casa, mas ela ainda não era adventista, então a gente não guardava o sábado plenamente. Por exemplo, ninguém trabalha no sábado dentro da sua casa, mas todo sábado a gente chamava uma tia minha para fazer a faxina, etc, etc... Uma outra tia minha que morava com a gente na época e não conseguia guardar muito bem, não era muito... Quando minha avó se batizou, quem era de fora era visita, minha tia tinha se mudado, os tios que moravam com a gente tinham se mudado, então agora todo mundo respeitava as novas regras da casa... é fazer um negócio mais certinho... a gente ainda morou com uma tia avó de favor tendeu? Então ela era a dona da casa, então as coisas eram como ela queria e ela não, ela não controlava o dinheiro, mas quem controlava o dinheiro dela era as outras filhas dela e sempre os meus tios sempre acharam uma bobagem e quem fazia alguma coisa de favor tinham que fazer no sábado...*

Thiago é um jovem não mais pertencente a IASD ainda que o adventismo esteja impregnado na sua personalidade, pois ele já nasceu na religião e permaneceu nela até aproximadamente os seus 18 anos. Atualmente sua família é toda adventista, mas o relato acima é de uma época em que apenas a sua mãe, a primeira a se converter ao adventismo anteriormente pertencendo à igreja batista, educava ele e seu irmão aos moldes da nova religião adotada. Acabaram por enfrentar problemas familiares por os chefes da casa onde residiram não compartilharem das mesmas crenças e práticas doutrinárias interferindo assim na guarda do sábado. Os conflitos só vieram terminar quando a sua avó com quem ele, sua mãe e seu irmão moram atualmente, se converteu.

As tensões e conflitos passíveis de existir em famílias religiosamente mistas foram observados por Matos (2008) em indivíduos integrantes de famílias com pluralismo religioso intrafamiliar no que toca a existência e convivência de carismáticos e evangélicos nesta esfera

social mais íntima, privada. A tendência à tensão e ao conflito pode ser maior ou menor a depender de uma série de configurações familiares em termos de gênero, parentesco e das religiões em interação no espaço doméstico. A autora trabalha com modelos operativos referentes a noções de conversão, passagem ou trânsito religioso e gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos⁵¹ para compreender as dinâmicas de tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos no âmbito familiar marcado pela diversidade religiosa. Desse modo, procede a uma perspectiva que afastaria, por exemplo, ideias dicotômicas causalísticas entre pluralidade religiosa intrafamiliar e desagregação familiar ou, ao contrário, entre aquela e solidariedade familiar, integrando outras possibilidades interpretativas para a questão.

Para o caso em análise da família de Thiago, o esforço do núcleo familiar, em especial por meio de sua mãe, para a conversão dos demais parentes com quem tiveram que conviver sob um mesmo teto, com destaque para a avó do rapaz que seria a grande matriarca da família, configura-se como uma alternativa estratégica de extinção de possíveis tensões e conflitos no núcleo familiar marcado pela diversidade religiosa. A mãe de Thiago foi o ponto de conversão familiar ensinando a doutrina da IASD não só para os seus filhos, mas a levando para o restante da família. Tendo sido bem sucedida, apesar de certa demora tendo em vista o caráter processual que é se converter ao adventismo, tal processo também seria mais uma estratégia de enfrentamento para os dilemas de ser um sabático em um núcleo familiar religiosamente distinto além também de contribuir para a missão evangelizadora e proselitista da IASD em levar a palavra a todo povo, língua, tribo e nação.

De um modo geral os dilemas pessoais dos Adventistas do Sétimo Dia situam-se na esfera da sociabilidade de uma forma mais ampla através principalmente das relações de parentesco e amizade marcadas comumente por distinções religiosas pelas quais as práticas doutrinárias dos adeptos da IASD ficam mais em evidência em certas situações, em especial no que tange a temas como alimentação, disciplina corporal e, de maior destaque, a guarda do sábado. As questões que tais dilemas colocam para os Adventistas do Sétimo Dia se manifestam em seu cotidiano e de maneira comezinha põem a prova a sua fé e religiosidade através da exigência de pequenos atos mundanos não condizentes com as orientações e aconselhamentos providos pela IASD através da palavra bíblica e dos conselhos de Ellen White. Se tais dilemas se apresentam na esfera da sociabilidade afetando a subjetividade do fiel adventista é nesta mesma esfera que serão buscadas as estratégias de enfrentamento. Daí

⁵¹ Tais noções encontram-se respectivamente em: (MARIZ & MACHADO, 1998; BIRMAN, 1994, 1996; DUARTE, 2006a, 2006b, 2005 apud. MATOS, 2008, p. 140).

que emerge a importância da ideia de redes diferenciais de sociabilidade construídas e solidificadas não só, mas principalmente, no itinerário sabático iasdiano. Como já falado são elas que integram o indivíduo à religião provendo um sentimento de pertencimento e socializando-o a fé e aos preceitos doutrinários da IASD ao mesmo tempo motivando o sujeito a permanecer firme no seu caminho, pois ele não está só, Deus está ao seu lado para junto a ele lhe dá suporte no enfrentamento das provações de fé por que passa nas suas relações cotidianas. Este tipo de percepção é de fundamental importância para o reforço da identidade sabática e enfrentamento dos dilemas que dela decorrem na esfera pública. Vale lembrar que a socialização e motivação a fé e preceitos doutrinários da IASD se fazem ao estilo adventista mediante o estudo bíblico, a absorção e operacionalização da palavra - encontrados no estudo diário e no itinerário sabático. As palavras do pastor da IASD Central sobre a relação religião mundo e os possíveis dilemas a serem enfrentados pelos adventistas nesta relação sintetizam bem as ideias aqui expostas.

Geová: *Partindo para a segunda sessão sobre esfera pública, a guarda do sábado talvez seja a crença mais marcante, a mais conhecida no senso comum, e isso implica às vezes em algumas relações conflituosas com o mundo pelas relações de trabalho, de estudo, enfim, entre outras coisas. Como é que a igreja vê essa relação religião mundo? Como é que ela trabalha isso com seus fiéis tendo em vista estarmos em um mundo secular laico?*

José Orlando: *Apelando e alegando a ação da fé, que na verdade a gente percebe que queira ou não queira nós não podemos de maneira alguma, em nenhum momento, estabelecer o nosso comportamento, a nossa atitude, baseado na opinião da maioria, mas na opinião da fé, da fé na palavra que acreditamos ser de Deus e que é a bíblia. Então a nossa meta não é incentivar o membro a estar de acordo ou estabelecer uma paz sociológica para pensar igual, desde que esse pensar igual esteja igual ao que acreditamos ser a opinião centralizada na fé. Agora assim, você não pode ser levado a pensar igual a um assunto ou determinada situação ou crença que esteja de encontro ou vá de encontro aquilo que acreditamos ser a norma da fé que é a palavra de Deus. Então a gente sabe que é uma pregação antipopular, a gente sabe que falar hoje no contexto de sobrevivência, no contexto de mudança, no contexto de, é, de recessão, no contexto, enfim, de transformações, eu diria quase que inevitáveis e simultâneas no mundo, você manter hoje uma crença que hoje ela é diametralmente oposta aos costumes da ampla maioria isso causa uma crise, tensão e de fato chama atenção evidentemente de todos e de todas. Mas nosso compromisso não está em estabelecer a paz*

pela paz no que diz respeito a sermos uma arquiesência do pensamento da maioria, mas a nossa arquiesência do pensamento da palavra, mesmo que esteja, seja oposto ao pensamento da maioria. Então esse é o nosso compromisso.

As redes de sociabilidade construídas na IASD idealmente devem se estender para o núcleo familiar, as relações de amizade e as relações de vizinhança. Assim é que se dissipa a mensagem e tenta-se evangelizar com fins de conversão. Desse modo, para além das redes diferenciais de sociabilidade em si, elenquei as tentativas de conversão e uma espécie de educação familiar cristã aos moldes adventistas como as principais estratégias de enfrentamento dos dilemas de ser Adventista do Sétimo Dia ao nível pessoal.

Não se tratando bem de um dilema, mas de um fenômeno recente e um tanto controverso é o uso de redes sociais por parte principalmente da juventude adventista no dia de sábado.

Geová: *Falando sobre juventude, ainda nessas questões, tem um fenômeno relativamente novo que eu não sei se a igreja tem uma opinião já formada que é a questão do facebook. As redes sociais de uma forma geral e o acesso delas no sábado sagrado que é algo que eu achei muito curioso no meu campo assim. Então para mim era muito comum, por exemplo, encontrar jovens que são adventistas no facebook no sábado e o sábado é um momento de separação digamos assim, é um momento em que você se separa do mundo para estar com Deus, é um momento de descanso, um momento de observação e a internet permite que você esteja no mundo de certa forma. Como é que a igreja está pensando essas relações da internet no sábado? Enfim, nesse processo religioso todo.*

José Orlando: *Há um princípio que diz assim, não peço que os tire do mundo, mas que os livre do mal. Inclusive quem citou essas palavras no evangelho de João foi o próprio Cristo em oração sacerdotal. Então aí está um princípio, você não vai sair do mundo, você não vai rejeitar os meios de comunicação. Você tem que usar o facebook, você tem que usar o e-mail, você tem que usar o telefone, você tem que usar o celular, você vai usar todos os meios de comunicação, a fala, o que quer que seja, não há nenhuma proibição de ser usado isso no sábado. A questão não é o uso, a questão é o que você usa e o que você faz. Então se o seu foco é a relação com Deus e com o uso você evita qualquer tipo de benefício próprio, esse é o princípio, então automaticamente no face você tem que ter um policiamento para evitar exatamente qualquer postagem, qualquer resposta que seja secular e vá de encontro ao*

princípio que você defende em todas as outras atitudes da vida. Não é porque é o face, mas por exemplo você tem um e-mail, você lá na sua caixa vê um e-mail de negócios, abriu, viu no sábado e-mail de negócios, não responda, segura. Então você vê lá a situação e então você tem como separar...

O trecho acima da conversa entre mim e o pastor da IASD Central é ilustrativo da questão. A IASD parece não ter uma opinião oficial formada a respeito do assunto, mas tendencialmente a fala do pastor José Orlando remete a maior parte das recomendações dadas não só por membros que ocupam cargo oficial na igreja como pelo conjunto de fiéis iasdianos de maneira geral. Apenas alguns mais conservadores são absolutamente contra o uso das redes sociais no dia sagrado. Contudo, elas próprias podem se configurar como mecanismos de evangelização obedecendo assim ao princípio do sábado. Um próprio rapaz adventista me confessa que faz uso de facebook, porém não trata de assuntos de trabalho, por exemplo. Por ser advogado, se algum amigo, conhecido ou familiar o pede online no sábado alguma orientação ou consultoria informal sobre questões jurídicas ele só se dispõe a fazer isso em outro momento como me conta em conversa informal. De fato, eu o tenho no facebook e suas postagens no sábado sempre são referentes a coisas da igreja ou da religião, até porque ele também faz parte do departamento de comunicação da IASD da qual é membro vinculado. As poucas conversas que travamos no chat também eram amenidades muitas das quais referentes à minha pesquisa ou a experiências de vida sua, logo, tudo ainda no âmbito da religião. Danielle, uma das minhas entrevistadas, reconhece o potencial evangelizador da internet, mas ainda assim crê que o seu uso e dos recursos que dispõe são errados, pois são potencialmente perigosos justamente por sua alta atratividade a qual induz as pessoas a se desviarem do verdadeiro propósito em se usar tais elementos no dia de sábado⁵². Em consonância com essa perspectiva está a fala de Wládvia.

Wládvia: *Então, isso é realmente complicado, eu falo isso por mim mesma. Eu já estive sábados online, não vou negar, mas eu particularmente dia de sábado eu tento evitar. Eu tento, se eu for entrar online, é para publicar alguma coisa da igreja, fazer a propaganda de algum evento que vai acontecer, que está prestes a acontecer, certo? Mas assim, eu tento evitar conversas paralelas dia de sábado, porque termina tirando o diferencial do dia de sábado o tornando um dia tão comum. Se eu passo seis dias na internet e o sábado também, vai está sendo igual aos outros dias da semana, eu não vou está tendo essa diferenciação, eu*

⁵² De acordo com entrevista realizada no dia 21/08/2012.

estou lá na maior parte das vezes cuidando dos meus próprios interesses. Então assim, se você entrar lá para publicar coisas adventistas, coisas cristãs, falar, dar uma mensagem de esperança, fazer um convite, tudo em paz. Só que tem uma diferença aí, às vezes você não consegue só ir lá, curtir e sair. Fulaninho fala, fulaninho tá postando uma coisa, você fica interessado - ah! Poxa, fulaninho tá online, eu vou falar com ele. Termina que você não consegue dominar a internet, você é dominado por ela, então é complicado. Assim, eu particularmente tento evitar ao máximo, evitar de verdade, o máximo, o máximo, que eu posso de internet. Por quê? Até tiro a internet do celular, para não ficar recebendo as atualizações, porque, por exemplo, eu tento analisar da seguinte maneira, se dia de sábado eu não posso, eu não devo ir para faculdade assistir aula que ali é o enriquecimento intelectual meu, eu posso ir para o facebook, bater papo, tagarelar coisas que não são nada de Deus? Então acaba trocando seis por meia dúzia. O que é errado? O que é certo? O que pode e o que não pode fazer dia de sábado? Então eu acho que tem que ter uma questão de bom senso. Eu não posso fazer uma prova de concurso que aquilo ali pode mudar a minha vida dia de sábado, porque eu poderia está tagarelando na internet conversas bobas que eu poderia fazer isso nos outros seis dias? Então eu tento evitar justamente por isso, já que o sábado é um dia santo, ele é separado por Deus, então eu tento ao máximo fazer as coisas de Deus, não os meus próprios interesses.

Já insinuei em momento anterior⁵³ que o uso da internet e das redes sociais no sábado, principalmente por parte dos mais jovens, é uma possível explicação e também não a única a respeito da grande ausência desse grupo nos cultos vespertinos J.A (Juventude Adventista). Isto é um desafio interno da denominação em relação a seus jovens no que tange a guarda do sábado à tarde e, por conseguinte, a participação na programação vespertina do itinerário sabático iasdiano. Sobre isso Wládvia com sua experiência como ex-diretora do departamento jovem da IASD Central nos fala.

Wládvia: *Dia de sábado a tarde, por exemplo, é um desafio, por quê? Por mais que nós acreditemos que devemos fazer o bem no sábado à tarde, a gente tá cansado da semana inteira. Aí chaga o sábado à tarde, depois do culto pela manhã, aquele sono profundo, aquela vontade de ir para a internet, aquela vontade de dormir, de descansar, de não se deslocar novamente para a igreja, isso dificulta um pouco. Então essa parte é complicada, fazer com*

⁵³ Ver capítulo 3.

que você venha sábado à tarde. Não tem como ir na casa de cada um entusiasmando né? É um desafio também. Fazer o culto jovem no sábado a tarde é complicado.

A sua fala somada as ponderações sobre o uso da internet e das redes sociais no dia de sábado se mostram como os desafios internos e modernos da IASD em ajudar a preservar nos seus fiéis, em especial os jovens, o princípio do sábado mesmo se vivendo em cultura mundana que em muitos aspectos vai de encontro aos ensinamentos da igreja. Desse modo os desafios de ser um guardador do sábado são comuns à igreja como instituição inserida no mundo e a comunidade religiosa como conjunto de fiéis, cada um a enfrentar dilemas subjetivos próprios em suas relações cotidianas.

Ilustrei até agora os desafios internos da IASD e os dilemas pessoais particularmente comuns aos adeptos da denominação assim como as estratégias de enfrentamento que eles fazem uso para transpor de maneira adequada, seguindo a religião, as questões e ações impostas por tais dilemas. Apesar de ter concentrado boa parte desta reflexão para os Adventistas do Sétimo Dia é preciso sinalizar para o fato que, de uma forma mais ampla, tais desafios, dilemas e estratégias de enfrentamento no que diz respeito à relação religião - mundo parecem ser comuns às demais religiões protestantes (e até mesmo a católica) e seus conjuntos de fiéis na medida em que tudo isso implica em um modo particular de ser e estar no mundo típico aos “cristãos”⁵⁴.

Além disso, é preciso notar que para o caso dos Adventistas do Sétimo Dia, vivenciar os dilemas de sua identidade religiosa da maneira aqui exposta a um nível pessoal / subjetivo não significa dizer que tais experiências não tenham a sua dimensão social, a sua dimensão mais pública, na medida em que a esfera da sociabilidade, em destaque no que concerne a tais dilemas e as suas estratégias de enfrentamento, também é constituinte da esfera pública (MONTERO, 2006)⁵⁵. Contudo, destaco a seguir um segundo nível dos dilemas por quais passam os Adventistas do Sétimo Dia, o nível social, o qual evidencia de modo mais tocante a relação religião e esfera pública no que tange os guardadores de sábado de forma geral, e mais especificamente os membros da IASD. Por tanto o nível pessoal quanto o nível social dos dilemas do grupo religioso em questão estarem interligados é que enfatizo que existe, obviamente, um aspecto subjetivo / pessoal na experiência dos dilemas sociais.

⁵⁴ Tomo o termo aqui de forma genérica para remeter aos indivíduos religiosamente engajados e comprometidos com o cristianismo de forma geral, independente da igreja ou denominação da qual façam parte.

⁵⁵ Conforme o ponto de vista histórico antropológico de acordo com a autora em nota.

4.3 Dilemas sociais e estratégias de enfrentamento

Os dilemas sociais, também dotados de aspectos subjetivos, por quais passam os Adventistas do Sétimo Dia e que refletem a relação da religião com a esfera pública perpassam pelo mundo dos estudos e o mundo do trabalho. Neste sentido a história de Erivan sobre o processo da confecção do seu trabalho de conclusão de curso para a faculdade é um bom primeiro exemplo para a reflexão proposta⁵⁶.

Logo no primeiro dia que o conheci ele me conta um pouco do que se passava com ele na sua graduação de enfermagem em uma faculdade particular no Recife. Na faculdade, todos, inclusive os professores, sabem que ele é Adventista do Sétimo Dia e que deve guardar o sábado. Conta-me que quando há trabalhos para serem entregues nas sextas-feiras os professores estendem o prazo por conta de sua confissão religiosa. Ocorre que no TCC o qual deve ser feito em grupo, Erivan esbarrou em alguns problemas com seus colegas de equipe, pois eles, mesmo sabendo da orientação religiosa do rapaz e da peculiaridade da guarda do sábado, resolveram marcar as reuniões neste dia. Erivan argumenta a impossibilidade de estar presente nas reuniões, contudo o grupo pede para que ele converse com o seu pastor para pedir permissão para que participasse das reuniões do sábado. Ele se nega alegando que não se trata de igreja, muito menos de falar com pastor, mas de um princípio religioso. Uma das meninas tenta contra-argumentar, mas ele rebate dizendo que é um fundamento bíblico e que se quisessem conversar sobre isso conversariam, mas se ela conhecesse a verdade bíblica ela seria convertida. Ela resolve deixar para lá. Erivan foi obrigado a deixar o grupo e sob o impasse de com quem fazer o trabalho se vê impelido a conversar com o diretor da faculdade para saber como ficaria a sua situação. Se haveria chances de ele se encaixar em algum outro grupo ou se poderia realizar o trabalho sozinho. Acaba por realizar o trabalho sozinho. Da última vez que conversei informalmente com ele já tinha apresentado seu TCC e me contou que mesmo fazendo sozinho foi uma das melhores notas da turma.

A pequena história de Erivan é consideravelmente comum entre os jovens adventistas no mundo dos estudos. Não raramente são vítimas das incompreensões de indivíduos e instituições fora da religião cujo olhar sobre a IASD e suas crenças particulares reflete a percepção de mais uma igreja protestante a qual ilude e aliena os seus fiéis subordinados a autoridade de um pastor. O fato dos colegas de equipe de Erivan para fazer o TCC o pedirem para que converse com o pastor é ilustrativo desta incompreensão e percepção do senso

⁵⁶ História resgatada de acordo com minhas notas em diário de campo – Sábado: 17/09/2012.

comum. Assim, fora do campo religioso, além dos muros de suas instituições, o adventismo soa para alguns como uma espécie de doutrina fundamentalista que prega o fanatismo religioso tendo em vista suas crenças aparentemente sem sentido como uma vez a própria família de Erivan pensava.

Erick, um dos meus interlocutores, ao falar em entrevista⁵⁷ sobre seu período escolar relata que até os 8 anos estudou em escola laica e durante este período um pequeno atrito aconteceu com a escola por conta da incompatibilidade do que aprendia na aula de religião com o que ele aprendia na IASD. Somava-se a isso o fato de ele não realizar as orações proferidas na escola (no caso a “Ave Maria”). Foi necessário que a sua mãe conversasse com a direção da escola e explicasse a situação, o resultado é que o garoto foi dispensado das aulas de religião. O fato é demonstrativo de que mesmo em espaços tidos como laicos, a exemplo da escola, tensões e conflitos em decorrência da diversidade religiosa dos indivíduos que neles circulam podem ser bastante comuns⁵⁸.

Aos nove anos, pouco depois de se ter batizado na IASD de Peixinhos, na cidade de Olinda-PE, ele passa a estudar no Colégio Adventista do Recife cursando a quarta, a quinta e a sexta série na instituição. Neste período ele se vincula formalmente a IASD Central por conta dos seus amigos do colégio que também faziam parte dessa igreja. Gostou bastante do Colégio Adventista, pois diz que lá se sentia querido, amado. Após a sexta série, por conta da situação financeira apertada dos pais acabou optando por ir estudar novamente em uma escola laica, pública, onde cursou dois anos terminando assim o ensino fundamental. Conta que foi o pior período de sua vida. A questão religiosa pesou um pouco na sua vivência nessa escola, mas ainda assim conseguiu se integrar em algumas redes de sociabilidade lá. Como cristão buscou se juntar na escola com outras crianças que compartilhassem do mesmo tipo de pensamento que ele tinha (principalmente em relação aos estudos) que não necessariamente religioso, enfim, buscou fazer amigos que tivessem o mesmo desejo de progresso que tinha, que queriam alguma coisa na vida e levavam os estudos a sério. Seu ensino médio também foi em escola pública. Ela era integral, ou seja, os alunos passavam o dia nela. Nas sextas-feiras Erick pedia para largar mais cedo, não havendo problemas com isso por parte da escola. Não precisou fazer mais isso quando o horário de saída foi adiantado das 17:30 para as 17 horas.

⁵⁷ Entrevista realizada em 13/10/2012.

⁵⁸ Este argumento foi empiricamente comprovado em pesquisada intitulada “Um estudo comparativo sobre (in) tolerância religiosa e de como ‘raça’, ‘classe’ e ‘religião’ se entrecruzam nas falas e práticas de crianças de escolas públicas e privadas, em Recife” coordenada pela Prof.^a Dr.^a Roberta Campos (Recife, 2007).

Assim, logo quando largava nas sextas-feiras saía correndo para casa. No entanto, um episódio desta última fase é emblemático.

Erick: *Na época, no ensino médio, hoje em dia tem mais a questão do sábado, na época não tinha, era raro, e o professor pegou e marcou uma prova que valia uma nota muito boa para você passar de ano no sábado, aí até então, eu não falava muito na escola, eu fiquei meio preocupado, não falei. Quando chegou próximo, aí eu peguei, eu fiquei desesperado, aí eu fui falar com a direção da escola. Quando o professor soube que eu não ia fazer a prova, aí ele viu assim e começou a dizer para cima de mim, “você é crente, você é doido”, bem áspero comigo assim, aí eu fiquei muito abalado na época. Mas mesmo assim eu não fui. Aí eu peguei e fiz uma prova depois, eu fiz a prova na segunda-feira porque ele teve que preparar outra prova, eu acho que por isso ele ficou chateado e assim, aí eu tirei nota boa, muito boa dentro da média dos outros. Aí ele pegou na hora de dá a prova de todo mundo, pegou e fez um comentário assim, porque ele disse os melhores alunos né, aí me incluiu no meio, aí fez “é só tirou nota boa porque teve o final de semana todinho para estudar, também né, também...”. Aí eu ficava invocado com isso, mas assim, meus amigos na sala de aula nem aí, nem aí, porque também a maioria era cristão, apesar de ser escola pública, nessa escola que eu estudei no ensino médio eu consegui encontrar várias pessoas, vários adolescentes de várias religiões e a gente se dava muito bem, não tinha problema nenhum. Quando falava de Deus, todo mundo, era como se fosse todo mundo igual.*

Tanto Erick quanto Erivan demonstraram serem os melhores de suas turmas nos seus trabalhos se configurando isso como uma estratégia para enfrentar os dilemas postos por instituições e indivíduos fora do âmbito religioso no que concerne ao mundo dos estudos. Um excelente desempenho é uma maneira de “fazer por merecer” as concessões que por ventura possam ser feitas. Paralelamente a isso é preciso levar em conta a forma como o itinerário sabático socializa os membros da IASD a religião e que, se bem sucedida, o indivíduo inculca o princípio religioso e o reproduz justamente como um princípio e não como uma orientação dada por um pastor.

Erick cursou o ensino superior em uma faculdade católica particular onde não teve maiores dilemas em detrimento de sua orientação religiosa. Contudo, ainda que a sua entrada fosse no turno da manhã, por problemas na matrícula teve que estudar a noite. As disciplinas das sextas-feiras então eram um empecilho. Diante da impossibilidade de estar presente, e

sem outras alternativas, sempre era obrigado a trancar a disciplina até que fosse novamente oferecida em outro horário. Neste sentido a fala abaixo ilustra bem a internalização do adventismo.

Erick: *Na minha mente era o seguinte, se eu estava ali naquela coisa e foi Deus que me proporcionou porque eu estudava em escola particular de graça pelo pró-uni, porque a concorrência era grande, a seleção bem restrita, então eu agradei a Deus por isto aqui. Se é para eu terminar em três anos que eu termine, se é para eu terminar em seis anos que eu termine, mas desde que eu continue com a minha fé.*

Ele era o único adventista da sua turma de graduação. Concomitantemente a faculdade começou a trabalhar na mesma escola onde cursou o ensino médio. Como todos sabiam de sua orientação religiosa, não teve problemas em trabalhar naquele ambiente e a carga horária também não lhe atrapalhava na questão da guarda do sábado. Ele por sinal não foi a sua festa de formatura do ensino médio por conta de sua religiosidade. Já na faculdade, seus amigos tentaram organizar os eventos de conclusão de curso de modo a se adaptar a sua religiosidade e tentando marcar datas que não nas sextas-feiras. Sobre seus amigos na faculdade:

Erick: *No começo, porque não sei o que, ficava todo mundo me perguntando [sobre sua religião], me questionando já em um olhar mais crítico, diferente da escola, mas aí eu dizia, eu contava e eles compreendiam. Porque eu dizia assim, eu tentava fazer o máximo de amizades porque eu sabia que nessas horas a amizade contava quando eu precisava de faltar, quando eu precisava de alguma coisa.*

Erick então nos apresenta uma nova estratégia: suas próprias redes de sociabilidade fora da igreja. Ao dizer que em certas horas a amizade contava, ele justamente aponta para o fato de que os Adventistas do Sétimo Dia não são um grupo religioso isolado e que precisam interagir com o mundo para além de suas redes (diferenciais) de sociabilidade “fazendo uso” de suas relações mundanas para transpor eventuais obstáculos que surjam durante sua trajetória de vida mundo a fora, daí a importância do capital social que o sujeito adquire ao longo da vida. Fazer seus amigos compreender no sentido de tolerar, respeitar a sua opção religiosa é uma medida que o ajuda a se aproximar deles eliminando possíveis barreiras postas pela diferença religiosa e assim consiga obter as informações e ajudas necessárias para

quando não puder estar presente por conta do período de guarda. Usufruir dessas redes comuns, cotidianas, para resolver os dilemas que põem à prova a obediência aos princípios religiosos iasdianos, em especial a guarda do sábado, não exclui também a força que as redes diferenciais, ou seja, aquelas exclusivamente adventistas, tem para apoiar os indivíduos em situações que confrontem de algum modo, direta ou indiretamente, o seu modo adventista de ser. Pensemos no caso de Danielle quando depois de ter estudado praticamente a vida todo no Colégio Adventista do bairro do Arruda ingressa no ensino superior na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Danielle: *Que assim, eu cresci em um colégio adventista, muito diferente, muito organizado. Apesar de você vê assim: não, é um colégio normal - você sente uma diferença quando entra na faculdade. Mas eu garanto a você que é muito diferente você estudar em um colégio religioso adventista e ir para a faculdade. Meu Deus! Eu entrei na faculdade, o que é isso? Tudo diferente, pelo amor de Deus. O pessoal muito a banda voou, toda sexta-feira ia beber, meu Deus, o que é isso? Eu não ia. As meninas não falavam as coisas na minha frente, até os adultos eram diferentes do que eu via no colégio. Não era a mesma coisa, eu me sentia, Meu Deus, o que é isso? Eu tô na babilônia.*

[...]

Danielle: *Mas aí, eu tinha um namorado nessa época também, que ele era bem certinho e eu achava que ele me deixava mais perto de Deus e era isso mesmo sabe. A gente era bem cristão assim, era massa. Então, eu era muito certinha, quando eu cheguei na faculdade eu senti aquele clima. Só que o que aconteceu? Eu acabei esse namoro, depois que eu acabei esse namoro eu fiquei meio perturbada. Não perturbada assim, mas isso me deixou muito mal e abalou meu espiritual também, a ponto de eu querer assim, eu poxa é... Como será, não sei o que, como é e tal. Aí eu já fui, eu fui para o bar da curva, mas assim... Deus me livre, não quero ir mais. Mas não era uma coisa que eu me sentia a vontade, eu chegava lá e ficava. Mas não era aquilo, não era aquilo. Eu sentia um vazio entendeu, não era aquilo. Mas eu fui lá, fui para um show(risos)...*

Os relacionamentos sérios de Danielle vieram todos da IASD, das redes que se fazem ao se vivenciar o sábado. Desse modo, o namorado que tinha na época em que ingressou na universidade se configurou com um ponto de maior equilíbrio para segurar a garota na sua fé e religião, tanto que com o término do relacionamento ela se sentiu abalada espiritualmente

chegando inclusive a ir a um ambiente inadequado para um adventista. Ela já superou esta fase, hoje em dia encontra-se realizando doutorado em biociência animal na mesma instituição onde fez a graduação e o mestrado (UFRPE). Durante a vida universitária ela afirma não ter tido problemas conseguindo guardar o sábado normalmente. Sua opção religiosa nunca a atrapalhou e o fato de “ter um dia menos” não influenciou de forma negativa para dar conta dos seus trabalhos e demais obrigações universitárias. Sempre muito estudiosa e esforçada, mesmo se eximindo de qualquer atividade não religiosa do pôr do sol da sexta até o pôr do sol do sábado, sempre deu conta ou deu um jeito de dar conta de seus outros afazeres.

Curioso é que apesar do sábado ser um dia de “algumas restrições” para os adventistas, ele parece não constituir uma limitação na rotina de Danielle. A garota tenta flexibilizar algumas coisas. Exemplo é que na época da entrevista diante de uma rotina atribulada em detrimento de sua pesquisa de mestrado, muitas vezes às 15 horas da tarde de sábado já se preparava para ir a UFRPE e quando chegava lá aguardava o pôr do sol para dar continuidade ao seu trabalho no laboratório. Ainda que isto não seja um guardar no sentido pleno, era o possível a ser feito de modo a garantir o devido respeito ao preceito religioso sem afetar negativamente sua rotina secular. Nos congressos acadêmicos, grande parte acontecendo durante fins de semana, ela não deixa de ir, no entanto aos sábados ela fica onde está hospedada. Por sorte nunca precisou apresentar nenhum trabalho no dia sagrado nestes eventos. Nos seus experimentos, a aplicação de hormônios nos ratos que deveria acontecer em horários predeterminados, dos quais por vezes esbarravam no período de guarda, era feita por seus estagiários no laboratório já que ela não podia estar presente.

Sendo assim, às vezes se faz necessário observar o sábado parcialmente de modo a não comprometer certos compromissos não religiosos, tal fato sendo indicativo da flexibilização de costumes em certas religiões em face do processo de secularização e modernização da sociedade. No caso em questão, embora o uso de tal flexibilidade no dia sagrado não seja o idealmente requerido para o cumprimento da doutrina, é a alternativa possível que Danielle, por exemplo, encontrou para continuar a guardar o sábado e, ao mesmo tempo dar conta de sua pesquisa na medida em que nos seus experimentos em outros seres vivos, eles e os resultados que se espera que neles se manifestem não tem um dia de descanso religioso como a referida pesquisadora. O acaso também ajuda na realização de outras atividades naturalmente potenciais para a quebra da guarda do sábado a exemplo dos congressos que Danielle participou os quais, como já disse, “por sorte”, nenhum exigiu apresentação de

trabalho no dia sagrado. Tal sorte deve ser pensada como fruto da providência divina. Como exemplo disso, segue outra experiência de Danielle, dessa vez profissional.

Geová: *Já chegou a trabalhar?* **Dani:** *Já, na escola adventista.*

Geová: *Outros trabalhos não chegou a...* **Dani:** *Não, não, não.*

Geová: *Tua vida era toda acadêmica...* **Dani:** *Já, já. Já dei aula na prefeitura do Recife.*

Geová: *Mas nunca teve problema com relação ao sábado ou...*

Dani: *Não. Engraçado que Deus é tão perfeito, que eu dava aula à noite, mas na sexta-feira a noite era o dia da minha folga.* **Geová:** *Você acha que Deus tava nisso?* **Dani:** *Com certeza.*

O mundo dos estudos parece contar com maior flexibilidade de negociação entre adventistas e instituições e indivíduos não adventistas.

Geová: *Você acha que em relação ao mundo do estudo e do trabalho, qual o mais fácil, qual o mais difícil?*

Wládvia: *Eu acho que é mais fácil a questão de estudo. Trabalho é um pouco mais complicado que o empregador ele tem outros milhões de pessoas querendo aquele seu emprego, então assim, ele pode simplesmente trocar você por outra pessoa que trabalhe no sábado sem nenhum prejuízo né. Então, por isso que assim, uma coisa que o adventista tem que procurar ser, é ser bom naquilo que faz para quando precisar justificar porque você não vem, compense ao longo da semana a sua ausência. Tentar ser o melhor, dá o seu melhor, para fazer juz a esse direito. Aí é por isso que você tem que caprichar. Em relação às notas na faculdade também, tem que ser um bom aluno, para poder o professor ver o seu interesse, a semana inteira, e que no sábado é algo realmente particular seu que ele vai entender a sua maneira e tentar lhe ajudar de outra forma.*

Wládvia alude à primeira estratégia de enfrentamento exposta aqui para os dilemas sociais de ser um Adventista do Sétimo Dia na nossa cultura, a saber, procurar ser o melhor, se esforçar e fazer por merecer as concessões que são dadas aos adeptos da IASD na esfera pública. Tal estratégia serve tanto para o mundo dos estudos quanto para o mundo do trabalho, o bom desempenho de Erivan no seu TCC e a boa nota de Erick na sua prova no ensino médio remetem a isto. Entretanto, a fala de Wládvia aponta para uma maior dificuldade do exercício da religiosidade adventista no mundo do trabalho. Isto reflete a

oposição entre IASD e capitalismo tal como apontada por Silva (2007), pois de acordo com o autor, na nossa cultura capitalista não haveria espaço e tempo para um dia de descanso religioso tal como é praticado pelos adeptos da IASD, daí resulta, no seu entender, o antagonismo entre a denominação e o nosso sistema econômico.

Entretanto, a presente abordagem etnográfica busca justamente elucidar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adventistas para superar esta suposta oposição. O incentivo ao trabalho árduo, o apoio das redes de sociabilidade conjuntamente com as demais relações sociais que se fazem dentro da esfera pública, a disposição para se trabalhar, estudar, enfim, participar ativamente do mundo em outros dias e horários que não no período de guarda inclusive por vezes flexibilizando parcialmente o modo como se observa o sábado, além da própria fé na providência divina para se manter firme na fé e no princípio religioso constituem o elenco destas estratégias o qual visa a participação dos adventistas no mundo (capitalista) sem, porém, lançarem mão de sua religiosidade e das marcas que imprime a sua identidade. Logo a dicotomia capitalismo x adventismo não é uma oposição inerentemente dada, talvez mais uma percepção a qual se dissolve uma vez que os fiéis iasdianos não negam e nem se afastam do capitalismo, pelo contrário estão imersos e atuantes no interior desse sistema econômico como qualquer outro indivíduo. Acontece que no caso deles, encontram algumas barreiras e se defrontam com alguns dilemas dos quais tentam transpor buscando assim se acomodar dentro do sistema. A ascese intramundana adventista é uma crítica à cultura de um modo geral, mas não uma negação total dela, inclusive por ela ser o *background* da linha profética da IASD revelada na bíblia e a ser concretizada no retorno do filho de Deus.

É bem verdade que a santificação e a guarda de um dia da semana expressa um aspecto teológico fundamental nas mais variadas religiões. Sendo diverso o sentido teológico e histórico do dia de guarda, é incontestável que certas práticas religiosas, privadas ou públicas, possibilitem conflitos entre obrigações legais e princípios religiosos (SILVA, 2007, p. 62).

Conforme Dias (2011) sabe-se que a maioria dos ordenamentos jurídicos concede aos trabalhadores um dia de descanso semanal e que tal direito advém de uma questão religiosa. De acordo com ele existem dois documentos legais internacionais os quais reconhecem o direito de observância de dias de descanso religioso. O Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos de 1966 e a Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções de 1981, esta editada pela

Organização das Nações Unidas (ONU). Na sua análise de direito comparado chama atenção o caso italiano onde se é garantido por lei o direito de observação de dias de descanso religioso com ênfase para o sábado bíblico. Esta conquista data desde 1988 e é fruto de um intenso acordo firmado entre o Estado italiano e a IASD do qual resulta a lei número 516 de 22 de novembro de 1988. Reproduzo o artigo 17 desta lei conforme encontrado em seu trabalho.

- 1 A República Italiana reconhece aos membros da Igreja Cristã Adventista, o direito de observar o sábado bíblico, que vai do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado.
2. Adventistas empregados pelo Estado, empresas públicas ou privadas, ou no exercício de auto emprego ou negócio, ou que são designados para o serviço civil alternativo, têm direito a usufruir, a seu pedido, do sábado como descanso semanal. Este direito é exercido no âmbito da flexibilidade do trabalho. Em qualquer caso, as horas não trabalhadas no sábado serão recuperadas no domingo ou outros dias, sem direito a qualquer pagamento pendente.
3. Não haverá prejuízo aos serviços essenciais previstos em lei.
4. São consideradas faltas justificadas dos alunos adventistas na escola no dia de sábado, a pedido dos pais ou aluno, se um adulto.
5. Na definição da agenda de exames, as autoridades educativas competentes adotarão as medidas adequadas para permitir que os candidatos adventistas que pedir-lhes realizem em outro dia os exames fixados para o dia de sábado. (DIAS, 2011, p.84 - tradução do autor).

Com relação ao Brasil, do ponto de vista jurídico não há nenhum dispositivo que garanta explicitamente o direito a observância de dias de descanso religioso a nível federal. No entanto, deve-se sublinhar que a nível estatal há alguns estados que contam com aparato jurídico próprio para o direito de resguardo religioso a exemplo do Estado do Maranhão (SILVA, 2007). Ainda assim, a minha interlocutora Wládvia me explica em entrevista⁵⁹ que o direito de liberdade religiosa em nosso país é muito frágil, está mais interligado a noção de dignidade da pessoa humana e que por isso na esfera judicial tudo depende muito de um bom senso jurídico da mesma forma que a nível mais informal nas negociações aluno e professor, família e escola no mundo dos estudos elas também estão sujeitas ao bom senso do professor e da instituição. Mas ainda no mundo do trabalho, devido a tais negociações serem menos maleáveis, sendo a entrada neste mundo um verdadeiro dilema de dimensões sociais e subjetivas para os Adventistas do Sétimo Dia, eis como Wládvia disserta sobre o assunto.

⁵⁹ Entrevista realizada em 24/07/2012.

Geová: Em relação a essas coisas do trabalho, você acha que é um processo mais complicado? Para a questão da fé, o abalo em relação à fé, tô falando para o mundo do trabalho. Você se depara com uma situação em que você precisa de um emprego, você precisa da grana para se sustentar, digamos que você é arrimo de família, como é que você vê isso? Você conhece algum caso? Enfim, como é que você pensa sobre isso.

Wládvia: Isso é realmente complicado, é muito complexo, por quê? Você falar que guarda o sábado é muito simples né enquanto você não é obrigado pelas circunstâncias a trabalhar. Por exemplo, tá desempregado, procura todos os empregos, todos os empregos é para trabalhar no sábado até meio dia não é? Então você fica assim entre, realmente é um exercício de fé, é dá um tiro no escuro. Você tenta confiar o máximo em Deus, saber que Deus proverá alguma coisa para você que seja compatível com a sua fé. Então, tem até um, acho que eu já li alguma coisa sobre isso, alguém dando entrevista em relação a emprego no sábado que ele disse que a porta que se abrir e não der para eu passar junto com a minha fé, ela não foi aberta por Deus. Então tipo, Deus eu tenho plena certeza assim que Deus cuida dos seus filhos, então se naquele emprego não couber a sua fé junto com você, sua crença, sua ideologia, junto com você, ali não é o melhor lugar para você estar. E tipo eu creio na providência divina, que você, que Deus vai cooperar com você e você vai conseguir algo melhor. Eu já, tipo eu já passei por isso, eu acho que já falei na última entrevista, mas eu vou repetir caso eu não tenha falado. Meu primeiro concurso para estágio de direito, eu fui fazer a inscrição, eu fiz a inscrição, depois saiu à data que era no sábado a prova de seleção, aí eu fiquei arrasada, aí eu “rapaz será que será todos os sábados, e agora? Como é que eu vou estagiar?”. Eu queria muito estágio, eu tava morando aqui com a ajuda da família e tal, queria o estágio, queria aprender mais e queria também a bolsa do estágio que era muito boa, só que era no sábado, o outro era no sábado também a prova de estágio e eu não fui fazer a prova, confiei em Deus. Depois todos os outros vieram no domingo ou durante a semana e eu passei em todos e eu fiquei feliz assim por isso, de eu, realmente ter valido a pena, você ser fiel a Deus e Deus ser fiel com você. Eu creio que vale a pena. Por exemplo, pós-graduação, eu ainda não fiz nenhuma pós, as que eu queria de direito eleitoral eram todas no sábado, então eu não fiz a minha pós-graduação ainda por conta disso, aí um professor que era pós-doutor lá, ele era coordenador lá do TRE e disse “rapaz é a cada 15 dias, peça permissão ao seu pastor”, aí eu “não, não é questão de pedir permissão ao meu pastor é questão de princípio pessoal, então eu não vou abrir mão dos meus princípios,

porque eu sei que isso não vai ser o fator diferencial na minha vida, Deus vai conseguir me abençoar em outra área, eu posso conseguir outra coisa independente desta pós-graduação”.

O dilema é de uma dimensão amplamente social, mas a resposta é plenamente pessoal e individual, pois se trata de uma questão de fé, de confiar em Deus, na providência divina. Da mesma maneira que os adventistas tem certeza do retorno de Cristo, igualmente tem fé na sua providência em forma de cooperação. É baseado nisso que enfrentam seus dilemas, por vezes obrigados a rejeitarem algumas oportunidades, demonstrando obediência aos preceitos religiosos, não ditados por um pastor ou qualquer criatura na terra, mas divinamente prescritos naquilo que é a sua regra de fé, o guia adventista de ser e estar no mundo – a bíblia. Como suporte ainda contam com os ensinamentos e conselhos escritos deixados por Ellen White. É claro que nem todos os adventistas enfrentam o tipo de situação hipoteticamente ilustrada por mim na minha pergunta a Wládvia da mesma maneira indicada por ela. Não se podem ignorar aqueles que acabam por trabalhar no sábado, mas ressaltamos aqui a importância da percepção de providência divina e confiança em Deus como elementos a fornecer a motivação necessária para os fiéis viverem no mundo transpondo suas barreiras representando tal ato o exercício de sua religiosidade, de seus princípios religiosos.

Estes dilemas sociais no mundo dos estudos e do trabalho emergem em nossa esfera pública e nela ganham maior visibilidade por conta da perpetuação naturalizada e invisibilizada do catolicismo e de sua cultura dominical em nossa sociedade. Mesmo com a laicidade do Estado e do pluralismo do campo religioso brasileiro o catolicismo está entranhado de tal forma em nossa cultura que o consenso implicitamente estabelecido a respeito do domingo como dia de descanso (geral e religioso) e os impactos sociais disso dificilmente são postos em questão, inclusive no campo protestante, salvo pelas reivindicações adventistas em situações particulares na necessidade de transpor os dilemas que se apresentam.

Já explicamos o gradual processo de substituição do descanso sabático pelo dominical no catolicismo. Data de 1876, por exemplo, a fundação da Federação Internacional para a Observância do Descanso Dominical de modo a ilustrar a força que a cultura dominical ganhou no mundo. Segundo Dias (2011) as legislações Suíça e Alemã instituíram o descanso dominical como obrigatório no fim do século XIX. A constituição brasileira de 1988 acaba por também acomodar a cultura dominical no que diz respeito ao descanso dos trabalhadores no seu artigo 7º, inciso XV, instituindo como dia preferencial de descanso remunerado os

domingos – “O Estado editou lei privilegiando o descanso dominical, constituindo conduta no mínimo estranha para não dizer conivente com princípios religiosos de determinadas crenças” (DIAS, 2011, p. 97).

Ainda assim, mesmo o domingo sendo pela lei o dia preferencial, mas não obrigatório de descanso, não se pode negar os impactos (negativos) que isto gera para os sabatistas de um modo geral. Embora o mercado de trabalho se encontre cada vez mais flexível, tal processo não acarreta necessariamente em alternativas de inserção ou manutenção de sabatistas no mercado de trabalho uma vez que os termos dessa flexibilidade são dados majoritariamente de forma unilateral pelos empregadores sem com que os empregados tenham muita escolha em negociar sua agenda de trabalho e dia de descanso tendo em vista sua religiosidade e o direito de liberdade religiosa no que toca aos sabatistas⁶⁰.

Elucidativo disto é um caso ilustrado no trabalho de Dias (2011) sobre três adventistas empregados na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) que moveram ação trabalhista contra a empresa. O motivo foi que eles foram advertidos por extenso por se negarem a trabalhar no dia de sábado. Alegaram que a empresa poderia ter chamado outros funcionários além de terem tentado negociar com a mesma propondo trabalharem em qualquer outro dia ou horário, inclusive no domingo, de modo a compensar a falta, o que não foi aceito. Por seu turno, a ECT alegou que a falta dos trabalhadores no dia solicitado ocasionou transtornos do tipo atraso na entrega de correspondências e remanejamento de outros funcionários. Apesar de nem em todos casos ser assim, a causa em questão foi dada a favor dos adventistas, pois no entender do juiz a empresa atuada por ser de grande porte, ao possuir milhares de funcionários sendo uma minoria adventista teria condições de conceder o descanso sabático aos movedores da ação. Além do mais, executando a mesma os seus serviços também no domingo, ela poderia se adequar as convicções religiosas dos funcionários reclamantes escalando-os para trabalhar aos domingos ou ampliando sua carga horária semanal para compensar a ausência do sábado. Assim, a ECT foi obrigada a suspender as punições dadas e desautorizada a escalar os três funcionários no sábado sob pena de pagamento de multa em R\$ 50.000,00 por funcionário em caso de descumprimento. Também

⁶⁰ Dias (2011) dedica uma parte de seu trabalho justamente a questão da obrigação da acomodação da religiosidade no trabalho como forma de garantia e proteção ao direito à liberdade religiosa. Se ele trabalha isto de um ponto de vista jurídico a respeito de obrigações e deveres entre empregadores e empregados, Siqueira (2005) argumenta sobre uma tendência empresarial em resignificar esta acomodação da religiosidade como forma de gerar uma espiritualidade do trabalho benéfica na medida em que cria um ambiente de trabalho propício ao aumento da produtividade e, por conseguinte, ao aumento da lucratividade. Neste processo de reapropriação e resignificação desta acomodação da religiosidade no contexto de trabalho de fundamental importância são as espiritualidades ligadas ao movimento da Nova Era.

precisou pagar indenização por danos morais. Sobre este caso a fala do juiz é exemplo do ideário de liberdade religiosa.

A crença de cada um é algo sagrado. Entender que ela deve ceder ao poder diretivo do empregador, em toda situação, é retroagir ao tempo em que a garantia da liberdade de culto não existia. O trabalhador não deixa de ser cidadão quando veste a farda da empresa ou adentra ao interior de suas instalações. Ele continua sendo uma pessoa com suas convicções políticas, filosóficas e religiosas, que devem ser respeitadas... Os esforços da sociedade devem convergir para a inclusão, não a exclusão, das minorias. Impor aos observadores do sábado – que são ínfima minoria – a obrigação de trabalharem nesse dia, implica em exclusão social, pois só resta ao cidadão escolher entre duas alternativas: contrariar um mandamento que julga divino e manter o emprego ou obedecer ao mandamento e ficar à margem do mercado de trabalho. Como muitos escolheriam a segunda opção, por fidelidade à sua crença, o resultado seria o desemprego de muitas pessoas. Isso poderia ser evitado, na maior parte dos casos, se a atividade produtiva, com um mínimo de desconforto, fizer o possível para permitir o repouso no dia de guarda. Sem dúvida, é a solução que privilegia o interesse público e o direito fundamental à religião. (apud. DIAS, 2011, p. 99).

Os Adventistas do Sétimo Dia comumente recorrem ao poder judiciário na tentativa de garantir o seu direito de liberdade religiosa na esfera pública principalmente no que concerne ao mundo do trabalho como bem exemplificado na situação descrita acima. Isto também pode ocorrer em casos de vestibulares e concursos públicos como é possível observar da sentença disposta abaixo referente a concurso público para polícia militar do Estado de São Paulo a ter prova realizada em um sábado.

Frederick Malta Buarque de Gusmão, médico cardiologista, impetrou mandado de segurança, com pedido de liminar, contra o Sr. Coronel Diretor de Pessoal da Polícia Militar do Estado de São Paulo, alegando em síntese que a prova foi marcada para um Sábado, dia em que o impetrante não pode realizar o exame, por força de credo religioso, com amparo constitucional... Foi deferida a liminar (fls. 34). A autoridade apontada como coatora prestou informações. O Ministério Público opinou pela denegação; É o relatório. DECIDO. Trata-se de mandado de segurança interposto por inscrito em concurso público, insurgindo-se contra o indeferimento de requerimento para designação de nova data para realização na data marcada, por força de credo religioso. Malgrado o zelo e o esforço da digna autoridade coatora, é de rigor a concessão da segurança, merecendo amparo a pretensão do impetrante. Com efeito, é assegurada

constitucionalmente a liberdade de credo religioso, sendo vedada qualquer privação de direitos por força de opção religiosa como dispõe o inciso VIII do art. 5º da Constituição Federal. De fato, nota-se que o impetrante, preenchendo os requisitos necessários para a participação no concurso, está impossibilitado de exercer o direito de possibilidade de acesso à função pública, assegurado a todos os brasileiros no inciso I do art. 37 da Carta Magna. Assim, a inadequação do concurso público com a liberdade do credo religioso, apresenta violação aos princípios da acessibilidade à função pública, da igualdade e da liberdade de credo religioso. Ante o exposto, por esses fundamentos e por tudo o mais que dos autos constam, julgo PROCEDENTE o pedido, CONCEDENDO a segurança rogada, tornando definitiva a liminar concedida, a fim de ser julgada nova data para realização do exame, arcando o impetrado com as custas e despesas processuais na forma da lei. São Paulo, 06 de julho de 1998. Maria de Fátima dos Santos Gomes. Juíza de Direito. (apud. SILVA, 2007, p. 68).

Antes de se precisar chegar a tal ponto, existe na IASD o departamento de liberdade religiosa do qual Wládvia já foi diretora no ano de 2010 na IASD Central e me conta um pouco a respeito.

Geová: *Como é que funciona o departamento de liberdade religiosa?*

Wládvia: *O departamento de liberdade religiosa tipo ele tenta dar o apoio jurídico para as questões sabáticas em relação ao sábado e compatibilidade é... argumentar com a instituição o porquê você tem direito a guardar o sábado, o porquê você não frequenta a faculdade dia de sábado, o porquê você não trabalha dia de sábado, você não poder fazer um concurso. Então assim, é um departamento jurídico que ele é um apoio para você, porque, por exemplo, se você precisar de algum apoio em relação à faculdade, você não tem que conseguir algum advogado fora, a igreja dá o suporte jurídico para você como instituição para ajudar a resguardar o seu direito. Aí assim, a maioria do liberdade religiosa é justamente por jovem que é preciso declaração, é preciso certidão, autorização comunicando oficialmente a postura da igreja em relação ao sábado, o porquê você não assiste aula dia de sábado. Podem pensar que é apenas uma opinião particular sua, mas é para fornecer embasamento jurídico e até bíblico do porque não assistir aula dia de sábado...*

Para os fiéis vinculados em IASDs menores as quais não possuam tal departamento eles podem contar com o apoio jurídico da própria Associação Pernambucana Adventista. Sempre é um advogado (a) que fica a frente deste departamento justamente por ser ele um

recurso jurídico a dar respaldo institucional e amparo legislativo ao fiel que necessite comprovar o seu religiosidade na esfera pública e transpor possíveis obstáculos impostos por ela⁶¹. Ainda assim, apesar de tal departamento se configurar como uma estratégia formal de enfrentamento institucional dos dilemas sociais postos pela esfera pública em decorrência da incompreensão de indivíduos e instituições não adventistas, além dele, para Wládvia o principal mecanismo de defesa da IASD em relação ao mundo está na convicção de seus fiéis nos princípios religiosos.

Wládvia: *A principal estratégia do adventista se defender é ele próprio criar os seus argumentos. Então assim, normalmente ele próprio, a maioria, 99% né, sempre tem 1%, dos adventistas, são preparados para defender os seus princípios. Então cada um sabe porque o sábado, não é questão de pastor, porque se você for ou não [para uma balada], o pastor não vai nem ficar sabendo, então tipo a igreja é grande, o pastor não sabe nem onde você mora, então ele não vai ficar nem sabendo em relação a isso e tipo, por exemplo, se eu não for para central dia de sábado, podem imaginar que eu tô em outra igreja em outro bairro, então eu consigo burlar as pessoas facilmente, mas é uma questão pessoal entre você e Deus. Você sabe que Deus vai saber que você foi, está ali não é a vontade de Deus na sua vida. Então assim, pessoalmente cada um é bem consciente disso, porque a igreja não lhe impõe, ela não lhe obriga, ela não tem nenhuma sanção para você, para saber se você for, porque ela não vai saber se você foi não é, então é assim. Mas, por exemplo, sempre tem, tem advogados da instituição, a igreja pequena geralmente não tem o departamento de liberdade religiosa, geralmente passa despercebido, mas a Associação Pernambucana tem advogado para esses casos. Por exemplo, eu tenho agora três amigos que eu conheço que tão fazendo o curso de formação, são três jovens também, um tem 25, outro tem 26 e outro tem 22, curso de formação da polícia militar e lá no sábado tem atividades, mas eles conseguiram, levaram o requerimento, explicaram ao comandante e conseguiram dia de sábado não participar com os outros soldados e alunos do curso, eles ficam numa sala podendo fazer as atividades cristãs do dia de sábado dentro do quartel.*

Geová: *Dentro do quartel eles conseguiram um espaço...*

Wládvia: *Conseguiram uma sala, aí eles ficam lá, eu acho que são, eu só conheço três, mas eu sei que são sete a turma, são sete pessoas que estão lá dia de sábado, eles chegam lá no mesmo horário que os outros, eles chegam lá uma seis horas da manhã, cinco e meia, mas no*

⁶¹ É possível ver nos anexos do trabalho um modelo de carta administrativa utilizada pelo departamento de liberdade religiosa da IASD Central com os fins aqui descritos.

lugar de ir para o pátio para fazer suas atividades de aluno, de soldado, de aprendizado militar eles vão para uma sala e ficam lá com bíblia, com hinário, essas coisas.

O recorrente argumento de que a obediência ao sábado é uma questão de princípio religioso e não uma ordem institucional da igreja por meio do pastor é ponto central de defesa dos adventistas sobre a sua peculiar prática doutrinária. Ainda que amparados juridicamente possam recorrer ao direito de liberdade religiosa e a exigência do princípio de tolerância isto é pouco utilizado quando comparado à defesa bíblica de suas ações. Mesmo dado o caráter amplamente social dos dilemas com que se deparam na esfera pública suas respostas tendencialmente se dão a um nível mais subjetivo baseadas na fé. Isto aponta para uma compreensão teológica do mundo assentada sob não apenas uma metodologia própria de estudo bíblico como também em uma ênfase escatológica que integra e justifica profeticamente as ações dos outros em relação aos adventistas.

Ilustrativo do modo como os adventistas fazem uso de seu conhecimento bíblico e demonstram sua fé para se defender das incompreensões das quais estão sujeitos pode ser observado nos comentários referentes a uma reportagem publicada na *home page* do Jornal do Commercio no dia 30 de outubro de 2012 intitulada “Questões religiosas impedem alguns feras de Fazer o Enem no horário determinado”⁶². O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) embora não obrigatório, é etapa primordial para os que desejam ingressar no ensino superior, seja em instituições públicas ou privadas, pois a nota do exame serve para algumas etapas das provas tradicionais de vestibular ou mesmo as substituem através do Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Além disso, a nota no exame também faz parte dos critérios de avaliação e classificação do Prouni (Programa Universidade para Todos), programa do governo federal o qual visa à concessão de bolsas de estudo parciais e integrais em faculdades e universidades particulares para alunos oriundos de escola pública.

A prova do Enem ocorre sempre em um final de semana, o que a princípio acabaria por prejudicar os adventistas que desejariam submeter-se ao exame. Contudo, atualmente ao preencher o formulário de inscrição há uma opção perguntando se o indivíduo guarda o sábado por questões de crenças religiosas. Ao responder afirmativamente a questão, a pessoa estará adentrando ao grupo de indivíduos que realizarão o exame em regime especial, pois se no horário normal do exame no sábado e no domingo a prova deve começar no início da tarde, para os que se declararam sabatistas, a prova no sábado começa no início da noite, após

⁶² Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/10/30/questoes-religiosas-impedem-alguns-feras-de-fazer-enem-no-horario-determinado-61899.php>>.

o pôr do sol, porém, eles devem chegar ao local de prova no mesmo horário que os outros e lá permanecerem incomunicáveis realizando apenas suas atividades religiosas até o início do exame ser autorizado tendo o mesmo tempo de realização de prova que os demais. É permitido o uso da bíblia e que tragam alimentos. No domingo, fazem a prova no horário normal.

Isto foi uma conquista para os sabatistas em geral, compreendidos segundo a referida reportagem por Adventistas do Sétimo Dia e Judeus ortodoxos. Há um tempo sempre era necessário que os sabatistas recorressem judicialmente para garantir a realização das provas do Enem em regime especial atravessando uma burocracia atualmente desnecessária uma vez que tem garantidos o direito de realizarem o exame sem precisar recorrer ao poder judiciário. A inclusão da questão da guarda do sábado no formulário de inscrição visa justamente a inclusão desse grupo minoritário as oportunidades de acesso a educação superior, um direito de todos. Tendo sido a reportagem veiculada na internet, há um espaço para comentários dos quais alguns valem ser reproduzidos para os fins aqui propostos. Começemos por aqueles que remetem a incompreensão, e alguns mesmo beirando ao desrespeito, em relação aos adventistas⁶³.

Uma pergunta aos candidatos Adventistas: Imagine um médico Adventista: Vai deixar de realizar uma cirurgia e deixar um paciente morrer por questões religiosas? ... "não trabalham nem estudam do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado"... Isso é DEMAGOGIA disfarçada de FÉ (AUTOR A: Postado em 30/10/2012).

Isso só acontece no Brasil. "País" subdesenvolvido. A lei e/ou as normas, serem desobedecidas por causa das religiões? É inaceitável, absurdo, subdesenvolvimento, será que estes "obedientes" a lei de Deus, cumpre tudo que Jesus pregou? "No sábado, o sétimo dia, Deus descansou". Isso foi um exemplo para que todo trabalhador, tem que ter um dia de descanso. O comentário do Maciel... anônimo, está certíssimo. Os médicos adventistas e os judeus ortodoxos irão deixar varias pessoas, inclusive as crianças, morrerem e ou sofrerem com dores porque respeitam o dia de sábado? E os dentistas? E os socorristas do samu? E os bombeiros? E os policiais? E os jovens, não irão se divertir? É muita falsidade e ignorância.

⁶³ Procurei ser o mais fiel possível na reprodução dos comentários mantendo a linguagem utilizada e o aspecto gráfico tais como publicados apenas corrigindo erros ortográficos mais básicos e mantendo os autores anônimos. De modo a deixar claro que as postagens aqui selecionadas partem de pessoas diferentes ou das mesmas quando for o caso, os autores serão identificados por letras em maiúsculo: autor A, B, C, etc, o que não indica que os comentários foram postados necessariamente de maneira sequencial.

Será que Deus irá aprovar e ou gostar? Quanta falsidade (AUTOR B: Postado em 30/10/2012).

Que país laico é esse que se curva as doutrinas religiosas??? Isto não pode acontecer (AUTOR C: Postado em 30/10/2012).

Bárbara, não é hostilidade, é palhaçada essa situação. Todos estão livres pra profetizar e crer o que quiserem. Mas primeiro: O sétimo dia é reservado para quem trabalhou seis, segundo: se todos os servidores públicos se convertessem às religiões Sabatistas? Por que a maioria tem que aceitar as condições da minoria? E só pra lembrar 1. a Constituição diz: O estado é Laico, então, não se prende à regras religiosas; 2. Todos são iguais perante a Lei... Não deveria ser assim? Não digo que a palhaçada vem dos candidatos e sim do sistema de se adequar ainda que ridiculamente a essa situação (AUTOR D: Postado em 30/10/2012).

Tais comentários não apenas revelam o caráter incompreensivo e intolerante para com os adeptos da IASD como também denotam a maneira como a laicidade do Estado e a liberdade religiosa são comumente interpretadas. Isto é, no senso comum impera uma linha interpretativa de que o Estado laico é aquele isento de religião a qual deve estar confinada no íntimo do ser, na vida privada das pessoas, não sendo assunto de intermediação e discussão na esfera pública. Sob este aspecto, uma medida equitativa que faça com que sabatistas possam realizar o Enem tendo a oportunidade de ingressar no ensino superior visto a educação ser um direito de todos soa como uma arbitrariedade ilegítima do estado a qual favorece uma determinada religião ferindo a noção de que todos são iguais perante a lei.

Contudo, como já colocado, o princípio de igualdade e tolerância o qual rege a jurisprudência dos Estados democráticos modernos diante das questões postas pelo multiculturalismo é pensado como algo que deve proteger a diversidade, há muito existente, mas só há pouco reconhecida. Reconhecer a diferença de pessoas e grupos é um primeiro passo para garantir tratamento dignamente igual a todos e é nesta direção que deve caminhar o direito de liberdade religiosa do qual o caso dos sabatistas em relação ao Enem é um exemplo. Porém, ainda impera sob o nosso imaginário social a não participação da religião na esfera pública através da ideia de que nosso Estado é laico, questão problemática uma vez que é visível a intensa presença da religião em vários temas de âmbito público para além daquilo que é referente aos sabatistas, em especial aqui no Brasil no que toca aos protestantes de um

modo geral e sua atuação na política e outras esferas de poder, assunto delicado o qual vem ganhando bastante visibilidade nos últimos tempos.

Em relação ao modo como os Adventistas do Sétimo Dia reagiram aos comentários expostos é interessante notar que na maior parte das postagens dos indivíduos declaradamente da religião a sua defesa é baseada muito mais na palavra bíblica que em princípios seculares evidenciando a principal estratégia de enfrentamento descrita por Wládvia a respeito de eles criarem seus próprios argumentos na medida em que são conscientes de seus princípios religiosos e não alienados por discursos de líderes religiosos. Neste processo, vale lembrar a importância do itinerário sabático.

Não é demagogia. É o que Deus exige de seus fiéis. A guarda do sábado não salvará ninguém, mas quem crê na palavra de Deus não deixará de observar o dia do Senhor (o sábado do sétimo dia). Estude a Bíblia! (AUTOR E: Postado em 30/10/2012).

Guardo o Sábado porque, O bondoso Criador, após os seis dias da Criação, descansou no sétimo dia e instituiu o Sábado para todas as pessoas, como memorial da Criação. O quarto mandamento da imutável Lei de Deus requer a observância deste Sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus, o Senhor do Sábado. (Gên. 2:1-3; Êxo. 20:8-11; 31:12-17; Lucas 4:16; Heb. 4:1-11; Deut. 5:12-15; Isa. 56:5 e 6; 58:13 e 14; Lev. 23:32; Mar. 2:27 e 28), e isso não me faz ser infeliz, pelo contrário, me faz e deixa mais feliz ainda, já que aos sábados posso descansar das atividades do meu interesse e me acercar mais de Deus, da natureza por Ele criada e das pessoas, realizando trabalhos voluntários... Além de seguir princípios que até o próprio Jesus quando aqui esteve seguiu, e assim como disse Ele "Não vim para abolir a lei, e sim para cumpri-la!". (AUTOR F: Postado em 30/10/2012).

Bom primeiramente gostaria de esclarecer ou ao menos tentar! O descanso ao sábado jamais interferiu na salvação da vida de uma pessoa ou animal! Um exemplo claro disso foi quando Jesus curou em pleno sábado e os fariseus, que até então se achavam os mestres da lei criticaram Jesus! Jesus respondeu: Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem. Mateus 12:12. Portanto assim como disse Jesus ao ser acusado de profanar o sábado digo respondendo as colocações em relação ao trabalho médico ou voluntário podemos sim realizar aos sábados isso não é pecado! Em relação ao

Brasil ser um país laico, não creio que na prática ele seja, na verdade mesmo não sendo na forma da lei o Brasil é um país Cristão! Tanto que boa parte dos feriados nacionais são relacionados ao mundo cristão que por sua vez são boa parte relacionados à crença Católica, ex: Dia da Padroeira, Corpus Crist, Sexta feira da paixão... Já que existem tantos feriados "religiosos" não vejo o porquê de vcs criticarem nós sabatistas por não realizarmos as provas do ENEM aos sábados, já que isso não vai interferir de forma alguma no resultado de vocês! Uma coisa que aprendi foi respeitar o próximo assim como eu quero e mereço ser respeitado! Gostaria de que vocês estudassem um pouco mais sobre a Vida de Jesus e seu ministério. Indico também este site onde vocês podem encontrar mais informações a respeito do sábado: <http://www.sabado.org/> (O Sábado oferece inúmeras oportunidades para crescimento espiritual. Enxergar estas oportunidades exige criatividade e disposição para aprender. Peça a Deus que lhe ensine como tornar este dia muito especial em sua vida e na vida de seus familiares. O prazer, a paz, a alegria da comunhão e a certeza de salvação irão inundar o coração daquele que ama a Deus e dedica este dia para agradar ao Criador.) (AUTOR F: Postado em 30/10/20120).

Como é possível observar os comentários expostos aludem a uma justificativa religiosa, bíblica para a guarda do sábado tida não só como uma lei, mas também como um princípio como já explicado neste trabalho. Assim, as estratégias de enfrentamento para os dilemas sociais variam de justificativas jurídicas a religiosas. Gostaria agora de apresentar uma última estratégia adventista para lidar com a esfera pública e sua cultura implicitamente dominical, desta vez referente ao mundo do trabalho através de um pouco da trajetória profissional de Erivan⁶⁴.

Erivan tornou-se Adventista do Sétimo Dia aos 18 anos de idade. Antes disso considerava-se católico não praticante. Na época jogava bola profissionalmente no Sport. Após a sua conversão à IASD ficou difícil administrar sua pertença ao Sport Club como jogador profissional, pois existiam treinos e jogos aos sábados. Nas suas palavras era preciso escolher entre o Sport e Jesus Cristo. Escolheu Jesus Cristo, o Sport não aceitaria sua opção religiosa. Erivan se achava bom, me conta que o técnico correu atrás dele ainda por uns três meses achando que ele jogava em outro time. No entanto, a decisão já estava tomada. Hoje em dia joga apenas por diversão. Em relação aos estudos ele estava terminando o colegial. Conta-me que não teve problemas neste período. Mesmo estudando em escola laica, todos

⁶⁴ Conforme notas em diário de campo (Sábado: 17/09/2012) e entrevista realizada em 21/07/2012.

sabiam que ele era Adventista do Sétimo Dia. Quando as provas iam ser realizadas no sábado, conversava com os professores ou a direção da escola para realizar as provas outro dia, assim conseguia fazê-las em outro momento em uma sala reservada ou em outra data com outra turma não havendo prejuízos nem para a escola nem para a sua formação. Neste caso, não houve maiores problemas em negociar este tipo de coisa. Aos 19 anos começou a procurar outros empregos. Já foi colportor por quatro anos vendendo literatura adventista de porta em porta. *“Foram quatro anos assim... ótimos na minha vida e que aprendi muito, isso me ajudou a crescer bastante”*. Depois, passou a trabalhar na venda de outros produtos, na verdade um ano e meio com produtos naturais, ele vendia mel de porta em porta. Seu trabalho como vendedor lhe permitiu arrecadar dinheiro para fazer o curso técnico em radiologia, vindo a trabalhar com isso logo depois. A radiologia, por ser dentro da área de saúde e o ritmo de trabalho funcionar em esquema de plantão, permitiu com que Erivan trabalhasse sem problemas não precisando esbarrar na questão do sábado. Quando questiono sobre possíveis problemas em relação a horário de trabalho, ele diz:

Erivan: *Nunca veio a ter, porque vamos supor a carga horária na área de radiologia é vinte quatro horas semanal então você podia fazer da seguinte forma: trabalhar plantão ou diarista. Diarista era de... vamos supor, você tinha que trabalhar vinte quatro horas, cinco horas e pegar as vinte quatro horas e dividir por cinco, daria cinco horas por dia, trabalharia e o resto da tarde folgando, então o horário batia de segunda à sexta e batia as 24 horas e, ou você trabalhar dois dias, doze e doze e você ganha cinco dias livres ou trabalhar um dia de vinte quatro horas né e seis dias livres... nunca chocava. Então nunca fui chamado para trabalhar no sábado.*

No entanto, se a busca por emprego ocorre fora da área de saúde, na iniciativa privada, a coisa funciona diferente. Neste caso a guarda do sábado gera problemas como ele me conta:

Erivan: *Uma vez só... Uma empresa, uma vez eu cheguei a comentar e a empresa disse que infelizmente não poderia ficar comigo né? Então quando eu botava os meus currículos por aí a fora em outras empresas sem ser na área de saúde, deixava os currículos, mas já sabia que ali ia pedir para o funcionário trabalhar no sábado e quando chamava eu não ia, que eu já sabia... Então me enveredei para a área de saúde que é a área de radiologia porque eu já*

sabia que, como é que se diz, que a gente mesmo, o técnico podia fazer o seu próprio horário entendeu.

A área de saúde, seguindo o relato de Erivan, parece ser uma área privilegiada entre os Adventistas do Sétimo Dia. O esquema de plantão e a flexibilidade de horário, permitindo com que os funcionários negociem os seus próprios dias e turnos de labor são recursos utilizados pelos profissionais de saúde adventistas para garantir obediência à lei sabática. Desse modo, parece não ser a toa que de um ponto de vista estrutural a saúde seja uma marca bem desenvolvida da religião. Para além dos princípios de saúde deixados por Ellen White, a estrutura do campo de atuação profissional permite o trabalho dos adeptos religiosos sem maiores dificuldades. Logo isto pode sugerir um maior número de Adventistas do Sétimo Dia no campo da saúde. Com a possível existência de tantos profissionais na área, a emergência e o desenvolvimento de hospitais, clínicas, entre outros institutos de saúde adventista não é nenhuma surpresa. Em termos de desenvolvimento da qualidade profissional desse tipo de trabalhador podemos citar que foi inicialmente na montagem de turmas de pós-graduação na área de saúde para Adventistas do Sétimo Dia que Erivan encontrou um novo mercado de trabalho a ser explorado em tempos mais recentes.

Pós-graduação, pelo menos aqui no Brasil, sempre foi um problema para Adventistas do Sétimo Dia que desejam maior qualificação profissional, principalmente se o foco é o mercado de trabalho e não a vida acadêmica. Os trechos de entrevista com Wládvia aqui utilizados já apontavam para essa questão. Se não em todos, em grande parte dos cursos de pós-graduação oferecidos, as aulas acontecem na sexta à noite e no sábado o dia todo, ou seja, no período de guarda dos Adventistas, impossibilitando-os de fazerem o curso e impedindo o seu avanço profissional. As únicas saídas são as pós-graduações acadêmicas (mestrado ou doutorado) nas quais é possível haver maior flexibilidade de horário para cursar disciplinas e realizar pesquisas ou as pós-graduações mercadológicas oferecidas durante a semana para aqueles que podem se permitir apenas estudar ou tenham empregos bastante flexíveis nos quais é possível negociar a realização de ambas as atividades. No entanto, para os muitos que trabalham durante a semana o dia todo além de terem os estudos diários da escola sabatina e usarem o período sabático como um tempo de descanso e dedicação a Deus, para eles fica praticamente impossível realizar o curso nesses dias ou mesmo durante a semana. O único tempo restante é o sábado à noite e o domingo. É justamente nesta brecha que Erivan teve a ideia de em parceria com seus professores montar turmas de pós-graduação, a princípio na

área de saúde, cujas aulas acontecessem no sábado à noite e domingo o dia todo. Ainda que argumente que as turmas são abertas para quem quiser, independente de religião, é inegável que o negócio é um investimento extremamente atraente para os sabatistas.

Neste sentido o rapaz criativamente acabou por construir um espaço para si no mercado de trabalho tendo como ponto de partida a sua peculiaridade religiosa. Da última vez que conversei informalmente com ele estava atuando na formação de turmas de pós-graduação (em horários alternativos) para instituições particulares de ensino superior realizando o marketing destas instituições e dos cursos oferecidos por elas. Ele não criou apenas um espaço para si como também abriu caminho para um grupo de indivíduos que se viam impossibilitados de adquirir maior qualificação profissional devido a incompatibilidade de sua identidade sabática com a organização temporal das instituições promotoras dessa qualificação. Vale salientar que a cultura dominical implicitamente é a que rege a organização temporal destas instituições assim como de diversas outras na medida em que está diluída em nossa legislação trabalhista.

Paralelamente a este trabalho, vale notar que Erivan ao se graduar como enfermeiro também adota estrategicamente o ingresso profissional na área de saúde em condições melhores do que como técnico em radiologia podendo gozar da flexibilidade de horário possível no campo de atuação profissional de modo a driblar possíveis dilemas no mundo do trabalho oriundos de sua identidade religiosa.

Os Adventistas do Sétimo Dia apresentam em sua identidade religiosa a marca da guarda do sábado a qual é muitas vezes conflitante com a nossa cultura secular. Não sendo um grupo isolado tendo que viver e transitar na esfera pública através das suas relações sociais, no mundo dos estudos e no mundo do trabalho, por vezes se deparam com certos dilemas os quais tornam desafiante o exercício de sua cultura sabática. Dissertei aqui sobre as estratégias de enfrentamento que empregam para responderem aos dilemas pessoais e sociais postos pela esfera pública e transpor os desafios de ser um guardador do sábado em uma cultura que apesar de laica ainda guarda resquícios da religião católica e de sua dominicalidade. Feito isto, acredito ser chegada a hora das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

I. Síntese de um tipo ideal de religião

A Igreja Adventista do Sétimo Dia se autoproclama como a verdadeira igreja remanescente do tempo do fim que guarda os dez mandamentos e possui a missão de anunciar a mensagem profética da volta de Cristo para todo povo, nação, tribo e língua. Tem como palco de seu inicial processo de formação histórica os Estados Unidos do século XIX originando-se de um movimento interdenominacional liderado por William Miller agregador das mais variadas tradições protestantes. A sua institucionalização que marca a passagem de uma seita para uma igreja em termos sociológicos é fruto do novo concerto, uma reinterpretação para o grande desapontamento de 1844 da qual se destaca a pessoa de Ellen White, a última profetisa moderna do Adventismo do Sétimo Dia, uma figura emblemática da religião cujas visões divinamente inspiradas ajudaram a estruturar em grande medida o universo simbólico do adventismo. Desde então a IASD vem se expandindo sendo atualmente uma religião de organização e alcance mundial a pregar suas doutrinas particulares a exemplo da guarda do sábado e dos seus princípios naturalistas de saúde.

Chama atenção em seu projeto evangelizador um modelo institucional que extrapola os muros da igreja abarcando uma série de outras instituições como hospitais, escolas e editoras oferecendo um mundo dentro do mundo para os seus adeptos. Ainda se caracteriza por uma concepção escatológica de tempo sintetizada na ideia de tempo do fim e cuja expressão máxima reside na certeza da volta do messias em uma perspectiva pré-milenial. Os conselhos inspirados de Ellen White conjuntamente com a bíblia fornecem o capital intelectual a formar o *ethos* e mesmo a construir o *habitus* adventista revelando um modo particular de ser e estar no mundo típicos da religião.

No campo religioso assim como nas mais diversas esferas da vida social sofre de um certo estranhamento mediante uma relação de indiferença e invisibilidade, isto quando não se constitui como uma ameaça, um perigo que se apoia nas percepções do senso comum sobre fundamentalismo e fanatismo religioso, termos erroneamente equiparados no imaginário social. Sob estas percepções a acusação de seita seria o operador mais comum dos tipos de relações que os “outros” constroem com a IASD. Contudo, ela internaliza em seus fiéis a sua doutrina de modo a instruí-los a se defenderem das acusações em uma lógica que os permite entender o porquê dos fatos uma vez que eles já estavam profeticamente revelados na bíblia.

Esse conhecimento só se faz por um estudo metódico das escrituras sagradas, consideradas sua regra de fé. O estudo bíblico dos adventistas é dotado de uma racionalidade científica que busca uma compreensão hermenêutica da bíblia dentro de um esquema socrático de discussão e aprendizado do seu conteúdo. Sendo assim, faz mais sentido afirmar que os adventistas não leem a bíblia, eles a estudam e sendo ela a sua regra de fé é pelo conhecimento das verdades contidas nela e a capacidade de transpor e instrumentalizar tal conhecimento para a *práxis* cotidiana da vida social que o indivíduo se torna apto a conversão. Assim, a adesão a IASD não é espiritualmente súbita, mas é um processo racionalizado de aprendizado bíblico mediado pela instituição através de seus adeptos que buscam dissipar a religião principalmente a partir das suas relações de parentesco, amizade e vizinhança. Soma-se a este aspecto relacional da propagação da mensagem iasdiana para além de suas outras instituições os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, internet) e as próprias programações promovidas pela igreja.

A maior parte destas programações faz parte do itinerário sabático, um conjunto de atividades compreendidas no período de guarda dos adventistas que vai do pôr do sol das sextas-feiras ao pôr do sol dos sábados. Junto com a certeza do retorno de Cristo o sábado seria a principal marca pública da denominação, exposta no seu próprio nome e símbolo da curiosidade e estranhamento do “outro” seja no campo religioso, seja na sociedade em geral. Ele representa o memorial da criação, pois Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou, assim, ordenou no seu quarto mandamento que ele deveria ser santificado. Portanto, no sétimo dia, o sábado bíblico, sendo um dia santo, o dia do Senhor, os Adventistas do Sétimo Dia devem se abster de atividades seculares e ações ligadas ao próprio interesse para se entregarem a Deus realizando atividades que o agradem e sejam um exemplo de amor e de fazer o bem ao próximo.

O descanso sabático, então, é um período de separação em que o indivíduo descansa do mundo e de si mesmo para ter um contato sincero e mais íntimo com a divindade, o que promoveria em uma perspectiva holística típica do adventismo a restauração do corpo, templo do Espírito Santo, e a elevação da espiritualidade. Dessa maneira os Adventistas do Sétimo Dia deixam de trabalhar, estudar, realizar transações comerciais, executar atividades domésticas a partir do pôr do sol da sexta-feira para saudar o sábado sozinhos ou com suas famílias e amigos através de orações, louvores e estudos bíblicos. Atividades que se estendem no sábado pela manhã nas igrejas com a escola sabatina e o culto divino. No almoço, sendo o sábado o dia para a melhor comida, tendem idealmente a realizar uma refeição preparada no

dia anterior tipicamente adventista, de caráter vegetariano, junto a familiares, amigos ou aos outros irmãos da congregação que fazem parte. No período vespertino estão mais livres para atividades mais informais, mas que ainda assim respeitem a essência do sábado, logo ou podem estar na igreja para o culto Jovem Adventista ou qualquer outra programação preparada pela mesma ou podem estar fazendo algum trabalho assistencial de ajuda ao próximo. Findado o pôr do sol do sábado o itinerário se estende de forma mais autônoma entre os fiéis que geralmente se encontram para comer, passear, brincar sociais, assistir filmes, enfim, fazer programações de lazer cristãs. A complementar este itinerário sabático a IASD ainda conta com cultos dominicais e de oração nas quartas-feiras além de outras atividades que integram os fiéis a redes diferenciais de sociabilidade, redes distintas daquelas ordinárias experienciadas cotidianamente no trabalho, na escola, na família. As redes diferenciais socializam o crente com um sentimento de pertença e comunhão com algo muito maior o inserindo em uma comunidade religiosa a lhe conformar uma subjetividade distinta que não será apenas manifesta no período sagrado, mas estará presente a todo o tempo, pois ser Adventista do Sétimo Dia não se faz apenas aos sábados, mas sempre e isto deve estar expresso mental, espiritual e corporalmente.

O sábado mais que uma lei divina ou um preceito religioso se torna para o adventista um princípio ético, moral e cristão. Não é ordem de pastor, nem dogma da religião. É um “modelo (ideológico) de” e “modelo (ideológico) para” divinamente dado aqueles que creem na verdade bíblica. A essência do sábado para os adventistas na qualidade de um princípio fornece uma alternativa integral de Ser que tenta escapar, ainda que momentaneamente, do individualismo dos nossos tempos, do secularismo de nossa cultura. É uma proposta holística e crítica do mundo que não necessariamente vai na contra mão dele, mas segue em paralelo de uma forma mais encantada e com um ponto final bem definido, pois não podemos nos esquecer que para o Adventismo do Sétimo Dia a humanidade e o mundo tem um fim - seja no sentido de final ou de finalidade – Jesus Cristo.

Este caminho paralelo ao mundo aberto pelo princípio sabático deve se estender para além do sábado e por outras vias, daí a importância do trabalho social da igreja, de suas instituições de saúde, de suas escolas, de suas editoras. A IASD deve construir o máximo de pontes que conectem tais caminhos para que mais pessoas sejam convencidas através dos mais diferentes recursos por sua mensagem profética, desse modo sobrevive e permanece uma nova igreja promotora de uma religião marginalmente emergente dada às relações que possui no campo religioso como um todo.

Com relação aos seus fiéis estes devem persistir e acreditar na providência divina, pois seus caminhos estarão cheios de provações. Não é fácil ser um Adventista do Sétimo Dia, visto que detentores de uma cultura sabática, há muito esquecida e por poucos preservada, devem enfrentar diversos desafios e passar por vários dilemas para permanecerem a exercer sua peculiar identidade religiosa minoritária. As tensões e conflitos representativos dos dilemas vivenciados pelos Adventistas do Sétimo Dia, em especial os mais jovens, não são apenas oriundos de uma imanente oposição religião (cristianismo) x mundo, mas da sobrevivência de uma cultura sabática minoritária em uma sociedade onde impera uma lógica dominical de natureza religiosa a qual rege as mais diversas esferas seculares da estrutura social no que diz respeito à organização temporal. É aos desafios colocados pelo mundo regido por uma lógica dominical fora dos muros da IASD que os seus adeptos devem responder lançando as mais diversas estratégias de enfrentamento, algumas criativamente elaboradas por eles próprios, outras se configurando como conquistas de âmbito social no que tange ao direito de liberdade religiosa e ao princípio da tolerância e, há também, as fornecidas no interior da própria denominação.

Assim, os desafios de se guardar o sábado são oriundos de dilemas vivenciados tanto a um nível mais pessoal ou subjetivo quanto a um nível de dimensões mais sociais. É preciso ter em mente que ambos os aspectos destes dilemas, o subjetivo e o social, estão interconectados e exigem tanto respostas pessoais e individuais - que variam infinitamente de acordo com a biografia e a situação de cada adventista (mas que se apoiam na confiança e fé na providência divina) - como respostas institucionais da própria denominação. De maneira geral, se pode elencar como exemplos dessas estratégias de enfrentamento:

1. Uma educação cristã familiar para o caso dos adventistas de berço;
2. A promoção institucional de um aspecto relacional através da criação de redes diferenciais de sociabilidade por meio das vivências do itinerário sabático iasdiano;
3. A “instrumentalização” de outras redes sociais fora do âmbito religioso mediante uma relação dialógica que busque a compreensão e respeito do “outro” para assim transpor possíveis obstáculos mundo a fora resultantes da ausência do fiel no período sagrado;
4. Tentativas de conversão em ambientes marcados por disposições religiosas divergentes (em especial na família);

5. Atitudes e disposições que visem se sobressair em relação a demais indivíduos não adventistas nos mundos dos estudos e do trabalho de maneira a desconstruir qualquer imagem do sábado como uma “desculpa para não se fazer nada”;
6. Flexibilização da guarda do sábado na tentativa de conciliar compromissos seculares com obrigações religiosas;
7. Criação de outras instituições confessionais para além das igrejas como escolas, faculdades, hospitais, entre outras de modo a fornecer alternativas religiosas para experiências em esferas sociais que majoritariamente se fazem no mundo secular;
8. Existência de um departamento de liberdade religiosa como um recurso jurídico denominacional que se apropria de justificativas religiosas (bíblicas) e jurídicas para defender os fiéis de possíveis tensões e conflitos experienciados na esfera pública;
9. Recorrência ao poder judiciário fazendo uso do direito de liberdade religiosa como resposta a estas mesmas tensões e conflitos vividos na esfera pública;
10. Defesa bíblica da guarda do sábado como um mandamento divino e, mais que isso, vivência do mesmo como um princípio religioso próprio (e não ordem de pastor);
11. Confiança e fé na providência divina.

Por meio da experiência de seus dilemas e fazendo uso das estratégias de enfrentamento elencadas entre tantas outras os Adventistas do Sétimo Dia acreditam seguir e permanecer no caminho do Senhor e, sob a sua tutela, enfrentam as mais diversas provações enquanto esperam a volta de seu filho. É assim que parece ser o Adventismo do Sétimo Dia.

II. Últimas palavras a guisa de autocrítica

Busquei a luz da antropologia apresentar um quadro etnográfico da Igreja Adventista do Sétimo Dia com base principalmente nas minhas observações, no sentido antropológico e parcialmente no sentido nativo, dos sábados da IASD Central do Recife onde tive a oportunidade de conviver um pouco com inúmeras pessoas que me ajudaram a pintar tal quadro, logo um quadro se não pintado a muitas mãos, pelo menos com muitas musas inspiradoras. Contudo, fruto de uma pesquisa sincrônica ele expõe um ou alguns momentos de um determinado lugar, de determinadas pessoas, de uma determinada cultura. É um recorte parcial de uma realidade multifacetada e que assim como uma obra de arte terá uma interpretação canônica a ser julgada por especialistas, mas que nem por isso está menos

sujeito a novas releituras e posteriores desdobramentos. Dessa forma, a presente etnografia é uma tentativa, uma possibilidade empírica para a reflexão de questões contemporâneas no que tange a existência e convivência do religioso na modernidade, os problemas que enfrenta na esfera pública e no interior do próprio campo religioso, a maneira como isso repercute na subjetividade das pessoas e as implicações que isto traz para suas escolhas de vida e práticas cotidianas uma vez que a religião é um fenômeno o qual não pode ser negligenciado para a compreensão do que é ser humano, base existencial da ciência antropológica.

É preciso dizer que este quadro etnográfico da IASD ainda que eu acredite que tenha servido bem aos seus propósitos é por demasiado harmonioso. Embora tenha dedicado o último capítulo a tratar de tensões e conflitos que se configuram como desafiantes para a guarda do sábado na nossa cultura, dos dilemas para se permanecer com a identidade religiosa vividos pelos adeptos da religião, mais sensivelmente por aqueles experienciados por meus jovens interlocutores conforme revelaram as suas trajetórias de vida, as estratégias de enfrentamento para esses processos em grande parte só se mostraram bem sucedidas para os casos relatados porque o diálogo travado na pesquisa e que sustenta esta etnografia se deu com indivíduos em sua maior parte que tem ou tiveram um alto nível de engajamento e comprometimento com a IASD, o que influencia significativamente os resultados da pesquisa. Portanto, chamo a atenção para o fato de que muitos dos fiéis iasdianos, jovens ou não, nem sempre conseguem ser bem sucedidos nas suas provações, nem sempre conseguem respostas que os satisfaçam frente aos desafios não apenas de se guardar o sábado, mas também de ser um Adventista do Sétimo Dia, muitas vezes abandonando a denominação ou mesmo entrando em trânsito religioso ou qualquer outra alternativa. A IASD também tem os seus problemas internos, muitos dos quais emergem dos conflitos que se originam no atrito de sua tradição protestante com as novas dinâmicas que a modernidade produz. Para além disso, há os processos de cisão e surgimento de dissidências da denominação. Há os processos de ruptura, abalo espiritual, conflitos intrafamiliares, entre outros na comunidade religiosa os quais a igreja não consegue resolver enfraquecendo as relações entre comunidade e igreja mediante as aflições dos seus fiéis que certamente irão buscar outras soluções para os seus problemas.

Assim, o quadro harmonioso retratado por esta etnografia é extremamente limitado e ilustrativo apenas de uma das variadas facetas do Adventismo do Sétimo Dia. Como toda tela é limitada por suas bordas devemos escolher algumas coisas e excluir outras a serem pintadas. Sendo assim, os aspectos acima elencados são outras temáticas constituintes do objeto aqui negligenciadas, não por um simples ato de deixar de lado, mas por que é o campo e as

relações que nele se faz a emoldurar o quadro etnográfico do antropólogo. Pelo menos procuro aqui apontar a combinação de tintas e cores não utilizadas, mas que podem ainda ser aproveitadas para pintar novos quadros. É assim que se faz uma exposição, é assim que se constrói o conhecimento antropológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLY, Rafael de Freitas Dias. **Os imponderáveis de (não) ser o nativo:** as implicações do deslocamento do pesquisador no método da etnografia. TCC. Departamento de Ciências Sociais. Recife: UFPE, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo. 10 anos do “Chute na Santa”: a intolerância com a indiferença. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância religiosa:** impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo Edusp, 2007.

ALVES, Adjair. **Treinando a observação participante:** juventude, linguagem e cotidiano. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

ALVES, Andréa Moraes. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas urbanas:** desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ALVES, Maria de Fátima P. **Um/uma jovem separado/a no “mundo”:** Igreja, Juventude e Sexualidade na perspectiva de Jovens da Assembleia de Deus em Recife – PE. Tese de doutorado. PPG em Antropologia. Recife: UFPE, 2009.

BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

BIRMAN, Patrícia. Fronteiras espirituais e fronteiras nacionais: o combate às seitas na França. **Mana – Estudos de Antropologia Social.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, abr. 2005.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, P. “Le nord et le midi: contribution à une analyse de l’effet Montesquieu”. **Actes de la recherche en sciences sociales.** Paris, n. 35, nov. 1980.

BOURDIEU, Pierre. Sociólogos da crença e a crença de sociólogos. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; REESINK, Mísia Lins. Mudando de eixo e invertendo o mapa: para uma antropologia da religião plural. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Sobre a "docilidade" do Catolicismo: uma revisão bibliográfica sobre sincretismo e anti-sincretismo. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. v. 65, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. Da “Boa” e da “Má” vontade para com a religião nos Cientistas Sociais da Religião brasileiros. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2000.

CERNADAS, César Ceriani. Algunas reflexiones sobre la presentación del etnógrafo en contextos religiosos. In: X **Jornadas sobre alternativas religiosas en América Latina**. Buenos Aires, 2000.

CERNADAS, César Ceriani. Inventando una tradición al adventismo argentino. **Mitológicas**. Buenos Aires, v. 14, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo, significado, cura**. Porto alegre: UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

DARIUS, Fábio Augusto. **Passos para Cristo**: a construção do conceito de “santificação” na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Dissertação de mestrado. PPG em teologia. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010.

DENZIN, N. & LINCOLN, Y. Introdução: disciplina e prática da pesquisa qualitativa. In: **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

DIAS, Enéias Pergentino. **Proteção à liberdade religiosa**: desafios e paradigmas do século XXI. TCC. Curso de direito. Olinda: FIBAM, 2011.

DOUGLAS, Mary. As abominações do levítico. In: **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURHEM, Eunice Ribeiro. **A difusão do adventismo da promessa no Catulé**. In: A dinâmica da cultura. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico da Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 13, ano 14, 2005.

FLITNER, Andreas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: BRITO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FONSECA, Alexandre Brasil. Muito além do sábado: o pioneirismo adventista na mídia eletrônica religiosa. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, set. 2008.

FUCKNER, Ismael. **Comidas do céu, comidas da terra**: invenções e reinvenções culinárias entre os adventistas do sétimo dia (Marco – Belém – Pará). Dissertação de mestrado. PPG em Antropologia. Belém: UFPA, 2004.

FUCKNER, Ismael. Igreja Adventista: um movimento da modernidade. In: Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, XIII, 2012, São Luiz. **Anais**. São Luiz: UFMA, 2012.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. A religião que a modernidade produz: sobre a história da política religiosa na França. **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. **RBCS**. v. 17, n. 48, fev. 2002.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favre-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 13, ano 14, 2005.

IHU ONLINE – **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, n. 400, ano 12, ago. 2012.

JOÃO PAULO, PP II. **Carta Apostólica Dies Domini**. Roma, 1998.

KELLER, Eva. The road to clarity: Seventh-Day Adventism in Madagascar. New York: Palgrave Macmillan, 2005. Resenha de: PEETERS, Marisa. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 27, ano 13, jan/jun 2007.

KELLER, Eva. **The road to clarity**: Seventh-Day Adventism in Madagascar. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MAFRA, Clara. A dialética da perseguição. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jun. 1998.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAIA, Romero Galvão. **Contribuição para os estudos sobre juventude nas ciências sociais**: a construção do objeto como um valor e sua possível definição no cotidiano. TCC. Departamento de Ciências Sociais. Recife: UFPE, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo – Juventude e religião. **Tempo social**. São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005.

MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2001.

MATOS, Silvana Sobreira de. **Tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande – PB**. Dissertação de mestrado. PPGA. Recife: UFPE, 2008.

MAUSS, Marcel. **Les fonctions sociales du sacré**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos Estudos – CEBRAP**. São Paulo, n. 74, mar. 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Tempo e tradição. In: **Sobre o pensamento antropológico**. Brasília: Tempo brasileiro, 1988.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 13, n. 28, jul/dez – 2007.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Casa da moeda, 2003.

PAIVA JR, Geová Silvério de. A construção identitária dos jovens Adventistas do Sétimo Dia: dilemas e conflitos no espaço público. In: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste Pré-Alas Brasil, XV, 2012, Teresina. **Anais**. Teresina: UFPI, 2012.

PARKER, Cristián G. Seita: um conceito problemático para o estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina. In: CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula; NESTI, Arnaldo (Orgs.). **Identidade e mudança na religiosidade latino-americana**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

PAXTON, G.J. **O Abalo do Adventismo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

PEIRANO, Mariza G.S. A favor da etnografia. **Série Antropologia**. Brasília, n. 130, 1992.

PEIRANO, Mariza G.S. Os antropólogos e suas linhagens. **RBCS**. v. 17, n. 50, out. 1991.

PEREZ, Lea Freitas; TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo (Cord.). **Ser Jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política**. Belo Horizonte: Ed. Argvmentvm, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Sociologia da religião – área impuramente acadêmica. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. 2ª ed. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

PORTO, José Justino. **Missão adventista entre os Karajá de Santa Izabel do Morro: 1980 – 2000**. Dissertação de mestrado. PPG em Ciências da Religião. Goiânia: PUC – GO, 2009.

PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX**. Tese de doutorado. PPG em História Social. São Paulo: USP, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Moraes Von (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

Questões religiosas impedem alguns feras de fazer Enem no horário determinado. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 out. 2012. Caderno Cidades. Sessão educação. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/10/30/ques.php>>.

RADCLIFFE-BROWN, A.A. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIBEIRO, Mirtes Amaral D. **Ellen White e a saúde na cosmovisão adventista**. Dissertação de mestrado. PPG em Ciências da Religião. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

RODOLPHO, Adriane Luisa. A questão das seitas na França: vitalidade religiosa de uma mitologia científica? **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, dez. 2007.

SANTOS, Luís Roberto dos. **Revista Sinos**: a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino. Dissertação de mestrado. PPG em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre: UFRS, 2010.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. A educação confessional fundamentalista no Brasil atual: uma análise do sistema escolar da IASD. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, set. 2009a.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. A história como profecia: uma forma de relação entre ciência e religião no fundamentalismo protestante. In: Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, XI, 2009, Goiania. **Anais**. Goiania: UFG, 2009b.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Estudos de Religião**. São Paulo, v. 23, n. 37, jul. – dez. 2009c.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, n. 1, 2003.

SCOTT, Russell Parry; CANTARELLI, Jonhny. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **Caderno CRH**, Brasília, v. 17, n. 42, set./dez. 2004.

SEYEFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no Brasil, Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000.

SILVA, Aline Pacheco. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método história de vida. **Mosaico: estudos em psicologia**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, André Costa Machado. **Direitos humanos e trabalho no capitalismo**: conflitos e contradições na guarda do sábado adventista. Monografia de graduação. Curso de história. São Luís: UEMA, 2007.

SILVA, Haíke Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **MÉTIS – História & Cultura**. Caxias do Sul, v. 1, n. 1, jan – jun, 2002.

SIQUEIRA, Deis. Religião, religiosidade e contexto de trabalho. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 20, n. 3, set/dez 2005.

STENCEL, Renato. **História da educação superior adventista**: Brasil, 1969 – 1999. Tese de doutorado. PPG em educação. Piracicaba: UNESP, 2006.

STRAND, Kenneth A. Como o domingo se tornou o popular dia de culto – Parte 1. **Revista parousia**. São Paulo, jul/dez. 2004.

STRAND, Kenneth A. Como o domingo se tornou o popular dia de culto – Parte 2. **Revista Parousia**. São Paulo, jan/jun 2005.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**: examinando a política do reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

UMBELINO, Aleksandra Lavor Seblim. **O Shabat e a conversão do judaísmo**: o sétimo dia faz renascer a quintaessência e a partícula elementar do universo. Dissertação de mestrado. PPG em Antropologia. Recife: UFPE, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENTURA, Margarida Garcez. Em torno do cumprimento do preceito dominical pelos pescadores (SECS. XV – XVIII). In: BARROCA, Mario Jorge (coord.). **Carlos Alberto Ferreira de Almeida**: in memoriam. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

VERAS, Eliane. Historia de Vida: ¿Un método para las ciencias sociales? **Cinta moebio**. Santiago, n. 39, dec. 2010.

WACQUANT, Loic. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, n. 26, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais.** São Paulo: Ática, 2006.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista semiestruturada (lideranças)

Perfil do entrevistado:

Nome; Idade; Estado civil; Profissão; Onde mora; De qual igreja faz parte; Ocupação / Cargo na igreja; Tempo de Adventismo; Estrutura familiar/ Religião; Pequena trajetória de vida.

➤ 1º Bloco: o Adventismo do Sétimo Dia – exercícios de classificação e posição no campo religioso brasileiro.

1. Como você vê a visibilidade da IASD? (Se achar invisível, por quê?).
2. Como você vê o Adventismo do Sétimo Dia na sociedade em geral e mais especificamente no campo religioso brasileiro?
3. Como é, na sua avaliação, a relação da IASD com as outras religiões cristãs (em especial catolicismo, pentecostalismo e neopentecostalismo)? Que aproximações e diferenças é possível falar? (Tenta trazer a categoria seita, o porquê e as reações e defesas).
4. Como classificar o Adventismo do Sétimo Dia? (Protestantismo histórico, pentecostalismo, neopentecostalismo, ou algum outro nome? Por quê?).

➤ 2º Bloco: o Adventismo do Sétimo Dia e suas relações com o mundo moderno na esfera pública

5. A guarda do sábado no adventismo implica, por vezes, em fortes dilemas e difíceis decisões para os fiéis em suas experiências cotidianas. Como a igreja percebe essa relação religião x mundo? Qual a orientação a ser seguida e os principais desafios para isto?
6. Gostaria que tentasse pensar estas mesmas questões para a juventude adventista. Há alguma particularidade a ser levada em conta? O desafio para os jovens na guarda do sábado e no respeito a outras doutrinas da igreja seria maior? Por quê?
7. Sobre a questão da internet e do uso das redes sociais, inclusive no sábado sagrado, como você vê esta relação da igreja e seus fiéis com esse tipo de recurso? A IASD já

assumiu algum tipo de posicionamento em relação à internet e as ferramentas que ela dispõe?

8. Como a IASD se defende e reage a possíveis incompreensões em relação a suas crenças por parte de outras instituições e indivíduos não religiosos (mundo acadêmico e do trabalho)? Como ela trabalha esse conflito com os seus fiéis?

➤ **3º Bloco: Outras questões**

9. O Adventismo do Sétimo Dia também é conhecido pelos seus institutos educacionais, sejam escolas ou faculdades, assim como pelos centros médicos e orientações na área de saúde. (Tenta trazer a categoria de ciência adventista). Por que esse tipo de preocupação e ação? Qual a necessidade disso? Para quê?
10. A seu ver, qual o ponto de atração, o diferencial do Adventismo do Sétimo Dia? O que leva as pessoas a ingressarem e a permanecerem na religião, em especial os jovens?

- **Obs:** Nem todas as questões do roteiro foram realizadas para todos os entrevistados nas entrevistas semiestruturadas. As questões variavam de acordo com as circunstâncias da entrevista e do entrevistado. O roteiro é mais um guia.

APÊNCE B

RELAÇÃO DE ENTREVISTAS			
Entrevistado (a)	Tipo de entrevista / Duração (min)	Data	Utilizada na dissertação
Erivan França 32 anos IASD Central do Recife	Trajetória de vida (36:00)	Sábado: 21.07.2012	SIM
Thiago Cruz 19 anos Ex-adventista IASD Central do Recife	Trajetória de vida (59:00)	6ª Feira: 13.07.2012	SIM
	Trajetória de vida (80:00)	4ª Feira: 01.08.2012	NÃO
Erick Garcia 21 anos IASD Central do Recife	Trajetória de vida (87:00)	Sábado: 13.10.2012	SIM
Danielle Dutra 23 anos IASD Camaragibe	Trajetória de vida (23:00)	2ª Feira: 20.08.2012	SIM
	Trajetória de vida (76:00)	3ª Feira: 21.08.2012	
Wládvia Magdalla 24 anos IASD Central do Recife	Trajetória de vida (62:00)	3ª Feira: 24.07.2012	SIM
	Semiestruturada (46:00)	2ª Feira: 22.10.2012	
Paulo Correia 46 anos Primeiro ancião IASD Central do Recife	Semiestruturada (80:00)	Domingo: 20.08. 2012	SIM
José Orlando 39 anos Pastor distrito central IASD Central do Recife	Semiestruturada (35:00)	3ª Feira: 30.10.2012	SIM
Otávio Barreto 30 anos Pastor distrito Várzea	Trajetória de vida (100:00)	5ª Feira: 30.08.2012	NÃO

APÊNDICE C

QUADRO-RESUMO ITINERÁRIO SABÁTICO IASDIANO			
	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEXTA-FEIRA	X	X	Culto Familiar Pequeno grupo
SÁBADO	Escola sabatina Culto Divino	Culto J.A Culto Santa Ceia Outros	Momentos de lazer e sociabilidade Sociais Ensaio do coral Outros

APÊNDICE D

Etnografias sabáticas

Seguem nas próximas páginas com base nas notas de diário de campo alguns episódios etnográficos extras que melhor detalham o itinerário sabático promovido pela IASD Central do Recife⁶⁵.

Sábado – 07.01.2012:

Refletindo sobre espaços sociais no culto divino

Assisti este primeiro culto divino na parte de cima da igreja, conhecida como galeria. Ter ficado neste local me permitiu refletir um pouco sobre os espaços sociais da igreja, pois ali onde me localizava parecia que todos os jovens daquela IASD se encontravam. Na sua maior parte se tratava de adolescentes solteiros. Havia alguns casais de jovens e outras pessoas mais velhas, mais em peso estavam garotos e garotas aparentemente entre seus 12 e 16 anos. Acredito que isso se deva por naquele espaço haver menor vigilância sendo possível ter momentos de conversas paralelas e descontração sem chamadas de atenção por parte dos pais ou outras pessoas mais velhas da igreja. Muitos jovens estavam desatentos enquanto outros, curiosamente vestidos mais formalmente, prestavam atenção no culto e liam suas bíblias quando designado. Troca de olhares entre meninos e meninas era perceptível, além de um fenômeno bastante comum naquela local entre aqueles jovens: o uso de celular. Constantemente estão mexendo em seus celulares, alguns eu percebia que jogavam, mas na maioria dos casos estava claro que se tratava de envios constantes de mensagens de texto (SMS). Tudo indica que os jovens conversavam entre si no momento do culto por essa maneira, talvez isto indicasse menos falta de respeito e evitasse demasiado barulho em paralelo. Não me lembro de ter visto ninguém conectado a alguma rede social durante o culto.

Por essas e outras é que boa parte dos jovens naquele espaço estão de corpo presente e alma ausente no culto. A galeria é um espaço privilegiado de sociabilidade juvenil onde é possível que os adolescentes escapem das formalidades e convenções de se estar em um culto e interajam entre si. Tudo isto não quer dizer que neste espaço seja vivenciado uma grande bagunça, mesmo os deslizes são feitos de forma discreta e os momentos rituais obedecidos.

⁶⁵ Tais episódios encontravam-se inicialmente em meio ao texto da primeira versão do corrente trabalho, mais especificamente no capítulo 3. Para torná-lo mais enxuto, optou-se por colocá-los como apêndice.

Os jovens dali oram com tanto afinho quanto um adulto na parte de baixo, se ajoelham, fazem uso de suas bíblias, discutem com os colegas sobre o trecho apresentado na pregação, fazem suas anotações. Não são menos fiéis ou mais transgressores, apenas contam com maiores distrações.

Além desses adolescentes é comum ver pessoas desacompanhadas naquele espaço. Algumas pertencentes à religião, daquela própria IASD ou mesmo um visitante de uma outra. Há também apenas os que são interessados, isto é, pessoas que não são da religião e estão ali por curiosidade e interesse segundo a percepção dos adventistas. Logo, na concepção nativa eu seria um interessado, ainda que meus motivos fossem apenas científicos. As roupas e acessórios utilizados pelas pessoas podem dar os indicativos dessas classificações. Eu mesmo, por exemplo, me vestia como um adolescente – camisa lisa de manga, tênis e calça jeans. No entanto, por já não ter mais a cara de menino, o meu jeito de agir, a minha postura corporal, a ausência de uma bíblia em minhas mãos e as minhas vestimentas indicavam eu ser um novato ali, que não pertencia aquele lugar ou, se pertencia, fazia muito pouco tempo.

A roupa assim como a postura corporal, além da presença ou ausência da bíblia, revelam muito do perfil de quem está na igreja. Os mais jovens (adolescentes), recém iniciados ou não adeptos tem uma maneira de se vestir mais despojada, esportiva. Os que aderem a um estilo mais formal aparentemente possuem uma maturidade espiritual e vivência na religião maior. Isto não quer dizer que, no caso dos jovens que assim se vestem, eles lancem mão dos sinais diacríticos de sua juventude no seu modo de se vestir.

Voltando a questão dos espaços sociais, naquela igreja, como já falado, a galeria se reserva majoritariamente para o grupo de adolescentes e de pessoas desacompanhadas. Na parte de baixo da igreja, a maior parte dos fiéis se junta aos familiares ou, se muito jovens, em geral se trata de casais. Embaixo, nas colunas centrais, inúmeros casais e famílias adventistas com suas crianças pequenas acompanham o culto. Nos bancos laterais da igreja sentam jovens, em grupo ou casais, já são mais velhos e com maior comprometimento aquela congregação, pois tudo indica que ocupam posição ou cargo na igreja. Alguns eu sei que fazem parte do ministério jovem, outros do departamento de música e assim vai. Logo, o espaço social dos jovens da IASD Central que a ela estão ligados por atividades formais ou na organização de seu itinerário sabático contempla um movimentado vai e vem nas laterais daquele templo.

O fundo daquela igreja também congrega um certo quantitativo de pessoas desacompanhadas, mais velhas, sinalizando para possíveis curiosos e interessados, ou mesmo,

visitantes. A descrição até aqui feita aponta para tendências, estes espaços sociais não são tão fixos assim. Não há lugar marcado, os fiéis são livres para sentarem onde bem entenderem. Na parte de trás há grande movimentação assim como nas laterais, pessoas entram e saem do templo a todo tempo durante o culto. De qualquer maneira ele está sempre lotado.

Algum sábado: a escola sabatina para não adventistas

Vale fazer uma breve menção a outro tipo de classe sabatina a qual tive oportunidade de acompanhar uma vez já pelo final da pesquisa em torno de setembro de 2012. Fui informado que na IASD Central existia uma classe sabatina para não adventistas. Dessa forma resolvi assistir a tal classe no primeiro andar da IASD Central em uma sala a parte, bastante reservada. A classe parece ter um professor fixo, no caso o pastor Olavo, um adventista por volta de seus 65 anos e adepto da religião desde a sua juventude.

Apesar de ser uma classe para não iniciados, está longe de ser uma classe para leigos. Na verdade, o único leigo ali o qual não tinha nenhum manejo com a bíblia era eu e talvez mais um outro rapaz. A pequena sala onde ocorria esta classe tinha aproximadamente umas quinze a vinte pessoas não adventistas, mas em sua maioria possuidoras de considerável conhecimento bíblico, pois eram oriundas das mais diversas denominações protestantes com presença também de alguns católicos. O que se via ali era um verdadeiro debate bíblico interdenominacional.

Adentro a sala um pouco atrasado. Na frente o pastor Olavo dá uma verdadeira aula de escatologia. Não sei se o tema daquela classe estava baseado no tema semanal designado pelo livreto da IASD, acredito que não, pois aparentemente a intenção daquela classe é ser um estudo bíblico para indivíduos de outras pertenças ou de nenhuma pertença, mas interessados em entender o que a bíblia diz. O assunto em questão era a doutrina do santuário celestial, fundamental e distintiva no adventismo como já explicado no capítulo 2. No quadro branco está disposta uma possível representação gráfica deste santuário tal como descreve a bíblia. Também há uma série de informações e referências bíblicas as quais podem ser consultadas para melhor se entender a doutrina.

O pastor Olavo é de uma dinamicidade tremenda em suas palavras e não se deixa intimidar pelas mais variadas contestações bíblicas das pessoas ali presentes. O debate se faz de forma saudável e Antigo e Novo Testamento são invocados para a compreensão do conhecimento bíblico em análise. A discussão não se limita a uma disputa teológica pela

verdade, mas segue o mesmo caminho de conexão da bíblia com a vida prática do crente. Assim, os indivíduos ali presentes buscam exemplos na sua vida ou na vida de pessoas próximas a eles (quando não nos comportamentos sociais de uma forma geral) para enfatizar o que a bíblia diz e provar o seu ponto de vista. O pastor Olavo sempre complementa as falas, dá novos exemplos, apresenta outros trechos bíblicos ou mostra novas diretrizes de leitura para rebater ou reafirmar o que é dito naquela classe. Todos, com exceção de mim, possuíam a bíblia em mãos e a cada fala do pastor ou de outra pessoa ela era consultada veemente nos trechos mencionados ou em outros que complementassem ou contestassem os discursos em evidência no calor do momento.

É difícil dizer se aquele espaço e momento configuram-se como expressões de competição religiosa interdenominacional. O clima não é necessariamente de religiões que por meio de seus fiéis tentam dizer umas para outras que são melhores, mas sim de um esforço de cada parte em se entender a bíblia e de chegar a Jesus Cristo por meio de disputas de interpretações. Disputas que não necessariamente buscam deslegitimar a visão do outro, mas tentam sintetizar um conhecimento verdadeiro revelado no livro sagrado, pois a bíblia como regra de fé parece ser o ponto comum entre todos ali e que tanto atraí o crente de outra pertença que por ventura vai conhecer a IASD curiosamente. É por isso que diferente das outras classes em que o professor é um mediador, um facilitador para o debate bíblico proposto, o pastor Olavo realiza a performance de um verdadeiro professor no sentido de que deve estar preparado para o confronto de interpretações. As suas falas e afirmações são bem enfáticas e devem ser bastante fundamentadas, pois o que *“os protestantes mais gostam de fazer com os Adventistas do Sétimo Dia é medir forças bíblicas”*, de acordo com as suas palavras. Logo, ele deve estar preparado e com a resposta na ponta da língua, pois ali o conflito e discordância são mais intensos que nos outros tipos de classes nas quais o objetivo doutrinador para a religião é muito mais evidente.

Ainda assim, parecem ser estes os elementos que fazem os protestantes de outras igrejas se interessarem pelo adventismo e continuarem a visitar a IASD, ocasionalmente podendo se converter. O que as classes sabatinas para não adventistas promovem é um estudo bíblico por meio de um debate entre variadas interpretações oriundas de diferentes denominações expressas no conhecimento bíblico de seus fiéis e que ali parecem buscar outros modos ou pontos de vistas para se conhecer a palavra. Tal processo em algum modo pode implicar em conversão, constituindo-se dessa maneira em uma forma de angariar novos fiéis cuja peculiaridade já é um conhecimento prévio e considerável das escrituras, o que

exige estratégia diferenciada de evangelização, encontrada na proposta deste tipo de classe sabatina.

Sábado – 14.07.2012: o culto J.A

Para o dia aqui em análise, apenas a título de exemplo de como é um culto J.A em meio a uma programação bastante diversificada, escolhi um dia de programação musical. O culto seria conduzido por uma cantora adventista do Rio Grande do Sul chamada Fernanda Lara. Antecedendo o culto em si, há um momento de adoração onde cânticos e louvores do hinário adventista são entoados. A escolha das canções é aleatória, não se trata de uma programação oficial da igreja, mas sim de uma atividade a implementar o itinerário sabático dos fiéis que permaneceram na IASD Central desde o culto divino ou que chegaram bem mais cedo.

Como de praxe, a organização de cultos J.A cuja programação é musical não só conta com o empenho do departamento jovem como também do departamento de música da IASD Central. Antes da cantora iniciar sua apresentação daquela tarde, o anfitrião do dia pergunta a comunidade religiosa presente, numericamente razoável neste dia, quem ali não era adventista. Aos que responderam afirmativamente, um brinde foi entregue, no caso um cd da cantora. Já imaginava que isto ia acontecer, pois havia participado um tempo atrás de um culto J.A nos mesmos moldes e do qual tinha me apresentado como não adventista quando questionado assim ganhando o cd do cantor a se apresentar no dia, por conta disso desta vez fiquei calado no meu canto apenas observando o desenrolar do evento.

O culto J.A deste dia assim como muitos outros os quais envolvem programação musical de fato foi um espetáculo. Bonitas e emocionantes canções foram interpretadas pela linda voz da cantora gaúcha. É interessante perceber que mesmo diante de um “show” como foi a apresentação dela, a sobriedade e o controle corporal permanecem marcantes entre os adventistas, pois durante todo o culto não se escutou e viu nenhum bater de palmas. O público apenas apreciava atentamente as músicas, por vezes de olhos fechados, parecendo que as palavras proferidas durante a canção se constituíssem como um verdadeiro canal de comunicação com Deus. É justamente pelo fato do culto J.A ser um ato comunicativo com Deus por meio de uma musicalidade diferenciada que as palavras são absorvidas e aparentemente se tornam objeto de louvor e oração pessoal nas mentes dos fiéis. Segundo uma das adventistas com quem conversei, ela me conta que eles não batem palmas porque

isso se revela como um ato que homenageia o cantor quando que naquele momento, naquela tarde especial de sábado, a única celebridade a ser verdadeiramente homenageada é Deus. Assim, o convidado do culto J.A ainda que seja uma personalidade no universo da religião, naquele momento ele é um instrumento assim como a música ou as palavras que profere pelo qual a comunidade religiosa se conecta com Deus e fortalece sua espiritualidade. Se alguma homenagem é feita ao seu talento ou algum agradecimento deve ser feito a ilustre participação na tarde de sábado isso deve ser feito ao modo J.A – aceno de mão ou estalar de dedos. Tudo de uma forma muito discreta.

Nos momentos finais do culto J.A em análise há um momento em que a cantora dá o seu testemunho, isto é, relata para o público presente a sua trajetória religiosa de vida exaltando o modo como Deus atua na sua vida, as graças que dele ela recebe e o orgulho de ser Adventista do Sétimo Dia por mais desafiante que isso possa parecer às vezes. Ao fundo de suas palavras uma melodia em baixo volume dando o aspecto necessário para preencher aquele momento de grande emocionalidade e sob estas circunstâncias a cantora lança um convite para os presentes – que eles na próxima canção compareçam ali na frente, ao seu lado, para *“pedir um milagre para o Senhor”*. Ela inicia a canção e a maior parte da igreja vai junto a cantora cantar com ela. Este se pode dizer ser um momento de efervescência coletiva, muitos se emocionam, abraçam-se uns aos outros, alguns com lágrimas nos olhos. Ao término da música ela puxa uma grande oração a qual comove a todos. Após isso, para encerrar o culto J.A uma última música é cantada.

Com o término do culto J.A a cantora momentos depois iria seguir para a sala da classe sabatina dos jovens no andar térreo da igreja onde conversaria e venderia seus CDs aos interessados e caso alguém desejasse também autografaria. Este tipo de ação já é permitida tendo em vista ser pouco mais de seis da noite, horário em que geralmente se finaliza o culto J.A e, portanto, já é domingo na concepção adventista. Sendo assim, o itinerário sabático promovido pela IASD é oficialmente encerrado e seu prosseguimento é continuado de maneira informal entre as redes diferenciais de sociabilidade dos adventistas.

Sábado – 03.12.2011: Seminário de saúde

Dentre as programações “oficiais” inclusas no repertório padrão do itinerário sabático no turno da tarde está o culto J.A o qual idealmente deveria acontecer todos os sábados neste turno e por vezes o culto Santa Ceia, mais ritual, ocorrente de forma aleatória algumas poucas

vezes no ano e já brevemente analisado neste trabalho⁶⁶. Contudo, por não serem eventos necessariamente obrigatórios, podem dar vez a outros como é o caso do dia em questão destinado a um seminário sobre saúde o qual é bastante elucidativo da cosmovisão adventista a respeito do tema⁶⁷.

Assim, na entrada para o local onde ocorrem os cultos um banner indicava um evento o qual parecia ser extracotidiano na igreja. Descubro posteriormente ter o dia inteiro sido destinado à saúde. Após momentos de louvor cantados é dado início a uma palestra ministrada por um psiquiatra adventista. O tema central da palestra era psicossomatismo. É interessante perceber que durante a explanação fica evidente na fala do médico uma percepção mais holística da saúde em que uma divisão mente e corpo não é sustentável. Deste modo a doença se evidencia como algo totalizante na experiência do indivíduo.

Tudo isto é muito bem fundamentado na verdade da bíblia, o que nos remete a pensar na situação: um psiquiatra (homem de ciência) falando sobre saúde dentro de uma igreja fundamentando suas explicações primeiramente em um livro religioso. De fato, no Adventismo do Sétimo Dia determinadas dualidades não se sustentam (mente x corpo / ciência x religião).

O médico ainda complementa as passagens com conselhos de Ellen White. Fica claro, portanto, a simbiose entre discursos religiosos e discursos científicos, estes últimos amparados por pesquisas e estudos realizados por instituições renomadas (Havard seria um exemplo). Tudo isto fortifica a noção muito bem expressa pelo palestrante da *“ciência chegando ao que Deus revelou, revelou através de Ellen White”*.

A percepção holística da saúde do ponto de vista adventista é muito bem referendada quando se comenta sobre a adesão a dieta vegetariana, a interdição a carne de porco e a certos cuidados com o corpo. Isto, por si só, não seria suficiente. O lado afetivo/emocional também deve ser trabalhado nos e pelos indivíduos – *“também é preciso amar as pessoas, parar de odiá-las”*. A fé do indivíduo também tem consequências na sua saúde. Um determinado estado de “fraqueza espiritual” pode colocar o indivíduo em uma desordem.

A palestra encerra-se com uma sessão final de perguntas (anotadas anonimamente pelos fiéis em pedaços de papel e dadas ao médico) as quais o psiquiatra tentou responder algumas. Surgiram os mais variados tipos de perguntas: dosagens de medicamentos, uso correto dos mesmos, sintomas de possíveis doenças, problemas de ordem emocional e familiar, hipocondrismo e influências psicossomáticas, depressão, etc. A maior parte das

⁶⁶ Ver capítulo 1.

⁶⁷ Sobre a cosmovisão de saúde adventista ver Ribeiro (2006).

respostas dadas pelo médico são de ordem espiritual e emocional no qual é enfatizado a presença de Deus na vida do indivíduo e o fato de que este deva permitir também a ação divina em sua vida.

Observando a estrutura do evento de uma maneira mais ampla é interessante perceber que o cientista é o pregador naquele momento, a recorrência frequente a um livro intitulado “medicina espiritual” demonstra a síntese entre religião e ciência, onde esta última tem espaço garantido na igreja caso confirme as revelações de Deus que estão na bíblia e nas visões de Ellen White. O uso da bíblia e das visões e conselhos da “mensageira do Senhor” ganham maior respaldo com a apresentação em data show de pesquisas, estudos e conceitos científicos. A palestra foi filmada e disponibilizada pela internet. Ainda houve sorteio de CDs e DVDs religiosos como brindes. Outras programações sobre saúde aconteceram pela manhã, o seminário teve como título “Saúde Mental e espiritualidades”.

Sábado – 24.09.2011: o ensaio do coral jovem

Paralelamente ao itinerário sabático noturno promovido pelos próprios fiéis, no caso da IASD Central há também uma outra atividade a qual integra os jovens não só vinculados aquele templo como ligados a outros ampliando assim as redes diferenciais de sociabilidade, me refiro ao ensaio do coral jovem.

O ensaio do coral jovem ocorre na sala da classe sabatina dos jovens no andar térreo da IASD Central após os cultos vespertinos por volta das dezoito horas. Antes do início do ensaio o regente faz uma reflexão e uma oração. Do lado direito ficam os homens e do lado esquerdo as mulheres. A divisão é justificada pelas tonalidades da voz, então como homens e mulheres possuem tons de vozes diferentes é normal que em um coral eles se concentrem em espaços diferenciados. Além disso, para cada grupo quem fica mais a frente ou mais atrás varia de acordo com sua classificação, por exemplo, barítono, soprano, etc. Ao fundo da sala ficam as pessoas que apenas desejam assistir ou mesmo almejam participar do coral.

Apenas uma música é ensaiada constantemente. Tudo indica que no coral os jovens aprendem a ler partituras musicais, pois cada um possui a letra da música acompanhada da partitura com as notas e tons os quais cada grupo deve cantar. Desse modo, o coral é um canal de aquisição de conhecimento técnico musical além de um incentivador aos jovens a fazerem parte da comunidade religiosa Adventista do Sétimo Dia. Além disso, ele amplia a rede de sociabilidade juvenil e é um potencial canal agenciador de relacionamentos. Neste dia em

especial em que assisti ao ensaio, pareceu-me muito comum que o real motivo dos demais jovens assistirem o ensaio no fundo da sala, em especial as meninas, era poder observar outros jovens do sexo oposto no ato declarado de interesse para além de amizade. No entanto, isto é algo latente, pois se for perguntado a qualquer jovem dali o porquê de se estar lá o motivo manifesto é a apreciação da música adventista ou é *“bonito de ver o coral ensaiando”*. Bom, de qualquer maneira um motivo não exclui o outro.

A iniciativa do coral é relativamente recente. Ele iniciou-se em meados de 2011. A proposta era criar um canal ao qual pudesse vincular de alguma forma jovens de outras IASDs que não apenas a Central. Em uma religião na qual o controle do corpo é algo bastante forte não havendo danças ou quaisquer outros recursos carismáticos de atração quando comparada a denominações pentecostais e mesmo a Renovação Carismática Católica, o coral jovem parece ser um dos meios mais dinâmicos de não só atrair como também fazer o jovem permanecer na IASD. Por meio dele o itinerário sabático é enriquecido e as redes diferenciais de sociabilidade ampliadas na medida em que jovens adventistas dos mais diferentes locais se aproximam mais uns dos outros.

Sábado – 03.12.2011: culto de gratidão

Difícilmente a IASD realiza alguma atividade no sábado à noite para a comunidade religiosa de forma mais ampla, quando sim, isto significa ela ser bastante excepcional. Soube, por exemplo, de vigílias durante toda a noite do sábado para o domingo na IASD Ibura de Baixo, vez por outra é algo que acontece. Mas no que se refere à IASD Central o culto de gratidão presenciado em um sábado a noite pouco depois de um culto Santa Ceia pareceu ser uma dessas programações excepcionais da IASD. Tal Culto estava a cargo do Colégio Adventista do Recife. Alguns alunos iriam se batizar naquela noite e a presença da comunidade escolar era evidente, ficando claro neste caso que comunidade escolar e comunidade religiosa eram uma coisa só. Não só os familiares das crianças a serem batizadas estavam presentes, como também professores e funcionários da escola com a farda da instituição acompanhavam a cerimônia. Neste dia, a minha amiga adventista Danielle Dutra, como também tinha sido por um tempo professora do Colégio Adventista do Recife, também estava presente. Thiago, um dos meus informantes-chaves de pesquisa, me fazia companhia durante este culto.

Antes do batizado as crianças iniciavam o que era conhecido como “profissão de fé”. Uma espécie de ato ritual no qual é questionado a elas pelo pastor uma série de perguntas de “aceitação”. Thiago me conta que o “interrogatório” já foi maior no passado, em torno de 13 perguntas, hoje em dia sendo bem mais curto resumindo-se a umas poucas perguntas. O pastor havia feito apenas 4.

O batizado é um evento o qual necessariamente deve ser conduzido por um pastor. Apenas recentemente é que um ancião ordenado, na ausência de um pastor, é que pode realizar o batismo. Os anciões são como líderes da igreja ou da comunidade religiosa local. Apesar de “leigos”, possuem profundo conhecimento doutrinário. Este culto de gratidão, na qualidade de um evento fora do comum, foi ministrado pelo pastor presidente da Associação Pernambucana Adventista. Ele é quem faz a “profissão de fé” com as crianças. Após isso, uma rápida apresentação de cada criança é feita a comunidade religiosa presente para poder-se então começar o batismo. Quem faz esta apresentação é a diretora do colégio. Ela conta um pouco da trajetória de cada criança, os caminhos que culminaram na conversão de cada uma delas. Elas se encontram em um espaço que se situa acima do altar onde se localiza o tanque batismal o qual são mergulhadas uma por vez após a fala da diretora. O mergulho acontece não sem antes algumas palavras rituais de outro pastor responsável por executar o ato.

Todo o evento concretiza a noção da escola como uma extensão da igreja e um espaço privilegiado de conversão onde as crianças aprendem intelectualmente e corporalmente o *ethos* e o *habitus* adventista. Santos (2010) já evidenciava o aprendizado corporal da doutrina adventista por meio de sua pedagogia nas escolas da denominação.

Thiago me informa que as crianças entre 9 e 13 anos precisam da autorização dos pais para se batizar. Só após esta idade é que adquirem autonomia para tomar a decisão. O batismo antes dos 9 anos não é permitido. Sempre há exceções, contudo, para tanto, sempre é preciso passar por uma certa burocracia, como avaliação e permissão das hierarquias maiores da igreja. Também entra como critério de avaliação para o caso se a criança já vem de uma família adventista ou não. Depois do batizado, os novos iniciados na religião ganham uma espécie de certificado que os vinculam formalmente a IASD e os tornam membros efetivos daquela comunidade religiosa onde se batizaram. Se necessitam de transferência ou mesmo de afastamento é na igreja ao qual foram batizados que precisam resolver a questão. Se por ventura ocorrer algum problema ou houver impedimentos para o processo, os casos são levados às instâncias superiores até uma decisão definitiva ser tomada.

Findado os batizados o culto se encerra e a igreja se dispersa. Chama atenção quando a diretora fala durante a apresentação de uma das crianças dirigindo-se para a mãe da mesma: *“O seu filho não escolheu o caminho do mundo, ele escolheu o caminho de Jesus”*. O batizado marca a separação da criança de um caminho mundano, para trilhas mais sagradas na busca da verdade. A escola colocou a criança neste caminho, ela seguirá de agora em diante sempre iluminada pela IASD, sua tutora na sua nova trajetória religiosa de vida.

ANEXO A

- Imagens veiculadas na pregação do culto divino do sábado dia 13 de outubro de 2012 na IASD Central sobre o livro “Nos bastidores da mídia: como os meios de comunicação afetam a mente” de Michelson Borges. (Ver capítulo 3, sessão 3.4).

1. Crítica adventista sobre os efeitos da mídia do século XXI ao nível da crença



2. Crítica adventista sobre os efeitos da mídia do século XXI ao nível da ideologia (anticriacionismo).



3. Crítica adventista sobre os efeitos da mídia do século XXI ao nível do estilo de vida.



4. Crítica adventista sobre os efeitos da mídia do século XXI ao nível do entretenimento.



5. Fundamentação dos argumentos a partir de pesquisas que deem respaldo científico as afirmações.



6. Conselhos inspirados

ANEXO B

- Modelo de carta administrativa do departamento de liberdade religiosa da IASD Central do Recife a requerer para instituições seculares liberação do fiel no período sabático.



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA **IGREJA CENTRAL DO RECIFE - ICR**

Recife, 08 de setembro de 2010.

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Ilmo(a) Senhor(a) Coordenador(a) do Curso de Serviço Social

Levamos ao conhecimento de V. S^a, que ROSÂNGELA [nome], brasileira, solteira, estudante, CPF nº [número], portadora da Cédula de Identidade nº [número] SDP/PE, domiciliada na Rua [endereço], Bairro Boa Vista, Recife/PE, regularmente matriculada no Curso de Serviço Social – nesta Instituição de Ensino Superior, é membro ativa da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, como tal, tem como princípio de fé religiosa a observância do dia de Sábado, como dia santificado, que vai do pôr-do-sol da sexta-feira ao pôr-do-sol do sábado, conforme preceitua as Escrituras Sagradas, nos livros de Êxodo 20:11, Levítico 23:32 e Lucas 23:54-56.

Conforme o Título II, Capítulo. I, Artigo 5º, Incisos VI e VIII da Constituição Federal Brasileira, que propicia a livre manifestação de crença religiosa, solicitamos que a estudante supracitada, seja dispensada das aulas e provas no espaço de tempo acima especificado, sendo-lhe concedida a oportunidade de executar a prestação alternativa de seus deveres acadêmicos em qualquer outro dia e hora da semana, que vier a ser determinado, exceto apenas aos Sábados.

Aproveito o ensejo para antecipamos nossa respeitosa e profunda gratidão.

Atenciosamente,

[Assinatura]
PASTOR- IASD- ICR

WLÁDVIA MAGDALLA LEITE BATISTA
Diretora de Liberdade Religiosa
IASD - ICR
OAB/PE nº 29.666